

SLAVOJ ZIZEK

APRESENTA

# MAO

SOBRE A PRÁTICA E A CONTRADIÇÃO



千钧霹雳开新宇 — 炮打司令部



ZAHAR  
Jorge Zahar Editor

**ESCRITOS REVOLUCIONÁRIOS CLÁSSICOS**  
**INTRODUZIDOS POR UM ESCRITOR RADICAL CONTEMPORÂNEO**

Líder máximo da Revolução Chinesa, Mao Tsé-tung produziu uma série de documentos em que orientava a ação do Partido diante de questões práticas e esboçava uma teoria revolucionária de análise da realidade. Esses escritos passaram a integrar o ideário da esquerda e a traçar o rumo das decisões políticas em um momento de grande efervescência social.

O sociólogo e filósofo esloveno Slavoj Zizek apresenta aqui textos selecionados de Mao, advertindo o leitor: embora o comunismo chinês não tenha conseguido transformar a Revolução numa nova ordem social positiva, as idéias do Grande Timoneiro não foram superadas e conservam seu potencial de rebeldia. As questões aqui discutidas permitem sobretudo desvendar alguns dos mistérios que cercam a construção de uma das potências mundiais do nosso tempo.

LEIA NA MESMA SÉRIE:

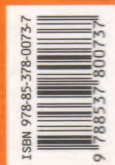
VIRTUDE E TERROR, ROBESPIERRE  
Apresentação de Slavoj Zizek

A SAIR:

JESUS, Apresentação de Terry Eagleton  
FIDEL, Apresentação de Tariq Ali  
TROTSKI, Apresentação de Slavoj Zizek



**ZAHAR**  
Jorge Zahar Editor



Encontram-se aqui reunidos textos do líder máximo da Revolução Chinesa. Conhecido sobretudo como homem de ação, Mao Tsé-tung foi também o filósofo que discutia as tendências do pensamento revolucionário na China sob o calor dos acontecimentos.

Alguns dos escritos de Mao – como “Sobre a prática” e “Sobre a contradição” – são de leitura obrigatória para todos os que desejam compreender a filosofia política de um dos mais importantes revolucionários do século XX.

Outros textos, discursos e entrevistas aqui incluídos ilustram como o dirigente chinês discutia problemas bastante concretos, como as cooperativas agrícolas e a formação do exército popular.

Ao mesmo tempo em que lidava com questões teóricas e práticas da Revolução na China, Mao incitava a insurreição contra tendências políticas que, segundo ele, poderiam estagnar o movimento revolucionário.

Esboçando uma deslumbrante sucessão de referências à cultura e à política atuais, a apresentação de Slavoj Žižek leva a conclusões entusiasmadas a respeito do lugar que o pensamento de Mao ocupa em qualquer análise histórica de nosso tempo e sobretudo na compreensão do papel da China na atualidade.

MAO TSÉ-TUNG (1893-1976), um dos maiores líderes políticos do século XX, dirigiu o Partido Comunista Chinês desde a dé-

## Sobre a Prática e a Contradição

ZAKAR

## SERIE REVOLUÇÕES

### *Sobre a Prática e a Contradição*

Mao Tsé-Tung, apresentado por Slavoj Zizek

### *Virtude e Terror*

Maximilien Robespierre, apresentado por Slavoj Zizek

## PRÓXIMOS TÍTULOS

### *A Declaração de Havana*

Fidel Castro, apresentado por Tariq Ali

### *Abaixo o Colonialismo*

Ho Chi Min, apresentado por Walden Bello

### *Jesus Cristo: os Evangelhos*

Jesus Cristo, apresentado por Terry Eagleton

### *Terrorismo e Comunismo*

Trótski, apresentado por Slavoj Zizek

Mao Tsé-Tung

# Sobre a Prática e a Contradição

apresentado por **SLAVOJ ZIZEK**

Tradução:  
José Maurício Gradel

 **ZAHAR**  
Jorge Zahar Editor  
Rio de Janeiro

Título original:  
*On Practice and Contradiction*

Tradução autorizada da primeira edição inglesa,  
publicada em 2007 por Verso,  
de Londres, Inglaterra

Copyright © 2007, Verso  
Copyright da Introdução © 2007, Slavoj Zizek

Capítulos 1, 3, 4, 6, 7 e 10 publicados em *Selected Works of Mao Tse-Tung*,  
Foreign Languages Press, Pequim, 1967; copyright © 1967, Foreign Languages Press.  
Capítulos 2, 8, 9, 11 e 12 publicados em *Selected Works of Mao Tse-Tung*,  
Kranti Publications, Secunderabad, 1990; copyright © 1990, Kranti Publications.  
Todos os direitos reservados.

Copyright da edição brasileira © 2008:  
Jorge Zahar Editor Ltda.  
rua México 31 sobreloja  
20031-144 Rio de Janeiro, RJ  
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800  
e-mail: jze@zahar.com.br  
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.  
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Mao, Tse-tung, 1893-1976  
M253s Sobre a prática e a contradição / Mao Tsé-Tung; apresentação por  
Slavoj Zizek; tradução, José Maurício Gradel. — Rio de Janeiro: Jorge  
Zahar Ed., 2008

(Revoluções)

Tradução de: On practice and contradiction  
Contém glossário e cronologia  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-378-0073-7

1. Mao, Tsé-tung, 1893-1976 – Visão política e social. 2. China – Po-  
lítica e governo – 1949-1976. 3. Comunismo – China. I. Zizek, Slavoj,  
1949-. II. Título. III. Série.

08-1342

CDD: 951.057  
CDU: 94(510)“1949/...”

## SUMÁRIO

SLAVOJ ZIZEK apresenta: Mao Tsé-Tung, “Senhor  
do Desgoverno” marxista 7

- 1 Uma só centelha pode iniciar um incêndio na pradaria 39
- 2 Opor-se à veneração por livros 53
- 3 Sobre a prática: sobre a relação entre conhecimento  
e prática, entre saber e fazer 64
- 4 Sobre a contradição 83
- 5 Combater o liberalismo 127
- 6 O povo chinês não pode ser intimidado pela bomba atômica 131
- 7 O imperialismo norte-americano é um tigre de papel 134
- 8 A respeito do livro de Stálin *Problemas econômicos  
do socialismo na União Soviética* 139
- 9 Crítica ao livro de Stálin *Problemas econômicos  
do socialismo na União Soviética* 146
- 10 Sobre o modo correto de lidar com as contradições  
em meio ao povo 161
- 11 De onde vêm as idéias corretas? 204
- 12 Conversa sobre questões de filosofia 207

*Notas da Introdução* 231

*Fontes utilizadas* 233

*Sugestões de leitura* 234

**SLAVOJ ZIZEK** apresenta

**Mao Tsé-Tung,  
“Senhor do Desgoverno”<sup>\*</sup> marxista**

**U**ma das armadilhas mais enganosas no caminho dos marxistas é a busca do momento da queda, em que as coisas tomaram a direção errada na história do marxismo: terá sido o Engels tardio com sua compreensão mais positivista/evolucionista do materialismo histórico? Terão sido o revisionismo e a ortodoxia da Segunda Internacional? Terá sido Lênin?<sup>1</sup> Ou o próprio Marx em seu trabalho posterior, depois que abandonou o humanismo da juventude (como certos “marxistas humanistas” alegaram há algumas décadas)? Todas essas questões devem ser postas de lado. Não há motivo para controvérsia: a queda deve ser inscrita nas próprias origens. (De modo ainda mais claro, essa procura do intruso que infectou o modelo original e colocou em marcha sua degeneração só pode reproduzir a lógica do anti-semitismo.) Isso significa que, mesmo se – melhor, especialmente se – submetermos o passado marxista a uma crítica implacável, primeiro teremos de reconhecê-lo como

<sup>\*</sup> Quanto à expressão “Senhor do Desgoverno” (*Lord of Misrule*), cf. nota 32 desta Introdução, no final do volume. (N.T.)

“nosso”, assumindo inteira responsabilidade por ele, e não nos livrar-mos confortavelmente do “mau” resultado das coisas por atribuí-lo a um intruso estrangeiro (o “mau” Engels, demasiado estúpido para entender a dialética de Marx, o “mau” Lênin, que não compreendeu a essência da teoria de Marx, o “mau” Stálin, que estragou os nobres planos do “bom” Lênin etc.).

A primeira coisa a fazer, portanto, é endossar a totalidade do deslocamento na história do marxismo, concentrado em duas grandes passagens (ou melhor, cortes violentos): a de Marx a Lênin e a de Lênin a Mao. Em cada caso, há deslocamento da constelação original: do país mais avançado (como esperava Marx) para o relativamente atrasado – a revolução “ocorreu no país errado”; de operários para camponeses (pobres), como o principal agente revolucionário etc. Da mesma forma que Cristo precisou da “traição” de Paulo para que o cristianismo emergisse como igreja universal (lembrar que, entre os 12 apóstolos, Paulo ocupa o lugar de Judas, o traidor, substituindo-o!), Marx precisou da “traição” de Lênin para levar à prática a primeira revolução marxista: é uma necessidade inerente ao ensinamento “original” submeter-se e sobreviver a essa “traição”, sobreviver a esse ato violento de ser arrancado de seu contexto original e lançado em cenário estranho em que se deve reinventar – *só assim nasce a universalidade*.

Com respeito à segunda transposição violenta, a de Mao, é demasiado fácil condenar sua reinvenção do marxismo tanto por ser teoricamente “inadequada” quanto por constituir uma regressão, se comparada aos padrões de Marx (é fácil mostrar que falta aos camponeses a subjetividade proletária insubstancial), mas não é menos inadequado amenizar a violência do corte e aceitar a reinvenção de Mao como continuação lógica ou “aplicação” do marxismo (baseando-se, como normalmente é o caso, na simples expansão metafórica da luta de classes: a luta de classes predominante “hoje” já não é mais entre capitalistas e proletariado em cada país; ela mudou para Terceiro Mundo *versus* Primeiro Mundo, nações burguesas *versus* nações proletárias). O que Mao fez foi temível: seu nome representa a mobilização política de centenas de milhões de trabalhadores anônimos do Terceiro Mundo, cujo trabalho fornece a invisível “substância”, cenário do desenvol-

vimento histórico – a mobilização de todos aqueles que até um poeta da alteridade, Lévinas, rejeitou como “o perigo amarelo” –, como se lê naquele que pode ser considerado seu texto mais estranho, “O debate russo-chinês e a dialética” (1960), um comentário sobre o conflito sino-soviético: “O perigo amarelo! ele não é racial, é espiritual. Não envolve valores inferiores; envolve estranhamento radical, estranho ao peso do próprio passado, de onde não se filtra nenhuma voz ou inflexão familiar, um passado lunar ou marciano.”<sup>2</sup>

Isso não faz lembrar a insistência de Heidegger, nos anos 1930, em que a principal tarefa do pensamento ocidental de então era defender o avanço grego, o gesto de fundação do “Ocidente”, a superação do universo pré-filosófico, mítico, “asiático”, para lutar contra a renovada ameaça “asiática” – o maior antagonista do Ocidente é “o mítico em geral e o asiático em particular”?<sup>3</sup> É *essa* “estranheza radical” asiática que se mobiliza, politiza, pelo movimento comunista de Mao Tsé-Tung.

Em *Fenomenologia do espírito*, Hegel apresenta sua conhecida noção do feminino como “a duradoura ironia da comunidade”: o feminino “... transforma, pela intriga, o fim universal do governo em um fim privado, sua atividade universal no trabalho de algum indivíduo particular, e perverte a propriedade universal do Estado em possessão e ornamento para a família”.<sup>4</sup>

Em contraste com a ambição masculina, uma mulher quer poder para promover seus próprios e estreitos interesses familiares, ou, o que é pior, seus caprichos pessoais, incapaz, como é, de perceber a dimensão universal da política de Estado. Como deixar de lembrar o argumento de F.W.J. Schelling segundo o qual “o mesmo princípio que nos conduz e sustenta em sua ineficiência bem poderia consumir-nos e destruir-nos em sua eficácia”?<sup>5</sup> Um poder que, mantido no lugar adequado, pode ser benigno e apaziguador transforma-se em seu contrário radical, na mais destrutiva fúria, no momento em que passa a intervir num plano mais alto, que não é o seu: a *mesma* feminilidade que, dentro do círculo fechado da vida familiar, é o próprio poder do amor cuidadoso, torna-se um frenesi obscuro quando atua no plano da coisa pública e dos negócios de Estado...

Resumindo, admite-se que uma mulher proteste contra o poder público do Estado em benefício dos direitos de família e do paren-

tesco; mas a desgraça cairá sobre a sociedade em que as mulheres se arvorarem a influenciar diretamente as decisões relativas a assuntos de Estado, manipulando seus débeis parceiros masculinos, na verdade emasculando-os... Não existirá algo similar no terror que se levanta diante da perspectiva do despertar das anônimas massas asiáticas? Elas são aceitáveis se protestam contra sua sorte e nos deixam ajudá-las (mediante ações humanitárias em grande escala), mas não quando diretamente “se atribuem poder”, para horror dos simpatizantes liberais, sempre prontos a apoiar a revolta dos pobres e despossuídos, sob a condição de que se manifestem com boas maneiras?

O admirador secreto de Bourdieu no Cáucaso,<sup>6</sup> de Georgi M. Derlugian, conta a extraordinária história de Musa Shanib, da Abkazia, o principal intelectual daquela turbulenta região, cuja surpreendente carreira levou, de intelectual dissidente soviético, passando por reformador político democrático e senhor da guerra fundamentalista muçulmana, à condição de respeitado professor de filosofia, sempre marcada pela estranha e permanente admiração de Shanib pelo pensamento de Pierre Bourdieu. Existem duas maneiras de fazer face a tal figura. A primeira reação é desqualificá-la como excentricidade local, encarando Musa Shanib com benevolente ironia: “Que escolha estranha, Bourdieu! O que esse tipo folclórico verá em Bourdieu?” A segunda reação é afirmar diretamente o escopo universal de toda teoria: “Vejam como a teoria é universal: todos os intelectuais, de Paris à Chechênia e à Abkazia, podem debater as teorias de Bourdieu!” A tarefa verdadeira, claro, é evitar ambas essas opções e afirmar a universalidade de uma teoria como resultado de árduo trabalho teórico e de pesada luta teórica, luta que não é externa à teoria: a questão não é apenas que Shanib teve de trabalhar muito para vencer as restrições de seu contexto local e apropriar-se do pensamento de Bourdieu; na verdade, essa apropriação de Bourdieu por um intelectual abkaziano também afeta a substância da própria teoria, transpondo-a para um universo diferente.

Lênin não terá feito – *mutatis mutandi* – algo similar com Marx? A mudança de orientação de Mao com relação a Lênin e a Stálin diz respeito à relação entre a classe operária e os camponeses: tanto Lênin como Stálin nutriam profunda desconfiança com relação aos campo-

neses e viam como uma das principais tarefas do poder soviético quebrar sua inércia, seu substancial apego à terra, para “proletarizá-los” e, assim, expô-los integralmente à dinâmica da modernização – em nítido contraste com Mao, que, em suas notas críticas ao livro *Problemas econômicos do socialismo na União Soviética*, de Stálin (1958), observou ser “o ponto de vista de Stálin ... quase completamente equivocado. O erro básico é não confiar nos camponeses”.

As conseqüências teóricas e políticas dessa mudança de orientação são literalmente enfraquecedoras: implicam nada menos que uma rigorosa reconstrução da noção hegeliana de Marx a respeito da posição do proletariado como a posição da “subjetividade insubstancial”, daqueles que estão reduzidos ao abismo de sua subjetividade.

Esse é o movimento da “universalidade concreta”, essa radical “transubstanciação” pela qual a teoria original tem de reinventar-se em novo contexto: só quando sobrevive a esse transplante pode a teoria despontar como efetivamente universal. E, claro, a questão não é que estejamos lidando aqui com o processo pseudo-hegeliano de “alienação” e “desalienação”, de como a teoria original é “alienada”, tendo então de incorporar o contexto estrangeiro, reapropriá-lo e a ela o subordinar: o que tal noção pseudo-hegeliana não prevê é a forma pela qual esse transplante violento para um contexto estrangeiro afeta radicalmente a própria teoria original, de tal modo que, quando essa teoria “retorna a si mesma em sua alteridade” (reinventa-se no contexto estrangeiro), sua própria substância muda – e, mesmo assim, essa mudança de orientação não é apenas a reação a um choque externo; ela permanece uma transformação interna da mesma teoria da superação do capitalismo.

É nesse sentido que o capitalismo é uma “universalidade concreta”: o problema não é isolar o que todas as formas particulares de capitalismo têm em comum, suas características universais compartilhadas, mas entender essa matriz como força positiva em si mesma, como algo que todas as formas particulares concretas tratam de contrabalançar, para conter seus efeitos destrutivos.

O sinal mais confiável do triunfo ideológico do capitalismo é o virtual desaparecimento da própria palavra nas últimas duas ou três décadas: dos anos 1980 em diante,



... virtualmente ninguém mais, com exceção de alguns poucos marxistas supostamente arcaicos (uma “espécie em extinção”), refere-se a capitalismo. O termo foi simplesmente cortado do vocabulário dos políticos, sindicalistas, escritores e jornalistas – bem como dos cientistas sociais, que o condenaram ao olvido histórico.<sup>8</sup>

Então o que dizer da rápida ascensão do movimento antiglobalização nos últimos anos? Não contradiz ele claramente esse diagnóstico? De forma alguma. Um olhar mais próximo mostra de imediato como esse movimento também sucumbe à “tentação de transformar uma crítica ao próprio capitalismo (centrada nos mecanismos econômicos, nas formas de organização do trabalho e na extração do lucro) em crítica ao ‘imperialismo’”.<sup>9</sup> Desse modo, quando se fala sobre “a globalização e seus agentes”, o inimigo é externalizado (comumente na forma de um antiamericanismo vulgar). A partir dessa perspectiva, segundo a qual a principal tarefa de hoje é combater o “império norte-americano”, qualquer aliado é bom se for antiamericano.

Assim, o desenfreado capitalismo “comunista” chinês, os violentos antimodernistas islâmicos, bem como o obscuro regime de Lukashenko em Belarus (ver a visita de Chávez a Belarus em julho de 2006), podem aparecer como progressistas companheiros de armas da antiglobalização... O que temos aqui, portanto, é outra versão da mal-afamada noção de “modernidade alternada”: em vez da crítica ao capitalismo como tal, que confronte seu mecanismo básico, temos a crítica aos “excessos” do imperialismo, que comporta a idéia subjacente de mobilizar os mecanismos do capitalismo no quadro de uma estrutura mais “progressista”.

É desse modo que se deve abordar aquilo que pode ser considerado a contribuição central de Mao à filosofia marxista: suas elaborações sobre a noção da contradição. Não as deveríamos descartar como uma regressão filosófica sem valor (que, tal como facilmente demonstrável, se apóia em uma vaga noção de “contradição”, cujo significado é mera “luta de tendências opostas”). A tese principal do grande texto de Mao “Sobre a contradição”, a respeito dos dois aspectos das contradições, “a principal e as não principais em um processo, e o aspecto principal e os aspectos não principais de uma contradição”, merece leitura mais atenta. A repreensão de Mao aos “marxistas dogmáticos” é quanto ao

fato de eles “não compreenderem que é precisamente na particularidade da contradição que reside sua universalidade”:

Por exemplo, na sociedade capitalista, as duas forças em contradição, o proletariado e a burguesia, formam a contradição principal. As demais contradições, como aquelas entre a classe feudal remanescente e a burguesia, entre a pequena burguesia camponesa e a burguesia, entre o proletariado e a pequena burguesia camponesa, entre os capitalistas não-monopolistas e os capitalistas monopolistas, entre a democracia burguesa e o fascismo burguês, entre países capitalistas e entre o imperialismo e as colônias, todas são determinadas ou influenciadas por essa contradição principal. ...

Quando o imperialismo lança uma guerra de agressão contra um país assim, todas as suas várias classes, à exceção de alguns traidores, podem temporariamente unir-se em guerra nacional contra o imperialismo. Nessa ocasião, a contradição entre o imperialismo e o país afetado torna-se a contradição principal, ao passo que todas as contradições entre as várias classes sociais dentro do país (incluída a que era a principal, vale dizer a contradição entre o sistema feudal e as grandes massas do povo) ficam temporariamente relegadas a posição secundária e subordinada.<sup>10</sup>

Este é o argumento fundamental de Mao: a contradição principal (universal) não se sobrepõe àquela que deveria ser tratada como a contradição dominante numa situação particular – a dimensão universal literalmente *reside* nessa contradição particular. Em cada situação concreta, uma contradição “particular” diferente é a predominante, no sentido preciso de que, para vencer a luta pela resolução da contradição principal, devemos tratar uma contradição particular como a que é predominante, à qual todas as outras lutas deveriam estar subordinadas.

Na China sob ocupação japonesa, a unidade patriótica contra os japoneses era o elemento predominante, posto que os comunistas queriam vencer a luta de classes – *qualquer foco direto na luta de classes naquelas condições iria de encontro à própria luta de classes*. (Nisto talvez resida a característica principal do “oportunismo dogmático”: insistir na centralidade da contradição principal no momento errado.) O outro ponto-chave refere-se ao *aspecto* principal de uma contradição. Por exemplo, no que diz respeito à contradição entre as forças produtivas e as relações de produção:

... as forças produtivas, a prática e a base econômica em geral desempenham o papel principal e decisivo; quem negar isso não é materialista.

Mas também é forçoso admitir que, em certas condições, aspectos tais como as relações de produção, a teoria e a superestrutura manifestam-se por sua vez no papel principal e decisivo. Quando é impossível para as forças produtivas desenvolverem-se sem uma transformação das relações de produção, então a transformação das relações de produção desempenha o papel principal e decisivo.<sup>11</sup>

O interesse político desse debate é decisivo: o objetivo de Mao é afirmar o papel principal, na luta política, daquilo a que a tradição marxista comumente se refere como o “fator subjetivo” – a teoria, a superestrutura. Isso é o que, segundo Mao, Stálin negligenciou:

O livro de Stálin [*Problemas econômicos do socialismo na União Soviética*], do começo ao fim, nada diz sobre a superestrutura. Não se preocupa com as pessoas; considera as coisas, e não as pessoas... [Ele fala] somente das relações de produção, e não da superestrutura ou da política, ou do papel do povo. O comunismo só pode ser alcançado se houver um movimento comunista.<sup>12</sup>

Alain Badiou, que procede no caso como um verdadeiro maoísta, aplica esse modo de pensar à constelação atual, evitando o foco na luta anticapitalista, até mesmo ridicularizando sua forma principal hoje (o movimento antiglobalização), e definindo a luta de emancipação em termos estritamente políticos como a luta contra a democracia (liberal), a forma político-ideológica agora predominante. “Hoje o inimigo não se chama império ou capital. Chama-se democracia.”<sup>13</sup> O que atualmente impede o questionamento radical do próprio capitalismo é precisamente *a crença na forma democrática da luta contra o capitalismo*. A posição de Lênin contra o “economicismo” e contra a política “pura” mostra-se crucial hoje, no que diz respeito à atitude dividida em relação à economia na esquerda (ou no que dela restou): por um lado, os “políticos puros”, que abandonam a economia como espaço de luta e intervenção; por outro, os “economicistas”, fascinados pelo funcionamento da economia global, que excluem qualquer possibilidade de intervenção política apropriada.

Com respeito a essa cisão, nestes dias, mais que nunca, devemos retornar a Lênin: sim, a economia é o domínio principal, a batalha será decidida ali, devemos quebrar o encanto do capitalismo global – mas a intervenção deve ser propriamente *política*, e não econômica. Agora, quando todos são “anticapitalistas”, até os filmes de conspiração “sociocríticos” de Hollywood (desde *O inimigo de Estado* até *O informante*) em que o inimigo é constituído pelas grandes corporações com sua impiedosa busca de lucro, o significante “anticapitalismo” perdeu seu ferrão subversivo. O que se deve problematizar é o contrário desse “anticapitalismo” cuja evidência se revela: a fé na substância democrática de norte-americanos honestos que vencerão a conspiração. Este é o núcleo duro do universo capitalista global de hoje, seu verdadeiro significante-mestre: a democracia.<sup>14</sup>

A contribuição suplementar de Mao a respeito da noção de contradição em “Sobre o modo correto de lidar com as contradições em meio ao povo” (1957) também não pode ser reduzida a sua característica mais conhecida, a questão, aliás de sentido comum, de distinguir entre as contradições antagônicas e não antagônicas:

As contradições entre nós e o inimigo são contradições antagônicas. Nas fileiras do povo, as contradições em meio ao povo trabalhador não são antagônicas, enquanto aquelas entre as classes exploradas e exploradoras têm um aspecto não antagônico e um aspecto antagônico. ... Sob a ditadura democrática do povo, dois diferentes métodos, um ditatorial e outro democrático, devem ser usados para resolver os dois tipos de contradições, que diferem por natureza – as contradições entre nós e o inimigo, e as contradições em meio ao povo.<sup>15</sup>

Deveríamos sempre ler essa distinção junto com seu mais “nefasto” complemento, uma advertência de que os dois aspectos podem sobrepor-se um ao outro: “Em circunstâncias comuns, as contradições em meio ao povo não são antagônicas, mas, se não lidarmos com elas corretamente ou se relaxarmos nossa vigilância e baixarmos nossa guarda, o antagonismo pode aflorar.” O diálogo democrático, ou seja, a coexistência pacífica de diferentes orientações no interior da classe trabalhadora, não é dado, um estado natural das coisas; é algo que se

obtem e conserva pela vigilância e pela luta. Aqui, também, a luta tem prioridade sobre a unidade: o próprio espaço da unidade tem de ser conquistado pela luta.

Então, o que faremos com essas elaborações? Deveríamos ser muito precisos ao diagnosticar, no plano abstrato próprio da teoria, em que Mao estava certo e em que estava errado. Ele estava certo ao rejeitar a noção padronizada de “síntese dialética” como a “conciliação” dos contrários, como unidade mais elevada que abarca a luta dos contrários. E estava errado ao formular essa rejeição, essa insistência na prioridade da luta, da divisão, sobre qualquer síntese ou unidade, em termos de uma cosmologia/ontologia geral da “eterna luta dos contrários”, e por isso ficou cativo da noção simplista, propriamente não-dialética, da “má infinidade” da luta.

Nesse ponto, Mao nitidamente regressa à sabedoria pagã primitiva, com referência ao modo como cada criatura, cada determinada forma de vida cedo ou tarde encontra seu fim: “Uma coisa destrói a outra, coisas aparecem, se desenvolvem e são destruídas, tudo é assim. Se as coisas não são destruídas por outras, então elas mesmas se destroem.” Devemos dar a Mao, nesse nível, o que ele merece: ele vai até o fim nessa direção e não apenas aplica o princípio ao comunismo, como revela o seguinte trecho, em que dá gigantesco e ontológico “salto adiante”, da divisão do núcleo atômico em prótons, antiprótons etc., para a inevitável divisão do comunismo em etapas:

“Não acredito que o comunismo não se vá dividir em etapas e que não haverá mudanças qualitativas. Lênin disse que todas as coisas podem ser divididas. Deu como exemplo o átomo, afirmando que não só o átomo podia ser dividido, como também o elétron. Anteriormente, porém, sustentava-se que o átomo não poderia ser dividido; o ramo da ciência dedicado a dividir o núcleo do átomo ainda é muito novo, conta apenas com 20 ou 30 anos. Nas décadas recentes, os cientistas descobriram os constituintes do núcleo do átomo, tais como prótons, antiprótons, nêutrons, antinêutrons, mésons e antimésons.”<sup>16</sup>

Mao dá ainda mais um passo e vai além da própria humanidade, predizendo, de modo protonietzchiano, a “superação” do homem:

A vida da dialética é o movimento contínuo dos contrários. A humanidade também encontrará, finalmente, sua destruição. Quando os teólogos falam sobre o dia do Juízo Final, são pessimistas e aterrorizam o povo. Nós dizemos que o fim da humanidade é algo que produzirá algo mais avançado que a humanidade. A humanidade ainda está em sua infância.<sup>17</sup>

Prediz também a ascensão de (alguns) animais ao que consideramos hoje nível exclusivamente humano de consciência:

No futuro, os animais continuarão a desenvolver-se. Não acredito que apenas os homens sejam capazes de ter duas mãos. Não poderão os cavalos, as vacas e as ovelhas evoluir? Somente os macacos podem evoluir? E será que, de todas as espécies de macacos, apenas uma pode evoluir, sendo todas as outras incapazes de fazê-lo? Em um milhão de anos, em dez milhões de anos, cavalos, vacas e ovelhas ainda serão os mesmos de hoje? Penso que eles continuarão a evoluir. Cavalos, vacas, ovelhas e insetos, todos se transformarão.<sup>18</sup>

Para Mao, essa “perspectiva cósmica” não é apenas irrelevante advertência filosófica; ela tem precisas conseqüências ético-políticas. Quando ele rejeita de forma arbitrária a ameaça da bomba atômica, não está minimizando o alcance do perigo. Tem plena consciência de que a guerra nuclear pode levar à extinção da humanidade como tal. E então, para justificar seu desafio, adota a “perspectiva cósmica”, a partir da qual o fim da vida na Terra “difícilmente significaria alguma coisa para o Universo como um todo”:

Os Estados Unidos não podem aniquilar a nação chinesa com seu pequeno estoque de bombas atômicas. Mesmo que as bombas atômicas dos Estados Unidos fossem tão poderosas que, quando lançadas na China, cavassem um buraco na Terra, ou a explodissem, isso dificilmente significaria alguma coisa para o Universo como um todo, embora pudesse tornar-se evento expressivo para o sistema solar.<sup>19</sup>

Essa “perspectiva cósmica” também dá base à atitude de Mao de descartar considerações sobre os custos humanos dos projetos econômicos e políticos. Se acreditarmos na última biografia de Mao,<sup>20</sup> ele causou a maior fome generalizada da história da humanidade ao

exportar comida para a Rússia a fim de comprar equipamentos industriais bélicos e nucleares: 38 milhões de pessoas foram reduzidas à escravidão e morreram de fome entre 1958 e 1961. Mao sabia exatamente o que estava acontecendo, quando disse: “talvez metade da China tenha que morrer.” Essa é a atitude instrumental em seu aspecto mais radical: matar como parte de impiedosa tentativa para atingir um objetivo, reduzindo pessoas à condição de meio descartável. E é preciso ter em mente que o Holocausto nazista *não* foi a mesma coisa: a matança dos judeus não foi parte da estratégia racional, mas objetivo autotélico, excesso “irracional” meticulosamente planejado (haja vista a deportação dos últimos judeus das ilhas gregas em 1944, logo antes da retirada alemã, ou o uso maciço de trens para transportar judeus em vez de material bélico em 1944). É por isso que Heidegger está errado quando reduz o Holocausto à produção industrial de cadáveres: o comunismo de Stálin foi isso, mas *não* o nazismo.<sup>21</sup>

A conseqüência conceitual dessa “má infinidade” que pertence ao evolucionismo vulgar é a renitente rejeição de Mao da “negação da negação” como lei dialética universal, em explícitas polêmicas contra Engels (e, eventualmente, seguindo Stálin, que, em *O materialismo dialético e o materialismo histórico*, também não faz menção à “negação da negação” entre “os quatro principais aspectos da dialética marxista”):

Engels falou sobre as três categorias, mas pessoalmente não acredito em duas delas. (A unidade dos contrários é a lei mais básica, a transformação mútua de qualidade e quantidade é a unidade dos contrários “qualidade” e “quantidade”, e a negação da negação não existe.) ... Não existe a negação da negação. Afirmação, negação, afirmação, negação ... no desenvolvimento das coisas, cada elo na cadeia de eventos é ao mesmo tempo afirmação e negação. A sociedade escravista negou a sociedade primitiva, mas, com referência à sociedade feudal, ela constituía, por sua vez, a afirmação. A sociedade feudal constituiu a negação em relação à sociedade escravista, mas era por sua vez a afirmação com referência à sociedade capitalista. A sociedade capitalista foi a negação em relação à sociedade feudal, mas é, por sua vez, a afirmação em relação à sociedade socialista.<sup>22</sup>

Ao longo dessas linhas, Mao rejeita de forma cáustica a categoria da “síntese dialética” dos contrários, promovendo sua própria versão

da “dialética negativa” – toda síntese é, para ele, em última instância, o que Adorno em sua crítica a Lukács chamou de *erpresste Versöhnung* (reconciliação forçada), na melhor das circunstâncias momentânea pausa na luta verdadeiramente em processo, que ocorre não quando os contrários estão unidos, mas quando um lado simplesmente vence o outro:

O que é síntese? Todos vocês presenciaram como os dois contrários, o Kuomintang e o Partido Comunista, foram sintetizados no continente. A síntese ocorreu assim: os exércitos deles vieram, e nós os devoramos, pedaço a pedaço. ... Uma coisa comendo a outra, o peixe grande comendo o peixe pequeno, isso é síntese. Isso nunca foi apresentado assim em livros. Eu também jamais o coloquei assim em meus livros. Por sua parte, Yang Hsien acredita que dois combinam em um, e que a síntese é o laço indissolúvel entre dois contrários. Que laços indissolúveis existem neste mundo? As coisas podem estar ligadas, mas no final elas acabam por ser separadas. Nada existe que não possa ser separado.<sup>23</sup>

(Observe-se o tom de compartilhar um segredo que não deve ser tornado público, como se Mao estivesse divulgando seu “ensinamento secreto”, a cruel mas realista lição que mina o alegre otimismo público...) Isso estava no cerne do famoso debate, no final dos anos 1950, sobre o Um e o Dois (estão os Dois unidos em Um ou está o Um dividido em Dois?): “Em qualquer aspecto dado, a unidade dos contrários é condicional, temporária e transitória, e portanto relativa, enquanto a luta dos contrários é absoluta.” E nos leva ao que somos tentados a chamar de injunção ético-política de Mao – para parafrasear as últimas palavras de *O inominável* de Beckett: “... no silêncio você não sabe, você tem de ir cortando; não posso continuar, continuarei cortando.”<sup>24</sup> Essa injunção deve ser situada em sua adequada linhagem filosófica. Existem, *grosso modo*, dois enfoques filosóficos para uma constelação antagonica de um/outro: ou bem se opta por um pólo *contra* o outro (o Bem contra o Mal, a liberdade contra a opressão, a moralidade contra o hedonismo etc.), ou bem se adota uma atitude “mais profunda” de enfatizar a cumplicidade dos contrários e defender uma medida adequada ou a unidade deles. Apesar de a dialética de Hegel parecer uma versão do segundo enfoque (a “síntese” dos contrários), o filósofo alemão opta por uma até então desconhecida *terceira* versão: a forma de

resolver esse impasse não nos empenhando em lutar pelo “bom” contra o “mau”, nem tentando uni-los em “síntese” equilibrada, mas optando pelo lado ruim da constelação inicial “um/outro”. É claro que essa “escolha do pior” falha, mas, fracassando, mina todo o campo de alternativas e assim nos capacita a superar seus termos.

O primeiro a propor tal matriz de divisões foi Górgias. Seu “Sobre a natureza, ou o não-existente” (o texto sobreviveu apenas em forma sumária em Sextus Empiricus\* em *Sobre Melissus, Xenófanes e Górgias*, de Aristóteles) pode ser resumido em três proposições: (a) nada existe; (b) se algo existe, não poderia ser conhecido; (c) se algo existiu e pôde ser conhecido, não pode ser comunicado a outros. Se jamais houve um caso claro da lógica freudiana da chaleira emprestada (fornecendo razões mutuamente exclusivas), é este:<sup>25</sup> (a) nada existe; (b) o que existe não pode ser conhecido; (c) o que conhecemos não pode ser comunicado a outros... O mais interessante, porém, é o repetido modo “diagonal” de divisão do gênero em espécies: as coisas existem ou não. Se existem, podem ser conhecidas ou não. Se podem ser conhecidas, podem ser comunicadas a outros ou não. Surpreendentemente, encontramos a mesma diferenciação progressiva no extremo oposto da história da filosofia ocidental, na sofística do século XX a que se chamou de “materialismo dialético” (diamat). Em *O materialismo dialético e o materialismo histórico*, de Stálin, as quatro características da dialética são enumeradas:

As principais características do método dialético marxista são as seguintes:

Ao contrário da metafísica, a dialética não considera a natureza uma aglomeração acidental de coisas ou fenômenos desconectados, isolados e independentes uns dos outros, mas um todo conectado e integrado. ...

Ao contrário da metafísica, a dialética sustenta que a natureza não é um estado de descanso e imobilidade, estagnação e imutabilidade, mas um estado de movimento e mudança contínuos, de contínuos renovação e desenvolvimento. ...

Ao contrário da metafísica, a dialética não considera o processo de desenvolvimento simples processo de crescimento, em que as mudanças

quantitativas não levam a mudanças qualitativas, mas sim desenvolvimento que passa de mudanças quantitativas insignificantes e imperceptíveis que possibilitam francas “mudanças fundamentais” para mudanças qualitativas; desenvolvimento no qual as mudanças qualitativas não ocorrem de modo gradual, mas rápida e abruptamente, tomando a forma de saltos de um estado a outro. ...

Ao contrário da metafísica, a dialética sustenta que as contradições internas são inerentes a todas as coisas e fenômenos da natureza, pois todos eles têm seus aspectos positivo e negativo, um passado e um futuro, algo fenecendo e algo se desenvolvendo; e que a luta entre esses contrários ... constitui o conteúdo interno do processo de desenvolvimento.<sup>26</sup>

Primeiro, a natureza não é um conglomerado de fenômenos dispersos, mas um todo integrado. Em seguida, esse todo não está imóvel, mas em constante movimento e mudança. Além disso, essa mudança não é apenas acumulação quantitativa gradual, mas envolve saltos qualitativos e rupturas. Finalmente, esse desenvolvimento qualitativo não é uma questão de movimento harmonioso; ele é impulsionado pela luta dos contrários... O truque aqui é que *não* estamos de fato lidando meramente com a diérese platônica, subdivisão gradual do gênero em espécies e depois das espécies em subespécies: a premissa subjacente é que esse processo “diagonal” de divisão é, na realidade, vertical, isto é, que estamos lidando com os diferentes aspectos da *mesma* divisão. No jargão stalinista: um Todo imóvel não é realmente Todo, mas apenas conglomerado de elementos; o desenvolvimento que não envolve saltos qualitativos não é realmente desenvolvimento, mas apenas estase; mudança qualitativa que não envolve luta dos contrários não é realmente mudança, mas apenas monótono movimento quantitativo... Ou, em termos mais ominosos, aqueles que defendem a mudança qualitativa sem a luta dos contrários *na verdade* se opõem à mudança e defendem a continuidade; aqueles que defendem a mudança sem saltos qualitativos *na verdade* se opõem à mudança e defendem a imobilidade... O aspecto político dessa lógica é claramente discernível: “aqueles que defendem a transformação do capitalismo em socialismo sem a luta de classes *na verdade* rejeitam o socialismo e querem que o capitalismo continue” etc.

\* Sextus Empiricus: filósofo cético grego que viveu na última metade do séc. II. (N.T.)

Existem dois famosos ditos espirituosos de Stálin que estão de acordo com essa lógica. Em resposta à pergunta “Qual desvio é pior, o de direita ou o de esquerda?” Stálin declarou: “Ambos são piores!” A premissa subjacente é que o desvio de esquerda não é *na verdade* (“objetivamente”, como os stalinistas gostavam de dizer) de esquerda, mas sim um desvio de direita dissimulado! Quando Stálin escreveu, em relatório sobre um congresso do Partido, que os delegados, *por maioria de votos*, aprovaram *unanimemente* a resolução do Comitê Central, a premissa subjacente é, outra vez, que na verdade não havia minoria dentro do Partido: quem votou contra, dele se excluiu... Em todos esses casos, *o gênero repetidamente sobrepe-se (coincide plenamente com) a uma de suas espécies*. Isso também é o que permite a Stálin ler a história retroativamente, de modo que as coisas “venham a se evidenciar” em retrospectiva: não é que Trótski tenha primeiro lutado pela revolução com Lênin e Stálin, e então, em determinada etapa, tenha optado por estratégia diferente da defendida por Stálin; esta última oposição (Trótski/Stálin) “evidencia” como, “objetivamente”, Trótski esteve o tempo todo contra a revolução.

Encontramos o mesmo procedimento no impasse classificatório que os ideólogos e ativistas políticos stalinistas enfrentaram em sua luta pela coletivização entre os anos 1928 e 1933. Na tentativa de explicar seu esforço para esmagar a resistência dos camponeses em termos “científicos” marxistas, eles dividiram os camponeses em três categorias (classes): os camponeses pobres (sem terra ou com mínima porção de terra, que trabalhavam para outros), aliados naturais dos operários; os camponeses médios, autônomos, que oscilavam entre explorados e exploradores; os camponeses ricos, os *kulaks* (que empregavam outros trabalhadores, emprestando-lhes dinheiro ou sementes etc.), exploradores “inimigos de classe” que, como tais, devem ser “liquidados”. No entanto, na prática, essa classificação foi-se tornando cada vez mais nebulosa e inoperante: no estado de pobreza generalizada, critérios claros não se aplicavam mais, e as outras duas categorias muitas vezes uniam-se aos *kulaks* em sua resistência à coletivização forçada. Uma categoria adicional foi assim criada, a do *subkulak*, camponês que, apesar de (por sua situação econômica) ser demasiado pobre para considerar-se

propriamente *kulak*, mesmo assim compartilhava a atitude “contra-revolucionária” do *kulak*. O *subkulak* era assim

... um termo sem nenhum conteúdo social, até pelos padrões stalinistas, mas meramente simulando tê-lo, de forma pouco convincente. Como afirmado oficialmente, “por *kulak* queremos dizer o portador de certas tendências políticas que são mais freqüentemente discerníveis no *subkulak*, homem e mulher”. Dessa forma, qualquer camponês estava sujeito à *deskulakização*; e a noção de *subkulak* foi amplamente empregada, fazendo aumentar a categoria de vítimas muito além da estimativa oficial de *kulaks*, mesmo quando esta já era muito exagerada.<sup>27</sup>

Não é de admirar que os ideólogos e economistas oficiais tenham finalmente renunciado ao esforço de produzir uma definição “objetiva” de *kulak*: “As razões dadas, um comentário soviético, são que ‘as velhas atitudes de um *kulak* quase desapareceram, e as novas não se prestam ao reconhecimento.’”<sup>28</sup> Assim, a arte de identificar um *kulak* já não era questão de análise social objetiva; tornou-se questão de complexa “hermenêutica da suspeita”, de identificar as “verdadeiras atitudes políticas” de cada um, escondidas sob enganadoras proclamações públicas, de forma que o *Pravda* teve de conceder que “mesmo os melhores ativistas com freqüência não podem descobrir o *kulak*”.<sup>29</sup>

O que tudo isso indica é a mediação dialética entre as dimensões “subjetiva” e “objetiva”: o *subkulak* já não designa uma categoria social “objetiva”; ele designa o ponto em que a análise social objetiva deixa de funcionar e a atitude política subjetiva inscreve-se diretamente na ordem “objetiva”: em lacanês,\* *o subkulak é o ponto de subjetivização da corrente “objetiva”: camponês pobre/camponês médio/kulak*. Não se trata de uma subcategoria (ou subdivisão) “objetiva” da classe dos *kulaks*, mas simplesmente do nome da atitude política subjetiva *kulak*. Isso explica o paradoxo de que, apesar de aparecer como uma subdivisão da classe dos *kulaks*, a classe dos *subkulaks* seja uma espécie que transborda seu próprio gênero (o dos *kulaks*), já que os *subkulaks* também são

\* Lacanês: termo empregado por Žizek para se referir à linguagem de Jacques Lacan. (N.T.)

encontrados entre os camponeses médios e até entre os camponeses pobres. Resumindo, o *subkulak* nomeia uma divisão política como tal: o inimigo cuja presença atravessa *todo* o corpo social dos camponeses e, por isso, pode ser encontrado em toda parte, nas três classes camponesas. Isso nos traz de volta ao procedimento da diérese stalinista: o *subkulak* nomeia o elemento excessivo que atravessa todas as classes, o subproduto que deve ser eliminado.

Voltando a Górgias, deve-se ler sua argumentação da mesma forma. Pode parecer que Górgias procede a três divisões consistentes: primeiro, as coisas existem ou não; depois, se existem, podem ser conhecidas ou não; depois, se podem ser conhecidas, podemos ou não comunicar esse conhecimento aos outros. No entanto, a verdade sobre essa subdivisão gradual é, outra vez, a repetição de única e mesma linha de divisão: se não podemos comunicar alguma coisa aos outros, isso significa que “realmente” não a conhecemos; se não pudermos conhecer uma coisa, isso significa que ela “realmente” não existe por si mesma. Há uma verdade nessa lógica: como já havia afirmado Parmênides, professor e referencial de Górgias, pensar (conhecer) é o mesmo que ser, e o próprio pensar (conhecer) está enraizado na linguagem (comunicação) – “Os limites de minha linguagem são os de meu mundo.”

A lição de Hegel (e de Lacan), nesse caso, é a de que deveríamos inverter essa diérese: só podemos falar a respeito de coisas que *não* existem (Jeremy Bentham teve intuição disso em sua teoria das ficções) – ou, mais modesta e precisamente, a fala (pressu)põe falta/lacuna na ordem positiva do ser. Assim, não apenas podemos pensar em coisas não-existentes (e é por isso que a religião é consubstancial com a “natureza humana”, sua eterna tentação), como também podemos falar sem pensar – não só no sentido comum de um balbucio inconsistente, mas no sentido freudiano de “dizer mais do que se pretendia”, de cometer um sintomático ato falho. Não se trata, pois, de que, mesmo se conhecemos uma coisa, não a podemos comunicar aos outros – podemos comunicar aos outros coisas que não sabemos (ou, mais precisamente, parafraseando Donald Rumsfeld, coisas que não sabemos que sabemos, já que, para Lacan, o inconsciente, como *une bévue*, é um

*savoir qui ne se sait pas*).\* Por isso a posição hegel-lacanianiana não é a de Platão nem a de seus oponentes sofistas: contra Platão, é possível afirmar que *podemos* falar sobre coisas que não entendemos/pensamos e mesmo que, em última instância, falamos *apenas* sobre elas, sobre ficções. E, contra os sofistas, poderíamos afirmar que isso de maneira alguma desvaloriza a verdade, já que, como afirmou Lacan, a verdade tem a estrutura da ficção.

Então, onde é que Mao falha? No modo pelo qual se opõe a essa injunção de cortar, de dividir, de síntese dialética. Quando, zombando, Mao se refere a “sintetizar” como a destruição do inimigo ou sua subordinação, seu erro reside justamente em sua própria atitude de zombaria: ele não vê que essa *é* a verdadeira síntese hegeliana... O que é, afinal, a “negação da negação” hegeliana? Primeiro, a velha ordem é negada dentro de sua própria forma político-ideológica; depois, essa própria forma tem de ser negada. Aqueles que oscilam, aqueles que têm medo de dar o segundo passo para superar essa própria forma são aqueles que (para repetir Robespierre) querem “uma revolução sem revolução”. E Lênin exhibe toda a força de sua “hermenêutica da suspeita” ao discernir as diferentes formas desse recuo. A verdadeira vitória (a verdadeira “negação da negação”) ocorre quando o inimigo fala a nossa língua. Nesse sentido, a verdadeira vitória é uma vitória na derrota: ela ocorre quando nossa mensagem específica é aceita como conhecimento universal, até mesmo pelo inimigo. (Digamos, no caso da ciência racional *versus* a crença, a verdadeira vitória da ciência ocorre quando a Igreja começa a defender-se na linguagem da ciência.) Ou, na política contemporânea do Reino Unido, como muitos comentaristas perspicazes observaram, a revolução Thatcher foi, em si mesma, caótica, impulsiva, marcada por contingências imprevisíveis, e somente o governo blairista da “Terceira Via” foi capaz de *institucionalizá-la*, de estabilizá-la em novas formas institucionais ou, para dizê-lo em hegelês,\*\* elevar à condição de necessidade (o que primeiro apareceu como)

\* “O inconsciente como *um equívoco é um saber que não se sabe*”, em francês no original.

\*\* Hegelês: termo empregado para designar a linguagem de Hegel. (N.T.)

uma contingência, um acidente histórico. Nesse sentido, Blair repetiu o thatcherismo, elevando-o à condição de conceito, da mesma forma que, para Hegel, Augusto repetiu César, transformando/preservando um nome pessoal (contingente) num conceito, num título. Thatcher não era thatcherista, era apenas ela mesma. Foi Blair (mais que John Major) que verdadeiramente constituiu o thatcherismo como conceito. A ironia dialética da história é que apenas um inimigo político-ideológico (nominal) pode fazer-nos isso, pode elevar-nos à condição de um conceito – mas há que desembaraçar-se do instigador empírico (Júlio César teve de ser assassinado, Thatcher, ignominiosamente deposta).

Há uma lição surpreendente das últimas décadas: a lição da socialdemocracia da Terceira Via europeia ocidental, mas também a lição dos comunistas chineses, que presidiam o que é sem sombra de dúvida o mais explosivo desenvolvimento do capitalismo em toda a história: *nós podemos fazer melhor*. Lembrem-se da explicação marxista clássica sobre a superação do capitalismo. O capitalismo liberou a dinâmica incansável da produtividade autopropulsora – no capitalismo, “tudo que é sólido desmancha no ar”, o capitalismo é o maior “revolucionador” de toda a história da humanidade. Por outro lado, essa dinâmica capitalista é impulsionada por seu próprio obstáculo ou antagonismo interno. O limite definitivo do capitalismo (da produtividade capitalista autopropulsora) é o próprio capital; isto é, o incessante desenvolvimento e a permanente revolução de suas próprias condições materiais que o capitalismo promove, a dança louca de sua incondicional espiral de produtividade, são, em última instância, nada mais que desesperado voo para escapar de sua própria debilitante contradição interna... O erro fundamental de Marx foi concluir, a partir dessa compreensão do capitalismo, que é possível uma nova e superior ordem social (o comunismo), ordem que não apenas conservaria, mas até mesmo elevaria a um grau mais alto, de fato libertando plenamente seu potencial sempre crescente, a espiral de produtividade que, no capitalismo, por conta de seu obstáculo/contradição inerente, é interrompida de modo sistemático por crises econômicas socialmente destrutivas. Em resumo, para padronizar nos termos de Derrida, o que Marx negligenciou é que esse obstáculo/antagonismo inerente que é “condição de impossibili-

dade” da plena expansão das forças produtivas é, simultaneamente, sua “condição de possibilidade”: se abolirmos o obstáculo, a contradição inerente ao capitalismo, não conseguiremos liberar plenamente de seu impedimento o desenfreado impulso de produtividade, mas perderemos precisamente a produtividade que parecia estar sendo gerada e simultaneamente bloqueada pelo capitalismo. Se tirarmos o obstáculo, o próprio potencial bloqueado por esse obstáculo se dissipa... E é como se essa lógica do “obstáculo como condição positiva”, que subjaz ao fracasso das tentativas socialistas de superar o capitalismo, estivesse retornando agora, como vingança, ao próprio capitalismo: o capitalismo não pode se expandir plenamente no reino desobstruído do mercado, mas só quando um obstáculo (das intervenções mínimas do Estado do bem-estar até o controle político direto do Partido Comunista, como no caso da China) constrange seu reinado.

Assim, ironicamente, essa é a “síntese” de capitalismo e comunismo no sentido que lhe dá Mao: em exemplo único da justiça poética da história, foi o capitalismo que “sintetizou” com o comunismo maoísta. A notícia mais relevante que vem da China nos últimos anos é o aparecimento de movimentos operários em grande escala, de protesto contra as condições de trabalho que foram o preço para que a China se tornasse rapidamente o principal centro de produção manufatureira em todo o mundo. E os métodos brutais de que se valeram as autoridades chinesas para reprimir tais movimentos são nova prova, se provar ainda é necessário, de que a China é hoje o Estado capitalista ideal: liberdade para o capital, com o Estado fazendo o “trabalho sujo” de controlar os trabalhadores. A China, como a potência emergente do século XXI, parece assim personificar novo tipo de capitalismo: desprezo pelas consequências ambientais, repressão aos direitos dos trabalhadores, tudo subordinado ao impiedoso impulso de desenvolver-se e tornar-se a nova superpotência. A grande questão é: o que os chineses farão com respeito à revolução biogenética? Não é aposta certa que eles se lançarão na mais descontrolada manipulação genética de plantas, animais e seres humanos, ignorando todos os nossos “ocidentais” preconceitos morais e limites éticos?

Esse é o último preço a ser pago pelo erro teórico de Mao de rejeitar a “negação da negação”, de seu fracasso em entender como a “nega-



ção da negação” não é compromisso entre uma posição e sua negação demasiado radical, mas, pelo contrário, a única negação verdadeira.<sup>30</sup> Exatamente porque é incapaz de formular teoricamente essa auto-referida negação da própria forma que Mao fica aprisionado à “má infinidade” do negar sem fim, a cisões em duas partes, a subdivisões... Na linguagem de Hegel, a dialética de Mao permanece no nível do entendimento, de oposições nocionais fixas; não é capaz de formular a auto-referência propriamente dialética das determinações nocionais. Foi esse “erro grave” (para usar expressão stalinista) que levou Mao, quando foi corajoso o suficiente para projetar todas as consequências de suas posições, a alcançar a conclusão, coerentemente sem sentido, de que, para revigorar a luta de classes, se deveria diretamente deixar o campo aberto para o inimigo:

Deixemos que tendam para o capitalismo. A sociedade é muito complexa. Não seria demasiado simples se apenas tendêssemos para o socialismo e não para o capitalismo? Não faltaria a unidade dos contrários, não estaríamos sendo apenas unilaterais? Deixemos que o façam. Deixemos que nos ataquem loucamente, que façam demonstrações nas ruas, que tomem as armas para rebelar-se – eu aprovo todas essas coisas. A sociedade é muito complexa, não existe uma só comuna, um só *hsien*, um só departamento do Comitê Central que não possamos dividir em dois.<sup>31</sup>

Outra vez, aqui Mao deixa de dar lugar à apropriada “identidade dos contrários” hegeliana e de reconhecer, na força que a revolução está combatendo e tentando aniquilar, sua própria essência, como no livro *The Man Who Was Thursday*, de G.K. Chesterton, em que o chefe da polícia secreta que organizava a perseguição a um líder anarquista e esse misterioso líder, no final, eram a mesma pessoa (Deus, por sinal). E não terá Mao desempenhado, em última instância, papel similar, o papel de um Deus secular que é, ao mesmo tempo, o grande rebelde contra ele mesmo? O que essa identidade chestertoniana do bom Deus com o anarquista rebelde põe em cena é a lógica do *carnaval* social levada ao extremo da auto-reflexão: as manifestações anarquistas repentinas não são transgressão à lei e à ordem; em nossas sociedades, o anarquismo já está no poder, usando a máscara da lei e da ordem.

Nossa Justiça é o travesti da Justiça, o espetáculo da lei e da ordem é um carnaval obscuro. Essa questão já foi esclarecida pelo maior poema político escrito em inglês, “The Mask of Anarchy”, de Shelley, que descreve a obscena parada das figuras do poder:

And many more Destructions played  
In this ghastly masquerade,  
All disguised, even to the eyes,  
Like Bishops, lawyers, peers, or spies.

Last came Anarchy: he rode  
On a white horse, splashed with blood;  
He was pale even to the lips,  
Like Death in the Apocalypse.

And he wore a kingly crown;  
And in his grasp sceptre shone;  
On his brow this mark I saw –  
“I AM GOD, AND KING, AND LAW!”\*

E não foi decretada pelo próprio Mao essa substituição hegel-chestertoniana da transgressão criminosa da lei e da ordem pela própria lei e pela própria ordem como as mais altas transgressões criminosas? Essa é a razão pela qual, enquanto acionava e secretamente movia os cordéis do carnaval autodestrutivo, Mao, apesar disso, permaneceu isento dos efeitos de sua turbulência: em nenhum momento houve séria ameaça de que o próprio Stálin (ou Mao) fosse ritualisticamente deposto, tratado como “ontem um rei, hoje um mendigo”. Mao não era o Amo tradicional, mas o “Senhor do Desgoverno”:

Na Idade Média européia era costume das grandes casas feudais escolher um “senhor do desgoverno”. Esperava-se que a pessoa escolhida presidisse as folias que, por um breve momento, revertiam ou parodiavam as

\* E muitas mais Destruições atuaram/ Nesse horrível baile de máscaras/ Todas disfarçadas, até os olhos./ Como bispos, advogados, pares, ou espiões./ Por último veio a Anarquia: montava/ Um cavalo branco, manchado de sangue./ Estava pálida até os lábios./ Como a Morte no Apocalipse./ E usava uma coroa de rei;/ E em sua mão brilhava um cetro;/ Em sua frente, essa marca eu vi –/ “SOU DEUS, E REI, E LEI!” “A máscara da anarquia”, de Shelley. (N.T.)

hierarquias econômicas e sociais convencionais. ... Quando o breve reino do desgoverno terminava, a costumeira ordem das coisas era restabelecida: os senhores do desgoverno voltavam a suas ocupações domésticas, enquanto seus superiores sociais reassumiam seu *status* habitual. ... Algumas vezes a idéia de senhor do desgoverno passava do reino da folia para o reino da política. ... Os aprendizes assumiam o cargo dos mestres de suas corporações por um dia ou dois, ... os papéis de gênero eram revertidos por um dia, quando as mulheres assumiam tarefas e atitudes normalmente associadas apenas aos homens. ... Os filósofos chineses também amavam os paradoxos da condição revertida, os caminhos pelos quais o humor ou a vergonha podiam esvaziar as pretensões e levar a repentinas mudanças do modo de ver as coisas... Foi um terrível feito de Mao captar essas idéias dos antigos filósofos chineses, combiná-las com noções tiradas do pensamento socialista ocidental e articulá-las umas às outras para prolongar o conceito limitado de desgoverno em uma longamente esboçada aventura de sublevação. Para Mao, não se deveria permitir que os antigos amos e senhores regressassem; Mao sentia que eles não eram seus superiores e que a sociedade seria liberada por sua remoção. Também pensava que a tradicional ordem das coisas nunca deveria ser restaurada.<sup>32</sup>

Tal “feito terrível” não é, porém, o gesto fundamental de todo verdadeiro revolucionário? Por que a revolução, se não achamos que “a costumeira ordem das coisas nunca deveria ser restaurada”? O que Mao faz é privar a transgressão de seu caráter ritualizado, lúdico, levando-a a sério: a revolução não é apenas válvula de escape temporária, explosão carnavalesca destinada a ser acompanhada por um dia seguinte ordeiro. O problema de Mao foi justamente a falta de “negação da negação”, o fracasso das tentativas de transpor a negatividade revolucionária em nova ordem verdadeiramente positiva. Todas as estabilizações temporárias da revolução equivaliam a outras tantas restaurações da velha ordem, de tal modo que a única forma de manter a revolução viva era a “infinidade espúria” da negação repetida interminavelmente, que atingiu seu ápice na Grande Revolução Cultural.<sup>33</sup> Em sua obra *Logiques du monde*, Alain Badiou define duas atitudes subjetivas para enfrentar um evento: o “sujeito reativo” e o “sujeito obscuro”.<sup>34</sup> Na medida em que estamos prontos a assumir o risco de designar obscenamente a reintrodução do capitalismo na China como um tipo de evento, podemos argumentar que a Revolução Cultural e o

revisonismo identificado pelo nome “Deng Xiaoping” representam o sujeito obscuro e o sujeito reativo, respectivamente; Deng orquestrou a reintegração do capitalismo na nova China comunista, ao passo que a Revolução Cultural visava a sua total aniquilação e era, como tal, precisamente o que Badiou chama de *un désastre obscur*.<sup>\*</sup> O próprio Badiou admite que o resultado final da Revolução Cultural foi negativo:

Tudo começou quando, entre 1966 e 1968, saturando *no real* as hipóteses prévias, os alunos das escolas secundárias e os estudantes universitários da Guarda Vermelha, e depois os operários de Xanghai, prescreveram para as décadas futuras a *realização afirmativa* desse começo, do qual eles próprios, uma vez que sua fúria permaneceu presa naquilo contra o que se rebelavam, exploraram apenas a face de pura negação.<sup>35</sup>

Aqui é preciso dar um passo adiante: e se a Revolução Cultural tivesse sido “negativa” não apenas no sentido de limpar o terreno e abrir caminho para novo começo, mas *negativa em si mesma*, negativa como indício de sua *incapacidade* de gerar o novo? Nesse sentido preciso, *existe* efetivamente um paralelo entre a Revolução Cultural e os expurgos stalinistas em seu momento decisivo, quando Stálin fez a arriscada jogada de apelar diretamente para os próprios membros do escalão partidário mais baixo, pedindo-lhes que articulassem suas queixas contra o governo arbitrário dos chefes locais do Partido (movimento similar ao da Revolução Cultural): a fúria que eles manifestaram contra o regime, incapaz de expressar-se de modo direto, explodiu tanto mais viciosamente contra os personalizados alvos substitutos. Como a *Nomenklatura* superior ao mesmo tempo conservava seu poder executivo também nos próprios expurgos, isso pôs em movimento um círculo vicioso autodestrutivo propriamente carnavalesco no qual todos estavam virtualmente ameaçados. Outro aspecto do círculo vicioso que espiralava era a própria flutuação das diretivas do alto sobre a radicalidade dos expurgos: o alto exigia medidas severas, mas ao mesmo tempo alertava contra excessos, de tal forma que os executores viram-se

\* “Um desastre obscuro”, no original em francês. (N.T.)

postos em situação insustentável – em última instância, qualquer coisa que fizessem estaria errada. Se não prendessem suficientes traidores nem descobrissem suficientes conspirações, eram considerados demasiado lenientes e defensores da contra-revolução; assim, sob essa pressão, para preencher a cota de qualquer maneira, tinham de fabricar provas e inventar tramas – expondo-se desse modo à crítica de que eles próprios fossem sabotadores, destruindo milhares de honestos comunistas em nome de potências estrangeiras... A estratégia de Stálin de dirigir-se diretamente às massas do Partido, cooptando suas atitudes antiburocráticas, foi assim muito perigosa: “Isso não só ameaçava abrir ao escrutínio público a política da elite, como também arriscava desacreditar todo o regime bolchevista, do qual o próprio Stálin fazia parte. ... Finalmente, em 1937, Stálin rompeu todas as regras do jogo – na verdade, destruiu o jogo completamente – e desencadeou o terror de todos contra todos.”<sup>36</sup>

Podemos discernir muito precisamente a dimensão de superego desses eventos: essa mesma violência infligida pelo poder comunista a seus próprios integrantes dá testemunho da radical contradição interna do regime, isto é, do fato de que, nas origens do regime, havia um “autêntico” projeto revolucionário – os expurgos incessantes eram necessários não só para apagar os traços das próprias origens do regime, mas também como uma espécie de “retorno do reprimido”, um lembrete da negatividade radical no coração do regime. Os expurgos stalinistas nos altos escalões do Partido encontravam base nesta traição fundamental: os acusados eram efetivamente culpados na medida em que, como membros da nova *Nomenklatura*, haviam traído a revolução. O terror stalinista não é, portanto, mera traição da revolução, isto é, a tentativa de apagar os traços do autêntico passado revolucionário; mais propriamente ele testemunha um tipo de “espírito maligno da perversidade” que compele a nova ordem pós-revolucionária a (re)inscrever sua traição da revolução dentro de si mesma, a “refleti-la” ou a “observá-la” na forma de prisões e assassinatos arbitrários que ameaçavam todos os membros da *Nomenklatura*: como na psicanálise, a confissão de culpa stalinista dissimula a verdadeira culpa. (Como é bem conhecido, Stálin sabiamente

recrutou para a NKVD\* pessoas de origem social mais baixa, e, assim, capazes de exercer seu ódio pela *Nomenklatura* prendendo e torturando *apparatchiks*\*\* de alto nível.) Essa tensão entre a estabilidade do governo da nova *Nomenklatura* e o pervertido “retorno do reprimido” na forma dos renovados expurgos nas fileiras da *Nomenklatura* está na própria essência do fenômeno stalinista: os expurgos são a forma segundo a qual a herança revolucionária traída sobrevive e assombra o regime...

Isso nos traz de volta à fraqueza central do pensamento e da política de Mao. Muitos comentaristas fizeram observações irônicas sobre a aparente falta de elegância estilística dos títulos dos livros e artigos comunistas soviéticos, tais como seu caráter tautológico, ou a repetição de expressões (como “dinâmica revolucionária nas primeiras etapas da Revolução Russa” ou “contradições econômicas no desenvolvimento da economia soviética”). Entretanto, e se essa tautologia na verdade assinalasse o despertar da lógica da traição, tão bem expressa na clássica repreensão feita por Robespierre aos oportunistas seguidores de Danton: “O que vocês querem é uma revolução sem revolução?” A repetição tautológica assinala, assim, a urgência de repetir a negação, de auto-referi-la – a verdadeira revolução é a “revolução com revolução”, uma revolução que, em seu transcurso, revoluciona seus próprios pressupostos iniciais. Hegel pressentiu essa necessidade quando escreveu: “É uma loucura moderna alterar um sistema ético corrupto, sua constituição e legislação, sem mudar a religião, ter uma revolução sem reforma.”<sup>37</sup> Hegel anunciava, assim, a necessidade de uma Revolução Cultural como condição para o sucesso da revolução social. Isso significa que o problema com as tentativas revolucionárias até agora não é que elas tenham sido “demasiado extremadas”, mas que não foram *suficientemente radicais*, que não questionaram seus próprios pressupostos. Num maravilhoso ensaio sobre *Chevengur*, a grande utopia camponesa de Platonov escrita em 1927 e 1928 (logo antes da cole-

\*NKVD: sigla em russo de Commissariado Popular de Assuntos Internos. Foi a polícia política do Partido Comunista soviético. (N.T.)

\*\**Apparatchik*: funcionário, seguidor ou membro devoto de uma organização; membro do aparelho de Estado soviético. (N.T.)

tivização forçada), Fredric Jameson descreve os dois momentos do processo revolucionário, que começa com a atitude da negatividade radical:

... esse primeiro momento de redução do mundo, de destruir ídolos e de varrer um velho mundo com violência e dor, é ele mesmo a precondição para a reconstrução de outra coisa. Um primeiro momento de absoluta imanência é necessário, a tábula rasa da absoluta imanência ou ignorância camponesa, antes que novos e nunca sonhados sentimentos e sensações possam vir a ser.<sup>38</sup>

Segue-se a segunda etapa, a invenção de nova vida – não apenas a construção da nova realidade social na qual nossos sonhos utópicos serão realizados, mas a (re)construção desses próprios sonhos:

... um processo que seria demasiado simples e enganoso chamar de reconstrução ou de construção utópica, já que, com efeito, envolve o próprio esforço de encontrar um caminho para começar a imaginar a Utopia que se vai iniciar. Talvez numa modalidade mais ocidental de linguagem psicanalítica ... devêssemos pensar o novo começo do processo utópico como uma espécie de desejar o desejo, aprender a desejar – a invenção do desejo chamado Utopia em primeiro lugar, juntamente com novas regras para fantasiar ou sonhar acordado sobre tal coisa – um conjunto de protocolos narrativos sem precedente em nossas instituições literárias prévias.<sup>39</sup>

A referência à psicanálise aqui é crucial e muito precisa: numa revolução radical, as pessoas não só “realizam seus velhos sonhos (de emancipação etc.)”; mais propriamente, elas têm de reinventar seus próprios modos de sonhar. Não é isso justamente a fórmula do vínculo entre pulsão de morte e sublimação? Aí reside a necessidade da Revolução Cultural, muito bem entendida por Mao: como Herbert Marcuse disse em outra maravilhosa fórmula circular da mesma época, *a liberdade* (das limitações ideológicas, do modo predominante de sonhar) *é a condição da libertação*, isto é, se apenas mudamos a realidade para realizar nossos sonhos, e não mudamos esses próprios sonhos, cedo ou tarde regressamos à velha realidade. Existe uma “posição de pressupostos” hegeliana funcionando aqui: o pesado trabalho de libertação forma retroativamente seu próprio pressuposto.

É apenas essa referência ao que acontece *depois* da revolução, ao “dia seguinte”, que permite distinguir entre patéticas explosões libertárias e verdadeiras sublevações revolucionárias: as explosões mencionadas perdem sua energia quando temos de encarar o prosaico trabalho de reconstrução social – é nesse ponto que a letargia se instala. Em contraste, lembremos a imensa criatividade dos jacobinos logo antes de sua queda, as numerosas propostas sobre a nova religião cívica, sobre como manter a dignidade das pessoas mais velhas etc. Aí reside também o interesse de ler os relatos sobre a vida cotidiana na União Soviética no começo dos anos 1920, dos quais ressalta o anseio entusiástico de inventar novas regras para a existência cotidiana: que tipo de casamento vigora na nova sociedade? Quais as novas regras da corte amorosa? Como celebrar os aniversários? Que tipo de funeral promover?<sup>40</sup>

Nesse aspecto, a Revolução Cultural falhou miseravelmente. É difícil não ver a ironia do fato de Badiou, que inflexivelmente se opõe à idéia do ato como negativo, situar a significação histórica da Revolução Cultural maoísta precisamente na atitude negativa de sinalizar “o fim do Estado-do-partido como a produção central da atividade política revolucionária”. É aqui que Badiou deveria ter sido consistente e negado o caráter de evento da Revolução Cultural: longe de ser um evento, a Revolução Cultural foi antes suprema demonstração daquilo a que Badiou gosta de referir-se como a “mórbida pulsão de morte”. Destruir velhos monumentos não foi verdadeira negação do passado, foi mais propriamente impotente *passage à l'acte*,\* que dá testemunho do fracasso em livrar-se do passado.

Assim, de certa maneira, existe uma espécie de justiça poética no fato de que o resultado final da Revolução Cultural de Mao seja hoje a explosão sem precedentes do dinamismo capitalista na China. Quer dizer, com a completa instalação do capitalismo, especialmente do “capitalismo tardio” de hoje, é a própria vida “normal” que, de certo modo, se torna “carnavalizada”, com seu constante auto-revolucionamento, com suas reversões, crises, reinvenções. Brian Massumi formu-

\* “Passagem ao ato”, em francês no original. (N.T.)

lou claramente esse impasse, que se baseia no fato de que o capitalismo contemporâneo já superou a lógica de generalizar a normalidade e adotou a lógica do excesso errático:

Quanto mais variado, e mesmo errático, melhor. A normalidade começa a perder sua força. As regularidades começam a afrouxar. Essa frouxidão da normalidade é parte da dinâmica do capitalismo. Não é uma simples liberação. É a própria forma de poder do capitalismo. Não é mais o poder institucional disciplinador que tudo define, é o poder do capitalismo de produzir variedade – porque os mercados ficam saturados. Produza variedade e você produzirá um mercado de nichos. As mais estranhas tendências afetivas são aceitas – desde que vendam. O capitalismo começa a intensificar ou a diversificar o afeto, mas apenas para extrair mais-valia. Ele seqüestra o afeto para intensificar o potencial de lucro. Ele literalmente valoriza o afeto. A lógica capitalista de produção da mais-valia começa a dominar o campo das relações, que é também o domínio da ecologia política, o campo ético da resistência às identidades e às trajetórias previsíveis. É tudo muito perturbador e confuso, porque me parece que houve um certo tipo de convergência entre a dinâmica do poder capitalista e a dinâmica da resistência.<sup>41</sup>

Existe portanto, para além de todos os sarcasmos baratos e analogias superficiais, profunda homologia estrutural entre o permanente auto-revolucionamento maoísta, a luta permanente contra a ossificação das estruturas do Estado, e as dinâmicas internas do capitalismo. Somos tentados a parafrasear Brecht – “O que é o assalto a um banco comparado com a fundação de um banco?” –, o que são as violentas e destrutivas explosões de um guarda vermelho em meio à Revolução Cultural comparadas à verdadeira Revolução Cultural, à permanente dissolução de todas as formas de vida demandadas pela reprodução capitalista? O reinado do capitalismo global de hoje é o verdadeiro senhor do desgoverno. Essa reapropriação capitalista do dinamismo revolucionário não deixa de ter seus efeitos secundários cômicos. Foi recentemente levado ao conhecimento público que, para conceituar a guerra urbana das Forças de Defesa de Israel (FDI) contra os palestinos, as academias militares da FDI valem-se sistematicamente de termos de Deleuze e Guattari, especialmente do livro *Mille plateaux*, usan-

do-o como “teoria operacional” – as expressões recorrentes são: “entidades rivais sem forma”, “manobra fractal”, “velocidade *versus* ritmos”, “a máquina de guerra Wahhabi”, “anarquistas pós-modernos”, “terroristas nômades”. Uma das distinções-chave em que se baseiam é aquela entre espaço “liso” e “estriado”, que refletem os conceitos organizacionais de “máquina de guerra” e de “aparelho de Estado”. Os militares da FDI usam agora frequentemente a expressão “alisar o espaço” quando querem se referir a operações em um espaço como se nele não houvesse fronteiras. As áreas palestinas são pensadas como “estriadas”, no sentido de que são rodeadas por cercas, paredes, valas, bloqueios de estradas etc.:

O ataque conduzido por unidades das FDI contra a cidade de Nablus em abril de 2002 foi descrito por seu comandante, o general-brigadeiro Aviv Kohavi, como “geometria inversa”, que ele explicou como “a reorganização da sintaxe urbana por meio de uma série de ações microtáticas”. Durante a batalha, os soldados se moveram dentro da cidade por centenas de metros de túneis de superfície, escavados através de uma densa e contígua estrutura urbana. Apesar de milhares de soldados e guerrilheiros palestinos se encontrarem simultaneamente em manobra na cidade, os israelenses estavam tão “saturados” no tecido urbano que, do ar, muitos poucos eram visíveis. Além disso, eles não usaram nenhuma das ruas, estradas, becos ou pátios da cidade, tampouco nenhuma das portas externas, vãos de escada internos e janelas. Moviam-se horizontalmente através das paredes e verticalmente através de buracos dinamitados nos tetos e pisos. Essa forma de movimento, descrita pelos militares como “infestação”, procura redefinir o interior como exterior e os interiores domésticos como passagens. A estratégia das IFD de “caminhar através das paredes” envolve uma concepção da cidade não só como o lugar da guerra, mas como o verdadeiro meio de guerra: “um meio flexível, quase líquido, que é sempre contingente e está sempre fluindo.”<sup>42</sup>

O que pensar de tudo isso? Não se pode, é claro, partir para a acusação totalmente *nonsense* de que Deleuze e Guattari são teóricos da colonização militarista. Mas é possível concluir que a máquina conceitual por eles articulada, longe de ser simplesmente “subversiva”, também se adapta ao modo operacional (militar, econômico e político-ideológico) do capitalismo contemporâneo. Como, então, poderemos revolucionar uma ordem cujo mais genuíno princípio é o constante

auto-revolucionamento? Essa, talvez, seja a questão de hoje, e esse é o modo segundo o qual deveríamos *repetir* Mao, reinventando sua mensagem às centenas de milhões de pessoas que sofrem a opressão, uma simples e tocante mensagem de coragem: “Não é para temer o que é grande. O grande será derrubado pelo pequeno. O pequeno se tornará grande.” A mesma mensagem de coragem também sustenta a famosa (e infame) posição de Mao diante de uma nova guerra mundial atômica:

Nós nos colocamos firmemente pela paz e contra a guerra. Mas se os imperialistas insistirem em desencadear outra guerra, dela não devemos ter medo. Nossa atitude nessa questão é a mesma que nossa atitude frente a qualquer distúrbio: primeiro, somos contra ele; segundo, não o tememos. A Primeira Guerra Mundial foi seguida pelo nascimento da União Soviética, uma população da ordem de 200 milhões. A Segunda Guerra Mundial foi seguida pelo surgimento do campo socialista com população multinacional de 900 milhões. Se os imperialistas insistirem em desencadear uma terceira guerra mundial, é certo que várias centenas de milhões mais se voltarão para o socialismo, e então não sobrá mais na Terra muito lugar para os imperialistas.<sup>43</sup>

É fácil demais desqualificar essas linhas como a posição vazia de um líder pronto a sacrificar milhões em nome de seus objetivos políticos (a extensão *ad absurdum* da impiedosa decisão de Mao de deixar morrer de fome dezenas de milhões de pessoas no final dos anos 1950) – o outro lado dessa desqualificação envolve a mensagem básica: “Não devemos ter medo.” Não será essa a *única* atitude correta diante da guerra? “Primeiro, somos contra ela; segundo, não a tememos.” Há definitivamente algo de aterrador nessa posição – no entanto, esse terror nada mais é senão a condição da liberdade.

# 1

1950

## Uma só centelha pode iniciar um incêndio na pradaria

5 de janeiro de 1930

*Carta escrita pelo camarada Mao Tsé-Tung criticando certas visões pessimistas então existentes no Partido.*

Alguns camaradas em nosso Partido ainda não sabem avaliar corretamente a situação real e resolver a questão de como proceder. Apesar de acreditarem inevitável uma maré alta revolucionária, não pensam que ela seja iminente. Assim, condenam o plano de tomar Kiangsi e somente aprovam ações irregulares de guerrilha nas três áreas das divisas de Fukien, Kwang-tung e Kiangsi. Ao mesmo tempo, como eles não têm profunda compreensão do que significa estabelecer o poder político vermelho nas áreas de guerrilha, não possuem compreensão profunda da idéia de acelerar a maré alta revolucionária em toda a nação pela consolidação e expansão do poder político vermelho. Parecem pensar que, como a maré alta revolucionária ainda é remota, será trabalho perdido tentar estabelecer o poder político com trabalho árduo. Em vez disso, querem estender nossa influência política pelo método mais fácil de utilizar ações irregulares de guerrilha e, uma vez que as massas em todo

o país tenham sido ganhas ou quase ganhas, pretendem lançar no país toda uma insurreição armada que, com a participação do Exército Vermelho, se transformaria na grande revolução nacional. Sua teoria, de que primeiro devemos ganhar as massas em escala nacional e em todas as regiões e só depois estabelecer o poder político, não está de acordo com o estado real da revolução chinesa. Essa teoria deriva sobretudo da dificuldade de entender claramente que a China é um país semicolonial, pelo qual muitas potências imperialistas estão lutando.

Se compreendermos bem isso, entenderemos primeiramente por que o fenômeno incomum da prolongada e confusa guerra dentro das classes dominantes ocorre na China, e também por que essa guerra se espalha e se torna cada vez mais ameaçadora, e por que nunca houve um regime unificado. Em segundo lugar, entenderemos a gravidade do problema dos camponeses e, portanto, por que os levantes rurais se desenvolveram até a presente escala nacional. Em terceiro lugar, entenderemos por que é correto o slogan “poder político democrático dos trabalhadores e camponeses”. Em quarto lugar, entenderemos outro fenômeno invulgar – que também não se observa fora da China, e que deriva do primeiro (a existência na China de uma guerra prolongada e confusa no interior das classes dominantes) –, a saber, a existência e o desenvolvimento do Exército Vermelho e das forças de guerrilha, e, com eles, a existência e o desenvolvimento de pequenas áreas vermelhas rodeadas pelo regime branco.

Em quinto lugar, entenderemos que, na China semicolonial, o estabelecimento e a expansão do Exército Vermelho, das forças de guerrilha e das áreas vermelhas representam a mais elevada forma da luta camponesa sob a liderança do proletariado, resultado inevitável do crescimento da luta camponesa semicolonial e, sem sombra de dúvida, o mais importante fator de aceleração da maré alta revolucionária por todo o país. E, em sexto lugar, também entenderemos que a política que apenas propõe ações irregulares de guerrilha não pode cumprir a tarefa de acelerar essa maré alta revolucionária por todo o país, ao passo que o tipo de política adotado por Chu Te e Mao Tsé-Tung e também por Fang Chi-min<sup>1</sup> é indubitavelmente correto, isto é, a política de estabelecer áreas de base; de organizar sistematicamente o

poder político; de aprofundar a revolução agrária; de expandir as forças armadas do povo pelo processo abrangente de criar primeiro a Guarda Vermelha das cidades, depois a Guarda Vermelha dos distritos, em seguida a do condado e as tropas locais do Exército Vermelho, até chegar às tropas regulares do Exército Vermelho; de expandir o poder político avançando por ondas sucessivas etc.

Só assim é possível ganhar a confiança das massas revolucionárias em todo o país, como fez a União Soviética em todo o mundo. Só assim é possível criar tremendas dificuldades para as classes dominantes reacionárias, abalar suas bases e apressar sua desintegração interna. Só assim é realmente possível criar um Exército Vermelho que se tornará a principal arma para a grande revolução do futuro. Em resumo, só assim é possível apressar a maré alta revolucionária.

Os camaradas que sofrem de impulsividade revolucionária superestimam as forças subjetivas da revolução<sup>2</sup> e subestimam as forças da contra-revolução. Tal avaliação deriva sobretudo do subjetivismo, e no final levará indubitavelmente ao golpismo. Por outro lado, subestimar as forças subjetivas da revolução e superestimar as forças da contra-revolução também constitui avaliação imprópria e certamente produzirá maus resultados de outro tipo. Assim, ao julgar a situação política da China, é necessário entender o seguinte:

1. Embora as forças subjetivas da revolução na China no momento estejam fracas, também o estão todas as organizações (órgãos de poder político, forças armadas, partidos políticos etc.)

1. Natural de Yiyang, na província de Kiangsi, e membro do VI Comitê Central do Partido Comunista da China, foi o fundador da área vermelha no nordeste; de Kiangsi e do 10º Exército Vermelho. Em 1934, liderou o destacamento de vanguarda do Exército Vermelho na marcha para o norte a fim de resistir aos invasores japoneses. Em janeiro de 1935, foi capturado na batalha contra as tropas contra-revolucionárias do Kuomintang e em julho sofreu morte de mártir em Nanchang, Kiangsi.

2. Forças organizadas da revolução.

das classes dominantes reacionárias, que se apóiam sobre a estrutura social e econômica frágil e atrasada da China. Isso ajuda a explicar por que a revolução não pode vir à tona de imediato nos países da Europa Ocidental, onde, apesar de as forças subjetivas da revolução serem na verdade talvez mais fortes que na China, as forças das classes dominantes reacionárias são muitas vezes mais poderosas. Na China, a revolução decerto avançará mais rapidamente para uma maré alta, pois, apesar de as forças subjetivas da revolução agora serem fracas, as da contra-revolução, em termos relativos, também o são.

2. As forças subjetivas da revolução viram-se grandemente debilitadas desde a derrota da Revolução em 1927. As forças remanescentes são muito pequenas, e aqueles camaradas que só julgam pelas aparências naturalmente se sentem pessimistas. Se, porém, nos ativermos ao essencial, a história é outra. Aqui é possível aplicar o velho ditado chinês “Uma só centelha pode iniciar um incêndio na pradaria”. Em outras palavras, nossas forças, apesar de pequenas na atualidade, crescerão muito rapidamente. Nas condições prevalentes na China, seu crescimento não é apenas possível, mas, na verdade, inevitável, como provaram amplamente o Movimento de 30 de Maio e a Grande Revolução que o seguiu. Quando olhamos para algo, devemos examinar sua essência e tratar sua aparência meramente como se fosse um porteiro numa entrada; e, uma vez que cruzamos a entrada, devemos agarrar a essência da coisa; esse é o único método de análise científico e confiável.

3. De modo similar, ao avaliarmos as forças contra-revolucionárias, não devemos nunca olhar apenas sua aparência, mas sim examinar sua essência. No período inicial de nosso regime independente, na área fronteira de Hunan-Kiangsi, alguns camaradas acreditaram, genuinamente, na avaliação incorreta feita pelo Comitê Provincial de Hunan e consideraram o inimigo de classe indigno de um peteleco; as duas expressões, “terrivelmente trêmulo” e “extremamente aterrorizado”, que continuam motivos de piada até o dia de hoje, foram usadas pelo Comitê Provincial de Hunan na época (de maio a junho de 1928), para avaliar o governador de

Hunan, Lu Ti-ping.<sup>3</sup> Tal avaliação necessariamente levou ao golpismo na esfera política. Mas durante os quatro meses de novembro daquele ano até fevereiro de 1929 (antes da guerra entre Chiang Kai-shek e os generais de Kwangsi),<sup>4</sup> quando a terceira “expedição conjunta de supressão”<sup>5</sup> do inimigo se aproximava das montanhas Ching kang, alguns camaradas se perguntaram: “Por quanto tempo poderemos manter a bandeira vermelha tremulando?” Na verdade, a luta na China entre a Grã-Bretanha, os Estados Unidos e o Japão tinha se tornado, então, francamente aberta, e tomava forma confusa o estado de guerra entre Chiang Kai-shek, o grupo de Kwangsi e Feng Yu-hsiang; por essa razão, foi nesse momento que começaram a maré contra-revolucionária a baixar e a maré revolucionária a subir outra vez. No entanto, idéias pessimistas eram encontradas não apenas nas organizações locais do Partido e do Exército Vermelho; até mesmo o Comitê Central foi enganado pelas aparências e adotou tom pessimista. Sua carta de fevereiro é evidência da análise negativista feita no Partido naquela época.

4. A situação objetiva hoje ainda é tal que os camaradas que vêem apenas a aparência superficial, e não a essência do que está diante deles, são passíveis de ser enganados. Em particular, quando nossos camaradas do Exército Vermelho são derrotados em batalha, rodeados ou perseguidos por fortes contingentes inimigos, eles involuntária e freqüentemente generalizam e exageram sua situação momentânea, específica e limitada, como se a situação da China e do mundo, como um todo, não desse motivos para o otimismo e as perspectivas de vitória para a

3. General do Kuomintang, foi governador da província de Hunan em 1928, pelo Kuomintang.

4. Guerra de março-abril de 1929 entre Chiang Kai-shek, o general do Kuomintang em Nanquim, e Li Tsung-jen e Pai Chung-hsi, generais do Kuomintang na província de Kwangsi.

5. Terceira invasão da área de base do Exército Vermelho nas montanhas Ching kang pelos generais do Kuomintang em Hunan e Kiangsi, do final de 1928 ao começo de 1929.



revolução fossem remotas. Eles se agarram às aparências e põem de lado a essência em sua observação das coisas porque não fazem uma análise científica da essência da situação geral. A possibilidade de em breve vir a ocorrer ou não uma maré alta revolucionária na China somente pode ser determinada por uma análise detalhada, que indique se as contradições que levam à maré alta revolucionária estão de fato se desenvolvendo.

Desde que as contradições se vêm desenvolvendo no mundo entre os países imperialistas, entre os países imperialistas e suas colônias, e entre os imperialistas e o proletariado em seus próprios países, existe intensificada necessidade, para os imperialistas, de lutar pela dominação da China. Enquanto a disputa imperialista pela China torna-se mais intensa, tanto a contradição entre imperialismo e toda a nação chinesa quanto as contradições entre os próprios imperialistas se desenvolvem simultaneamente em solo chinês, criando assim a confusa guerra que se expande e intensifica diariamente e dando lugar ao contínuo desenvolvimento de contradições entre os diferentes grupos de dirigentes reacionários da China.

No rastro das contradições entre os grupos de dirigentes reacionários – o confuso estado de guerra entre os generais (senhores da guerra) – chegam os impostos mais pesados, que firmemente acirram a contradição entre as amplas massas de pagadores de impostos e os dirigentes reacionários. No rastro da contradição entre imperialismo e indústria nacional chinesa vem o fracasso dos industrialistas chineses em obter concessões dos imperialistas, o que acirra a contradição entre a burguesia e a classe trabalhadora chinesa, quando os capitalistas chineses tentam desesperadamente encontrar uma saída, explorando os trabalhadores, que resistem. No rastro da agressão comercial imperialista, extorsões de capitalistas-mercadores, impostos governamentais mais pesados etc., vem o aprofundamento da contradição entre a classe dos proprietários de terras e os camponeses, isto é, a exploração pela renda e a usura é agravada, e o ódio dos camponeses aos proprietários de terras cresce.

Por causa da pressão de bens estrangeiros, da exaustão do poder aquisitivo das massas de trabalhadores e camponeses, e do aumento nos impostos governamentais, mais e mais comerciantes de bens

feitos na China e produtores independentes são levados à falência. Como o governo reacionário, apesar de escasso em provisões e recursos, expande seus exércitos sem cessar, e assim constantemente estende o estado de guerra, as massas de soldados estão em constante privação. Pela ampliação nos impostos do governo, do aumento na renda e nos juros exigidos pelos proprietários de terras e da expansão diária dos desastres da guerra, há fome e banditismo em todas as partes, estando as massas de camponeses e os pobres das cidades à beira da inanição. Como as escolas não têm dinheiro, muitos estudantes temem que sua educação seja interrompida; como a produção está atrasada, muitos diplomados não têm esperança de emprego.

Uma vez que entendamos todas essas contradições, veremos em que situação desesperada, em que estado caótico a China se encontra. Veremos também que a maré alta da revolução contra os imperialistas, os generais e os proprietários de terras é inevitável, e logo virá. Toda a China está coberta com feixes de palha seca que logo se incendiarão. O ditado “Uma só centelha pode iniciar um incêndio na pradaria” é boa descrição de como a situação real se desenvolverá. Basta olhar as greves dos trabalhadores, os levantes dos camponeses, os motins dos soldados e as greves dos estudantes, que acontecem em muitos lugares, para ver que não passará muito tempo antes que uma “centelha” inicie “um incêndio na pradaria”.

A essência do texto acima já estava contida na carta do Comitê do Front para o Comitê Central, de 5 de abril de 1929, onde se lê em parte:

A carta do Comitê Central [datada de 9 de fevereiro de 1929] faz avaliação demasiado pessimista da situação objetiva e de nossas forças subjetivas. As três campanhas de “supressão” do Kuomintang contra as montanhas Chingking foi a marca de água mais alta alcançada pela maré contra-revolucionária. Ali, porém, ela parou, e desde então a maré contra-revolucionária retrocedeu, enquanto a maré revolucionária vem gradualmente subindo. Ainda que a capacidade de luta e a força organizacional de nosso Partido tenham sido debilitadas na medida descrita pelo Comitê Central, elas serão rapidamente restauradas, e a passividade em meio aos camaradas no Partido desaparecerá tão logo e

à medida que baixe a maré contra-revolucionária. As massas certamente virão a nós. A política de massacre do Kuomintang somente serve para “levar o peixe para águas profundas”;<sup>6</sup> como diz o ditado, e o reformismo não tem mais nenhum apelo de massas. É certo que as massas em breve perderão suas ilusões sobre o Kuomintang. Na situação emergente, nenhum outro partido será capaz de competir com o Partido Comunista na conquista das massas. A linha política e a linha organizacional lançadas pelo VI Congresso Nacional do Partido<sup>7</sup> estão corretas, isto é, a revolução no presente estágio é democrática, e não socialista, e a tarefa atual do Partido [aqui as palavras “nas grandes cidades” deveriam ter sido agregadas]<sup>8</sup> é ganhar as massas, e não lançar insurreições imediatas. Não obstante, a revolução se desenvolverá rapidamente, e deveremos ter atitude positiva em nossa propaganda e nos preparativos para insurreições armadas. Na presente situação caótica, só podemos guiar as massas com palavras de ordem e atitudes positivas. Somente assumindo tal atitude pode o Partido recuperar sua capacidade de luta... A liderança proletária é a única chave para a vitória na revolução. Construir uma base proletária para o Partido e instalar ramificações do Partido em empresas industriais em distritos-chave são importantes tarefas de organização para o Partido na atualidade; mas, ao mesmo tempo, os mais importantes pré-requisitos para ajudar a luta nas cidades e apressar o crescimento da maré revolucionária são especificamente o desenvolvimento da luta no campo, o estabelecimento do poder político vermelho em pequenas áreas e a criação e expansão do Exército Vermelho. Assim, seria errado abandonar a luta nas cidades, mas, em nossa opinião, também seria errado para qualquer dos membros de nosso Partido temer o crescimento da força camponesa, a não ser que ela sobrepujasse a força dos trabalhadores e ferisse a revolução. Porque, na revolução da China semicolonial, a luta dos camponeses sempre fracassará se não tiver

6. A citação é de Mencius, que comparou o tirano que leva seu povo a procurar um governante benevolente à lontra, que “leva os peixes para águas profundas”.

7. O VI Congresso Nacional do Partido Comunista da China se reuniu em julho de 1928. Assinalou que, depois da derrota de 1927, a revolução chinesa permaneceu democrático-burguesa em natureza, isto é, antiimperialista e antifeudal, e já que a inevitável nova maré alta na revolução ainda não era iminente, a linha geral da revolução deveria ser ganhar as massas. O VI Congresso liquidou o capitulacionismo de direita de 1927 de Chen Tu-hsiu e também repudiou o golpismo de “esquerda” que ocorreu no Partido no final de 1927 e começo de 1928.

8. A declaração entre colchetes foi agregada pelo autor da carta.

a liderança dos trabalhadores, mas a revolução jamais será ferida se a luta dos camponeses adiantar-se às forças dos trabalhadores.

A carta também contém a seguinte resposta à questão das táticas operacionais do Exército Vermelho:

Para preservar o Exército Vermelho e incitar as massas, o Comitê Central pede-nos para dividir nossas forças em unidades bem pequenas e dispersá-las no campo, bem como retirar Chu Te e Mao Tsé-Tung do exército, escondendo assim os alvos principais. Essa é uma visão pouco realista. No inverno de 1927-28, planejamos dispersar nossas unidades no campo, cada companhia ou batalhão operando por sua própria conta e adotando táticas de guerrilha para incitar as massas, evitando apresentar um alvo para o inimigo; tentamos isso várias vezes, mas falhamos a cada uma delas. As razões são: 1) a maioria dos soldados da força principal do Exército Vermelho vem de outras áreas e tem experiência diferente daquela dos Guardas Vermelhos locais; 2) a divisão em pequenas unidades resulta em liderança fraca e falta de habilidade para lidar com circunstâncias adversas, o que facilmente leva à derrota; 3) as unidades ficam sujeitas a ser esmagadas pelo inimigo, uma a uma; 4) quanto mais adversas as circunstâncias, maior é a necessidade de concentrar nossas forças, e, para os líderes, de ser resolutos na batalha, porque só assim podemos ter unidade interna contra o inimigo. Só em circunstâncias favoráveis é aconselhável dividir nossas forças em operações de guerrilha, e somente então os líderes não precisam estar junto às tropas todo o tempo, como é necessário durante as circunstâncias adversas.

A debilidade dessa passagem está no caráter negativo das razões aduzidas contra a divisão de forças, o que estava longe de ser adequado. A razão positiva para concentrar nossas forças é que apenas a concentração nos possibilitará destruir unidades inimigas comparativamente grandes e ocupar as cidades. Só depois disso poderemos incitar as massas em escala maior e estabelecer um poder político que se estenda sobre vários condados vizinhos. Só assim obteremos amplo impacto (o que chamamos “estender nossa influência política”) e de fato contribuiremos para antecipar o dia da maré alta revolucionária. Por exemplo, tanto o regime que estabelecemos na área de divisa de Hunan-Kiangsi há dois anos quanto o que estabelecemos

em Fukien ocidental no ano passado<sup>9</sup> resultaram dessa política de concentrar nossas tropas. Esse é um princípio geral.

Não existem, então, situações em que nossas forças devam ser divididas? Sim, existem. A carta do Comitê do Front para o Comitê Central menciona táticas de guerrilha para o Exército Vermelho, incluindo a divisão de forças dentro de pequenos raios de ação:

As táticas que aprendemos na luta nos últimos três anos são de fato diferentes de quaisquer outras, antigas ou modernas, chinesas ou estrangeiras. Com nossas táticas, as massas podem ser instigadas para a luta em escala cada vez maior, e nenhum inimigo, por mais poderoso que seja, poderá nos enfrentar. Nossas táticas são de guerrilha; consistem principalmente dos seguintes pontos:

- Dividir nossas forças para instigar as massas, concentrar nossas forças para lidar com o inimigo.
- O inimigo avança, nós recuamos; o inimigo acampa, nós o fustigamos; se cansa, atacamos; se retrocede, nós o perseguimos.
- Para estender áreas de base estáveis,<sup>10</sup> empregar a política de avançar em ondas; quando perseguidos por um inimigo poderoso, empregar a política de rodeá-lo.
- Incitar grandes setores das massas no menor tempo possível e pelos melhores métodos possíveis.

Essas táticas são como lançar uma rede; a qualquer momento devemos ser capazes de lançá-la ou puxá-la. Nós a lançamos bem aberta para atingir as massas e a puxamos para lidar com o inimigo. Essas são as táticas que usamos nos últimos três anos.

Aqui, “lançar a rede bem aberta” significa dividir nossas forças num pequeno raio de ação. Por exemplo, quando capturamos pela primeira vez a cidade de Yunghsin na área de divisa de Hunan-Kiangsi, dividimos as forças do 29º e do 31º Regi-

mentos dentro dos limites do condado de Yunghsin. Novamente, quando capturamos Yunghsin pela terceira vez, uma vez mais dividimos nossas forças enviando o 28º Regimento para a divisa do condado de Anfu, o 29º para Lienhua, e o 31º para a fronteira do condado de Kian. E, novamente, dividimos nossas forças nos condados do sul de Kiangsi em abril e maio últimos, e nos condados de Fukien ocidental em julho passado. Quanto a dividi-las em raio maior, isso só será possível sob duas condições: circunstâncias comparativamente favoráveis e corpos do exército bem fortes. Porque o propósito de dividir nossas forças é colocar-nos em melhor posição para ganhar as massas, para aprofundar a revolução agrária e estabelecer o poder político, e para expandir o Exército Vermelho e as unidas armadas locais. É melhor não as dividir quando esse objetivo não puder ser alcançado ou quando a divisão de nossas forças puder levar à derrota e ao enfraquecimento do Exército Vermelho, como ocorreu em agosto, há dois anos, quando nossas forças foram divididas na fronteira de Hunan-Kiangsi para um ataque contra Chenchou.

Não existem dúvidas, porém, de que, dadas as duas condições mencionadas acima, dividiremos nossas forças, porque então a divisão é mais vantajosa que a concentração. A carta de fevereiro do Comitê Central não estava no espírito certo e teve mau efeito sobre vários camaradas no Quarto Exército. Naquela época, o Comitê Central também lançou circular, afirmando que a guerra não eclodiria necessariamente entre Chiang Kai-shek e os generais de Kwangsi. Desde então, porém, as avaliações e diretivas do Comitê Central têm sido, no geral, corretas. Também foi lançada nova circular, corrigindo aquela que continha a avaliação errada. Mesmo sem acrescentar correção na carta para o Exército Vermelho, suas diretivas subseqüentes não tiveram o mesmo tom pessimista, e suas opiniões sobre as operações do Exército Vermelho agora coincidem com as nossas. No entanto, o efeito ruim que essa carta teve sobre alguns camaradas persiste. Sinto, portanto, que ainda são necessárias algumas explicações.

O plano para tomar a província de Kiangsi no prazo de um ano também foi proposto em abril passado pelo Comitê do Front ao Comitê Central, e uma decisão a esse respeito foi tomada mais tarde em Yutu. As seguintes razões foram mencionadas na carta ao Comitê Central:

9. O regime instaurado no oeste da província de Fukien surgiu em 1929, quando o Exército Vermelho nas montanhas Ching kang avançou para o leste a fim de construir nova área de base revolucionária e estabeleceu o poder político revolucionário do povo nos condados de Lungyen, Yungting e Shanghang, no oeste daquela província.

10. Áreas relativamente estáveis de base revolucionária estabelecidas pelo Exército Vermelho dos Operários e Camponeses.

Os exércitos de Chiang Kai-shek e dos generais de Kwangsi aproximam-se dos arredores de Kiukiang, e uma grande batalha é iminente. O recomeço da luta de massas, unido ao avanço das contradições entre os governantes reacionários, torna provável o surgimento em breve de maré alta revolucionária. Quanto ao modo como devemos organizar nosso trabalho nessas circunstâncias, sentimos que, no que concerne às províncias do sul, as forças armadas dos *compradors*<sup>4</sup> e dos proprietários de terras nas províncias de Kwangtung e Hunan são demasiado fortes, e que em Hunan, além disso, perdemos quase todos os nossos seguidores, tanto dentro como fora do Partido, por causa dos erros golpistas do Partido. Nas três províncias de Fukien, Kiangsi e Chekiang, no entanto, a situação é diferente. Primeiro, o inimigo ali é militarmente mais fraco. Em Chekiang, existe apenas uma pequena força provincial sob as ordens de Chiang Po-cheng.<sup>11</sup> Em Fukien, apesar de haver cinco grupos de tropas inimigas, totalizando 14 regimentos, as tropas de Kuo Fengming já foram esmagadas; as tropas sob o comando de Chen Kuo-hui e Lu Hsing-pang<sup>12</sup> são de bandidos com pequena capacidade de luta; as duas brigadas de fuzileiros navais, postadas ao longo da costa, nunca viram ação, e sua capacidade de luta é indubitavelmente baixa; somente Chang Chen<sup>13</sup> pode oferecer algum tipo de combate, mas, de acordo com análise feita pelo Comitê Provincial de Fukien, mesmo ele só tem dois regimentos relativamente fortes. Além disso, Fukien está agora em estado de completo caos, confusão e desunião. Em Kiangsi, existem 16 regimentos sob os comandos de Chu Pei-teh<sup>14</sup> e Hsiung Shih-hui,<sup>15</sup> eles são mais fortes que as forças armadas tanto de Fukien como de Chekiang, mas bem inferiores às de Hunan. Em segundo lugar, poucos erros golpistas foram cometidos nessas três províncias. Não estamos seguros sobre

<sup>4</sup> *Compradors*: agentes comerciais nativos, que representam empresas estrangeiras, atuando como intermediários. (N.T.)

11. Então o comandante do corpo de preservação da paz do Kuomintang na província de Chekiang.

12. Dois notórios bandidos de Fukien, cujas forças foram incorporadas ao exército do Kuomintang.

13. Comandante de divisão do exército do Kuomintang.

14. General do Kuomintang, na época governador da província de Kiangsi pelo Kuomintang.

15. Comandante de divisão do exército do Kuomintang na província de Kiangsi.

a situação em Chekiang, mas a base de massas e organizacional do Partido em Kiangsi e Fukien é um pouco melhor do que em Hunan. Tomemos Kiangsi, por exemplo: no norte ainda temos algumas bases em Tehan, Hsiushui e Tungku; em Kiangsi ocidental o Partido e a Guarda Vermelha ainda têm alguma força em Ningkan, Yungshin, Lienhua e Suichuan; no sul de Kiangsi as perspectivas ainda são melhores, pois o 2º e 4º Regimentos do Exército Vermelho estão firmemente acumulando forças nos condados de Kian, Yungfeng e Hsingkuo; e, o que é mais, o Exército Vermelho sob o comando de Fang Chi-min não foi vencido. Tudo isso nos coloca em posição de atacar Nanchang. Por meio desta recomendamos ao Comitê Central que, durante o período de prolongado estado de guerra entre os generais do Kuomintang, devemos lutar com Chiang Kai-shek e o grupo de Kwangsi pela província de Kiangsi e também por Fukien ocidental e Chekiang ocidental. Nessas três províncias deveremos aumentar o Exército Vermelho e criar um regime independente de massas, tendo o prazo de um ano para cumprir esse plano.

Essa proposta de lutar por Kiangsi errou apenas ao colocar o limite de tempo de um ano. Estava baseada não apenas nas condições da própria província, mas também na expectativa de que uma maré alta revolucionária logo surgiria em toda a nação, pois, a não ser que estivessemos convencidos de que essa maré alta revolucionária viria logo, não poderíamos ter concluído ser possível tomar Kiangsi em um ano. A única debilidade na proposta foi estabelecer o prazo de um ano, dando assim sabor de impetuosidade à palavra “logo” na declaração “logo haverá uma maré alta revolucionária”.

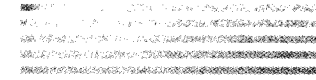
Quanto às condições subjetivas e objetivas em Kiangsi, elas bem merecem nossa atenção. Além das condições subjetivas descritas na carta para o Comitê Central, três condições objetivas podem ser agora claramente assinaladas. Primeiro, a economia de Kiangsi é sobretudo feudal, a classe mercantil-capitalista é relativamente fraca e as forças armadas dos generais são mais fracas que em qualquer outra província do sul. Em segundo lugar, Kiangsi não tem tropas provinciais próprias e sempre foi defendida por guarnições de outras províncias. Enviadas ali para a “supressão dos comunistas” ou “supressão dos bandidos”, essas tropas não estão familiarizadas com as condições locais, seus interesses estão muito menos diretamente envolvidos do que se fossem tropas locais, e, em geral, não têm entusiasmo. Em terceiro lugar, diferente de

Kwangtung, que é perto de Hong Kong e está sob controle britânico em quase todos os aspectos, Kiangsi, comparativamente, encontra-se afastada da influência imperialista.

Uma vez que tenhamos compreendido esses três pontos, poderemos entender por que as rebeliões rurais estão mais disseminadas e o Exército Vermelho e as unidades de guerrilha são mais numerosos em Kiangsi que em qualquer outra província.

Como, então, deveríamos interpretar a palavra “logo” na afirmação “logo haverá uma maré alta revolucionária”? Essa é pergunta comum entre os camaradas. Os marxistas não lêem a sorte. Eles deveriam e, na verdade, só podem indicar a direção geral de futuros desenvolvimentos e transformações; não deveriam e não podem fixar o dia e a hora de forma mecanicista. Quando, porém, eu digo que logo virá uma maré alta revolucionária na China, não estou enfaticamente falando de algo que, nas palavras de algumas pessoas, “possivelmente esteja vindo”, algo ilusório, inalcançável e vazio de significado para a ação. É como um navio bem longe no mar, cujo mastro já se pode ver da costa; é como o sol da manhã no leste, cujos raios brilhantes são visíveis do alto de uma montanha; é como uma criança prestes a nascer, movendo-se incansável no útero de sua mãe.

## 2



## Opor-se à veneração por livros

Maio de 1930

### *1. Sem pesquisa, sem direito a falar*

A não ser que tenha pesquisado uma questão, você será privado do direito de falar sobre ela. Isso é muito severo? Nem um pouco. Se não examinou um problema, seus fatos presentes e sua história passada, e nada sabe a respeito de sua essência, o que quer que diga sobre ele será decerto bobagem. Falar bobagens não resolve problemas, como todos sabem. Então, por que é injusto privá-lo do direito de falar? Muitos camaradas sempre mantêm os olhos fechados e falam bobagens, o que, para um comunista, é vergonhoso. Como pode um comunista manter seus olhos fechados e falar bobagens?

Não dará certo!  
 Não dará certo!  
 Você deve investigar!  
 Você não deve falar bobagens!

### *2. Investigar um problema é resolvê-lo*

Não consegue resolver um problema? Bem, ponha-se a investigá-lo – tanto a situação presente como sua história

passada! Quando houver investigado o problema minuciosamente, saberá como resolvê-lo. As conclusões invariavelmente vêm depois da investigação, e não antes. Somente um cabeça-dura maltrata seu cérebro, sozinho ou em grupo, para “encontrar uma solução” ou “desenvolver uma idéia” sem antes fazer alguma pesquisa. Deve-se enfatizar o fato de que isso pode não levar a uma solução efetiva ou a uma boa idéia. Em outras palavras, ele está destinado a chegar a uma solução errada e a uma idéia errada.

Não são poucos os camaradas que realizam trabalho de inspeção, assim como líderes de guerrilha e quadros partidários com funções recém-atribuídas, que gostam de fazer pronunciamentos políticos no momento em que chegam a algum lugar e que se pavoneiam, criticando isto e condenando aquilo, tendo visto apenas a superfície das coisas ou detalhes menores. Essa conversa boba puramente subjetiva é na verdade detestável. Essas pessoas estão destinadas a criar confusão, perder a confiança das massas e mostrar-se incapazes de resolver qualquer problema.

Quando se defrontam com problemas difíceis, muitas pessoas em posições de liderança simplesmente suspiram, incapazes de resolvê-los. Perdem a paciência e pedem transferência sob a alegação de que “não têm a capacidade necessária e não podem fazer o trabalho”. Essas são palavras de covardes. Mova-se sobre suas duas pernas, visite cada seção colocada a seu cargo e “pergunte a respeito de tudo”,<sup>1</sup> como fez Confúcio. Dessa forma, você será capaz de resolver os problemas, por mais que sua capacidade seja limitada. Pois, apesar de sua cabeça poder estar vazia antes de

<sup>1</sup> Ver *Confucian Analects*, livro III, “Pa Yi”: “When Confucius entered the Ancestral Temple, he inquired into everything.”

você sair, ela não estará vazia quando você voltar, mas conterà todo o material necessário para a solução dos problemas. É assim que os problemas são resolvidos.

É preciso sair a campo? Não necessariamente. Se convocar uma reunião de pessoas familiarizadas com a situação, para chegar à origem do que você considera um problema difícil, e conseguir saber como ele se encontra no momento, então será fácil resolver seu difícil problema.

A pesquisa pode assemelhar-se aos longos meses da gravidez e solucionar um problema no dia do nascimento. Investigar um problema é, na verdade, resolvê-lo.

### 3. Opor-se à veneração por livros

Tudo que estiver escrito num livro estará certo – tal é ainda a mentalidade dos camponeses da China culturalmente atrasados. Por estranho que pareça, no Partido Comunista, também existem membros que, nas discussões, sempre dizem: “Mostre-me em que livro isso está escrito.” Quando afirmamos que a diretiva de um alto órgão de liderança é correta, não é apenas porque vem de “um alto órgão de liderança”, mas porque seu conteúdo está de acordo com as circunstâncias objetivas e subjetivas da luta e preenche seus requisitos. É muito errado assumir atitude formalista e levar cegamente adiante as diretivas, sem as discutir e examinar à luz das atuais condições, somente porque elas vêm de um órgão superior. O dano causado por esse formalismo explica por que a linha e as táticas do Partido não têm raízes mais profundas nas massas. Levar cegamente adiante a diretiva de um órgão superior, aparentemente sem nenhum desacordo, não é de fato levá-la adiante, mas a forma mais sutil de a ela se opor ou sabotá-la.

O método de estudar as ciências sociais exclusivamente pelos livros também é perigoso ao extremo e pode mesmo levar-nos ao caminho da contra-revolução. Clara prova disso é o fato de grupos inteiros de comunistas chineses, que se confinaram nos livros em seus estudos das ciências sociais, se terem tornado contra-revolucionários. Quando afirmamos que o marxismo é correto, certamente não o fazemos porque Marx foi um “profeta”, mas porque sua teoria se provou correta

em nossa prática e em nossa luta. Precisamos do marxismo em nossa luta. Em nossa aceitação de sua teoria, jamais deve passar por nossas mentes qualquer formalização de noções místicas, tais como “profecia”.

Muitos que leram livros marxistas se tornaram renegados da revolução, ao passo que trabalhadores iletrados freqüentemente captam muito bem o marxismo. É claro que devemos estudar livros marxistas, mas esse estudo deve estar integrado às condições atuais de nosso país. Precisamos dos livros, mas temos de superar a atitude de venerá-los, que está divorciada da situação real.

Como podemos superar a veneração por livros? O único caminho é pesquisar a situação real.

#### ***4. Sem pesquisar a situação real, tende-se ao idealismo na avaliação das forças de classe e na orientação do trabalho, o que resulta em oportunismo ou em golpismo***

Você duvida dessa conclusão? Os fatos o forçarão a aceitá-la. Tente avaliar a situação política ou orientar a luta sem pesquisar e verá se é certo ou não afirmar que essa avaliação ou orientação é infundada e idealista, e se vai levar ou não a erros oportunistas ou golpistas. Certamente, sim. Isso não é decorrência de uma falha no cuidadoso planejamento antes de empreender a ação, mas de falha em não estudar a situação social específica cuidadosamente antes de fazer planos, como muitas vezes acontece em nossas unidades de guerrilha do Exército Vermelho. Oficiais como Li Kuei<sup>2</sup> não discriminam quando punem os

2. Herói do conhecido romance chinês *Shui Hu Chuan* (*Heróis do pântano*), que descreve a guerra camponesa ocorrida no final da dinastia Sung, no norte (960-1127). Ele era simples, franco e muito leal à causa revolucionária dos camponeses, mas bruto e grosseiro.

homens por alguma ofensa. Como resultado, os ofensores se sentem injustamente tratados, ocorrem muitas disputas, e os líderes perdem todo o prestígio. Coisas assim não acontecem com freqüência no Exército Vermelho?

Devemos eliminar nosso idealismo e nos proteger contra todos os erros oportunistas e golpistas antes que possamos ter sucesso em ganhar as massas e derrotar o inimigo. A única forma de eliminar o idealismo é esforçar-se e investigar a situação atual.

#### ***5. O objetivo da investigação social e econômica é chegar à correta avaliação das forças de classe e depois formular táticas corretas para a luta***

Essa é nossa resposta à pergunta: “Por que devemos pesquisar as condições sociais e econômicas?” Portanto, o objeto de nossa investigação é a totalidade das classes sociais, e não fenômenos sociais fragmentários. Ultimamente, os camaradas do Quarto Corpo do Exército Vermelho deram atenção ao trabalho de investigação,<sup>3</sup> mas o método que muitos deles empregam é equivocado. Os resultados de sua investigação, assim, são tão triviais como as contas de um dono de armazém, ou se parecem com as muitas lendas estranhas que um caipira escuta ao chegar à cidade, ou são como a visão distante de uma cidade populosa quando se está no alto de uma montanha. Esse tipo de investigação tem pouca utilidade e não pode alcançar nosso objetivo principal, que é apreender a situação política e econômica das várias classes sociais.

3. O camarada Mao Tsé-Tung sempre colocou muita ênfase na pesquisa, considerando a investigação social a tarefa mais importante e a base da definição de políticas no trabalho da liderança. A pesquisa foi gradualmente desenvolvida no 4º Corpo do Exército Vermelho, sob a iniciativa do camarada Mao Tsé-Tung, estipulando que a investigação social deveria ser parte regular do trabalho, e o Departamento Político do Exército Vermelho preparou formulários detalhados abrangendo itens tais como o estado da luta de massas, as condições dos reacionários, a vida econômica do povo e a quantidade de terras possuídas pelas diferentes classes nas áreas rurais. Onde quer que o Exército Vermelho fosse, primeiro se familiarizava com a situação de classes na localidade e depois formulava os slogans adaptados às necessidades das massas.

O resultado de nossa investigação deverá ser um retrato da situação real de cada classe, e os altos e baixos de seu desenvolvimento.

Por exemplo, quando investigamos a composição da classe camponesa, além do número de camponeses proprietários, semiproprietários e arrendatários, que são diferenciados segundo a propriedade da terra e as relações de seu uso, devemos saber mais especialmente sobre o número de camponeses ricos, médios e pobres, que são diferenciados de acordo com classe ou estrato social. Quando investigamos a composição dos comerciantes, devemos saber a respeito do número deles em cada ramo, como de grãos, roupas, ervas medicinais etc., e, mais especialmente, sobre o número de pequenos, médios e grandes comerciantes. Devemos pesquisar não só o estado de cada ramo do comércio, porém mais especialmente as relações de classe no interior de cada um deles. Devemos investigar as relações não só entre os diferentes ramos do comércio, porém sobretudo entre as diferentes classes. Nosso método principal de investigação deve ser dissecar as diferentes classes sociais, sendo o objetivo último compreender suas inter-relações, para chegar à avaliação correta das forças de classe e depois formular as táticas corretas para a luta, definindo as classes que constituem a força principal na luta revolucionária, as que devem ser ganhas como aliadas e as que devem ser derrubadas. Esse é nosso único objetivo.

São estas as classes sociais que precisam ser investigadas: o proletariado industrial; trabalhadores artesanais; trabalhadores das fazendas; camponeses pobres; pobres das cidades; lumpemproletariado; mestres artesãos; pequenos comerciantes; camponeses médios; camponeses ricos; proprietários de terras; burguesia comercial; burguesia industrial.

Em nossa investigação deveremos dar atenção ao estado de todas essas classes ou estratos. Só o proletariado industrial e a burguesia industrial estão ausentes nas áreas em que agora atuamos, e constantemente cruzamos com todas as outras. Nossas táticas de luta são táticas em relação a todas essas classes e estratos.

Outra falha grave em nossas investigações passadas tem sido a ênfase indevida no campo, com o abandono das cidades, de tal forma que muitos camaradas sempre têm sido vagos sobre nossas táticas para os pobres das cidades e a burguesia comercial. O desenvolvimento da

luta possibilitou-nos sair das montanhas e chegar às planícies.<sup>4</sup> Descemos fisicamente; do ponto de vista mental, porém, ainda estamos nas montanhas. Devemos entender as cidades tão bem como o campo, ou seremos incapazes de satisfazer as necessidades da luta revolucionária.

### ***6. A vitória na luta revolucionária da China dependerá da compreensão que os camaradas chineses tiverem das condições nacionais***

O objetivo de nossa luta é alcançar o socialismo pela etapa da democracia. Nessa tarefa, o primeiro passo é completar a revolução democrática ganhando a maioria da classe trabalhadora e incitando as massas camponesas e os pobres das cidades à derrubada da classe dos proprietários de terras, do imperialismo e do regime do Kuomintang. O próximo passo é fazer a revolução socialista, que virá depois do desenvolvimento dessa luta. A realização dessa grande tarefa revolucionária não é trabalho simples ou fácil e dependerá inteiramente das táticas corretas e firmes do partido do proletariado. Se suas táticas de luta estiverem erradas ou forem hesitantes e vacilantes, a revolução certamente sofrerá derrota temporária.

Devemos ter sempre em mente que os partidos burgueses também discutem constantemente suas táticas de luta. Eles consideram como difundir influências reformistas em meio à classe operária, para enganá-la e afastá-la da liderança do Partido Comunista; como fazer para que os camponeses ricos acabem com os levantes dos

4. Referência à área da montanha Chingkang ao longo das divisas das províncias de Kiangsi e Hunan; "as planícies" são aquelas no sul de Kiangsi e no oeste de Fukien. Em janeiro de 1929, o camarada Mao Tsé-Tung liderou a força principal do Exército Vermelho, descendo das montanhas Chingkang até o sul de Kiangsi e o oeste de Fukien, para estabelecer duas grandes áreas de base revolucionárias.



camponeses pobres; e como organizar os bandidos para suprimir as lutas revolucionárias. Numa situação em que a luta de classes cresce de forma cada vez mais aguda e é levada quase corpo a corpo, para sua vitória, o proletariado depende inteiramente das táticas de luta corretas e firmes de seu próprio partido, o Partido Comunista. As táticas de luta corretas e firmes de um Partido Comunista não podem em nenhuma circunstância ser criadas por algumas poucas pessoas sentadas num escritório; elas emergem no curso da luta de massas, isto é, pela própria experiência.

Assim, devemos em todos os momentos estudar as condições sociais e fazer investigações práticas. Aqueles camaradas inflexíveis, conservadores, formalistas e infundadamente otimistas pensam que as atuais táticas de luta são perfeitas, que o “livro dos documentos”<sup>5</sup> do VI Congresso Nacional do Partido garante a vitória duradoura e que seremos sempre vitoriosos apenas aderindo aos métodos vigentes. Essas idéias são absolutamente erradas, nada têm em comum com aquela segundo a qual os comunistas devem criar novas situações favoráveis através da luta e representam uma linha puramente conservadora. A não ser que seja descartada em sua totalidade, essa linha vai causar grandes perdas à revolução e dano a esses próprios camaradas.

Obviamente, existem alguns camaradas em nosso Exército Vermelho que se sentem contentes em manter as coisas como estão, que não procuram entender nada em sua totalidade e que são infundadamente otimistas, e espalham a falácia de que “isso é proletário”. Eles comem além da

saciedade e cochilam em seus escritórios durante todo o dia, sem nunca dar um passo e sair entre as massas para pesquisar. Sempre que abrem a boca, as banalidades que dizem fazem as pessoas enjoarem. Para despertar esses camaradas, devemos levantar nossas vozes e gritar-lhes:

Mudem suas idéias conservadoras sem demora!  
Substituam-nas por idéias comunistas avançadas e militantes!  
Entrem na luta!  
Vão às massas e investiguem os fatos!

## 7. A técnica de investigação

### a. Façam reuniões para pesquisar fatos e empreendam investigações por meio de discussões

Essa é a única forma de se aproximar da verdade e de chegar a conclusões. É fácil cometer erros se você não fizer reuniões de pesquisa para descobrir os fatos por meio de discussões, mas simplesmente apoiar-se no que diz um indivíduo relatando sua própria experiência. Você não pode chegar a conclusões mais ou menos corretas em tais reuniões se apenas fizer perguntas casuais, em vez de levantar questões relevantes para a discussão.

### b. Que tipo de pessoa deve comparecer a essas reuniões para pesquisar fatos?

Devem ser pessoas bem familiarizadas com as condições sociais e econômicas. Quanto à idade, as pessoas mais idosas são melhores, porque são ricas de experiência e não apenas sabem o que está acontecendo, mas entendem as causas e os efeitos. Pessoas jovens com experiência de luta também devem ser incluídas, porque têm idéias avançadas e olhos penetrantes. Quanto à atividade, deve haver trabalhadores, camponeses, comerciantes, intelectuais e por vezes soldados – algumas vezes até vagabundos. Naturalmente, quando um assunto específico estiver sob exame, aqueles que nada têm a ver com ele não precisam se encontrar presentes. Por exemplo, trabalhadores, camponeses e estudantes não precisam comparecer quando o tema que se discute e pesquisa é o comércio.

5. O “Livro de documentos” consistia das resoluções adotadas pelo VI Congresso Nacional do Partido Comunista da China em julho de 1928, incluindo a resolução política e as resoluções sobre a questão camponesa, a questão da terra, a organização do poder político etc. No começo de 1929, o Comitê do Front do 4º Corpo do Exército Vermelho publicou essas resoluções em forma de livro, para distribuição às organizações do Partido no Exército Vermelho e às organizações locais do Partido.

*c. É melhor uma reunião grande ou uma reunião pequena para pesquisar fatos?*

Isso depende da capacidade de quem pesquisa conduzir reuniões. Se ele for bom nisso, uma reunião de 12 ou até de 20 pessoas ou mais pode ser convocada. Reuniões grandes têm suas vantagens: as respostas dos participantes às perguntas podem proporcionar estatísticas bem precisas (tais como a percentagem de camponeses pobres em toda a população camponesa) e levar a conclusões nitidamente corretas (tais como se a redistribuição igual ou diferenciada da terra é melhor). Naturalmente, também têm suas desvantagens: a não ser que você seja hábil em conduzir reuniões, será difícil manter a ordem. Assim, o número de pessoas numa reunião depende da competência do investigador. No entanto, o mínimo são três, caso contrário a informação obtida será demasiado limitada para corresponder à situação real.

*d. Preparar um roteiro detalhado para a investigação*

Um roteiro detalhado há de ser preparado com antecedência, e quem pesquisa deve fazer perguntas, de acordo com o roteiro, aos presentes, que darão suas respostas. Quaisquer pontos pouco claros ou duvidosos devem ser postos em discussão. O roteiro detalhado deve incluir assuntos principais, divisões temáticas e também itens detalhados. Por exemplo, tomando o comércio como assunto principal, pode haver temas como roupa, grãos, outras necessidades e ervas medicinais; quando se fala a respeito de roupa, pode haver itens detalhados como chita, tecidos de tear doméstico, seda e cetim.

*e. Participação pessoal*

Todos com responsabilidade de liderança – do chefe do governo da cidade até o presidente do governo central, do líder do destacamento ao comandante-em-chefe, do secretário de uma seção do Partido ao secretário-geral – devem fazer pessoalmente investigações sobre as condições sociais e econômicas e não apenas confiar em ler relatórios. Porque fazer investigações e ler relatórios são coisas inteiramente diferentes.

*f. Investigar profundamente*

Qualquer novato no trabalho de pesquisa deve fazer uma ou duas investigações minuciosas para obter pleno conhecimento de um lugar particular (digamos, uma aldeia ou cidade) ou de um problema específico (digamos, a questão dos grãos ou das moedas). A investigação profunda de um problema ou de lugar particulares fará com que a futura investigação de outros lugares ou problemas seja mais fácil.

*g. Faça suas próprias anotações*

O investigador não deve apenas presidir as reuniões para pesquisar fatos e orientar os participantes, mas também deve fazer suas próprias anotações e registrar ele mesmo os resultados. Não é bom que outros o façam por ele.

## 3



## Sobre a prática

### *Sobre a relação entre conhecimento e prática, entre saber e fazer*

Julho de 1937

Havia alguns camaradas em nosso Partido que eram dogmáticos e que, por longo período, rejeitaram a experiência da Revolução Chinesa, negando a verdade de que “o marxismo não é um dogma, mas um guia para a ação” e intimidando as pessoas com palavras e frases de trabalhos marxistas descontextualizadas. Também havia alguns camaradas que eram empiristas e que, por um longo período, se restringiram a sua própria experiência fragmentária, sem entender a importância da teoria para a prática revolucionária nem ver a revolução como um todo, e trabalharam cega, embora diligentemente. As idéias errôneas desses dois tipos de camaradas, sobretudo as dos dogmáticos, causaram enormes prejuízos à Revolução Chinesa durante 1931-34, e, mesmo assim, os dogmáticos, chamando-se de marxistas, confundiram muitos camaradas. “Sobre a prática” foi escrito para expor os erros subjetivistas do dogmatismo e do empirismo no Partido, especialmente o erro do dogmatismo, do ponto de vista da teoria marxista do conhecimento. Foi assim intitulado porque sua ênfase estava posta em expor o tipo dogmático de subjetivismo, que menospreza a prática. As idéias contidas neste ensaio foram apresentadas pelo camarada Mao Tsé-Tung em conferência realizada no Colégio Militar e Político Antijaponês em Yenan.

Antes de Marx, o materialismo examinava o problema do conhecimento separadamente da natureza social do homem e de seu desenvolvimento histórico. Era, portanto, incapaz de entender que o conhecimento depende da prática social, isto é, depende da produção e da luta de classes.

Acima de tudo, os marxistas consideram que a atividade do homem na produção é a atividade prática mais fundamental, determinante de todas as suas outras. O conhecimento do homem depende sobretudo de sua atividade na produção material, pela qual ele chega gradualmente a entender fenômenos, propriedades e leis da natureza, bem como as relações entre ele próprio e a natureza. E, por meio de sua atividade na produção, ele também chega a entender, aos poucos e em graus variados, certas relações que existem entre os homens. Nenhum desses conhecimentos pode ser adquirido sem atividade na produção.

Numa sociedade sem classes, cada pessoa, na condição de membro, une-se num esforço comum aos demais membros, com eles entra em relações definidas de produção e se empenha na produção para satisfazer as necessidades humanas materiais. Em todas as sociedades de classes, os membros das diferentes classes sociais também entram, de formas diversificadas, em relações definidas de produção e se empenham na produção para satisfazer suas necessidades materiais. Essa é a fonte primária do desenvolvimento do conhecimento humano.

A prática social do homem não está restrita à atividade de produção. Toma muitas outras formas – luta de classes, vida política, conquistas artísticas e científicas; em resumo, como ser social, o homem participa de todas as esferas da vida prática da sociedade. Assim, chega a conhecer, em vários graus, as diferentes relações entre os homens, não só por meio de sua vida material, mas também por sua vida cultural e política (ambas intimamente ligadas à vida material). Desses outros tipos de prática social, a luta de classes em particular, em todas as suas variadas formas, exerce profunda influência no desenvolvimento do conhecimento humano. Na sociedade de classes, todos vivem como membros de uma classe particular, e cada tipo de pensamento, sem exceção, está carimbado com a marca de uma classe.

Os marxistas sustentam que, na sociedade humana, a atividade na produção se desenvolve passo a passo, dos níveis mais baixos para os mais altos, e que, conseqüentemente, o conhecimento do homem, tanto sobre a natureza quanto sobre a sociedade, também se desenvolve passo a passo e no mesmo sentido, isto é, do mais raso ao mais profundo, do unilateral ao multilateral. Por longo período na história, os homens estiveram necessariamente confinados à compreensão unilateral da história da sociedade porque, por um lado, a perspectiva das classes exploradoras sempre distorceu a história; por outro, a pequena escala da produção limitava-lhes a perspectiva. Somente quando o proletariado moderno emergiu, juntamente com as imensas forças de produção (indústria em grande escala), o homem foi capaz de adquirir ampla compreensão histórica do desenvolvimento da sociedade e de transformar seu conhecimento numa ciência, o marxismo.

Os marxistas afirmam que a prática social do homem, e só ela, é o critério de verdade de seu conhecimento do mundo externo. O que na realidade acontece é que o conhecimento do homem só é verificado quando ele alcança, no processo de prática social (produção material, luta de classes ou experiência científica), resultados antecipadamente projetados. Se um homem quer ser bem-sucedido em seu trabalho, isto é, alcançar resultados que foram antecipados em seu espírito, ele deve colocar suas idéias em correspondência com as leis do mundo externo objetivo; se não houver correspondência, ele falhará em sua prática. Depois de fracassar, ele aprende sua lição, corrige suas idéias para fazê-las corresponder às leis do mundo externo, e pode assim transformar o fracasso em sucesso; esse é o significado de “o fracasso é a mãe do sucesso” e “a cada tombo, aumenta sua sabedoria”.

A teoria materialista dialética do conhecimento coloca a prática na posição primária, sustentando que o conhecimento humano não pode de forma alguma ser separado da prática, repudiando todas as teorias errôneas que negam a importância da prática ou a separação do conhecimento. Assim, Lênin dizia: “A prática é mais elevada que o conhecimento (teórico), pois ela tem não somente a dignidade

da universalidade, mas também a da realidade imediata.”<sup>1</sup> A filosofia marxista do materialismo dialético tem duas características notáveis. Uma é sua natureza de classe: reconhece abertamente que o materialismo dialético está a serviço do proletariado. A segunda é sua praticidade: enfatiza que a teoria depende da prática, nela se baseia e, em contrapartida, a ela serve. A verdade de qualquer conhecimento ou teoria não é determinada por sentimentos subjetivos, mas por resultados objetivos na prática social. Só a prática social pode ser o critério da verdade. O ponto de vista da prática é o ponto de vista primário e fundamental na teoria materialista dialética do conhecimento.<sup>2</sup>

Mas como então o conhecimento humano surge da prática, servindo-a em contrapartida? Isso se tornará claro se examinarmos o processo de desenvolvimento do conhecimento.

No processo da prática, o homem inicialmente vê apenas o lado fenomenal, os aspectos separados, as relações externas das coisas. Por exemplo, algumas pessoas de fora chegam a Yenan numa expedição de observação. Nos primeiros dois dias, vêem sua topografia, suas ruas e casas, conhecem muitas pessoas, comparecem a banquetes, festas noturnas e reuniões de massa, escutam conversas de vários tipos e lêem vários documentos. Esses são os fenômenos, os aspectos separados e as relações externas das coisas. Isso é chamado de etapa perceptiva da cognição, a saber, a etapa das percepções e impressões dos sentidos; essas coisas particulares de Yenan atuam sobre os órgãos dos sentidos dos integrantes do grupo de observação, evocam percepções sensoriais e fazem surgir, em seus cérebros, muitas impressões,

1. V.I. Lênin, “Conspectus of Hegel's *The Science of Logic*”, *Collected Works*, edição russa, Moscou, 1958, vol. XXXVIII, p.205.

2. Ver Karl Marx, “Theses on Feuerbach”, in Karl Marx e Friedrich Engels *Selected Works*, Moscou, Foreign Languages Publishing House, 1958, vol.II, p.403; e Lênin, *Materialism and Empirio-Criticism*, Moscou, Foreign Languages Publishing House, 1952, p.134-36.

junto com um rápido esboço das relações externas entre tais impressões: esse é o primeiro estágio da cognição. Nessa etapa, o homem ainda não pode formar conceitos, que são mais profundos, nem tirar conclusões lógicas.

À medida que a prática social prossegue, as coisas que dão origem às percepções e impressões sensoriais do homem, no curso de sua prática, repetem-se muitas vezes. Então uma mudança súbita (um salto) se produz no cérebro, no processo de cognição, e formam-se conceitos. Já não se trata de fenômenos, aspectos separados e relações externas das coisas; os conceitos captam a essência, a totalidade e as relações internas das coisas. Entre conceitos e percepções sensoriais não existe apenas a diferença quantitativa, mas também a qualitativa. Avançando mais, por meio do julgamento e da inferência, somos capazes de tirar conclusões lógicas. A expressão encontrada em *San Kuo Yen Yi*,<sup>3</sup> “una as sobranceiras, e um estratagema vem à mente”, ou, em linguagem cotidiana, “deixe-me pensar bem sobre isso”, refere-se à utilização pelo homem, em seu cérebro, de conceitos para formar julgamentos e inferências. Esse é o segundo estágio da cognição.

Depois de os integrantes do grupo de observação coletarem vários dados e, mais, “pensarem sobre eles”, ficam capacitados à apreciação de que “a política do Partido Comunista sobre a Frente Unida Nacional contra o Japão é radical, sincera e genuína”. Tendo feito essa apreciação, eles podem, se também forem verdadeiros em seu intento de unir-se para salvar a nação, dar mais um passo e chegar à seguinte conclusão: “A Frente Unida Nacional contra o Japão pode ter sucesso.” Esse estágio de concepção, julgamento e inferência

3. *Lendas dos Três Reinos* é um famoso romance histórico de Lo Kuan-chung (escrito entre os séculos XIV e XV).

é o mais importante em todo o processo de conhecer algo; é a etapa do conhecimento racional. A verdadeira tarefa de conhecer é, por meio da percepção, chegar ao pensamento; chegar passo a passo à compreensão das contradições internas das coisas objetivas, de suas leis e das relações internas entre um processo e outro, isto é, chegar ao conhecimento lógico.

Repetindo, o conhecimento lógico diferencia-se do conhecimento perceptivo pelo fato de o segundo referir-se aos aspectos separados, aos fenômenos e às relações externas das coisas, enquanto o conhecimento lógico dá um grande passo adiante para alcançar a totalidade, a essência e as relações internas das coisas, e desvenda as contradições internas do mundo que nos rodeia. Por essa razão, o conhecimento lógico é capaz de compreender o desenvolvimento do mundo que nos rodeia em sua totalidade, nas relações internas de todos seus aspectos.

Essa teoria materialista dialética do processo de desenvolvimento do conhecimento, que se baseia na prática e procede do mais raso ao mais profundo, jamais fora elaborada até o surgimento do marxismo. O materialismo marxista resolveu esse problema corretamente pela primeira vez, apontando de maneira tanto materialista quanto dialética o movimento aprofundado da cognição, o movimento pelo qual o homem em sociedade avança do conhecimento perceptivo até o conhecimento lógico em sua complexa e constante prática recorrente de produção e de luta de classes. Lênin disse: “A abstração da matéria, de uma lei da natureza, a abstração do valor etc., em suma, todas as abstrações científicas (corretas, sérias, não absurdas) refletem a natureza mais profunda, verdadeira e completamente.”<sup>4</sup>

4. Lênin, “Conspectus of Hegel’s *The Science of Logic*”, p.161.

O marxismo-leninismo sustenta que cada um dos dois estágios no processo de cognição tem suas características próprias, com o conhecimento manifestando-se como perceptivo na etapa inferior, e lógico na superior, sendo ambas, porém, estágios de um processo integrado de cognição. O perceptivo e o racional são qualitativamente diferentes, embora não divorciados um do outro, mas unidos no fundamento da prática. Nossa prática prova que o percebido não pode ser imediatamente compreendido e que somente o que é compreendido pode ser mais profundamente percebido. A percepção soluciona apenas o problema dos fenômenos; o da essência só a teoria pode resolver. A solução de ambos os problemas não é separável da prática no mais ínfimo grau. Quem quiser conhecer algo não tem outra forma de fazê-lo senão entrando em contato com ele, isto é, vivendo (praticando) em seu meio.

Na sociedade feudal, era impossível conhecer antecipadamente as leis da sociedade capitalista porque o capitalismo ainda não tinha surgido; faltava, portanto, a prática necessária para isso. O marxismo só poderia ter sido produto da sociedade capitalista. Marx, na era do capitalismo do *laissez-faire*, não poderia conhecer concretamente, de antemão, certas leis peculiares à era do imperialismo, porque o imperialismo, último estágio do capitalismo, ainda não surgira, e, assim, faltava a prática para tal. Só Lênin e Stálin puderam assumir essa tarefa. Deixando de lado sua genialidade, Marx, Engels, Lênin e Stálin puderam elaborar suas teorias sobretudo porque participaram pessoalmente na prática da luta de classes e da experimentação científica de seu tempo. Sem essa condição, nenhum gênio teria tido sucesso.

O ditado “Sem sair de sua casa o sábio conhece todas as questões do amplo mundo” não passa de meras palavras vazias nos tempos idos em que a tecnologia não se desenvolvera. Mesmo que esse ditado possa ser válido na presente era de desenvolvimento da tecnologia, aqueles com verdadeiro conhecimento pessoal são os empenhados na prática em todo o amplo mundo. Somente depois que essas pessoas tenham chegado a “conhecer”, através de sua prática, e que seu conhecimento tenha alcançado o “sábio”, através da escrita e dos meios técnicos, pode este, indiretamente, “conhecer todas as questões do amplo mundo”.

Se você quiser conhecer certa coisa ou certa classe de coisas diretamente, precisará participar pessoalmente da luta prática para transformar a realidade, para transformar aquela coisa ou classe de coisas, pois só assim você poderá entrar em contato com elas como fenômenos. Apenas pela participação pessoal na luta prática para transformar a realidade você pode descobrir a essência daquela coisa ou classe de coisas e compreendê-las. Esse é o caminho para o conhecimento que todo homem na verdade percorre, apesar de algumas pessoas, distorcendo deliberadamente os fatos, argumentarem o contrário.

A pessoa mais ridícula do mundo é o “sabe-tudo” que junta um monte de conhecimentos superficiais e se proclama a “autoridade mundial número um”; o que apenas mostra que não é boa auto-avaliação. O conhecimento é uma questão de ciência, e nenhuma desonestidade ou arrogância é permissível. O que se requer é definitivamente o oposto – honestidade e modéstia. Se quiser conhecimento, você deve participar da prática de transformar a realidade. Se quiser saber o gosto de uma pêra, deve transformar a pêra, comendo-a. Se quiser conhecer a estrutura e as propriedades do átomo, deve fazer experiências físicas e químicas para lhe transformar o estado. Se quiser conhecer a teoria e os métodos da revolução, dela deve tomar parte. Todo conhecimento genuíno tem origem na experiência direta.

Não se pode, porém, ter experiência direta em tudo; na verdade, a maior parte de nosso conhecimento vem da experiência indireta, como, por exemplo, todo aquele que diz respeito a tempos passados e terras estrangeiras. Para nossos ancestrais e para os estrangeiros, tal conhecimento era – ou é – uma questão de experiência direta, e esse conhecimento é confiável se, no curso da experiência direta deles, a exigência de “abstração científica”, posta por Lênin, foi – ou é – cumprida, e a realidade objetiva cientificamente refletida; senão, esse conhecimento não é confiável. Por essa razão, o conhecimento de um homem consiste apenas em duas partes, a que vem da experiência direta e a que vem da experiência indireta. Além disso, o que é experiência indireta para mim é experiência direta para outras pessoas.

Por conseguinte, considerado um todo, o conhecimento de qualquer tipo é inseparável da experiência direta. Todo conhecimento se

origina da percepção do mundo externo objetivo através dos órgãos sensoriais físicos do homem. Qualquer pessoa que negue tal percepção, a experiência direta ou a participação pessoal na prática que muda a realidade, não é materialista. Por isso o “sabe-tudo” é ridículo. Existe um velho ditado chinês, verdadeiro para a prática do homem e também para a teoria do conhecimento: “Como pegar filhotes de tigre sem entrar na toca do tigre?” – não pode haver conhecimento separado da prática.

Para esclarecer o movimento materialista dialético de cognição, que advém da prática que transforma a realidade, o movimento de cognição que gradualmente se aprofunda, alguns exemplos concretos adicionais são dados a seguir.

Em seu conhecimento da sociedade capitalista, o proletariado estava apenas na etapa perceptiva da cognição, no primeiro estágio de sua prática: o estágio de destruição das máquinas e das lutas espontâneas. Só conhecia alguns dos aspectos e as relações externas dos fenômenos do capitalismo. O proletariado de então era ainda uma “classe em si”. Ao alcançar o segundo período de sua prática, o período das lutas políticas e econômicas conscientes e organizadas, o proletariado foi, entretanto, capaz de compreender a essência da sociedade capitalista, as relações de exploração entre as classes sociais e sua própria tarefa histórica. E graças a sua própria prática e por conta de sua experiência da luta prolongada que Marx e Engels resumiram isso cientificamente em toda sua variedade, para criar a teoria do marxismo e educar o proletariado. Foi então que o proletariado se tornou uma “classe para si”.

O mesmo acontece com o conhecimento do povo chinês sobre o imperialismo. O primeiro estágio foi de conhecimento superficial, perceptivo, como revelam as lutas indiscriminadas contra estrangeiros do Movimento do Reino dos Céus de Taiping, do Movimento Yi Ho Tuan e outros. Só no segundo estágio o povo chinês alcançou a etapa de conhecimento racional, viu as contradições internas e externas do imperialismo e entendeu a verdade essencial de que o imperialismo se aliara à classe feudal e aos *compradors* da China para oprimir e explorar as grandes massas do povo chinês. Esse conhecimento começou a ganhar corpo na época do Movimento 4 de Maio, em 1919.

Em seguida, consideremos a guerra. Se aqueles que lideram uma guerra não têm experiência dela, na etapa inicial não compreenderão as leis profundas relativas à direção de uma guerra específica (tal como nossa Guerra Revolucionária Agrária da última década). Nessa etapa, só passarão por muitas lutas e, além disso, sofrerão muitas derrotas. Mas essa experiência (a experiência de batalhas ganhas e, especialmente, perdidas) os capacita a compreender o fio condutor inerente à guerra em seu conjunto, isto é, as leis daquela guerra específica, para entender sua estratégia e táticas e, conseqüentemente, dirigir a guerra com confiança. Se, nesse momento, o comando é entregue a uma pessoa inexperiente, então ela também deverá sofrer uma série de derrotas (ganhar experiência), antes que possa compreender as verdadeiras leis da guerra.

“Não estou seguro de que possa lidar com isso.” Frequentemente escutamos esta observação quando um camarada hesita em aceitar uma tarefa. Por que está ele inseguro? Porque não tem compreensão sistemática do conteúdo e das circunstâncias da tarefa, ou porque teve pouco ou nenhum contato com aquele trabalho, e assim as leis que o governam estão fora de seu alcance. Depois de detalhada análise da natureza e das circunstâncias da tarefa, ele se sentirá mais seguro de si mesmo e a assumirá com disposição. Se passar algum tempo fazendo aquilo e ganhar experiência, e se for uma pessoa que está desejosa de examinar as questões com a mente aberta, e não alguém que encara os problemas de maneira subjetiva, unilateral e superficial, então ele poderá tirar conclusões por si mesmo sobre como cumprir a tarefa e encará-la com mais coragem.

Só os subjetivistas, unilaterais e superficiais em seu enfoque dos problemas darão ordens ou fixarão diretivas, presunçosamente, no momento em que chegam, sem considerar as circunstâncias, sem ver as coisas em sua totalidade (sua história e seu estado presente como um todo) e sem chegar à essência das coisas (sua natureza e as relações internas entre uma coisa e outra). Tais pessoas estão destinadas a tropeçar e cair.

Assim, podemos ver que o primeiro passo no processo da cognição é fazer contato com os objetos do mundo externo, o que pertence ao estágio da percepção. O segundo passo é sintetizar os dados da percepção arrumando-os e reconstruindo-os, o que pertence ao estágio da concepção, juízo e inferência. Somente quando os dados da percepção são

muito ricos (não-fragmentários) e correspondem à realidade (não são ilusórios) podem constituir base para formar conceitos e teorias corretos.

Dois pontos importantes devem ser enfatizados aqui. O primeiro, que já foi mencionado, mas deve ser repetido, é que o conhecimento racional depende do conhecimento perceptivo. Quem pensar que o conhecimento racional não precisa derivar do conhecimento perceptivo é idealista. Na história da filosofia, existe a escola “racionalista”, que só admite a realidade pela razão, e não pela experiência, acreditando que só a razão é confiável, ao passo que a experiência perceptiva não o é, essa escola se equivoca por colocar as coisas de cabeça para baixo. O racional é confiável precisamente porque tem sua fonte em percepções sensoriais; de outro modo seria como água sem fonte, árvore sem raízes, subjetiva, auto-engendrada e não confiável.

A experiência perceptiva vem em primeiro lugar na seqüência do processo da cognição: enfatizamos o significado da prática social no processo da cognição precisamente porque somente a prática social pode fazer surgir o conhecimento humano e somente ela pode fazer com que o homem adquira experiência perceptiva do mundo objetivo. Para uma pessoa que fecha os olhos, tapa os ouvidos e se isola totalmente do mundo objetivo, não pode haver conhecimento. O conhecimento começa com a experiência – esse é o materialismo da teoria do conhecimento.

O segundo ponto é que o conhecimento deve ser aprofundado, que o estágio perceptivo do conhecimento precisa ser desenvolvido até o estágio racional – essa é a dialética da teoria do conhecimento.<sup>5</sup> Pensar que o conhecimento pode

5. “Para compreender, é necessário começar empiricamente a compreender, estudar, para ascender do empirismo ao universal”, *ibid.*, p.197.

parar na etapa perceptiva, mais baixa, e que o conhecimento perceptivo por si só é confiável, enquanto o conhecimento racional não o é, seria repetir o erro histórico do “empirismo”. Essa teoria erra ao não entender que, embora os dados da percepção reflitam certas realidades no mundo objetivo (não estou falando aqui a respeito do empirismo idealista que confina a experiência à assim chamada introspecção), eles são meramente unilaterais e superficiais, refletindo coisas de modo incompleto e sem sua essência.

Para refletir algo em sua totalidade – sua essência e suas leis inerentes –, é necessário, através do exercício do pensamento, reconstruir os ricos dados da percepção sensorial, descartando as impurezas e selecionando o essencial, eliminando o falso e retendo o verdadeiro, emanando de um para o outro e de fora para dentro, a fim de formar um sistema de conceitos e teorias – é necessário, enfim, dar um salto do conhecimento perceptivo para o racional. Tal conhecimento reconstruído não é mais vazio ou menos confiável; pelo contrário, o que quer que tenha sido reconstruído de modo científico no processo da cognição, com fundamento na prática, reflete a realidade objetiva, como disse Lênin, mais profunda, mais verdadeiramente, mais completamente. Em oposição a isso, “homens práticos” comuns respeitam a experiência, mas desprezam a teoria, e assim não podem ter visão compreensiva de um processo objetivo em sua totalidade, não têm direção clara e perspectiva de longo alcance, mostrando-se complacentes sobre sucessos ocasionais e breves vislumbres da verdade. Se tais pessoas dirigissem uma revolução, elas a levariam a um beco sem saída.

O conhecimento racional depende do conhecimento perceptivo, que precisa ser desenvolvido até o plano do conhecimento racional – essa é a teoria materialista dialética do conhecimento. Em filosofia, nem o “racionalismo” nem o “empirismo” entendem a natureza histórica ou dialética do conhecimento, e, muito embora cada uma dessas escolas contenha um aspecto da verdade (aqui estou me referindo ao materialismo, não a idealismo, racionalismo ou empirismo), ambas estão erradas no que diz respeito à teoria do conhecimento como um todo. O movimento materialista dialético de conhecimento do perceptivo para o racional permanece correto tanto para um processo de



cognição menor (por exemplo, conhecer coisa ou tarefa única) como para um processo maior de cognição (por exemplo, conhecer uma sociedade inteira ou uma revolução).

O movimento do conhecimento, porém, não acaba aqui. Se o movimento materialista dialético do conhecimento parasse no conhecimento racional, apenas a metade do problema teria sido enfrentada. E, no que concerne à filosofia marxista, apenas a metade menos importante. A filosofia marxista sustenta que o mais importante problema não está em entender as leis do mundo objetivo e, assim, ser capaz de explicá-lo, mas em aplicar ativamente o conhecimento dessas leis para transformar o mundo. Do ponto de vista marxista, a teoria é importante, e sua importância está plenamente expressa na seguinte afirmação de Lênin: “Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário.”<sup>6</sup>

O marxismo, contudo, enfatiza a importância da teoria só e precisamente porque ela pode guiar a ação. Se tivermos uma teoria correta, mas meramente falarmos a seu respeito, ou a arquivarmos, e não a pusermos em prática, então aquela teoria, mesmo que seja boa, não tem nenhum significado. O conhecimento começa com a prática, e o conhecimento teórico é adquirido pela prática e a ela deve retornar. A função ativa do conhecimento não se manifesta apenas no salto ativo do conhecimento perceptivo ao conhecimento racional, mas – e isso é mais importante – deve manifestar-se no salto do conhecimento racional para a prática revolucionária. O conhecimento que capta as leis do mundo deve ser redirecionado para a prática de transformar o mundo, deve

6. Lênin, *What is to Be Done?*, in *Collected Works*, Moscou, Foreign Languages Publishing House, 1961, vol.V, p.369.

ser aplicado outra vez na prática da produção, na prática da luta de classes revolucionária e da luta nacional revolucionária, bem como na prática da experimentação científica.

Esse é o processo de testar e desenvolver a teoria, a continuação de todo o processo da cognição. O problema de saber se a teoria corresponde à realidade objetiva não é, nem pode ser, completamente solucionado no mencionado movimento do conhecimento, do perceptivo ao racional. A única forma de resolver completamente o problema é redirecionar o conhecimento racional para a prática social, aplicar a teoria à prática e ver se ela pode atingir os objetivos que temos em mente. Muitas teorias de ciências naturais são tomadas por verdadeiras não porque assim foram consideradas quando os cientistas naturais as criaram, mas porque foram verificadas em práticas científicas subseqüentes.

De maneira similar, o marxismo-leninismo é tido por verdadeiro não porque foi assim considerado quando cientificamente formulado por Marx, Engels, Lênin e Stálin, mas porque foi comprovado na subseqüente prática da luta de classes revolucionária e da luta nacional revolucionária. O materialismo dialético é universalmente verdadeiro porque é impossível para qualquer um escapar ao domínio dele em sua prática. A história do conhecimento humano nos conta que a verdade de muitas teorias é incompleta e que essa incompletude é remediada pela prática. Muitas teorias são erradas, e é pelo crivo da prática que seus erros são corrigidos. Por isso a prática é o critério da verdade, e por isso “o ponto de vista da vida, da prática, deve ser primeiro e fundamental na teoria do conhecimento”.<sup>7</sup> Stálin disse

7. Lênin, *Materialism and Empirio-Criticism*, p.141.

muito bem: “A teoria não tem objetivo se não é conectada à prática revolucionária, assim como a prática anda às cegas na escuridão se seu caminho não é iluminado pela teoria revolucionária.”<sup>8</sup>

Quando chegamos a esse ponto, o movimento do conhecimento está completo? Nossa resposta é: está e no entanto não está. Quando os homens em sociedade lançam-se à prática de transformar determinado processo objetivo (seja natural ou social) em certa etapa de seu desenvolvimento, eles podem, como resultado da reflexão do processo objetivo em seus cérebros e do exercício de sua atividade subjetiva, fazer avançar seu conhecimento do perceptivo ao racional e criar idéias, teorias, planos e programas que correspondam em geral às leis do processo objetivo. Eles então aplicam essas idéias, teorias, planos ou programas à prática, ao próprio processo objetivo. E se podem realizar os objetivos que têm em mente, isto é, se naquele mesmo processo de prática podem traduzir em fatos, ou no geral traduzir aquelas idéias, teorias, planos e programas previamente formulados, então o movimento do conhecimento pode ser considerado completo com respeito a esse processo particular.

No processo de transformar a natureza, tome-se por exemplo a realização de um plano de engenharia, a verificação de uma hipótese científica, a manufatura de um implemento ou a colheita de uma safra; ou, no processo de transformar a sociedade, tomem-se, por exemplo, a vitória de uma greve, a vitória numa guerra ou o cumprimento de um plano educacional. Todas essas podem ser consideradas realizações de objetivos que temos em mente. Mas, falando de modo

8. J.V. Stálin, “The Foundations of Leninism”, in *Problems of Leninism*, Moscou, Foreign Languages Publishing House, 1954, p.31.

geral, tanto na prática de transformar a natureza quanto na de transformar a sociedade, idéias, teorias, planos ou programas do homem raramente são realizados sem alguma alteração.

Isso porque as pessoas empenhadas em transformar a realidade estão em geral sujeitas a numerosas limitações – não só pelas condições tecnológicas e científicas existentes, mas também pelo desenvolvimento do próprio processo objetivo e pelo grau em que esse processo se tornou manifesto (os aspectos e a essência do processo objetivo ainda não foram totalmente revelados). Em tal situação, idéias, teorias, planos ou programas costumam ser alterados em parte e algumas vezes até na totalidade, por causa da descoberta de circunstâncias imprevistas no curso da prática, ou seja, pode acontecer que idéias, teorias, planos ou programas deixem de corresponder à realidade no todo ou em parte e se mostrem total ou parcialmente incorretos.

Em muitas instâncias, as falhas têm de ser repetidas muitas vezes antes que os erros de conhecimento possam ser corrigidos, e a correspondência com as leis do processo objetivo, alcançada, e, conseqüentemente, antes que o subjetivo possa ser transformado no objetivo ou, em outras palavras, antes que os resultados antecipados possam ser alcançados na prática. Quando, porém, esse ponto é alcançado, não importa como, o movimento do conhecimento humano com respeito a certo processo objetivo em dada etapa de seu desenvolvimento pode ser considerado completo.

No entanto, no que se refere à progressão do processo, o movimento do conhecimento humano não está completo. Cada processo, tanto no âmbito da natureza como no da sociedade, progride e se desenvolve por conta da contradição e da luta internas, e o movimento do conhecimento humano deveria progredir e desenvolver-se com ele. No que se refere aos movimentos sociais, os verdadeiros líderes revolucionários devem não só estar prontos para corrigir suas idéias, teorias, seus planos ou programas quando os erros são descobertos, como foi indicado acima, mas quando um certo processo objetivo já progrediu e mudou de um estágio de desenvolvimento para outro, igualmente devem estar prontos a fazer com que eles próprios e todos os seus camaradas revolucionários possam progredir e transformar-se, com relação

a seu conhecimento subjetivo, junto com o processo. Isso quer dizer que os chefes revolucionários devem assegurar que as novas tarefas revolucionárias e os novos programas de trabalho propostos correspondam às novas mudanças na situação. Em período revolucionário, a situação muda muito rapidamente; se o conhecimento dos revolucionários não mudar no ritmo e de acordo com a nova situação, eles serão incapazes de levar a revolução à vitória.

É freqüente, porém, o pensamento atrasar-se com relação à realidade, porque a cognição humana é limitada por numerosas condições sociais. Nós nos opomos aos sectários nas fileiras revolucionárias, cujo pensamento não é capaz de avançar com as circunstâncias objetivas cambiantes e têm-se manifestado historicamente como oportunismo de direita. Essas pessoas não conseguem ver que a luta dos contrários já fez avançar o processo objetivo e que seu conhecimento parou na etapa anterior. Isso é característico do pensamento de todos os sectários: seu pensamento está divorciado da prática social, e eles não podem marchar adiante e guiar a carroça da sociedade; simplesmente encontram-se atrás dela, resmungando quanto a seu ritmo muito rápido e tentando puxá-la para trás ou redirecioná-la no sentido contrário.

Opomo-nos igualmente aos “esquerdistas”, com suas frases bombásticas, e cujo pensamento está sempre mais à frente de uma dada etapa de desenvolvimento do processo objetivo. Alguns consideram verdade suas fantasias, outros lutam para realizar no presente um ideal que só pode ser realizado no futuro. Alienam-se da prática corrente da maioria do povo e das realidades do presente, mostrando-se aventureiros em suas ações.

Idealismo e materialismo mecânico, oportunismo e aventureirismo caracterizam-se pela brecha entre o subjetivo e o objetivo, pela separação entre conhecimento e prática. A teoria marxista-leninista do conhecimento, caracterizada pela prática social científica, só pode opor-se resolutamente a essas ideologias errôneas. Os marxistas reconhecem que, no processo de desenvolvimento do Universo, absoluto e geral, o desenvolvimento de cada processo particular é relativo, e que, por essa razão, no fluxo infinito da verdade absoluta, o conhecimento do homem sobre um processo particular em qualquer etapa dada

de desenvolvimento é apenas uma verdade relativa. A soma total de inumeráveis verdades relativas constitui a verdade absoluta.<sup>9</sup>

O desenvolvimento de um processo objetivo é permeado de contradições e lutas, e também assim é o desenrolar do movimento do conhecimento humano. Todos os movimentos dialéticos do mundo objetivo podem, mais cedo ou mais tarde, se refletir no conhecimento humano. Na prática social, o processo de vir-a-ser, desenvolver-se e terminar é infinito, e assim também o processo de vir-a-ser, desenvolver-se e terminar no conhecimento humano. Enquanto a prática do homem, que transforma a realidade objetiva de acordo com idéias, teorias, planos ou programas dados, avança mais e mais, seu conhecimento da realidade objetiva também se torna mais e mais profundo. O movimento de transformação no mundo da realidade objetiva nunca chega ao fim, e assim também é a cognição humana da verdade por meio da prática. O marxismo-leninismo de nenhuma forma exauriu a verdade, mas abre sem cessar caminhos para o conhecimento da verdade no decorrer da prática. Nossa conclusão é a unidade histórica, concreta, do objetivo e do subjetivo, da teoria e da prática, do conhecer e do fazer. Opomo-nos a todas as ideologias errôneas, tanto de direita como de esquerda, que se afastam da história concreta.

Na atual época de desenvolvimento da sociedade, a responsabilidade de conhecer e transformar corretamente o mundo foi colocada, pela história, sobre os ombros do proletariado e seu partido. Esse processo, a prática de transformar o mundo, que é determinado de acordo com o

9. Ver Lênin, *Materialism and Empirio-Criticism*, p.129-36.

conhecimento científico, já alcançou um dado momento histórico no mundo e na China, um grande momento sem precedentes na história humana, isto é, o momento de banir completamente a escuridão do mundo e da China, transformando-os num mundo de luz como nunca existiu antes. A luta do proletariado e do povo revolucionário para transformar o mundo compreende a realização das seguintes tarefas: transformar o mundo objetivo e, ao mesmo tempo, transformar seu próprio mundo subjetivo – para transformar sua capacidade cognitiva e mudar as relações entre o mundo objetivo e o subjetivo.

Tal transformação já aconteceu numa parte do globo, na União Soviética. Lá o povo está fazendo avançar o processo de transformações. O povo da China e o resto do mundo já estão atravessando ou irão atravessar tal processo. E o mundo objetivo que deve ser transformado também inclui os que se opõem à transformação, os quais, para ser transformados, terão de passar por uma etapa em que se verão forçados a isso, antes que possam ingressar na etapa de transformação consciente, voluntária. A época do comunismo mundial será alcançada quando toda a humanidade, voluntária e conscientemente, transformar-se e transformar o mundo.

Descobrir a verdade pela prática e, de novo pela prática, verificar e desenvolver a verdade. Começar pelo conhecimento perceptivo e desenvolvê-lo ativamente em conhecimento racional; então partir do conhecimento racional e conduzir ativamente a prática revolucionária para transformar tanto o mundo objetivo como o subjetivo. Prática, conhecimento, de novo a prática e de novo o conhecimento. Essa forma se repete em ciclos sem fim, e com cada ciclo o conteúdo de prática e conhecimento eleva-se a nível superior. Essa é, em seu todo, a teoria materialista dialética do conhecimento e da unidade do saber e do fazer.

# 4



## Sobre a contradição

Agosto de 1937

1. Lênin, "Conspectus of Hegel's Lectures on the History of Philosophy", *Collected Works*, edição russa, Moscou, 1958, vol. XXXVIII, p.249.

2. Em seu ensaio "Sobre a questão da dialética", Lênin dizia: "A divisão em dois de um único todo e a cognição de suas partes contraditórias (ver a citação de Filon sobre Heráclito no começo da seção 3, "Sobre cognição", no livro de Lassal e sobre Heráclito) é a essência (uma das "essenciais", uma das principais, se não a principal característica ou aspecto) da dialética. (*Collected Works*, edição russa, Moscou, 1958, vol.XXXVIII, p.357). Em seu "Conspectus of Hegel's *The Science of Logic*", afirmava: "Em resumo, a dialética pode ser definida como a doutrina da unidade dos contrários. Isso abarca o núcleo da dialética, mas requer explicações e desenvolvimento" (p.215).

*Este ensaio sobre filosofia foi escrito pelo camarada Mao Tsé-Tung depois de seu trabalho "Sobre a prática" e com o mesmo objetivo de superar o sério erro do pensamento dogmático que então afetava o Partido. Originalmente apresentado como conferências no Colégio Militar e Político Antijaponês em Yenan, foi revisado pelo autor ao ser incluído em suas Obras escolhidas.*

A lei da contradição nas coisas, isto é, a lei da unidade dos contrários, é a lei básica da dialética materialista. Lênin disse: "Dialética, no sentido próprio, é o estudo da contradição na pura essência dos objetos."<sup>1</sup> Lênin frequentemente chamava essa lei de essência da dialética; também a chamava de núcleo da dialética.<sup>2</sup> Ao estudar essa lei, portanto, não deixaremos de abordar uma variedade de questões, muitos problemas filosóficos. Se pudermos ter clareza de todos esses problemas, chegaremos à compreensão fundamental da dialética materialista. Os problemas são: as duas perspectivas do mundo, a universalidade da contradição, a particularidade da

contradição, a contradição principal e o aspecto principal de uma contradição, a identidade e a luta dos aspectos de uma contradição, e o lugar do antagonismo na contradição.

A crítica a que foi sujeito o idealismo da escola de Deborin\* nos círculos filosóficos soviéticos, em anos recentes, despertou grande interesse entre nós. O idealismo de Deborin exerceu muita influência sobre o Partido Comunista Chinês, e não se pode dizer que o pensamento dogmático em nosso Partido não esteja relacionado com o enfoque daquela escola. Nosso presente estudo de filosofia deve, portanto, ter a erradicação do pensamento dogmático como objetivo principal.

### 1. As duas perspectivas do mundo

Ao longo da história do conhecimento humano, existiram duas concepções concernentes à lei de desenvolvimento do Universo, a concepção metafísica e a concepção dialética, que formam duas perspectivas opostas do mundo. Lênin disse:

As duas concepções básicas (ou duas possíveis? ou duas historicamente observáveis?) do desenvolvimento (evolução) são: desenvolvimento como diminuição e aumento, como repetição, e desenvolvimento como a unidade dos contrários (a divisão de uma unidade em contrários mutuamente exclusivos e sua relação recíproca).<sup>3</sup>

Aqui Lênin se referia a essas perspectivas diferentes do mundo.

\* Abram Moiseiéovich Deborin (1881-1963): filósofo marxista russo, participou ativamente da revolução. Propunha o resgate, pelo marxismo, da filosofia hegeliana. (N.T.)

Na China, outro nome para metafísica é *hsuan-hsueh*. Por um longo período na história, tanto na China como na Europa, essa forma de pensar – parte essencial da perspectiva idealista do mundo – ocupou posição dominante no pensamento humano. Na Europa, o materialismo da burguesia, no início, também era metafísico. Quando a economia social de muitos países europeus avançou para a etapa de capitalismo altamente desenvolvido, quando as forças de produção, a luta de classes e as ciências progrediram em nível sem precedentes na história, e quando o proletariado industrial se tornou a maior força motora do desenvolvimento histórico, aí então apareceu a perspectiva marxista do mundo, o materialismo dialético. Assim, somando-se ao idealismo reacionário aberto e de cara limpa, o evolucionismo vulgar surge entre a burguesia para opor-se à dialética materialista.

A perspectiva metafísica – ou evolucionista vulgar – do mundo vê as coisas isoladas, estáticas e unilaterais. Considera tudo do Universo, suas formas e suas espécies eternamente isolados uns dos outros e imutáveis. Assim, a mudança somente pode ser aumento ou diminuição na quantidade ou mudança de lugar. Mais ainda, a causa de tal aumento ou diminuição, ou mudança de lugar, não está dentro das coisas, mas fora, isto é, a força motora é externa.

Os metafísicos sustentam que todas as diferentes espécies de coisas no Universo e todas as suas características sempre foram as mesmas desde que começaram a existir. Todas as mudanças subseqüentes não passaram de simples aumentos ou diminuições nas quantidades. Argumentam que uma coisa só pode continuar repetindo a si mesma como o mesmo tipo de coisa, e não se pode transformar em nada diferente. Na opinião deles, a exploração capitalista, a concorrência capitalista, a ideologia individualista da sociedade capitalista etc. podem ser todas encontradas na antiga sociedade escravista ou até na sociedade primitiva, e existirão para sempre, imutáveis. Eles atribuem as causas do desenvolvimento social a fatores externos à sociedade, tais como geografia e clima. Procuram, de forma extremamente simplificada, fora de algo, as causas de seu desenvolvimento, e negam a teoria da dialética materialista, a qual sustenta que o desenvolvimento surge das contradições dentro de algo. Conseqüentemente, não podem explicar a diver-

3. Lênin, "On the Question of Dialectics", p.358.

tidade qualitativa das coisas, nem o fenômeno de uma qualidade transformando-se em outra.

Na Europa, esse modo de pensar existiu como materialismo mecânico nos séculos XVII e XVIII, e como evolucionismo vulgar no final do século XIX e princípio do século XX. Na China, havia o pensamento metafísico exemplificado no ditado "O céu não muda, do mesmo modo o *Tao* não muda",<sup>4</sup> que por longo tempo foi apoiado pelas decadentes classes dominantes feudais. O materialismo mecânico e o evolucionismo vulgar, importados da Europa nos últimos 100 anos, são apoiados pela burguesia.

Em oposição à perspectiva metafísica do mundo, a perspectiva do mundo da dialética materialista sustenta que, para entender o desenvolvimento de uma coisa, devemos estudá-la internamente e em suas relações com outras coisas; em outras palavras, o desenvolvimento das coisas deve ser visto como seu automovimento interno e necessário, enquanto cada coisa em seu movimento está inter-relacionada e interage com as coisas a sua volta. A causa fundamental do desenvolvimento de uma coisa não é externa, mas interna; e está no aspecto contraditório interior à coisa. Existe contradição interna em tudo, e isso determina seu movimento e desenvolvimento. O aspecto contraditório no interior de uma coisa é a causa fundamental de seu desenvolvimento, enquanto as inter-relações e interações com outras coisas são causas secundárias. Portanto, a dialética materialista efetivamente combate a teoria das causas externas, ou de uma força motriz externa, proposta pelo materialismo mecânico metafísico e pelo evolucionismo vulgar.

É evidente que causas puramente externas só podem criar movimento mecânico, isto é, mudanças em escala ou quantidade, mas não explicar por que as coisas diferem qualitativamente em milhares de formas e por que uma coisa se transforma em outra. Na verdade, até o movimento mecânico criado por uma força externa ocorre por meio do aspecto contraditório interno das coisas. O simples crescimento das plantas e dos animais, seu desenvolvimento quantitativo, são, do mesmo modo, sobretudo o resultado de suas contradições internas. De modo similar, o desenvolvimento social se deve principalmente a causas internas, e não externas.

Países com condições climáticas e geográficas quase iguais mostram grande diversidade e disparidade em seu desenvolvimento. Além disso, as grandes transformações sociais podem ter lugar num mesmo país ainda que sua geografia e seu clima permaneçam iguais. A Rússia imperialista transformou-se na União Soviética, e o Japão feudal, que havia trancado suas portas para o mundo, transformou-se no Japão imperialista, ainda que nenhuma mudança tenha ocorrido na geografia ou no clima desses dois países.

Há muito dominada pelo feudalismo, a China sofreu grandes transformações nos últimos 100 anos e agora está mudando na direção de uma nova China, liberada e livre, e mesmo assim nenhuma alteração ocorreu em sua geografia e seu clima. As mudanças acontecem na geografia e no clima da Terra como um todo e em suas regiões, mas são insignificantes quando comparadas às mudanças na sociedade; as alterações geográficas e climáticas manifestam-se em termos de dezenas de milhares de anos, enquanto as sociais se manifestam em milhares, centenas ou dezenas de anos, e mesmo em alguns anos ou meses, em tempos de revolução. De acordo com a dialética materialista, as mudanças na natureza se devem principalmente ao desenvolvimento de suas contradições internas.

As transformações na sociedade são resultado sobretudo do desenvolvimento de suas contradições internas, isto é, a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, entre as classes, e entre o velho e o novo; é o desenvolvimento dessas contradições que empurra a sociedade para adiante e dá ímpeto para a substituição da velha sociedade pela nova.

4. Afirmação de Tung Chung-shu (179-104 a.C.), conhecido expoente do confucionismo na dinastia Han.

A dialética materialista exclui as causas externas? De forma alguma. Ela sustenta que as causas externas são a condição da mudança, e que as causas internas são a base da mudança, e que as causas externas se tornam operativas por meio das causas internas. Sob temperatura adequada, um ovo transforma-se numa galinha, mas nenhuma temperatura pode transformar uma pedra numa galinha, porque suas bases são diferentes. Existe constante interação entre os povos de países diferentes. Na era do capitalismo, e em especial na era do imperialismo e da revolução proletária, a interação e o mútuo impacto de diferentes países nas esferas cultural, econômica e política são extremamente grandes.

A Revolução Socialista de Outubro introduziu nova época na história do mundo, assim como na história da Rússia. Ela exerceu influência sobre as mudanças internas nos outros países do mundo e, de modo similar e particularmente profundo, sobre as mudanças internas na China. Essas mudanças, no entanto, foram efetuadas pelas leis internas de desenvolvimento desses países, incluindo a China. Na batalha, um exército é vitorioso, e outro, derrotado; tanto a vitória como a derrota são determinadas por causas internas. Um é vitorioso por ser forte ou pela competência de seus generais; o outro é vencido porque é fraco ou porque seus generais são incompetentes. É pelas causas internas que as externas se tornam operativas.

Na China, em 1927, a derrota do proletariado pela grande burguesia aconteceu graças ao oportunismo no interior do próprio proletariado chinês (do Partido Comunista Chinês). Quando liquidamos esse oportunismo, a Revolução Chinesa continuou seu avanço e, mais tarde, novamente sofreu severas derrotas nas mãos do inimigo, porque o aventureirismo crescera nas fileiras de nosso Partido. Quando liquidamos o aventureirismo, nossa causa avançou uma vez mais. Assim, podemos ver que, para levar a revolução à vitória, um partido político deve depender da correção de sua própria linha política e da solidez de sua própria organização.

A perspectiva dialética do mundo apareceu em tempos antigos, tanto na China como na Europa. A dialética antiga, no entanto, tinha caráter de certo modo espontâneo e ingênuo. Nas condições históricas e sociais que então prevaleciam, ela ainda não era capaz de formar um

sistema teórico, assim, não pôde explicar completamente o mundo, e foi suplantada pela metafísica. O famoso filósofo alemão Hegel, que viveu no final do século XVIII e começo do século XIX, deu contribuições muito importantes para a dialética, mas sua dialética era idealista. Só quando Marx e Engels, os grandes protagonistas do movimento proletário, sintetizaram os enganos positivos na história do conhecimento humano e, em particular, absorveram criticamente os elementos racionais da dialética hegeliana e criaram a grande teoria do materialismo histórico e dialético, ocorreu uma revolução sem precedentes na história do conhecimento humano. Essa teoria foi desenvolvida mais tarde por Lênin e Stálin. Logo que se espalhou pela China e causou extraordinárias mudanças no mundo do pensamento chinês.

Essa perspectiva dialética do mundo nos ensina basicamente como observar e analisar o movimento dos contrários em diferentes coisas e, com base em tal análise, indica os métodos para resolver as contradições. Portanto, é muito importante para nós entender a lei da contradição nas coisas de modo concreto.

## 2. A universalidade da contradição

Por conveniência de exposição, tratarei primeiro da universalidade da contradição e em seguida da particularidade da contradição. A razão para tanto é que a universalidade da contradição se pode explicar de forma mais breve, pois foi amplamente reconhecida desde que a perspectiva materialista dialética do mundo foi descoberta, e a dialética materialista aplicada, com grande sucesso, para analisar muitos aspectos da história humana e da história natural, e para mudar muitos aspectos da sociedade e da natureza (como na União Soviética), pelos grandes criadores e continuadores do marxismo – Marx, Engels, Lênin e Stálin –, considerando que a particularidade da contradição ainda não está de todo entendida por muitos camaradas, em especial pelos dogmáticos. Eles não compreendem que é precisamente na particularidade da contradição que reside sua universalidade. Também não compreendem como é importante o estudo da particularidade da con-

tradição nas coisas concretas que nos confrontam para guiar o curso da prática revolucionária. Portanto, é necessário enfatizar o estudo da particularidade da contradição e explicá-lo na medida adequada. Por essa razão, em nossa análise da lei da contradição nas coisas, primeiro analisaremos a universalidade da contradição, depois daremos especial ênfase à análise da particularidade da contradição, e finalmente retornaremos à universalidade da contradição.

A universalidade ou o absoluto da contradição tem duplo sentido. Um é que a contradição existe no processo de desenvolvimento de todas as coisas, e o outro é que no processo de desenvolvimento de cada coisa um movimento de contrários existe do começo até o fim.

Engels disse: "O próprio movimento é uma contradição."<sup>5</sup> Lênin definiu a lei da unidade dos contrários como "o reconhecimento (descoberta) das tendências opostas, mutuamente exclusivas, contraditórias, em todos os fenômenos e processos da natureza (incluindo a mente e a sociedade)".<sup>6</sup> Essas idéias são corretas? Sim, são. A interdependência dos aspectos contraditórios presentes em todas as coisas e a luta entre esses aspectos determinam a vida de tudo e empurram para diante seu desenvolvimento. Nada existe que não contenha contradição; sem ela, nada existiria.

A contradição é a base das formas simples de movimento (por exemplo, do movimento mecânico) e ainda mais das formas complexas de movimento.

Engels explicou a universalidade da contradição da seguinte forma:

5. F. Engels, "Dialectics. Quantity and Quality", *Anti-Dühring*, Moscou, Foreign Languages Publishing House, 1959, p.166.

6. Lênin, "On the Question of Dialectics", p.357-8.

7. Engels, *Anti-Dühring*, p.166-7.

8. Lênin, "On the Question of Dialectics", p.357.

Se uma simples mudança mecânica de lugar contém contradição, isso é ainda mais verdadeiro para as formas superiores de movimento da matéria, e em especial para a vida orgânica e seu desenvolvimento. ... A vida consiste precisa e primariamente nisso – um ser é a cada instante ele mesmo e também algo mais. A vida, portanto, também é uma contradição que está presente nas próprias coisas e processos, e que constantemente se origina e resolve; e assim que a contradição cessa, a vida tem fim, e a morte chega. Do mesmo modo, vemos que, também na esfera do pensamento, não podemos evitar as contradições, e que, por exemplo, a contradição entre a capacidade inerentemente ilimitada do homem para o conhecimento e sua presença atual apenas em homens que são externamente limitados e possuem cognição limitada encontra sua solução no que é – ao menos praticamente, para nós – uma sucessão infindável de gerações, em infinito progresso. ...

Um dos princípios básicos da matemática superior é a contradição de que, em certas circunstâncias, as linhas retas e curvas possam ser o mesmo. ... Mas até a matemática básica está repleta de contradições.<sup>7</sup>

Lênin ilustrou a universalidade da contradição da seguinte forma:

Em matemática: + e –. Diferencial e integral.

Em mecânica: ação e reação.

Em física: eletricidade positiva e negativa.

Em química: a combinação e dissociação dos átomos.

Na ciência social: a luta de classes.<sup>8</sup>

Na guerra, ofensiva e defensiva, avanço e recuo, vitória e derrota, estes são todos fenômenos mutuamente contraditórios. Um não pode existir sem o outro. Os dois aspectos estão ao mesmo tempo em conflito e em interdependência, e isso constitui a totalidade de uma guerra, empurra seu desenvolvimento para diante e resolve seus problemas.



Cada diferença nos conceitos dos homens deve ser olhada como se refletisse uma contradição objetiva. Contradições objetivas são refletidas no pensamento subjetivo, e esse processo constitui o movimento contraditório dos conceitos, empurra para diante o desenvolvimento do pensamento e resolve sem cessar os problemas no pensamento do homem.

Oposição e luta entre idéias de diferentes tipos ocorrem constantemente dentro do Partido; trata-se de reflexo, no Partido, das contradições entre classes e entre o novo e o velho na sociedade. Se não houvesse contradições no Partido nem lutas ideológicas para resolvê-las, a vida do Partido chegaria ao fim.

Portanto, já está claro que a contradição existe universalmente e em todos os processos, tanto nas formas de movimento simples como nas complexas, tanto nos fenômenos objetivos como nos ideológicos. Mas a contradição também existe no estágio inicial de cada processo?

Existe um movimento de contrários desde o começo até o final no processo de desenvolvimento de cada simples coisa?

Como se pode ver a partir dos artigos escritos por filósofos soviéticos que a criticam, a escola de Deborin sustenta que a contradição aparece não no começo de um processo, mas somente quando ele já se desenvolveu até certo estágio. Se fosse esse o caso, então a causa para o desenvolvimento do processo antes desse estágio seria externa, e não interna. Deborin reverte assim para as teorias metafísicas da causalidade externa e do mecanicismo. Aplicando essa visão à análise de problemas concretos, a escola de Deborin vê apenas diferenças, mas não contradições, entre os *kulaks* e os camponeses em geral, sob as condições existentes na União Soviética, portanto concordando inteiramente com Bukharin. Ao analisar a Revolução Francesa, sustenta que, antes da revolução, havia apenas diferenças, mas não contradições no interior do terceiro estado, composto de trabalhadores, camponeses e da burguesia.

Tais visões produzidas pela escola de Deborin são antimarxistas. Essa escola não entende que cada uma e todas as diferenças já contêm a contradição e que a própria diferença é contradição. Trabalho

e capital estão em contradição desde que as duas classes apareceram, só que, no começo, a contradição ainda não se havia tornado intensa. Mesmo sob as condições sociais existentes na União Soviética, existe diferença entre trabalhadores e camponeses, e essa própria diferença é uma contradição, apesar de que, ao contrário da contradição entre trabalho e capital, ela não se intensificará até o antagonismo nem assumir a forma de luta de classes; os trabalhadores e camponeses estabeleceram firme aliança no transcurso da construção do socialismo e estão gradualmente resolvendo essa contradição ao longo do avanço do socialismo para o comunismo. A questão é sobre diferentes tipos de contradição, e não sobre a presença ou ausência de contradição. A contradição é universal e absoluta, está presente no processo de desenvolvimento de todas as coisas e permeia todos os processos do começo ao fim.

O que significa o aparecimento de um novo processo? A velha unidade, com seus contrários constituintes, cede lugar a uma nova unidade, com seus contrários constituintes, em que um novo processo aparece para substituir um antigo. O velho processo termina e o novo começa. O novo processo contém novas contradições e começa sua própria história do desenvolvimento das contradições.

Como Lênin indicou, Marx fornece no *Capital* uma análise modelar desse movimento de contrários, que ocorre por meio do processo de desenvolvimento das coisas, do começo ao fim. Esse é o método que deve ser empregado ao se estudar o desenvolvimento de todas as coisas. O próprio Lênin lançava mão dele corretamente e a ele aderiu em todos os seus escritos.

No *Capital*, Marx primeiramente analisa a mais simples, mais comum, fundamental e corriqueira relação da sociedade burguesa (a mercadoria), uma relação encontrada bilhões de vezes – a saber, a troca de mercadorias. Nesse fenômeno muito simples (nessa “célula” da sociedade burguesa), a análise revela todas as contradições (ou os germes de todas as contradições) da sociedade moderna. A exposição subsequente nos mostra o desenvolvimento (tanto o crescimento quanto o movimento) dessas contradições e dessa sociedade no [soma-tório] de suas partes individuais, de princípio a fim. Lênin acrescentou:

“Tal deve ser também o método de exposição (ou estudo) da dialética em geral.”<sup>9</sup>

Os comunistas chineses devem aprender esse método; só então serão capazes de analisar corretamente a história e o estado atual da revolução chinesa e inferir seu futuro.

### 3. *A particularidade da contradição*

A contradição está presente no processo de desenvolvimento de todas as coisas; ela permeia esse processo do princípio ao fim. Essa é a universalidade e o caráter absoluto da contradição, que discutimos acima. Agora discutamos a particularidade e a relatividade da contradição.

Esse problema deve ser estudado em vários níveis.

Primeiro, a contradição em cada forma de movimento da matéria tem sua particularidade. O conhecimento do homem sobre a matéria é o conhecimento de suas formas de movimento, porque nada existe neste mundo exceto matéria em movimento, e esse movimento deve assumir certas formas. Considerando cada forma de movimento da matéria, devemos observar os pontos que ela tem em comum com outras formas de movimento. Mas sobretudo importante e necessário, constituindo, como o faz, o fundamento de nosso conhecimento de uma coisa, é observar o que é particular a essa forma de movimento da matéria, a saber, observar a diferença qualitativa entre essa forma de movimento e as outras. Somente quando fizermos isso poderemos diferenciar as coisas.

9. *Ibid.*, p.358-59.

Toda forma de movimento contém, em si mesma, sua própria contradição particular, que constitui a essência particular que distingue uma coisa de outra. Ela é a causa interna, ou, como pode ser chamada ainda, a base para a imensa variedade de coisas no mundo. Existem muitas formas de movimento na natureza – movimento mecânico, som, luz, calor, eletricidade, dissociação, combinação etc. –, todas interdependentes; em sua essência, porém, cada uma é diferente das demais. A essência particular de cada forma de movimento está determinada por sua própria contradição particular. Isso é verdadeiro não apenas para a natureza, mas também para os fenômenos ideológicos e sociais. Cada forma de sociedade, cada forma de ideologia tem sua própria contradição particular e sua própria essência particular.

As ciências estão diferenciadas precisamente pelas contradições particulares inerentes aos respectivos objetos de estudo. Assim, a contradição peculiar a um certo campo de fenômenos constitui o objeto de estudo de um ramo específico da ciência. Por exemplo, os números positivos e negativos em matemática; ação e reação em mecânica; eletricidade positiva e negativa em física; dissociação e combinação em química; forças produtivas e relações de produção, classes e luta de classes, nas ciências sociais; ofensiva e defensiva na ciência militar; idealismo e materialismo, a perspectiva metafísica e a perspectiva dialética, em filosofia; e assim por diante – todos esses são os objetos de estudo de diferentes ramos da ciência precisamente porque cada ramo tem sua própria contradição e essência particulares.

É claro que, a não ser que entendamos a universalidade da contradição, não temos meios de descobrir a causa universal ou o fundamento universal para o movimento ou desenvolvimento das coisas; no entanto, a não ser que estudemos a particularidade da contradição, não temos meios de determinar a essência particular de uma coisa, que a diferencia das demais, não temos meios de descobrir a causa ou o fundamento particular para o movimento ou desenvolvimento de algo, e nenhum meio de distinguir uma coisa de outra ou de demarcar os campos da ciência.

Considerando a seqüência no movimento do conhecimento humano, existe sempre um acréscimo gradual, a partir do conhecimento

de coisas individuais e particulares para o conhecimento das coisas em geral. Só depois de o homem conhecer a essência particular de muitas coisas diferentes ele pode proceder à generalização e conhecer a essência comum das coisas.

Quando o homem atinge o conhecimento dessa essência comum, ele o usa como guia e passa a estudar várias coisas concretas que ainda não foram estudadas, pelo menos não completamente, e a descobrir a essência particular de cada uma; somente assim é capaz de suplementar, enriquecer e desenvolver seu conhecimento sobre a essência comum dessas coisas e impedir tal conhecimento de secar ou petrificar-se. Esses são os dois processos da cognição: um, do particular ao geral, e o outro, do geral ao particular. Assim a cognição sempre se move em ciclos e (enquanto o método científico está estritamente fixado) cada ciclo avança no conhecimento humano em um passo mais elevado, e então o torna cada vez mais profundo.

Nossos dogmáticos erram nessa questão porque, por um lado, não entendem que devemos estudar a particularidade da contradição e conhecer a essência particular das coisas individuais antes de conhecer adequadamente a universalidade da contradição e a essência comum das coisas; por outro lado, não entendem que, depois de conhecer a essência comum das coisas, devemos seguir adiante e estudar as coisas concretas que ainda não foram completamente estudadas ou que só agora apareceram. Nossos dogmáticos são preguiçosos. Eles se recusam a encarar qualquer estudo penoso das coisas concretas; consideram que as verdades gerais emergem do vazio, e transformam-nas em fórmulas imensuráveis puramente abstratas; assim negam completamente e invertem a seqüência normal pela qual o homem chega a conhecer a verdade. Também não entendem a interconexão dos dois processos na cognição – do particular ao geral e do geral ao particular. Nada entendem da teoria marxista do conhecimento.

É necessário não só estudar a contradição particular e a essência assim determinada de cada grande sistema das formas de movimento da matéria, mas também a contradição particular e a essência de cada processo, no longo transcurso do desenvolvimento de cada forma de movimento da matéria. Em cada forma de movimento, cada processo

de desenvolvimento real (e não imaginário) é qualitativamente diferente. Nosso estudo deve enfatizar isso e começar desse ponto.

Contradições qualitativamente diferentes só podem ser resolvidas por métodos qualitativamente diferentes. Por exemplo, a contradição entre o proletariado e a burguesia é resolvida pelo método da revolução socialista; a contradição entre as grandes massas do povo e o sistema feudal, pelo método da revolução democrática; a contradição entre as colônias e o imperialismo, resolvida pelo método da guerra nacional revolucionária; a contradição entre a classe trabalhadora e a classe camponesa na sociedade socialista, pelo método da coletivização e mecanização da agricultura; a contradição dentro do Partido Comunista, pelo método da crítica e autocrítica; a contradição entre sociedade e natureza, pelo método de desenvolver as forças produtivas. Os processos mudam, velhos processos e velhas contradições desaparecem, novos processos e novas contradições aparecem, e os métodos de resolver as contradições diferem de acordo com isso.

Na Rússia, existia diferença fundamental entre a contradição resolvida pela Revolução de Fevereiro e a contradição resolvida pela Revolução de Outubro, assim como entre os métodos utilizados para resolvê-las. O princípio de usar diferentes métodos para resolver contradições diferentes deve ser estritamente observado pelos marxistas-leninistas. Os dogmáticos não observam esse princípio; eles não entendem que as condições diferem em vários tipos de revolução, e assim não entendem que métodos diversos devem ser usados para resolver contradições diferentes; pelo contrário, adotam invariavelmente o que imaginam ser uma fórmula inalterável e arbitrariamente aplicam-na em todo lugar, o que apenas causa atrasos à revolução ou transforma em grande confusão o que originalmente estava bem-feito.

Para revelar a particularidade das contradições em qualquer processo de desenvolvimento de uma coisa, na totalidade delas ou em suas interconexões, isto é, para revelar a essência do processo, é necessário revelar a particularidade dos dois aspectos de cada uma das contradições naquele processo; de outra forma será impossível descobrir a essência do processo. Isso também requer a máxima atenção em nosso estudo.

Existem muitas contradições no curso do desenvolvimento de qualquer coisa importante. Por exemplo, no curso da revolução democrático-burguesa da China, cujas condições são excessivamente complexas, existe a contradição entre todas as classes oprimidas na sociedade chinesa e o imperialismo, a contradição entre as grandes massas do povo e o feudalismo, a contradição entre o proletariado e a burguesia, a contradição entre os camponeses e a pequena burguesia urbana, por um lado, e a burguesia, por outro, a contradição entre os vários grupos governantes reacionários etc.

Essas contradições não podem ser tratadas da mesma forma, já que cada qual tem sua própria particularidade; além disso, os dois aspectos de cada contradição não podem ser tratados da mesma maneira, já que cada aspecto tem suas próprias características. Nós, que nos empenhamos na Revolução Chinesa, deveríamos não só entender a particularidade dessas contradições em sua totalidade, isto é, em suas interconexões, mas também estudar os dois aspectos de cada contradição como única forma de entender a totalidade. Quando falamos de entender cada aspecto de uma contradição, queremos dizer entender que posição específica cada aspecto ocupa, que formas concretas ele assume em sua interdependência e em sua contradição com seu contrário, e que métodos concretos são empregados na luta com seu contrário, quando ambos estão interdependentes e em contradição, e também depois que a interdependência se rompe. É da maior importância estudar esses problemas. Lênin quis dizer exatamente isso quando destacou que o mais essencial no marxismo, sua alma viva, é a análise concreta das condições concretas.<sup>10</sup>

10. Ver "Problems of Strategy in China's Revolutionary War", *Selected Works*, vol. I, p. 251, nº 10.

Nossos dogmáticos violaram os ensinamentos de Lênin; jamais usam seus cérebros para análises concretas, e em seus escritos e discursos sempre usam estereótipos vazios de conteúdo, criando assim um estilo muito ruim de trabalho em nosso Partido.

Ao estudar um problema, devemos evitar subjetividade, unilateralidade e superficialidade. Ser subjetivo significa não olhar os problemas objetivamente, isto é, não usar o ponto de vista materialista ao examinar as questões. Discuti isso em meu ensaio "Sobre a prática" [Capítulo 3 deste livro]. Ser unilateral significa não examinar os problemas de todos os lados, por exemplo, entender apenas a China e não o Japão, apenas o Partido Comunista e não o Kuomintang, apenas o proletariado e não a burguesia, apenas os camponeses e não os proprietários das terras, apenas as condições favoráveis mas não as difíceis, apenas o passado mas não o futuro, apenas as partes individuais mas não o todo, apenas os defeitos e não as realizações, somente o caso do queixoso e não o do acusado, somente o trabalho revolucionário clandestino e não o trabalho revolucionário aberto etc. Numa palavra, significa não entender as características dos dois aspectos de uma contradição. Isso é o que representa examinar um problema unilateralmente. Ou pode-se dizer ainda que é ver a parte mas não o todo, ver as árvores mas não a floresta.

Dessa forma, é impossível encontrar o método para resolver a contradição, é impossível cumprir as tarefas da revolução, levar a cabo nossas missões ou desenvolver corretamente a luta ideológica dentro do Partido. Quando Sun Wu Tzu disse, ao discutir a ciência militar, "Conhece teu inimigo e conhece-te a ti mesmo, e poderás lutar cem batalhas sem medo da derrota",<sup>11</sup> ele se refe-

11. *Ibid.*, p. 249n.

ria aos dois lados de uma batalha. Wei Cheng, <sup>12</sup> da dinastia Tang, também entendeu o erro da unilateralidade quando disse: “Escutem os dois lados e vocês serão iluminados, observem apenas um lado e vocês estarão nas trevas.” Mas nossos camaradas com frequência examinam os problemas unilateralmente, e assim muitas vezes vão de encontro a obstáculos escondidos.

No romance *Sui Hu Chuan*, Sung Chiang ataca três vezes a aldeia Chu. <sup>13</sup> Duas vezes ele é derrotado por ignorar as condições locais e usar o método errado. Mais tarde, mudando o método, primeiro investiga a situação e familiariza-se com o labirinto de estradas, e depois quebra a aliança entre as aldeias de Li, Hu e Chu, e envia seus homens disfarçados para o campo inimigo, a fim de ali se instalarem e esperar, usando um estratagema similar ao do Cavalo de Tróia da lenda estrangeira. E, na terceira vez, ele vence. Há muitos exemplos de dialética materialista em *Sui Hu Chuan*, cujo episódio dos três ataques à aldeia de Chu é dos melhores. Lênin disse: “Para conhecer realmente um objeto devemos abarcar, estudar todos os seus lados, todas as suas conexões e ‘mediações’. Jamais o conseguiremos completamente, mas a exigência de multilateralidade é salvaguarda contra erros e rigidez.” <sup>14</sup>

Deveríamos lembrar de suas palavras. Ser superficial significa não considerar nenhuma das características de uma contradição em sua totalidade, nem as características de cada um de seus aspectos; significa negar a necessidade de examinar profundamente uma coisa e estudar minuciosamente as características de sua contradição, em vez de simplesmente olhar de longe e, depois

de observar o contorno rústico, imediatamente tentar resolver a contradição (para responder a uma pergunta, resolver uma disputa, orientar o trabalho ou dirigir uma operação militar). Essa maneira de fazer as coisas tende a criar problemas.

A razão pela qual os camaradas dogmáticos e empiristas na China cometeram erros está precisamente no subjetivismo, unilateralidade e forma superficial de olhar as coisas. Ser unilateral e superficial é, ao mesmo tempo, ser subjetivo. Pois todas as coisas objetivas estão interconectadas e são governadas por leis internas. Mas, em vez de encarar a tarefa de refletir a seu respeito como de fato são, algumas pessoas olham para as coisas apenas unilateral ou superficialmente e, assim, não conhecem suas interconexões nem suas leis internas. Seu método, portanto, é subjetivo.

Não só o processo inteiro do movimento dos contrários no desenvolvimento de uma coisa, tanto em suas interconexões como em cada um dos aspectos, tem características particulares às quais devemos dar atenção, mas cada etapa do processo possui características particulares, às quais também devemos dar atenção.

A contradição fundamental no processo de desenvolvimento de uma coisa e a essência do processo determinado por essa contradição fundamental não desaparecerão até que o processo esteja completo; mas, num processo longo, as condições em geral se diferenciam a cada etapa. A razão é que, embora a natureza da contradição fundamental no processo de desenvolvimento de uma coisa e a essência do processo permaneçam imutáveis, a contradição fundamental torna-se cada vez mais intensificada enquanto passa de um estágio para outro no processo prolongado. Além disso, entre as numerosas contradições principais e secundárias determinadas ou influenciadas pela contradição fundamental, algumas se tornam mais intensas, outras são temporária ou parcialmente resolvidas ou mitigadas, e surgem algumas novas: por isso o processo é marcado por estágios. Se as pessoas não prestam atenção aos estágios no processo de desenvolvimento de uma coisa, não podem lidar corretamente com suas contradições.

Quando o capitalismo da era da livre concorrência se desenvolveu até chegar ao imperialismo, por exemplo, não houve mudança na natureza de

12. Estadista e historiador (580-643) da dinastia Tang.

13. *Heróis do pântano*, famoso romance chinês do século XIV, descreve uma guerra camponesa no final da dinastia Sung, no norte. A aldeia Chu ficava perto de Liangshanpo, onde Sung Chiang, o líder do levante camponês e herói do romance estabeleceu sua base. Chu Chao-feng, o chefe dessa aldeia, era um despótico proprietário de terras.

14. Lênin, “Once Again on the Trade Unions, the Present Situation and the Mistakes of Trotsky and Bukharin”, *Selected Works*, Nova York, International Publishers, 1943, vol.IX, p.66.

classe das duas classes em contradição fundamental, a saber, o proletariado e a burguesia, nem na essência capitalista da sociedade. No entanto, a contradição entre essas duas classes tornou-se mais intensa: aflorou a contradição entre o capital monopolista e o não-monopolista, aprofundou-se a contradição entre as potências colonialistas e as colônias, agudizou-se a contradição entre os países capitalistas, resultante de seu desenvolvimento desigual: e assim surgiu essa etapa especial do capitalismo, o imperialismo. O leninismo é o marxismo da era do imperialismo e da revolução proletária precisamente porque Lênin e Stálin explicaram de modo correto essas contradições e formularam também corretamente a teoria e as táticas da revolução proletária para sua resolução.

Examinemos o processo da revolução democrático-burguesa da China, que começou com a Revolução de 1911: ela, também, tem vários estágios distintos. Em particular, esse período de liderança burguesa e o período de liderança do proletariado representam dois estágios históricos muito diferentes. Em outras palavras, a liderança do proletariado mudou fundamentalmente toda a face da revolução, trouxe novo alinhamento de classes, dando lugar a rápido crescimento na revolução camponesa, deu radicalidade à revolução contra o imperialismo e o feudalismo, criou a possibilidade de transição da revolução democrática para a revolução socialista etc. Nada disso era possível quando a revolução estava sob a liderança burguesa.

Ainda que nenhuma mudança tenha ocorrido na natureza da contradição fundamental no processo como um todo, isto é, na natureza antiimperialista, antifeudal, democrático-revolucionária do processo (o oposto disso é sua natureza semicolonial e semifeudal), mesmo assim esse processo passou ao longo de várias etapas de desenvolvimento no transcurso de mais de 20 anos. Durante esse tempo, muitos grandes eventos ocorreram – o fracasso da Revolução de 1911 e o estabelecimento do regime dos generais do norte, a formação da primeira frente unida nacionalista e a Revolução de 1924-27, a ruptura da frente unida e a deserção da burguesia para o lado da contra-revolução, as guerras entre os novos generais, a Guerra da Revolução Agrária, o estabelecimento da segunda frente unida nacional e a Guerra de Resistência contra o Japão.

Essas etapas estão marcadas por características especiais tais como a intensificação de certas contradições (por exemplo, a Guerra Agrária Revolucionária e a invasão japonesa das quatro províncias do nordeste), a resolução parcial ou temporária de outras contradições (por exemplo, a destruição dos generais do norte e a confiscação que fizemos das terras dos latifundiários), e ainda o surgimento de outras contradições (por exemplo, os conflitos entre os novos generais, e a recaptura da terra pelos latifundiários depois da perda de nossas áreas de base revolucionárias no sul).

Ao estudar as particularidades das contradições em cada etapa do processo de desenvolvimento de uma coisa, devemos, além de observá-las em suas interconexões ou em sua totalidade, examinar os dois aspectos de cada contradição.

Consideremos, por exemplo, o Kuomintang e o Partido Comunista. Tomemos um aspecto, o Kuomintang. No período da primeira frente unida, o Kuomintang levou a cabo as Três Grandes Políticas de Sun Yat-sen, de aliança com a Rússia, cooperação com o Partido Comunista e assistência aos camponeses e trabalhadores. Assim, ele foi revolucionário e vigoroso; uma aliança de várias classes para a revolução democrática. Depois de 1927, no entanto, o Kuomintang transformou-se em seu oposto e tornou-se um reacionário bloco dos proprietários de terras e da alta burguesia. Depois do incidente de Sian, em dezembro de 1936, ele deu início a outra mudança, na direção de terminar a guerra civil e cooperar com o Partido Comunista para oposição conjunta ao imperialismo japonês. Tais foram as características particulares do Kuomintang nos três estágios. É claro que essas características decorreram de uma variedade de causas.

Agora tomemos o outro aspecto, o Partido Comunista Chinês. No período da primeira frente unida, ele estava em sua infância; corajosamente liderou a Revolução de 1924-27, mas revelou sua imaturidade na compreensão do caráter, das tarefas e do método da revolução, e, conseqüentemente, tornou-se possível para o *Chen Tu-hsiuismo*, que apareceu durante a última parte dessa revolução, afirmar-se e trazer a derrota do movimento. Depois de 1927, o Partido Comunista corajosamente liderou a Guerra Agrária Revolucionária e criou o exército e

as áreas de base revolucionários; no entanto, cometeu erros de aventureirismo que causaram enormes perdas tanto para o exército como para as áreas de base. Desde 1935, o Partido corrigiu esses erros e está liderando a nova frente unida de resistência ao Japão; essa grande luta agora está em desenvolvimento.

No atual estágio, o Partido Comunista passou pelo teste de duas revoluções e adquiriu uma riqueza de experiências. Tais foram as características particulares do Partido Comunista Chinês nos três estágios. Elas também surgiram por uma variedade de causas. Sem estudar esses dois conjuntos de características não poderemos entender as relações particulares entre os dois partidos durante as várias etapas de seu desenvolvimento, a saber, a instauração de uma frente unida, sua ruptura e o estabelecimento de outra frente unida.

Ainda mais fundamental para o estudo das características particulares dos dois partidos é o exame de sua base de classe e as contradições resultantes que surgiram entre cada partido e outras forças em períodos diferentes. Por exemplo, no período de sua primeira cooperação com o Partido Comunista, o Kuomintang ficou em contradição com o imperialismo estrangeiro e foi, portanto, antiimperialista; por outro lado, ficou em contradição com as grandes massas do povo dentro do país – ainda que em palavras tenha prometido muitos benefícios para o povo trabalhador, mas de fato lhe dado pouco ou nada. No período em que levou a cabo a guerra anticomunista, o Kuomintang colaborou com o imperialismo e o feudalismo contra as grandes massas do povo e apagou todos os ganhos que elas conquistaram na revolução; intensificou assim suas contradições com elas. No atual período da guerra antijaponesa, o Kuomintang está em contradição com o imperialismo japonês e quer cooperação com o Partido Comunista sem, no entanto, relaxar sua luta contra o Partido Comunista e o povo ou sua opressão sobre eles.

Quanto ao Partido Comunista, ele sempre permaneceu, em cada período, ao lado das grandes massas do povo e contra o imperialismo e o feudalismo. Mas, no período atual da guerra antijaponesa, adotou política moderada em relação ao Kuomintang e às forças feudais domésticas, porque o Kuomintang favoreceu fortemente a resistência ao Japão. Essas circunstâncias levaram algumas vezes à aliança entre os dois

partidos, algumas vezes à luta entre eles, e, mesmo durante o período de aliança, houve complicado estado de luta e aliança simultâneas. Se não estudarmos as características particulares dos dois aspectos da contradição, falharemos em entender não só as relações de cada partido com as demais forças, mas também as relações entre os dois partidos.

Assim, podemos ver que, estudando a particularidade de qualquer tipo de contradição – a contradição em cada forma de movimento da matéria, a contradição em cada um de seus processos de desenvolvimento, os dois aspectos da contradição em cada processo, a contradição a cada estágio do processo, e os dois aspectos da contradição a cada estágio, em resumo, estudando a particularidade de todas essas contradições –, não devemos ser subjetivos e arbitrários, porém devemos analisá-la concretamente. Sem uma análise concreta não pode haver conhecimento da particularidade de nenhuma contradição. Cumpre sempre lembrar a insistência de Lênin na análise concreta das condições concretas.

Marx e Engels foram os primeiros a fornecer-nos excelentes modelos de tal análise concreta. Quando eles aplicaram a lei da contradição nas coisas ao estudo do processo sócio-histórico, descobriram a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção; a contradição entre as classes exploradoras e exploradas e também a resultante contradição entre a base econômica e sua superestrutura (política, ideologia etc.); descobriram também como essas contradições inevitavelmente levam a diferentes tipos de revolução social em diferentes tipos de sociedades de classe.

Quando Marx aplicou essa lei ao estudo da estrutura econômica da sociedade capitalista, descobriu que a contradição básica dessa sociedade é entre o caráter social da produção e o caráter privado da propriedade. Essa contradição se manifesta na contradição entre o caráter organizado da produção nas empresas individuais e o caráter anárquico da produção na sociedade como um todo. Em termos de relações de classe, manifesta-se na contradição entre burguesia e proletariado.

Porque a gama de coisas é vasta e não existe limite para seu desenvolvimento, o que é universal num contexto torna-se particular em outro. E, ao contrário, o que é particular num contexto torna-se universal em outro. A contradição no sistema capitalista entre o caráter

social da produção e a propriedade privada dos meios de produção é comum a todos os países em que o capitalismo existe e se desenvolve; no que diz respeito ao capitalismo, isso constitui a universalidade da contradição. Mas essa contradição do capitalismo pertence apenas a uma certa etapa histórica no desenvolvimento geral da sociedade de classes; no que diz respeito à contradição entre as forças produtivas e as relações de produção na sociedade de classes como um todo, isso constitui a particularidade. No entanto, enquanto dissecava a particularidade de todas essas contradições na sociedade capitalista, Marx apresentou elucidação ainda mais profunda, pertinente e completa da universalidade da contradição entre forças produtivas e relações de produção na sociedade de classes em geral.

Já que o particular está unido ao universal e que a universalidade, assim como a particularidade da contradição, são inerentes a tudo – a universalidade residindo na particularidade –, deveríamos, ao estudar um objeto, tentar descobrir tanto o particular como o universal e sua interconexão, tanto a particularidade como a universalidade e também sua interconexão dentro do próprio objeto, e descobrir as interconexões desse objeto com os muitos objetos fora dele. Quando Stálin explicou as raízes históricas do leninismo, em seu famoso trabalho *Os fundamentos do leninismo*, analisou a situação internacional em que Lênin surgiu e as contradições do capitalismo que alcançaram sua culminação sob o imperialismo, e mostrou como estas fizeram da revolução proletária uma questão para a ação imediata e criaram condições favoráveis para um ataque direto ao capitalismo. E mais, analisou as razões pelas quais a Rússia se tornou o berço do leninismo, por que a Rússia czarista tornou-se o foco de todas as contradições do imperialismo e por que foi possível ao proletariado russo tornar-se a vanguarda da revolução proletária internacional.

Assim, Stálin analisou a universalidade da contradição no imperialismo, mostrando por que o leninismo é o marxismo da era do imperialismo e da revolução proletária, e ao mesmo tempo analisou a particularidade do imperialismo russo czarista no interior dessa contradição geral, mostrando por que a Rússia se tornou o lugar de nascimento de teoria e táticas da revolução proletária e como a univer-

salidade da contradição está contida em sua particularidade. A análise de Stálin nos fornece um modelo para entender a particularidade e a universalidade da contradição e sua interconexão.

Quanto à questão de usar a dialética no estudo dos fenômenos objetivos, Marx e Engels, assim como Lênin e Stálin, sempre alertaram as pessoas para que não fossem de forma alguma subjetivas e arbitrárias, mas, a partir das condições concretas no atual movimento objetivo desses fenômenos, que descobrissem suas contradições concretas, a posição concreta de cada aspecto de todas as contradições e as inter-relações concretas das contradições. Nossos dogmáticos não têm essa atitude ao estudar e, assim, não podem conseguir nada direito. Devemos ficar atentos ao fracasso deles e procurar adquirir essa atitude, que é a única correta no estudo.

A relação entre a universalidade e a particularidade da contradição é a relação entre os aspectos geral e individual de seu caráter. Queremos dizer com isso que a contradição existe em todos os processos e percorre todos eles, do começo ao fim; movimento, coisas, processos, pensamento – todos são contradições. Negar a contradição é negar tudo. Essa é verdade universal para todos os tempos e países, que não admite exceção; por isso o caráter geral e absoluto da contradição. Mas esse caráter geral está contido em cada caráter individual; sem caráter individual não pode haver caráter geral. Se cada caráter individual fosse removido, que caráter geral restaria? O caráter individual surge porque cada contradição é particular. Todo caráter individual existe condicional e temporariamente, e, portanto, é relativo.

Essa verdade sobre o caráter geral e individual, sobre o absoluto e o relativo, é a quinta-essência do problema da contradição nas coisas; o fracasso em entendê-la equivale a abandonar a dialética.

#### ***4. A contradição principal e o aspecto principal de uma contradição***

Ainda existem dois pontos na questão da particularidade da contradição que devem ser separados para análise, a saber, a contradição principal e o aspecto principal de uma contradição.



Existem muitas contradições no processo de desenvolvimento de algo complexo, e uma delas é, necessariamente, a contradição principal, cuja existência e cujo desenvolvimento determinam ou influenciam a existência e o desenvolvimento das demais contradições.

Por exemplo, na sociedade capitalista, as duas forças em contradição, o proletariado e a burguesia, formam a contradição principal. As demais contradições, como aquelas entre a classe feudal remanescente e a burguesia, entre a pequena burguesia camponesa e a burguesia, entre o proletariado e a pequena burguesia camponesa, entre os capitalistas não-monopolistas e os capitalistas monopolistas, entre a democracia burguesa e o fascismo burguês, entre países capitalistas e entre o imperialismo e as colônias, todas são determinadas ou influenciadas por essa contradição principal.

Num país semicolonial como a China, a relação entre a contradição principal e as demais apresenta quadro complicado.

Quando o imperialismo lança uma guerra de agressão contra um país assim, todas as suas várias classes, à exceção de alguns traidores, podem temporariamente unir-se em guerra nacional contra o imperialismo. Nessa ocasião, a contradição entre o imperialismo e o país afetado torna-se a contradição principal, ao passo que todas as contradições entre as várias classes sociais dentro do país (incluída a que era a principal, vale dizer a contradição entre o sistema feudal e as grandes massas do povo) ficam temporariamente relegadas a posição secundária e subordinada. Assim aconteceu na China na Guerra do Ópio em 1840, na Guerra Sino-Japonesa de 1894 e na Guerra de Yi Ho Tuan de 1900, e agora na atual Guerra Sino-Japonesa.

Em outra situação, porém, as contradições mudam de posição. Quando o imperialismo conduz sua opressão não pela guerra, mas por meios mais suaves – políticos, econômicos e culturais –, as classes dominantes nos países semicoloniais capitulam ante o imperialismo, e os dois formam aliança para a opressão conjunta das massas do povo. Nesses tempos, as massas muitas vezes recorrem à guerra civil contra a aliança do imperialismo e das classes feudais, enquanto o imperialismo com freqüência emprega métodos indiretos, mais que a ação direta, para ajudar os reacionários, nos países semicoloniais, a oprimir o povo,

e assim as contradições internas tornam-se particularmente agudas. Foi o que aconteceu na China, na Guerra Revolucionária de 1911, na Guerra Revolucionária de 1924-27 e nos dez anos da Guerra Agrária Revolucionária depois de 1927. As guerras entre os vários grupos dominantes reacionários, nos países semicoloniais, como por exemplo as guerras entre os generais na China, caem na mesma categoria.

Quando uma guerra civil revolucionária se desenvolve a ponto de ameaçar a própria existência do imperialismo e seus lacaios, os reacionários domésticos, o imperialismo freqüentemente adota outros métodos para manter seu domínio: tenta dividir a frente revolucionária por dentro ou envia forças armadas para ajudar diretamente os reacionários domésticos. Nesses tempos, o imperialismo estrangeiro e os reacionários domésticos ficam, distinta e abertamente, num pólo, e as massas do povo, no outro, formando assim a contradição principal que determina ou influencia o desenvolvimento de outras contradições. A assistência dada por vários países capitalistas aos reacionários russos, depois da Revolução de Outubro, é exemplo de intervenção armada. A traição de Chiang Kai-shek, em 1927, ilustra como dividir a frente revolucionária.

Independentemente do que acontecer, não existe dúvida de que em toda etapa no desenvolvimento de um processo existe apenas uma contradição principal que desempenha o papel de destaque.

Assim, se em qualquer processo existem várias contradições, uma delas deve ser a contradição principal, desempenhando o papel decisivo de liderança, enquanto o resto ocupa posição secundária e subordinada. Portanto, ao estudar qualquer processo complexo no qual existam duas ou mais contradições, precisamos devotar todos os esforços para distinguir a principal. Uma vez que essa contradição principal é entendida, todos os problemas podem ser rapidamente resolvidos. Esse é o método que Marx nos ensinou em seu estudo da sociedade capitalista. Da mesma forma, Lênin e Stálin nos ensinaram esse método quando estudaram o imperialismo e a crise geral do capitalismo, bem como a economia soviética. Existem milhares de estudiosos e homens de ação que não entendem isso, e o resultado é que, em meio à neblina, são incapazes de chegar ao âmago de um problema e, naturalmente, não podem encontrar uma forma de lhe resolver as contradições.

Como dissemos, não devemos tratar todas as contradições num processo como iguais; cabe distinguir entre a contradição principal e as secundárias, e dedicar atenção especial a entender a principal. Mas, em cada contradição dada, seja ela principal ou secundária, devemos tratar os dois aspectos contraditórios como iguais? Outra vez, não. Em qualquer contradição, o desenvolvimento dos aspectos contraditórios é desigual. Algumas vezes parecem estar em equilíbrio, o que é, no entanto, somente temporário e relativo, enquanto a desigualdade é básica. Dos dois aspectos contraditórios, um deve ser principal, o outro, secundário. O aspecto principal é aquele que desempenha o papel de liderança na contradição. A natureza de algo é determinada sobretudo pelo aspecto principal da contradição, o aspecto que ganhou a posição dominante.

Mas essa situação não é estática; o aspecto principal e o não-principal de uma contradição se transformam um no outro, e a natureza da coisa muda de acordo com isso. Num processo dado ou num estágio dado do desenvolvimento de uma contradição, *A* é o aspecto principal, e *B*, o aspecto não-principal; em outro estágio ou em outro processo, os papéis são invertidos – mudança determinada pela extensão do aumento ou diminuição na força de cada aspecto, em sua luta contra o outro, no curso do desenvolvimento de algo.

Freqüentemente nos referimos ao “novo tomando o lugar do velho”. A substituição do velho pelo novo é lei do Universo, geral, eterna e inviolável. A transformação de uma coisa em outra, através de saltos de diferentes formas de acordo com sua essência e condições externas – esse é o processo do novo substituindo o velho. Em cada coisa existe uma contradição entre seus aspectos, o novo e o velho, e isso dá origem a uma série de lutas, com muitos giros e voltas. Como resultado dessas lutas, o aspecto novo se transforma, de inferior em superior, e cresce para predominar, enquanto que o aspecto velho se transforma, de superior em inferior, e gradualmente morre. E no momento em que o novo aspecto ganha dominância sobre o velho, a velha coisa se transforma qualitativamente numa coisa nova. Podemos ver, assim, que a natureza de algo é determinada sobretudo pelo aspecto principal da contradição, o aspecto que predominou. Quando esse aspecto muda, a natureza da coisa muda de acordo com a mudança.

Na sociedade capitalista, o capitalismo mudou sua posição, de força subordinada na velha era feudal para força dominante, e a natureza da sociedade mudou de acordo com isso, de feudal para capitalista. Na nova era capitalista, as forças feudais mudaram, de sua anterior posição dominante para uma subordinada, desaparecendo gradualmente. Foi assim, por exemplo, na Inglaterra e na França. Com o desenvolvimento das forças produtivas, a burguesia passa de nova classe, representando papel progressista, a velha classe desempenhando papel reacionário, até ser definitivamente destruída pelo proletariado e tornar-se classe despojada da propriedade privada dos meios de produção e do poder, quando então também desaparece gradualmente. O proletariado, que é mais numeroso que a burguesia e com ela cresce, embora sob seu domínio, é nova força que, de início subordinada à burguesia, aos poucos se fortalece e se torna classe independente, desempenhando o papel de liderança na história, e finalmente toma o poder político, tornando-se a classe dominante. Logo após, a natureza da sociedade muda, e a velha sociedade capitalista transforma-se na nova sociedade socialista. Esse é o caminho que a União Soviética já tomou, caminho que todos os outros países inevitavelmente tomarão.

Olhem para a China, por exemplo. O imperialismo ocupa a posição principal na contradição pela qual a China foi reduzida a uma semicolônia; ele oprime o povo chinês, e a China foi transformada de país independente em país semicolonial. Esse estado de coisas, porém, mudará; é inevitável: na luta entre os dois lados, o poder do povo chinês, que está crescendo sob a liderança do proletariado, transformará inevitavelmente a China, de semicolônia em país independente, enquanto o imperialismo será derrotado, e a velha China necessariamente se transformará na nova China.

A transformação da velha China na nova China também envolve mudança na relação entre as velhas forças feudais e as novas forças populares no país. A velha classe feudal de proprietários de terras será derrubada, e passará de governante a governada; e essa classe também desaparecerá gradualmente. De governado, o povo, guiado pelo proletariado, se transformará em governante. Em razão disso, a natureza da sociedade chinesa mudará, e a velha sociedade semicolonial, semifeudal, se transformará numa nova sociedade democrática.

Instâncias dessa transformação recíproca são encontradas em nossa experiência passada. A dinastia Ching, que governou a China por aproximadamente trezentos anos, foi derrubada na Revolução de 1911, e o revolucionário Tung Meng Hui, sob a liderança de Sun Yat-sen, foi vitorioso por algum tempo. Na Guerra Revolucionária de 1924-27, as forças revolucionárias da aliança entre os comunistas e o Kuomintang no sul passaram de fracas a fortes e conquistaram a vitória na expedição ao norte, enquanto que os generais do norte, que uma vez dominaram a região, foram derrubados. Em 1927 as forças do povo, guiadas pelo Partido Comunista, foram muito reduzidas numericamente pelos ataques da reação do Kuomintang, mas, com a eliminação do oportunismo em suas fileiras, elas gradualmente cresceram outra vez. Nas áreas de base revolucionárias sob a liderança comunista, os camponeses foram transformados de governados em governantes, enquanto que os proprietários de terras sofreram uma transformação inversa. É sempre assim no mundo, o novo deslocando o velho, o velho sendo substituído pelo novo, o velho sendo eliminado para dar passagem ao novo, e o novo emergindo do velho.

Em certos instantes da luta revolucionária, as dificuldades têm maior peso que as condições favoráveis e, assim, constituem o aspecto principal da contradição, e as condições favoráveis constituem o aspecto secundário. Por meio de seus esforços, porém, os revolucionários podem vencer as dificuldades passo a passo e criar nova situação favorável; assim, uma situação difícil cede lugar a uma favorável. Isso foi o que aconteceu depois do fracasso da revolução na China em 1927 e durante a Longa Marcha do Exército Vermelho chinês. Na atual Guerra Sino-Japonesa, a China está outra vez em posição difícil, mas podemos mudá-la e transformar fundamentalmente a situação entre a China e o Japão. E, ao contrário, condições favoráveis podem ser transformadas em dificuldades se os revolucionários cometerem erros. Dessa maneira, a vitória da Revolução de 1924-27 transformou-se em derrota. Todas as áreas de base revolucionárias, que cresceram nas províncias do sul depois de 1927, sofreram derrotas por volta de 1934.

Quando nos dedicamos ao estudo, o mesmo é válido para a contradição na passagem da ignorância para o conhecimento. No princípio de

nosso estudo do marxismo, nossa ignorância dele ou escassa familiaridade com ele fica em contradição com seu conhecimento. Contudo, pelo estudo assíduo, a ignorância pode ser transformada em conhecimento, o conhecimento escasso em conhecimento substancial, e a cegueira na aplicação do marxismo em maestria em sua aplicação.

Algumas pessoas pensam que isso não é válido para certas contradições. Por exemplo, na contradição entre as forças produtivas e as relações de produção, as forças produtivas são o aspecto principal; na contradição entre a teoria e a prática, a prática é o aspecto principal; na contradição entre a base econômica e a superestrutura, a base econômica é o aspecto principal; e não existe mudança em suas posições. Essa é a concepção materialista mecanicista, não a concepção materialista dialética. É verdade, as forças produtivas, a prática e a base econômica em geral desempenham o papel principal e decisivo; quem negar isso não é materialista.

Mas também é forçoso admitir que, em certas condições, aspectos tais como as relações de produção, a teoria e a superestrutura manifestam-se por sua vez no papel principal e decisivo. Quando é impossível para as forças produtivas desenvolverem-se sem uma transformação das relações de produção, então a transformação das relações de produção desempenha o papel principal e decisivo. A criação e a defesa da teoria revolucionária desempenhava papel principal e decisivo naqueles tempos em que Lênin afirmou: "Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário."<sup>15</sup> Quando uma tarefa, não importa qual, deve ser realizada, mas ainda não exis-

15. Lênin, *What Is to Be Done? Collected Works*, Moscou, Foreign Languages Publishing House, 1961, vol.V, p.369.

te uma linha guia, um método, plano ou política, o aspecto principal e decisivo é escolher uma linha guia, um método, plano ou política. Quando a superestrutura (política, cultura etc.) obstrui o desenvolvimento da base econômica, as mudanças políticas e culturais transformam-se em principais e decisivas.

Estamos indo contra o materialismo quando dizemos isso? Não. Apesar de reconhecermos que no desenvolvimento geral da história o material determina o mental, e o ser social determina a consciência social, nós também reconhecemos – e precisamos fazê-lo – a reação das coisas mentais nas coisas materiais, da consciência social no ser social e da superestrutura na base econômica. Isso não vai contra o materialismo; pelo contrário, evita o materialismo mecanicista e apóia firmemente o materialismo dialético.

Ao estudar a particularidade da contradição, a não ser que examinemos essas duas facetas – a contradição principal e a não-principal num processo, e o aspecto principal e o não-principal de uma contradição –, ou seja, a não ser que examinemos o caráter distintivo dessas duas facetas da contradição, ficaremos atolados em abstrações, privados de entender a contradição de forma concreta e, conseqüentemente, seremos incapazes de encontrar o método correto para resolvê-la. O caráter distintivo ou a particularidade dessas duas facetas da contradição representam a desigualdade das forças em contradição. Nada neste mundo se desenvolve de forma absolutamente igual; devemos opor-nos à teoria do desenvolvimento nivelado ou à teoria do equilíbrio. Além disso, são essas características concretas da contradição e as mudanças no aspecto principal e no aspecto não-principal de uma contradição no curso de seu desenvolvimento que manifestam a força do novo substituindo o velho. O estudo dos vários estados de desigualdade nas contradições, da contradição principal e da contradição não-principal e do aspecto principal e do aspecto não-principal de uma contradição constitui um método essencial pelo qual um partido político revolucionário determina corretamente suas políticas estratégicas e táticas tanto nos assuntos políticos como nos militares. Todos os comunistas devem dar atenção a ele.

### 5. A identidade e a luta dos aspectos de uma contradição

Quando entendemos a universalidade e a particularidade da contradição, devemos continuar a estudar o problema da identidade e da luta dos aspectos de uma contradição.

Identidade, unidade, coincidência, interpenetração, interpermeação, interdependência (ou dependência mútua para a existência), interconexão ou cooperação mútua – todas essas palavras diferentes significam a mesma coisa e se referem aos dois pontos seguintes: primeiro, a existência de cada um dos dois aspectos de uma contradição no processo de desenvolvimento de uma coisa pressupõe a existência do outro aspecto, e ambos os aspectos coexistem numa entidade única; segundo, em dadas condições, cada um dos dois aspectos contraditórios se transforma no seu oposto. Esse é o significado de identidade.

Lênin disse:

A dialética é o ensinamento que mostra como os contrários podem ser e como chegam a ser (como se transformam em) idênticos – sob que condições eles são idênticos, transformando-se um no outro – e por que a mente humana deve tomar esses contrários não como mortos, rígidos, mas como vivos, condicionais, móveis, transformando-se uns nos outros.<sup>16</sup>

O que essa passagem significa?

Os aspectos contraditórios em todos os processos se excluem mutuamente, lutam entre si e se opõem. Estão contidos, sem exceção, no processo de desenvolvimento de todas as coisas e em todo o pensamento humano. Um processo sim-

16. Lênin, "Conspectus of Hegel's *The Science of Logic*, *Collected Works*, vol. XXXVIII, p.97-8.

ples contém apenas um único par de contrários, enquanto um processo complexo contém mais. E, por sua vez, os pares de contrários estão mutuamente em contradição.

É assim que todas as coisas do mundo objetivo e todo o pensamento humano estão constituídos e é assim que são postos em movimento.

Isso sendo assim, existe total falta de identidade ou unidade. Como então podemos falar a respeito de identidade ou unidade?

Fato é que nenhum aspecto contraditório pode existir em isolamento. Sem seu aspecto oposto, ele perde a condição para a própria existência. Se não vejamos: pode qualquer aspecto contraditório de uma coisa ou de um conceito na mente humana existir independentemente? Sem a vida, não existiria a morte; sem a morte, não existiria a vida. Sem “acima” não haveria “abaixo”, sem “abaixo” não haveria “acima”. Sem azar, não haveria sorte; sem sorte, não haveria azar. Sem facilidade, não haveria dificuldade; sem dificuldade, não haveria facilidade. Sem proprietários de terras, não haveria camponeses arrendatários; sem camponeses arrendatários, não haveria proprietários de terras. Sem a burguesia, não haveria proletariado; sem o proletariado, não haveria burguesia. Sem a opressão imperialista das nações, não haveria colônias ou semicolônias; sem colônias ou semicolônias, não haveria a opressão imperialista das nações. É assim com todos os contrários. Sob dadas condições, por um lado eles se opõem mutuamente, e por outro lado estão interconectados, interpenetrados, interpermeados e interdependentes, e esse caráter é descrito como identidade. Sob dadas condições, todos os aspectos contraditórios possuem o caráter de não-identidade, e portanto são descritos como estando em contradição. Mas eles também possuem o caráter da identidade e portanto estão interconectados. Isso é o que Lênin pretende quando diz que a dialética estuda “como os contrários podem ser... idênticos”. Como podem ser idênticos? Porque cada um é a condição para a existência do outro. Esse é o primeiro significado de identidade.

Mas é suficiente apenas dizer que cada um dos aspectos contraditórios é a condição para a existência do outro, que existe uma identidade entre eles e que conseqüentemente eles podem coexistir numa única entidade? Não, não é suficiente. A questão não acaba com a de-

pendência mútua deles para sua existência; o que é mais importante é sua transformação um no outro. Quer dizer, em dadas condições, cada um dos aspectos contraditórios dentro de uma coisa se transforma em seu oposto, muda sua posição pela de seu oposto. Esse é o segundo significado da identidade da contradição.

Por que existe identidade aqui também? Vejamos: por meio da revolução o proletariado, antes governado, é transformado em governante, enquanto a burguesia, antes governante, é transformada em governada e troca sua posição por aquela originalmente ocupada por seu oposto. Isso já aconteceu na União Soviética, assim como acontecerá em todo o mundo. Se não houvesse interconexão e identidade de contrários em dadas condições, como poderia ocorrer tal mudança?

O Kuomintang, que desempenhou certo papel positivo em determinado estágio da história chinesa moderna, transformou-se num partido contra-revolucionário depois de 1927, pela sua natureza de classe inerente e pelas adulações imperialistas (sendo essas as condições); mas foi compelido a concordar em resistir ao Japão pelo acirramento da contradição entre a China e o Japão e pela política de frente unida do Partido Comunista (sendo essas as condições). As coisas em contradição transformam-se uma na outra, e nisto existe identidade definida.

Nossa revolução agrária tem sido um processo no qual a classe proprietária de terras é transformada em classe que perdeu sua terra, enquanto os camponeses, que uma vez perderam suas terras, são transformados em pequenos proprietários que adquiriram terra, e tal processo ocorrerá uma vez mais. Sob dadas condições, ter, não ter, adquirir e perder estão interconectados; os dois lados têm identidade única. Sob o socialismo, a propriedade privada camponesa é transformada na propriedade pública da agricultura socialista; isso já ocorreu na União Soviética e ocorrerá em todos os lugares. Existe uma ponte levando da propriedade privada para a propriedade pública, que em filosofia é chamada de identidade ou transformação mútua, ou interpenetração.

Consolidar a ditadura do proletariado ou a ditadura do povo é de fato preparar as condições para abolir essa ditadura e avançar para um estágio mais elevado, quando todos os sistemas estatais serão eliminados. Estabelecer e construir o Partido Comunista é, de fato, preparar

as condições para a eliminação do Partido Comunista e de todos os partidos políticos. Construir um exército revolucionário sob a liderança do Partido Comunista e conduzir a guerra revolucionária é, de fato, preparar as condições para a eliminação permanente da guerra. Esses contrários são, ao mesmo tempo, complementares.

Guerra e paz, como todos sabem, transformam-se uma na outra. A guerra é transformada na paz: por exemplo, a Primeira Guerra Mundial foi transformada na paz do pós-guerra, e a guerra civil na China agora cessou, dando lugar à paz interna. A paz é transformada em guerra: por exemplo, a cooperação do Kuomintang com os comunistas foi transformada em guerra em 1927, e a situação atual de paz mundial pode ser transformada numa segunda guerra mundial. Por que isso é assim? Porque, na sociedade de classes, tais coisas contraditórias, como guerra e paz, compartilham uma identidade sob certas condições.

Todas as coisas contraditórias estão interconectadas; não somente coexistem numa única entidade sob dadas condições, mas, sob outras condições, também se transformam uma na outra. Esse é o sentido completo da identidade dos contrários. Isso é o que Lênin quis dizer quando discutiu “como chegam a ser (como se transformam em) idênticas – sob que condições elas são idênticas, transformando-se mutuamente”.

Por que a “mente humana deveria tomar esses contrários não como mortos, rígidos, mas sim como vivos, condicionais, móveis, transformando-se uns nos outros”? Porque é assim que as coisas são na realidade objetiva. Fato é que a unidade ou identidade dos contrários nas coisas objetivas não é morta ou rígida, mas viva, condicional, móvel, temporária e relativa; sob dadas condições, cada aspecto contraditório se transforma em seu oposto. Refletido no pensamento humano, isso se transforma na perspectiva marxista do mundo da dialética materialista. Só as classes governantes reacionárias do passado e do presente e os metafísicos a seu serviço não consideram os contrários vivos, condicionais, móveis e transformando-se uns nos outros, mas mortos e rígidos, e eles propagam essa falácia por todos os lados para enganar as massas do povo, procurando assim perpetuar seu domínio. A tarefa dos comunistas é denunciar as falácias dos reacionários e metafísicos, propagar a dialética inerente às coisas e, assim, acelerar a transformação das coisas e alcançar o objetivo da revolução.

17. *Livro das montanhas e dos mares*, escrito na era dos Estados em Guerra (403-221 a.C.). Em uma de suas fábulas, Kua Fu, um super-homem, persegue e domina o Sol. Mas morre de sede e, em consequência disso, seus homens são transformados na floresta de Teng.

18. Yi é um dos lendários heróis da antiga China, famoso por seu domínio do arco. De acordo com uma lenda em *Huai Nan Tzu*, compilada no segundo século a.C., nos dias do imperador Yao havia dez sóis no céu. Para terminar com o dano à vegetação causado por esses sóis abrasadores, o imperador Yao ordenou a Yi que os abatesse. Em outra lenda registrada por Wang Yi (segundo século da era cristã), o arqueiro teria abatido nove dos dez sóis.

19. *Peregrinação para o oeste*, romance do século XVI cujo herói é o deus-macaco Sun Wu-kung. Ele podia transformar-se milagrosamente em 72 formas, tais como pássaro, árvore ou pedra.

20. Conhecida coletânea de 431 contos escrita por Pu Sung-ling no século XVII, a maioria sobre fantasmas e espíritos de raposas.

21. Marx, “Introduction to the Critique of Political Economy”, *A Contribution to the Critique of Political Economy*, Chicago, 1904, p.310-11.

Ao falar da identidade dos contrários em das condições, estamos nos referindo a contrários reais e concretos e às reais e concretas transformações dos contrários uns nos outros. Existem inumeráveis transformações na mitologia, por exemplo, a corrida de Kua Fu com o Sol em *Shan Hai Ching*,<sup>17</sup> Yi abatendo nove sóis em *Huai Nan Tzu*,<sup>18</sup> as 72 metamorfoses do Rei Macaco em *Hsi Yu Chi*,<sup>19</sup> os numerosos episódios de fantasmas e raposas metamorfoseados em seres humanos em *Estranhos contos de Liao Chai*<sup>20</sup> etc. Mas essas transformações lendárias de contrários não são mudanças concretas refletindo contradições concretas; são ingênuas, imaginárias, transformações subjetivamente concebidas, conjuradas nas mentes dos homens por inúmeras transformações reais e complexas de contrários uns nos outros. Marx disse: “Toda mitologia controla, domina e forma as forças da natureza na imaginação e através dela; por isso ela desaparece assim que o homem ganha o controle sobre as forças da natureza.”<sup>21</sup> As miríades de mudanças na mitologia (e também nos contos de fadas) deliciam as pessoas porque retratam imaginariamente a conquista das forças da natureza pelo homem, e os melhores mitos possuem “um charme eterno”, segundo Marx; porém os mitos não são feitos das condições concretas existentes em dadas condições e, portanto, não são reflexos científicos da realidade. Quer dizer, nos mitos ou contos de fadas, os aspectos que constituem uma contradição têm apenas identidade imaginária, e não uma identidade concreta. O reflexo científico da identidade nas transformações reais é a dialética marxista.

Por que um ovo pode transformar-se numa galinha e uma pedra não? Por que existe identi-

dade entre guerra e paz e nenhuma entre a guerra e uma pedra? Por que os seres humanos podem procriar apenas seres humanos e nada mais? A única razão é que a identidade dos contrários existe apenas em necessárias condições dadas. Sem essas necessárias condições dadas não pode haver qualquer identidade.

Por que na Rússia de 1917 a Revolução de Fevereiro, democrático-burguesa, estava diretamente ligada com a Revolução de Outubro, proletária socialista, enquanto na França a revolução burguesa não estava diretamente ligada com a revolução socialista e a Comuna de Paris de 1871 terminou em fracasso? Por que, por outro lado, o sistema nômade da Mongólia e da Ásia Central esteve diretamente ligado ao socialismo? Por que a Revolução Chinesa pode evitar um futuro capitalista e ser diretamente vinculada com o socialismo, sem tomar a velha estrada histórica dos países ocidentais, sem passar por um período de ditadura burguesa? A única razão são as condições concretas da época. Quando certas condições necessárias estão presentes, certas contradições surgem no processo de desenvolvimento das coisas e, além disso, os contrários nelas contidos são interdependentes e se transformam uns nos outros; caso contrário, nada disso seria possível.

Tal é o problema da identidade. O que então é a luta? E qual a relação entre identidade e luta?

Lênin disse: "A unidade (coincidência, identidade, ação igual) dos contrários é condicional, temporária, transitória, relativa. A luta de contrários mutuamente exclusivos é absoluta, assim como o desenvolvimento e o movimento são absolutos."<sup>22</sup> O que isso significa?

22. Lênin, "On the Question of Dialectics", p.358.

Todos os processos têm um princípio e um fim, todos os processos se transformam em seus contrários. A constância de todos os processos é relativa, mas a mutabilidade manifestada na transformação de um processo em outro é absoluta.

Existem dois estados de movimento em todas as coisas, o do descanso relativo e o da mudança conspícua. Ambos são causados pela luta entre os dois elementos contraditórios contidos numa coisa. Quando a coisa está no primeiro estado do movimento, está sofrendo apenas mudança quantitativa e não mudança qualitativa, e conseqüentemente apresenta a aparência exterior de estar em descanso. Quando a coisa está no segundo estado do movimento, a mudança quantitativa do primeiro estado já alcançou o ponto culminante e dá lugar à dissolução da coisa como entidade, e imediatamente se segue uma mudança qualitativa; daí o aparecimento da mudança conspícua. Tais unidade, solidariedade, combinação, harmonia, estabilidade, impasse, dificuldade insuperável, descanso, constância, equilíbrio, solidez, atração etc., como os vemos na vida diária, são, todos, as aparências de coisas no estado de mudança quantitativa. Por outro lado, a dissolução da unidade – a destruição dessa solidariedade, combinação, harmonia, estabilidade, impasse, dificuldade insuperável, descanso, constância, equilíbrio, solidez e atração, e a transformação de cada uma delas em seu oposto – representa a aparência das coisas no estado de mudança qualitativa, a transformação de um processo em outro. As coisas estão constantemente se transformando do primeiro para o segundo estado do movimento; a luta dos contrários continua em ambos os estados, mas a contradição é resolvida através do segundo estado. Por isso dizemos que a unidade dos contrários é condicional, temporária e relativa, enquanto a luta dos contrários mutuamente excludentes é absoluta.

Quando dissemos acima que duas coisas opostas podem coexistir numa única entidade, e podem transformar-se uma na outra porque existe identidade entre elas, estávamos falando de condicionalidade, ou seja, do fato de que em dadas condições duas coisas contraditórias podem unir-se e transformar-se uma na outra, mas, na ausência dessas condições, elas não podem constituir uma contradição, não podem coexistir numa mesma entidade e não podem transformar-se uma na

outra. Porque a identidade dos contrários só é obtida em condições dadas que dizemos que a identidade é condicional e relativa. Podemos acrescentar que a luta entre os contrários permeia um processo do princípio ao fim e faz um processo transformar-se em outro, que ela é ubíqua, e que a luta, portanto, é incondicional e absoluta.

A combinação da identidade relativa e condicional com a luta absoluta e incondicional constitui o movimento dos contrários em todas as coisas.

Nós, chineses, dizemos frequentemente: “As coisas que se opõem mutuamente também se complementam mutuamente”;<sup>23</sup> isto é, coisas mutuamente opostas têm identidade (são idênticas). Esse ditado é dialético e contrário à metafísica. “Opor-se mutuamente” refere-se à exclusão mútua ou à luta de dois aspectos contraditórios. “Complementar-se mutuamente” significa que em dadas condições os dois aspectos contraditórios se unem e alcançam a identidade. No entanto a luta é inerente à identidade e sem luta não pode haver identidade.

Na identidade existe a luta, na particularidade existe a universalidade, e na individualidade existe a generalidade. Para citar Lênin, “existe um absoluto no relativo”.<sup>24</sup>

## 6. O lugar do antagonismo na contradição

A questão da luta dos contrários inclui a pergunta “o que é antagonismo”? Nossa resposta é que o antagonismo é uma forma, mas não a única, da luta dos contrários.

Na história humana, o antagonismo entre as classes existe como manifestação particular da

luta dos contrários. Considerem a contradição entre as classes exploradoras e exploradas. Tais classes contraditórias coexistem por longo tempo na mesma sociedade, seja ela escravista, feudal ou capitalista, e elas lutam umas com as outras; mas somente quando a contradição entre as duas classes se desenvolve até certo estágio é que ela assume a forma de antagonismo aberto e se transforma em revolução. O mesmo se dá com a transformação da paz em guerra na sociedade de classes.

Antes de explodir, uma bomba é entidade única na qual os contrários coexistem sob dadas condições. A explosão só ocorre quando uma nova condição, a ignição, está presente. Situação análoga ocorre em todos esses fenômenos naturais, que finalmente assumem a forma de conflito aberto para resolver velhas contradições e produzir coisas novas.

É muito importante entender esse fato. Ele nos possibilita compreender que as revoluções e as guerras revolucionárias são inevitáveis na sociedade de classes e que, sem elas, é impossível realizar qualquer salto no desenvolvimento social e derrubar as classes dominantes reacionárias, e portanto é impossível para o povo alcançar o poder político. Os comunistas devem desmascarar a propaganda enganosa dos reacionários, tais como a afirmação de que a revolução social é desnecessária e impossível. Eles devem sustentar firmemente a teoria marxista-leninista da revolução social e permitir que o povo entenda que a revolução social não é apenas inteiramente necessária, mas também inteiramente praticável, e que toda a história da humanidade e o triunfo da União Soviética confirmaram essa verdade científica.

No entanto, devemos fazer um estudo concreto das circunstâncias de cada luta específica dos contrários e não devemos aplicar a tudo, arbitrariamente, a fórmula discutida acima. A contradição e a luta são universais e absolutas, mas os métodos para resolver as contradições, isto é, as formas da luta, diferem de acordo com as diferenças na natureza das contradições. Algumas contradições são caracterizadas pelo antagonismo aberto, outras não. De acordo com o desenvolvimento concreto das coisas, algumas contradições que eram originalmente não-antagônicas se desenvolvem e se transformam em contradições antagônicas, enquanto outras, que eram originalmente antagônicas, se desenvolvem e se transformam em não-antagônicas.

23. A afirmação apareceu em *História da primeira dinastia Han*, de Pan Ku, célebre historiador no primeiro século da era cristã. Há muito transformou-se em ditado popular.

24. Lênin, “On the Question of Dialectics”, p.358.



Como já mencionamos, enquanto existirem as classes, as contradições entre as idéias corretas e incorretas no Partido Comunista são reflexos, dentro do Partido, das contradições de classe. No começo, com respeito a certas questões, tais contradições podem não se manifestar como antagônicas; mas, com o desenvolvimento da luta de classes, elas podem crescer e tornar-se antagônicas. A história do Partido Comunista da União Soviética mostra que as contradições entre o pensamento correto de Lênin e Stálin e o pensamento falacioso de Trótski, Bukharin e outros não se manifestaram, de início, de forma antagônica, porém mais tarde elas se desenvolveram até tornar-se antagônicas. Existem casos similares na história do Partido Comunista Chinês. No começo, as contradições entre o pensamento correto de muitos de nossos camaradas do Partido e o pensamento falacioso de Chen Tu-hsiu, Chang Kuo-tao e outros não se manifestaram de forma antagônica, porém mais tarde se desenvolveram até tornarem-se antagônicas. Na atualidade, a contradição entre o pensamento correto e o incorreto, em nosso Partido, não se manifesta de forma antagônica, e, se os camaradas que cometeram erros puderem corrigi-los, ela não se desenvolverá até o antagonismo. Portanto, o Partido deve, por um lado, promover uma séria luta contra o pensamento errôneo, e por outro dar aos camaradas que cometeram erros ampla oportunidade de despertar. Tal sendo o caso, a luta excessiva é obviamente inapropriada. Mas se as pessoas que cometeram erros persistirem neles e os agravarem, existe a possibilidade de que essa contradição se desenvolva até tornar-se antagônica.

Economicamente, a contradição entre a cidade e o campo é antagônica ao extremo, tanto na sociedade capitalista, em que, sob o governo da burguesia, as cidades implacavelmente pilham o campo, quanto nas áreas do Kuomintang na China, em que, sob o domínio do imperialismo estrangeiro e da grande burguesia *comprador* chinesa, as cidades vorazmente saqueiam o campo. Mas num país socialista e em nossas revolucionárias áreas de base, essa contradição antagônica transformou-se em contradição não-antagônica e será abolida quando a sociedade comunista for alcançada.

Lênin disse: "O antagonismo e a contradição não são a mesma coisa. Sob o socialismo, o primeiro desaparecerá, a segunda permane-

cerá."<sup>25</sup> Isso quer dizer que o antagonismo é uma forma, mas não a única, da luta dos contrários; a fórmula do antagonismo não pode ser arbitrariamente aplicada em toda parte.

## 7. Conclusão

Agora podemos dizer algumas palavras para resumir. A lei da contradição nas coisas, isto é, a lei da unidade dos contrários, é a lei fundamental da natureza e da sociedade, e assim também a lei fundamental do pensamento. Ela se opõe à perspectiva metafísica do mundo. Representa grande revolução na história do conhecimento humano. De acordo com o materialismo dialético, a contradição está presente em todos os processos de coisas objetivamente existentes e do pensamento subjetivo, e permeia todos esses processos do começo ao fim; essa é a universalidade e o absoluto da contradição. Cada contradição e cada um de seus aspectos tem as respectivas características; essa é a particularidade e a relatividade da contradição. Em dadas condições, os contrários possuem identidade, e conseqüentemente podem coexistir numa única entidade e podem transformar-se um no outro; isso, outra vez, é a particularidade e a relatividade da contradição. Mas a luta dos contrários é incessante, ela continua quando os contrários estão coexistindo e quando se estão transformando um no outro, e torna-se especialmente conspícua quando eles se estão transformando um no outro; isso, outra vez, é a universalidade e o absoluto da contradição. Ao estudarmos a particularidade e a relatividade da

25. Lênin, "Remarks on N.I. Bukharin's *Economics of the Transitional Period*", *Selected Works*, edição russa, Moscou-Leningrado, 1931, vol. XI, p.357.

contradição, devemos dar atenção à distinção entre a contradição principal e as contradições não-principais e à distinção entre o aspecto principal e o aspecto não-principal de uma contradição; ao estudarmos a universalidade da contradição e a luta dos contrários na contradição, devemos dar atenção à distinção entre as diferentes formas de luta. De outra forma cometeremos erros. Se, pelo estudo, adquirimos real compreensão do essencial explicado acima, seremos capazes de demolir idéias dogmáticas, contrárias aos princípios básicos do marxismo-leninismo e prejudiciais à nossa causa revolucionária, e nossos camaradas com experiência prática serão capazes de organizar sua experiência em princípios e evitar a repetição de erros empíricos. Essas são algumas simples conclusões de nosso estudo sobre a lei da contradição.

# 5

BRASIL  
 INSTITUTO DE PESQUISA E DEBATE  
 INSTITUTO DE PESQUISA E DEBATE  
 INSTITUTO DE PESQUISA E DEBATE  
 INSTITUTO DE PESQUISA E DEBATE

## Combater o liberalismo

7 de setembro de 1937

Defendemos a luta ideológica ativa porque é a arma para assegurar a unidade, dentro do Partido e das organizações revolucionárias, no interesse de nossa luta. Todo comunista e revolucionário deveria empunhar essa arma.

O liberalismo, porém, rejeita a luta ideológica e defende a paz sem princípios, dando lugar, assim, a um comportamento decadente e filisteu, trazendo a degeneração política a certas unidades e indivíduos, no Partido e nas organizações revolucionárias.

O liberalismo manifesta-se de várias maneiras.

Deixar que as coisas saiam de seu curso em prol da paz e da amizade, quando uma pessoa claramente cometeu erros; evitar discussões de princípios porque se conhece essa pessoa há muito tempo, porque ela mora na mesma cidade, porque é um companheiro de escola, um amigo próximo, um ser amado, um velho colega ou um antigo subordinado; ou abordar o assunto levemente, em vez de fazê-lo com rigor, para que tudo fique em bons termos – o resultado é que tanto a organização como o indivíduo são prejudicados: esse é um tipo de liberalismo.

Permitir-se crítica irresponsável em caráter privado, em vez de dirigir ativamente as sugestões à organização; nada

dizer na frente das pessoas e fazer comentários pelas costas, ou nada dizer numa reunião e fazer comentários depois que ela acaba; mostrar desconsideração pelos princípios da vida coletiva e seguir sua própria inclinação: esse é um segundo tipo.

Deixar que as coisas fiquem à deriva se não nos afetam pessoalmente; falar o menos possível, quando se sabe perfeitamente bem o que está errado; valer-se de sabedoria mundana, não se comprometer e buscar apenas evitar levar a culpa: esse é o terceiro tipo.

Não obedecer ordens e colocar as próprias opiniões em primeiro lugar. Pretender consideração especial da organização, mas rejeitar sua disciplina: esse é o quarto tipo.

Proceder a ataques pessoais, provocar querelas, deixar transparecer o rancor pessoal ou procurar vingança, em vez de levantar uma discussão e lutar contra visões incorretas em favor da unidade, do progresso, ou da realização correta do trabalho: esse é o quinto tipo.

Ouvir pontos de vista incorretos sem os rebater e até mesmo ouvir observações contra-revolucionárias sem as denunciar, antes as aceitar calmamente, como se nada tivesse acontecido: esse é o sexto tipo.

Estar entre as massas e não fazer agitação e propaganda, nem falar em reuniões e comícios e não realizar investigações e pesquisas no seio das massas, permanecendo indiferente a elas, não demonstrando preocupação com seu bem-estar, esquecendo de que se é comunista e comportando-se como se fosse um mero não-comunista: esse é o sétimo tipo.

Ver uma pessoa prejudicando os interesses das massas e mesmo assim não se mostrar indignado, não buscar dissuadi-la ou detê-la, não argumentar com ela, mas permitir que prossiga: esse é o oitavo tipo.

Trabalhar sem ânimo, sem plano ou direção definidos; trabalhar com desinteresse e tudo confundir – “Enquanto formos monges, tocaremos os sinos”: esse é o nono tipo.

Considerar-se alguém que prestou grande serviço à revolução, orgulhar-se de ser um veterano, menosprezar tarefas menores quando se está bastante despreparado para missões importantes, ser descuidado no trabalho e negligente no estudo: esse é o décimo tipo.

Ter consciência dos próprios erros e não fazer qualquer tentativa de corrigi-los, revelando atitude liberal para consigo mesmo: esse é o décimo primeiro tipo.

Poderíamos mencionar mais, mas esses onze são os tipos principais, são todos eles manifestações do liberalismo.

Extremamente prejudicial num coletivo revolucionário, o liberalismo é corrosivo que devora a unidade, mina a coesão, causa apatia e cria dissensão. Rouba das fileiras revolucionárias a organização compacta e a disciplina estrita; impede que as políticas sejam levadas a cabo e aliena as organizações do Partido das massas que ele lidera. É tendência extremamente ruim.

O liberalismo descende do individualismo pequeno-burguês; coloca os interesses pessoais em primeiro lugar e os interesses da revolução em segundo, o que dá origem ao liberalismo ideológico, político e organizacional.

Aqueles que são liberais consideram os princípios do marxismo dogmas abstratos. Aprovam o marxismo, mas não estão preparados para praticá-lo, ou pelo menos para praticá-lo plenamente: não estão preparados para substituir seu liberalismo pelo marxismo. Essas pessoas têm seu marxismo, mas também seu liberalismo – falam marxismo, mas praticam liberalismo; aplicam o marxismo aos outros e o liberalismo a si mesmas. Guardam ambas as mercadorias em estoque e encontram uso para cada uma. Assim funciona a mente de certas pessoas.

O liberalismo é manifestação do oportunismo e se opõe fundamentalmente ao marxismo. É negativo e objetivamente tem o efeito de ajudar o inimigo; por isso o inimigo aplaude sua preservação em nosso meio. Sendo tal sua natureza, não deveria haver lugar para o liberalismo nas fileiras da revolução.

Devemos usar o marxismo, que é positivo em espírito, para superar o liberalismo, que é negativo. Um comunista deve ter amplitude de visão, deve ser firme e ativo, considerando os interesses da revolução como a sua própria vida e subordinando seus interesses pessoais aos da revolução. Sempre, e por toda parte, deve aderir aos princípios e sustentar luta infatigável contra todas as idéias e ações incorretas, para consolidar a vida coletiva do Partido e fortalecer os laços entre o Partido e as

massas; deve preocupar-se mais com o Partido e com as massas do que com qualquer pessoa específica, bem como preocupar-se mais com os outros do que consigo mesmo. Só assim pode ser considerado comunista.

Todos os comunistas leais, honestos, ativos e justos precisam unir-se para opor-se às tendências liberais mostradas por algumas pessoas entre nós e colocá-las no caminho certo. Essa é uma das tarefas em nosso front ideológico.

# 6



## O povo chinês não pode ser intimidado pela bomba atômica

28 de janeiro de 1955

*Principais tópicos de uma conversa com o embaixador Carl-Johan (Cay) Sundstrom, primeiro enviado finlandês à China, quando este apresentou suas credenciais.*

A China e a Finlândia são países amistosos. Nossas relações estão baseadas nos cinco princípios da coexistência pacífica.

A China e a Finlândia nunca entraram em conflito. No passado, as guerras da China com países europeus foram apenas com Inglaterra, França, Alemanha, Rússia czarista, Itália, Império Austro-Húngaro e Holanda. Todos esses países vieram de longe para cometer agressões contra a China, como nas invasões pelas forças aliadas anglo-francesas e pelas forças aliadas das oito potências, que incluíam os Estados Unidos e o Japão. Dezesesseis países participaram da guerra de agressão contra a Coréia, inclusive Turquia e Luxemburgo. Todos esses países agressores diziam-se amantes da paz e estigmatizavam a Coréia e a China como agressores.

Hoje, o perigo de uma guerra mundial e as ameaças à China vêm principalmente dos instigadores da guerra den-

tro dos Estados Unidos. Eles ocuparam nossa Taiwan e os estreitos de Taiwan, e estão considerando a possibilidade de guerra atômica. Temos dois princípios: primeiro, não queremos a guerra; segundo, contra-atacaremos com firmeza se alguém nos invadir. É o que ensinamos aos membros do Partido Comunista e a toda a nação. O povo chinês não será intimidado pela chantagem atômica dos Estados Unidos. A população de nosso país é de 600 milhões de pessoas e uma área de 9 milhões e 600 mil quilômetros quadrados. Os Estados Unidos não podem aniquilar a nação chinesa com seu pequeno estoque de bombas atômicas. Mesmo que as bombas atômicas dos Estados Unidos fossem tão poderosas que, quando lançadas na China, cavassem um buraco na Terra ou a explodissem, isso dificilmente significaria alguma coisa para o Universo como um todo, embora pudesse tornar-se evento expressivo para o sistema solar.

Nossa expressão “milhetes\* e rifles”, no caso dos Estados Unidos, equivaleria a aviões e bomba atômica. No entanto, se os Estados Unidos, com seus aviões e bombas atômicas, desencadear guerra de agressão contra a China, esta, com seus milhetes e rifles, certamente surgirá vitoriosa. O povo do mundo inteiro nos apoiará. Como resultado da Primeira Guerra Mundial, o czar, os latifundiários e os capitalistas da Rússia foram varridos; como resultado da Segunda Guerra Mundial, Chiang Kai-shek e os latifundiários foram derrubados na China, e os países do Leste europeu e alguns países da Ásia foram libertados.

Se os Estados Unidos começarem uma terceira guerra mundial e ela vier a durar oito ou dez anos, o resultado será a eliminação da classe dominante nos Estados Unidos, na Inglaterra e nos demais países cúmplices, com a transformação da maior parte do mundo em países governados por Partidos Comunistas. As guerras mundiais terminam favorecendo não quem as provoca, mas antes os partidos comunistas e os revolucionários em todos os países. Se os instigadores querem fazer a guerra, então não nos devem culpar por fazer a revolução ou engajar-nos em “atividades subversivas”, como dizem o

tempo todo. Se desistirem da guerra, poderão sobreviver um pouco mais. Mas quanto antes começarem a guerra, mais cedo serão varridos da face da Terra. Então será criada uma Organização Popular das Nações Unidas, talvez em Xangai, talvez em algum lugar da Europa, ou até em Nova York, desde que os instigadores da guerra norte-americanos tenham sido eliminados.

\* Milhete: nome genérico de uma série de gramíneas cultivadas como cereais que se adaptam bem ao solo árido e semi-árido, tendo alto valor energético. (N.T.)

## 7

## O imperialismo norte-americano é um tigre de papel

14 de julho de 1956

*Parte de uma conversa com duas figuras públicas latino-americanas.*

Os Estados Unidos ostentam por toda parte a bandeira anticomunista como justificativa para perpetrar a agressão contra outros países.

Os Estados Unidos têm dívidas por toda parte, devem não só aos países da América Latina, Ásia e África, mas também aos povos da Europa e da Oceania. O mundo inteiro, incluindo a Inglaterra, não gosta dos Estados Unidos. As massas do povo não gostam deles. O Japão não gosta dos Estados Unidos porque é oprimido por eles. Nenhum dos países do leste está livre da agressão norte-americana. Os Estados Unidos invadiram nossa província de Taiwan. O Japão, a Coreia, as Filipinas, o Vietnã e o Paquistão, todos sofrem a agressão dos Estados Unidos, mesmo que alguns sejam seus aliados. Os povos estão insatisfeitos, e em alguns países as autoridades também.

Todas as nações oprimidas querem a independência.

Tudo está sujeito a mudança. As grandes forças decadentes darão lugar às pequenas forças recém-nascidas, que se transformarão em grandes forças porque a maioria do povo exige essa mudança. As grandes forças imperialistas dos Estados Unidos se tornarão pequenas porque o povo norte-americano também está insatisfeito com seu governo.

Ao longo de minha vida eu mesmo testemunhei tais transformações. Alguns de nós, aqui presentes, nascemos durante a dinastia Ching, e outros depois da Revolução de 1911.

A dinastia Ching foi derrubada há muito tempo. Por quem? Pelo partido liderado por Sun Yat-sen, junto com o povo. As forças de Sun Yat-sen eram tão pequenas que os funcionários Ching não as consideraram com seriedade. Ele liderou muitas revoltas, que falharam de modo recorrente. No final, no entanto, Sun Yat-sen derrubou a dinastia Ching. O tamanho não é algo a temer. Os grandes serão derrubados pelos pequenos. Os pequenos se tornarão grandes. Depois de derrubar a dinastia Ching, Sun Yat-sen encontrou-se com a derrota, porque falhou em satisfazer os pedidos do povo, tais como demandas de terra e oposição ao imperialismo. Nem entendeu a necessidade de suprimir os contra-revolucionários, que então se moviam livremente. Mais tarde, ele sofreu derrota nas mãos de Yuan Shih-kai, o líder dos generais do norte. As forças de Yuan Shih-kai eram superiores às de Sun Yat-sen. Aqui, outra vez, operou aquela lei: pequenas forças unidas ao povo se tornam fortes, enquanto grandes forças opostas ao povo se tornam fracas. Subseqüentemente, os revolucionários democrático-burgueses de Sun Yat-sen cooperaram conosco, os comunistas, e juntos derrotamos o esquema dos generais deixado atrás por Yuan Shih-kai.

O governo de Chiang Kai-shek na China foi reconhecido pelos governos de todos os países, durou 22 anos, e suas forças eram as maiores. Nossas forças eram pequenas, 50 mil membros do Partido no começo, mas só alguns milhares depois das supressões contra-revolucionárias. O inimigo criou problemas por toda parte. Outra vez operou aquela lei: os grandes e fortes terminam derrotados porque estão divorciados do povo, enquanto os pequenos e fracos emergem vitoriosos porque estão ligados ao povo e trabalham por ele. Assim se deram as coisas no final.

Durante a guerra antijaponesa, o Japão era muito poderoso, as forças do Kuomintang foram obrigadas a ir para o interior, e as forças armadas lideradas pelo Partido Comunista só podiam praticar guerrilha nas áreas rurais, além das linhas inimigas. O Japão ocupou grandes cidades chinesas, como Pequim, Tianjin, Xangai, Nanquim, Wuhan e Cantão. Mesmo assim, como Hitler na Alemanha, os militaristas japoneses entraram em colapso em poucos anos, de acordo com a mesma lei.

Sofremos inúmeras dificuldades e fomos levados do sul ao norte, enquanto nossas forças caíram de várias centenas de milhares a algumas poucas dezenas de milhares. No final da Longa Marcha de 12.500km, tínhamos apenas 25 mil homens conosco.

Na história de nosso Partido ocorreram muitas linhas errôneas de “esquerda” e direita. As mais graves de todas foram a linha de direita de Chen Tu-hsiu e a linha de “esquerda” de Wang Ming, que se desviavam da doutrina do Partido. Além disso, houve os erros de desvio de direita cometidos por Chang Kuo-tao, Kao Kang e outros.

Também existe o lado bom dos erros, pois eles podem educar o povo e o Partido. Temos muitos professores pelo exemplo negativo, como o Japão, os Estados Unidos, Chiang Kai-shek, Chen Tu-hsiu, Li Lisan, Wang Ming, Chang Kuo-tao e Kao Kang. Pagamos um preço muito alto para aprender com esses professores pelo exemplo negativo. No passado, a Inglaterra entrou em guerra conosco muitas vezes. Inglaterra, Estados Unidos, Japão, França, Alemanha, Itália, Rússia czarista e Holanda, todos estavam interessados em nossa terra. Foram todos nossos professores, pelo exemplo negativo, e nós fomos seus alunos.

Durante a Guerra de Resistência, nossas tropas cresceram e chegaram a 900 mil homens, combatendo contra o Japão. Depois veio a Guerra de Libertação. Nossas armas eram inferiores às do Kuomintang. As tropas do Kuomintang naquela época chegavam a quatro milhões de homens, mas em três anos de luta nós liquidamos ao todo com oito milhões deles. O Kuomintang, apesar de ajudado pelo imperialismo norte-americano, não pôde nos derrotar. Os grandes e fortes não podem vencer, são sempre os pequenos e fracos que terminam vencendo.

Agora o imperialismo norte-americano parece bem poderoso, mas na realidade não é. É muito fraco politicamente porque está divorciado das massas do povo e é antipatizado por todos, e até pelo povo norte-americano. Na aparência é muito poderoso, mas na realidade não é nada a se temer: é um tigre de papel. Externamente tigre, é feito de papel, incapaz de resistir ao vento e à chuva. Acredito que os Estados Unidos não são mais que um tigre de papel.

A história como um todo, a história da sociedade de classes durante milhares de anos, provou este ponto: os fortes devem dar lugar aos fracos. Isso é verdade para as Américas também.

Só quando o imperialismo for eliminado pode prevalecer a paz. Dia virá em que os tigres de papel serão liquidados; eles, porém, não se extinguirão por acordo próprio: devem ser batidos pelo vento e pela chuva.

Quando dizemos que o imperialismo norte-americano é um tigre de papel, estamos falando em termos de estratégia. Considerado em seu todo, devemos desprezá-lo, mas considerando cada parte, devemos tomá-lo seriamente. Ele tem presas e garras. Devemos destruí-lo gradualmente. Por exemplo, se tiver dez presas, quebre uma da primeira vez, e restarão nove; acabe com outra, e restarão oito. Quando todas as presas tiverem sido destruídas, ele ainda terá as garras. Se tratarmos disso passo a passo e com seriedade, certamente venceremos no final.

Estrategicamente, devemos desprezar por completo o imperialismo norte-americano. Taticamente, devemos levá-lo a sério. Lutando contra ele, devemos encarar cada batalha, cada encontro, com seriedade. Atualmente, os Estados Unidos são poderosos, mas quando examinados em perspectiva mais ampla, como um todo e do ponto de vista de longo prazo, eles não têm apoio popular, suas políticas não são simpáticas ao povo, que eles oprimem e exploram. Por essa razão, o tigre está condenado. Portanto, nada há a temer, e pode ser desprezado. Mas hoje os Estados Unidos ainda têm força, produzindo mais de 100 milhões de toneladas de aço por ano e atacando em todas as partes. Por isso devemos continuar a lutar contra eles, lutar com toda nossa força e disputar com eles cada posição. E isso leva tempo.

Parece que os países das Américas, Ásia e África terão de continuar combatendo os Estados Unidos até o fim, até que o tigre de papel seja destruído pelo vento e pela chuva.

Para opor-se ao imperialismo norte-americano, as pessoas de origem européia nos países latino-americanos devem unir-se aos indígenas nativos. Talvez os imigrantes brancos da Europa possam ser divididos em dois grupos, um composto por governantes e o outro por governados. Isso deverá tornar mais fácil para o grupo de pessoas brancas oprimidas aproximar-se das pessoas nativas, pois sua posição é a mesma.

Nossos amigos na América Latina, Ásia e África estão na mesma posição que nós e fazem o mesmo tipo de trabalho, alguma coisa para o povo a fim de diminuir sua opressão pelo imperialismo. Se fizermos um bom trabalho, poderemos erradicar a opressão imperialista. Nisso somos camaradas.

Somos da mesma natureza que vocês em nossa oposição à opressão imperialista, só diferindo na posição geográfica, nacionalidade e língua. Mas somos diferentes do imperialismo por natureza, e a mera visão dele nos adocece.

Para que serve o imperialismo? O povo chinês não fará uso dele, nem o farão os povos do resto do mundo. Não existe razão para a existência do imperialismo.

# 8

8

## A respeito do livro de Stálin *Problemas econômicos do socialismo na União Soviética*

Novembro de 1958

Os comitês regionais e provinciais devem estudar esse livro.<sup>1</sup> No passado, todos o leram sem dele tirar uma impressão profunda. Deve ser estudado em conjunção com as circunstâncias atuais da China. Os primeiros três capítulos contêm muitas coisas às quais se deve prestar atenção; várias são corretas, embora haja passagens em que talvez o próprio Stálin não tenha formulado as coisas de forma suficientemente clara. Por exemplo, no Capítulo 1, ele diz apenas algumas palavras sobre as leis objetivas e como planejar a economia, sem desenvolver suas idéias; talvez, para ele, o planejamento soviético da economia já refletisse os princípios objetivos de governo.

Sobre a questão das indústrias pesada, leve e da agricultura, a União Soviética não colocou ênfase suficiente nas últimas duas, e por conseguinte sofreu perdas. Além disso, eles não fizeram

1. *Economic Problems of Socialism in the USSR*, de Stálin, Pequim, Foreign Languages Press, 1972 (1ª ed.). A data para esse documento na edição de 1967 de *Selected Works*, vol.VI, é 1959. A edição de 1969 data-o de 1958. Não houve nenhuma Conferência de Ch'engchou em novembro de 1959, mas houve uma em novembro de 1958. O documento quase certamente data dessa época.



um bom trabalho ao combinar os interesses imediatos e de longo prazo do povo. Quanto ao principal, eles andaram com uma perna só.

Comparando o planejamento, quem de nós, afinal, tinha o “desenvolvimento proporcional planificado” mais bem adaptado? Outro ponto: Stálin enfatizou apenas a tecnologia, os quadros técnicos. Ele só queria tecnologia, nada além de quadros: política, não, massas, não. Isso também é andar numa perna só. Na indústria, mais uma vez andaram com uma perna só quando prestaram atenção à pesada, mas não à leve. Além disso, não indicaram os aspectos principais das contradições na relação entre setores da indústria pesada. Exageraram sua importância, afirmando que o aço era o fundamento, as máquinas, o coração e a alma. Nossa posição é que os grãos são o suporte da agricultura, o aço, o da indústria, e se o aço for considerado suporte principal, quando tivermos matéria-prima, a indústria das máquinas irá atrás dela. Stálin lançou perguntas no Capítulo 1; sugeriu os princípios objetivos de governo, mas falhou ao não fornecer respostas satisfatórias.

No Capítulo 2, Stálin discute as mercadorias; no 3, a lei do valor. Falando em termos relativos, apóio muitas das opiniões expressadas. Dividir a produção em dois setores principais e dizer que os meios de produção não são mercadorias, esses aspectos merecem estudo. Na agricultura chinesa ainda existem meios de produção que deveriam ser mercadorias.

Minha opinião é que a última das três cartas<sup>2</sup> do anexo está inteiramente errada. Expressa uma

2. Resposta aos camaradas A.V. Sanina e V.G. Venzher, incluída em *Economic Problems*.

profunda preocupação, uma crença de que não se pode confiar que os camponeses distribuam as máquinas agrícolas; que se apegariam a elas. Por um lado, Stálin afirma que os meios de produção são propriedade do Estado. Por outro, que os camponeses não podem pagá-los. O fato é que ele engana a si mesmo. O Estado controlava os camponeses muito, muito firmemente, inflexivelmente. Nas duas transições, Stálin fracassou em encontrar meios e caminhos adequados – questão vexatória para ele.

O capitalismo deixa atrás de si a figura da mercadoria, que devemos conservar por enquanto. As leis de troca de mercadorias que governa seu valor não desempenham um papel regulador em nossa produção. Este é desempenhado pela planificação, pelo grande salto para adiante sob planificação, pela política no comando. Stálin fala apenas das relações de produção, não da superestrutura, não das relações entre a superestrutura e a base econômica.

Os quadros chineses participam da produção; os trabalhadores participam da gerência. Enviar quadros para níveis inferiores, a fim de que sejam temperados, descartando velhas regras e regulamentos – tudo isso pertence à superestrutura, à ideologia. Stálin menciona apenas a economia, não a política. Ele pode falar de trabalho altruísta, mas, na realidade, até mesmo uma hora extra de trabalho é dada com relutância. Não existe altruísmo. O papel do povo, o papel do trabalhador – estes não são mencionados. Se não houvesse um movimento comunista, seria difícil imaginar a transição para o comunismo. “Todo o povo por mim, eu por todo o povo.” Isso não está certo. Tudo está conectado à própria pessoa. Alguns dizem que Marx afirmou isso. Se é verdade, não façamos propaganda disso. “Todo o povo por mim” significa todos por mim, o indivíduo. “Eu sou por todos.” Bem, por quantos você pode ser?

O direito burguês é manifestado como lei e educação burguesas. Queremos destruir parte da ideologia do direito burguês, a pose nobre, os três estilos (burocrático, sectário e subjetivo) e os cinco ares (oficioso, arrogante, apático, extravagante e precioso). Mas a circulação de mercadorias, a forma mercadoria, a lei do valor,

estas, por outro lado, não podem ser destruídas sumariamente, embora sejam categorias burguesas. Se fizermos agora propaganda pela total eliminação da ideologia do direito burguês, esta não seria uma posição razoável; tenham isso em mente.

Existem alguns poucos na sociedade socialista – proprietários de terras, camponeses ricos, direitistas – que têm predileção pelo capitalismo e o defendem. Mas a vasta maioria pensa em passar para o lado do comunismo. Isso, no entanto, deve ser feito passo a passo. Você não pode chegar ao céu em um passo. Tomemos as comunas do povo: por um lado, elas devem desenvolver produção auto-suficiente; por outro, a troca de mercadorias. Usamos a troca de mercadorias e a lei do valor como ferramentas para desenvolver a produção e facilitar a transição. Somos uma nação cuja produção de mercadorias está muito subdesenvolvida. No ano passado produzimos 1,85 bilhão de toneladas de grãos de comida. Desse número, os grãos comercializados chegaram a aproximadamente 450 milhões de toneladas. Além dos grãos, safras industriais, como o algodão e o cânhamo, também estão subdesenvolvidas. Portanto, precisamos passar por esse estágio (de mercadoria) do desenvolvimento.

Atualmente ainda existem vários condados onde a comida não é cobrada, mas eles não podem pagar salários. Em Hopei, existem três desses condados, e outro que pode pagar salários, mas não muito: três ou cinco *yuan*s. Desse modo ainda devemos desenvolver a produção, coisas que possam ser vendidas, além de grãos de comida. Na Conferência de Agricultura de Sian, esse aspecto foi considerado de forma insuficiente. Em resumo, temos uma nação cujo comércio é subdesenvolvido e, no entanto, em muitos aspectos, chegamos ao socialismo. Devemos eliminar a parte do direito burguês, mas a produção e a troca de mercadorias ainda devem ser mantidas. Hoje existe uma tendência a achar que, quanto antes o comunismo chegue, melhor. Alguns sugerem que apenas em três a cinco anos estaremos fazendo a transição. No condado de Fan, em Shantung, foi sugerido que quatro anos poderia ser um pouco devagar!

3. Destinatário da segunda carta de Stálin, incluída em *Economic Problems*.

4. O sistema de salários estabelecido em 1953 enfatizava predominantemente incentivos materiais individuais de curto prazo. Estipulava um sistema de pontuação de salários de oito categorias, variando de 139 a 390 pontos de pagamento por mês. Trabalhos similares em diferentes regiões receberiam um número igual de pontos de trabalho, mas o valor dos pontos de trabalho variava de acordo com o custo de vida regional. Por volta de 1956 o sistema de pontos de pagamento fora substituído por um sistema de salários, mas a estrutura de oito categorias se manteve.

5. Esses campos procuravam desenvolver técnicas novas e avançadas, como plantio mais próximo, plantio precoce, aração profunda etc. Se fossem bem-sucedidas em aumentar a produção, as técnicas seriam popularizadas em toda a China. Aumentando a produção e, assim, o fundo total de salários, o conceito de campo experimental poderia ajudar a minar a base ideológica do sistema gradual de salários, demonstrando que os especialistas poderiam aprender com os camponeses.

6. Isso é idêntico, em chinês, à propriedade por parte de todo o povo.

Na atualidade, existem alguns economistas que não gostam de economia – Yaroshenko,<sup>3</sup> por exemplo. Por ora e por algum tempo no futuro deveremos expandir a alocação e a entrega para as comunas. E teremos de expandir a produção de mercadorias. De outra forma não poderemos pagar salários ou melhorar a vida. Alguns de nossos camaradas são culpados de má percepção quando, tratando-se de mercadorias e produção de mercadorias, querem destruir o domínio burguês a cada dia. Dizem que salários, graus etc. prejudicam o sistema de livre abastecimento. Em 1953 trocamos o sistema de livre abastecimento por um sistema de salários.<sup>4</sup> Esse enfoque estava basicamente correto. Tivemos de dar um passo atrás. Mas havia um problema: também demos um passo atrás em matéria de graus; isso causou furor. Depois de um período de retificação, os graus foram reescalados para baixo. O sistema de graus é uma relação pai/filho, uma relação gato/rato: deve ser atacado dia após dia. Enviar os quadros para níveis mais baixos, dirigindo os campos experimentais<sup>5</sup> – estas são formas de mudar o sistema de graus; caso contrário, não haverá grandes saltos!

Nas comunas urbanas do povo, os capitalistas podem entrar e servir como funcionários. Mas a etiqueta de capitalista deve apostar neles. Com respeito ao socialismo e ao comunismo, o que se entende por construir o socialismo? Levantamos dois aspectos: 1) a manifestação concentrada de construir o socialismo está tornando realidade a adoção da propriedade pública socialista completa;<sup>6</sup> 2) construir o socialismo significa transformar a propriedade coletiva no plano da

comuna em propriedade pública. Alguns camaradas desaprovam traçar linha tão estrita entre esses dois tipos de sistemas de propriedade, considerando as comunas já totalmente de propriedade pública.

Na realidade, no entanto, existem dois sistemas distintos. Um tipo é a propriedade pública, como na Fábrica de Ferro e Aço de Anshan; o outro é a propriedade coletiva no plano da comuna. Se não reconhecermos isso, qual o sentido de construir o socialismo? Stálin admitiu a distinção quando falou de três condições. Essas três condições básicas fazem sentido e podem ser resumidas assim: 1) aumentar a produção social; 2) passar da propriedade coletiva para a propriedade pública; 3) passar da troca de mercadorias para a troca de produtos, de trocar valor para usar valor.

Nesses dois aspectos mencionados acima, nós chineses estamos: 1) expandindo e lutando para aumentar a produção, promovendo ao mesmo tempo a indústria e a agricultura, com preferência para o desenvolvimento da indústria pesada; 2) passando da pequena propriedade coletiva à propriedade pública, e, depois, mais adiante, à propriedade pública completa. Aqueles que não admitem essas distinções (entre os tipos de propriedade) parecem defender a posição de que já chegamos à propriedade pública. Isso é errado. Stálin falava de cultura quando propôs as três condições, o desenvolvimento físico e a educação de todo o povo. Para isso propôs quatro condições: 1) seis horas de trabalho por dia; 2) combinar a educação técnica com o trabalho; 3) melhorar as condições de moradia; 4) aumentar os salários. Aumentar os salários e diminuir os preços é particularmente útil, aqui, mas faltam as condições políticas.

Todas essas condições estão destinadas, basicamente, a incrementar a produção. Se o resultado da produção for abundante, será mais fácil resolver o problema de transformar a propriedade coletiva em propriedade pública. Para aumentar a produção precisamos: “Mais! Mais rápido! Melhor! Com mais economia!” E para isso necessitamos da política no comando, com as quatro promoções atuando ao mesmo tempo, as campanhas de retificação, o esmagamento da ideologia do direito burguês. Agreguem a isso as comunas do povo, e se torna mais fácil alcançar “Mais! Mais rápido! Melhor! Com mais economia!”

Quais as implicações de uma propriedade pública completa? Existem duas: 1) os meios de produção são propriedade de todo o povo; 2) o resultado da produção é propriedade de todo o povo.

A característica da comuna do povo é que ela constitui o nível básico pelo qual indústria, agricultura, exército, educação e comércio serão integrados em nossa estrutura social. Na época atual, ela é o nível básico da organização administrativa. A milícia lida com ameaças estrangeiras, em especial dos imperialistas. A comuna é a melhor forma organizacional para levar a cabo as duas transições: primeiro, da propriedade socialista (o presente) para a propriedade pública completa; e, depois, da propriedade pública completa para a propriedade comunista. No futuro, quando as transições tiverem se completado, a comuna será o mecanismo básico da sociedade comunista.

## 9

## Crítica ao livro de Stálin *Problemas econômicos do socialismo na União Soviética*

1958

O livro de Stálin, do começo ao fim, nada diz sobre a superestrutura. Não está preocupado com pessoas; considera as coisas, e não as pessoas. O tipo de sistema de abastecimento para bens de consumo ajuda a acelerar o desenvolvimento econômico ou não? Ele deveria ao menos ter mencionado esse assunto. É melhor ter ou não ter produção de mercadorias? Todos devem estudar isso. O ponto de vista de Stálin em sua última carta<sup>1</sup> é quase completamente errado. O erro básico é a falta de confiança nos camponeses.

Partes do primeiro, segundo e terceiro capítulos são corretas; outras partes poderiam ter sido mais claras. Por exemplo, a discussão da economia planificada não está completa. A taxa de desenvolvimento da economia soviética não é suficientemente alta, ainda que seja mais rápida que as taxas capitalistas. As relações entre agricultura

1. Resposta aos camaradas A.V. Sanina e V.G. Venzher.

e indústria, assim como entre indústria leve e pesada, não estão claramente explicadas.

Parece que eles tiveram sérias perdas. A relação entre interesses de curto e longo prazo não teve desenvolvimento espetacular. Eles andam numa perna só; nós andamos em duas. Eles acreditam que a tecnologia tudo decide, que os quadros tudo decidem, falando apenas a respeito de “especialistas”, nunca de “vermelhos”, sempre dos quadros, nunca das massas. Isso é andar numa perna só. No tocante à indústria pesada, eles falharam ao não encontrar a contradição principal, chamando o aço de fundamento, as máquinas de coração e estômago, o carvão de comida... Para nós, o aço é o suporte principal, a contradição principal na indústria, como os cereais são o suporte principal na agricultura. Outras coisas se desenvolvem proporcionalmente.

No primeiro capítulo, ele discute o entendimento das leis, mas sem propor um método. Sobre a produção de mercadorias e a lei do valor, tem várias opiniões que aprovamos, mas também existem problemas. Limitar a produção de mercadorias aos meios de subsistência é realmente bem duvidoso. A falta de confiança nos camponeses é o ponto de vista básico da terceira carta. Em essência, Stálin não descobriu um caminho que fizesse a transição da propriedade coletiva para a pública. Produção e troca de mercadorias são formas que mantivemos, mas em relação à lei do valor devemos falar a respeito de planificação e, ao mesmo tempo, da política no comando. Ele fala apenas das relações de produção, não da superestrutura ou da política, ou do papel do povo. O comunismo não pode ser alcançado a não ser que exista um movimento comunista.<sup>2</sup>

2. Os primeiros quatro parágrafos fazem comentários críticos sobre o texto inteiro. Depois há uma série de observações críticas a seções específicas. Antes de cada comentário o texto original de Stálin é mencionado, como foi traduzido para o *Jen min ch'u pan she*, 3ª ed., jan 1958.

## 1.

Esses camaradas... é evidente... confundem leis da ciência, que refletem processos objetivos na natureza ou na sociedade, processos que ocorrem independentemente da vontade do homem, com as leis que são promulgadas pelos governos, que são feitas pela vontade do homem, e que têm apenas validade jurídica. Mas eles não devem ser confundidos.

Esse princípio é basicamente correto, mas duas coisas estão erradas: primeiro, a atividade consciente do Partido e das massas não foi suficientemente explicada; segundo, não é compreensível o bastante, falhando em explicar que os decretos do governo não são corretos apenas porque surgem da vontade da classe trabalhadora, mas também pelo fato de que refletem fielmente os imperativos das leis econômicas objetivas.

## 2.

Deixando de lado os processos astronômicos, geológicos e outros similares, que o homem não tem poder de influenciar, mesmo que tenha chegado a conhecer as leis do seu desenvolvimento...

Esse argumento está errado. O conhecimento humano e a capacidade de transformar a natureza não têm limites. Stálin não considerou essas questões do ponto de vista do desenvolvimento. O que não pode ser feito agora, poderá ser feito no futuro.

## 3.

O mesmo deve ser dito sobre as leis do desenvolvimento econômico, as leis da economia política – tanto no capitalismo como no socialismo. Aqui, também, as leis do desenvolvimento econômico, como no caso das ciências naturais, são objetivas, refletindo processos do desenvolvimento econômico que têm lugar independentemente da vontade do homem.

Como faremos para planificar a economia? Não foi dada atenção suficiente à indústria leve, à agricultura.

## 4.

Por isso diz Engels no mesmo livro: “As leis de sua própria ação social, até aqui ficando cara a cara com o homem, como leis da natureza estranhas a ele, e que o dominam, serão então usadas com plena compreensão, e assim dominadas por ele” (*Anti-Dühring*).

A liberdade é a lei objetiva necessária compreendida pelas pessoas. Tal lei enfrenta as pessoas, é independente delas. Mas uma vez que as pessoas a compreendam, podem controlá-la.

## 5.

O papel específico do governo soviético se deveu a duas circunstâncias: primeira, o que o governo soviético teve que fazer não foi substituir uma forma de exploração por outra, como era o caso das primeiras revoluções, mas sim abolir a exploração como um todo; segunda, dada a ausência no país de quaisquer rudimentos já prontos de uma economia socialista, ele teve que criar formas novas, socialistas, de economia, “começando do zero”, por assim dizer.

A inevitabilidade das leis econômicas socialistas – isso é algo que precisa ser estudado. Na Conferência de Ch’engtu, eu disse que teríamos de ver se nosso programa geral (“Mais! Mais depressa! Melhor! Com mais economia!”, as três atuando em conjunto, e a linha de massas) fracassaria<sup>3</sup> ou se teria sucesso. Isso não poderá ser demonstrado durante vários anos, ou mesmo até daqui a dez anos. As leis da revolução, das quais alguns duvidaram, provaram-se agora corretas porque o inimigo foi derrubado. A construção

3. Mao fala aqui da compra excessiva de grãos no final de 1954 e as conseqüentes faltas de grãos no campo na primavera de 1955. Mais tarde, a cota de compra pelo Estado foi reduzida em 3,5 milhões de toneladas, e a tensão no campo diminuiu. Essas ocorrências, no entanto, tiveram lugar na primavera de 1955, e não ao final daquele ano, que se caracterizou pela contínua maré alta de coletivização do campo na China.

socialista pode funcionar? As pessoas ainda têm dúvidas. Nossa prática chinesa está de acordo com as leis econômicas da China? Isso deve ser estudado. Minha opinião é que, se a prática estiver em geral de acordo, as coisas andarão bem.

## 6.

Isto [criar novas formas socialistas de economia “a partir de zero”] foi, sem dúvidas, tarefa difícil, complexa e sem precedentes.

Com respeito à criação de formas econômicas socialistas, temos o precedente da União Soviética e, por essa razão, devemos ter desempenho um pouco melhor que o deles. Se arruirmos as coisas, isso mostrará que o marxismo chinês não funciona. Quanto à dificuldade e complexidade das tarefas, não é diferente do que a União Soviética enfrentou.

## 7.

Diz-se que a necessidade de desenvolvimento equilibrado (proporcional) da economia nacional em nosso país possibilita ao governo soviético abolir as leis econômicas existentes e criar novas. Isso é absolutamente falso. Nossos planos anuais e quinquenais não devem ser confundidos com a lei econômica objetiva do desenvolvimento equilibrado, proporcional, da economia nacional.

Esse é o “x” do problema.

## 8.

Isso significa que a lei do desenvolvimento equilibrado da economia nacional torna possível, aos nossos grupos de planificação, planejar corretamente a produção social. Mas as possibilidades não podem ser confundidas com a realidade – são coisas diferentes. Para transformar a possibilidade em realidade, é necessário estudar essa lei econômica, dominá-la, aprender a aplicá-la com total compreensão, e compilar tais planos como se refletissem totalmente os

requerimentos dessa lei. Não se pode dizer que os requerimentos dessa lei econômica estão totalmente refletidos por nossos planos anuais e quinquenais.

O aspecto central desse trecho é que não devemos confundir a lei objetiva do desenvolvimento proporcional planejado com planificação. No passado também inventávamos planos, mas eles freqüentemente causavam tempestades. Demasiado! Muito pouco! Cegamente nos chocávamos contra as coisas, nunca seguros do melhor caminho. Só depois de sofrer tortuosas lições, movendo-nos em padrões em forma de “U”, todos espremendo o cérebro para pensar em respostas, foi que chegamos ao programa agrícola dos 40 artigos, que agora estamos pondo em prática.

Estamos na metade do caminho para projetar 40 artigos novos. Depois de outros três anos de amargas lutas, nós nos desenvolveremos mais; depois de discussões plenas e suficientes, agiremos outra vez. Podemos fazer disso uma realidade? Isso fica por ser provado na prática objetiva. Trabalhamos na indústria durante oito anos, mas não compreendemos que deveríamos tomar o aço como suporte principal. Esse era o aspecto principal da contradição na indústria. Foi monismo. Entre o grande, o médio e o pequeno, tomamos o grande como suporte principal; entre o centro e as regiões, tomamos o centro. Dos dois lados de qualquer contradição, um é o principal.

Por mais importantes que fossem os oito anos de realizações, mesmo assim ainda estávamos Tateando em nosso caminho. Não se pode dizer que nossa planificação da produção foi inteiramente correta, que refletia inteiramente as leis objetivas. A planificação é feita por todo o Partido, não só pelo comitê de planejamento ou pelo comitê de economia, mas por todos os níveis; todos estão envolvidos. Nesse trecho, Stálin está teoricamente correto. Mas ainda não existe análise finamente detalhada, nem mesmo o começo de explicação clara. Os soviéticos não distinguiram entre grande, médio e pequeno, a região e o centro; nem promoveram ao mesmo tempo a indústria e a agricultura. De fato não caminharam sobre as duas pernas. Suas regras e seus regulamentos limitaram o movimento das pessoas. Mas nós não estudamos e compreendemos adequadamente nossa situação, e, como resultado, nossos planos também não refletem por completo as leis objetivas.

## 9.

Examinemos a fórmula de Engels. Ela não pode ser considerada totalmente clara e precisa, porque não indica se está se referindo à confiscação pela sociedade de todos ou de apenas parte dos meios de produção; isto é, se todos ou apenas parte dos meios de produção são convertidos em propriedade pública. Por essa razão, essa fórmula de Engels pode ser compreendida de ambas as formas.

Essa análise toca o essencial! O problema é dividir os meios de produção em duas partes. Dizer que os meios de produção não são mercadorias merece estudo.

## 10.

Nesta seção, “A produção de mercadorias sob o socialismo”, Stálin não enunciou amplamente as condições para a existência de mercadorias. A existência de dois tipos de propriedade é a premissa principal para a produção de mercadorias. Mas em definitivo, a produção de mercadorias também está relacionada com as forças produtivas. Por essa razão, mesmo sob a propriedade pública completamente socializada, a troca de mercadorias ainda terá de ser operativa em algumas áreas.

## 11.

Deduz-se disso que Engels tinha em mente países onde o capitalismo e a concentração da produção tivessem avançado o suficiente, tanto na indústria como na agricultura, para permitir a expropriação de todos os meios de produção no país e sua conversão em propriedade pública. Engels, por conseguinte, considera que em tais países, paralelamente à socialização de todos os meios de produção, a produção de mercadorias deveria terminar. E isso, é claro, é correto.

A análise de Stálin da fórmula de Engels é correta. Atualmente, existe forte tendência para terminar com a produção de mercadorias.

As pessoas ficam perturbadas quando vêm a produção de mercadorias, tomando-a pelo próprio capitalismo. Mas parece que a produção de mercadorias terá de ser muito desenvolvida, e o estoque de dinheiro aumentado, pelo bem da solidariedade de várias centenas de milhões de camponeses. Isso coloca um problema para a ideologia de vários milhares de quadros, assim como para a solidariedade de várias centenas de milhões de camponeses.

Possuímos agora apenas parte dos meios de produção, mas parece que algumas pessoas querem declarar de imediato a propriedade para todo o povo, tirando-a dos pequenos e médios produtores. Mas não declaram a categoria da propriedade! Ela deverá ser possuída pela comuna ou pelo condado? Abolir as mercadorias e a produção de mercadorias dessa maneira, apenas declarando a propriedade pública, é despojar os camponeses.

No final de 1955, a obtenção de suprimentos para as forças armadas e a comercialização significaram para nós quase 45 milhões de toneladas de grãos, causando-nos grandes problemas. Todos falavam em comida, e em todas as casas se falava sobre compra unificada. Mas era comercialização, afinal, e não alocação. Só mais tarde a crise amainou, quando tomamos a decisão de produzir esses 42,4 milhões de toneladas de grãos. Não posso entender por que o povo esqueceu essas coisas tão rapidamente.

## 12.

Deixo de lado, nessa instância, a questão da importância do comércio exterior com a Inglaterra, e o grande papel que ele desempenha em sua economia nacional. Penso que só depois da investigação dessa questão poderemos finalmente decidir qual será o futuro (o destino) da produção de mercadorias na Inglaterra, depois que o proletariado tenha assumido o poder e que todos os meios de produção tenham sido nacionalizados.

O destino depende de a produção de mercadorias ser abolida ou não.

## 13.

Mas aqui existe uma questão: o que devem fazer o proletariado e seu partido em países como o nosso, cujas condições sejam favoráveis à tomada do poder pelo proletariado e à derrubada do capitalismo [em que o capitalismo concentrou tanto os meios de produção na indústria, que eles podem ser expropriados e passar a ser propriedade da sociedade, mas em que a agricultura, não obstante o crescimento do capitalismo, está dividida entre numerosos pequenos e médios proprietários-produtores em tal extensão, que se faz impossível considerar a expropriação desses produtores?]<sup>4</sup> ... [Isso] lançaria os camponeses no campo dos inimigos do proletariado por longo tempo.

Em resumo, o princípio que governa a produção de mercadorias não foi entendido. Os economistas chineses são marxistas-leninistas até onde aprenderam nos livros. Mas quando se encontram na prática econômica, seu marxismo-leninismo fica curto. O pensamento deles é confuso. Se cometermos erros, levaremos os camponeses para o lado do inimigo.

## 14.-18.

A resposta de Lênin pode ser brevemente resumida:

14) As condições favoráveis para a tomada do poder não se devem perder – o proletariado deve tomar o poder sem esperar que o capitalismo tenha sucesso em arruinar os milhões de pequenos e médios produtores individuais.

15) Os meios de produção na indústria devem ser expropriados e convertidos em propriedade pública.

4. O que está entre colchetes foi tirado do texto de Stálin, para esclarecer o ponto.

16) Quanto aos pequenos e médios produtores individuais, devem ser gradualmente reunidos em cooperativas de produtores, isto é, em empresas agrícolas maiores, em fazendas coletivas.

17) A indústria deve ser desenvolvida ao máximo, e as fazendas coletivas devem ser montadas com a técnica moderna de produção em grande escala, sem as expropriar, mas, pelo contrário, suprindo-as generosamente com tratores de primeira qualidade e outras máquinas.

18) Para assegurar o laço econômico entre a cidade e o campo, entre a indústria e a agricultura, a produção de mercadorias (troca através de compra e venda) deve ser preservada durante certo período, sendo a única forma de laço econômico com a cidade aceitável pelos camponeses, e o comércio soviético – estado, cooperativas e fazendas coletivas – deve ser desenvolvido ao máximo, e os capitalistas de todo tipo e descrição, expulsos da atividade comercial.

A história da construção do socialismo em nosso país mostrou que esse caminho de desenvolvimento, mapeado por Lênin, justificou-se completamente.

Esses cinco pontos são todos corretos.

14) Esse trecho traz análise correta. Vejam as condições na China. Existe desenvolvimento.

15) Nossa política em relação à burguesia nacional tem sido indenizar suas propriedades.

16) Estamos desenvolvendo as comunas populares em escala ainda maior.

17) Isso é precisamente o que estamos fazendo agora.

18) Existem aqueles que não querem a produção de mercadorias, mas estão errados. Sobre a produção de mercadorias, ainda temos de aprender com Stálin, que por sua vez aprendeu com Lênin. Lênin disse para devotar as energias mais completas ao desenvolvimento do comércio. Também poderíamos dizer: devotar as energias mais completas ao desenvolvimento da indústria, da agricultura e do comércio. A essência do problema é a questão camponesa. Existem os que consideram os camponeses ainda mais conscientes que os operários. Nós trabalhamos ou estamos no processo de trabalhar esses cinco itens. Algumas áreas ainda devem ser desenvolvidas, tal como a indústria dirigida pela comuna ou a promoção simultânea da indústria e da agricultura.



## 19.

Não pode haver dúvidas de que no caso de todas as nações capitalistas, com classe mais ou menos numerosa de pequenos e médios produtores, esse caminho de desenvolvimento é o único possível e expediente para a vitória do socialismo.

Lênin disse a mesma coisa.

## 20.

A produção de mercadorias não deve ser considerada algo suficiente em si mesmo, independente das condições econômicas circundantes. A produção de mercadorias é anterior à produção capitalista, existia na sociedade escravista e a serviu, mas não levou ao capitalismo; existiu na sociedade feudal e a serviu, e, no entanto, apesar de preparar algumas das condições para a produção capitalista, não levou ao capitalismo.

Tendo em mente que, em nosso país, a produção de mercadorias não é tão sem fronteiras e abarcadora como o é sob condições capitalistas, sendo confinada em fronteiras estritas graças a condições econômicas decisivas, como a propriedade social dos meios de produção, a abolição do sistema de trabalho assalariado e a eliminação do sistema de exploração, por que então, nos perguntamos, a produção de mercadorias não pode servir similarmente nossa sociedade socialista durante certo período sem levar ao capitalismo?

Essa afirmação é um pouco exagerada.

Mas é verdade que a produção de mercadorias não era uma instituição exclusivamente capitalista.

A segunda sessão plenária do Comitê Central sugeriu políticas de utilização, restrição e transformação (da produção de mercadorias).

Essa condição é totalmente operativa na China.

Esse aspecto é inteiramente correto. Nós já não temos tais circunstâncias e condições. Existem aqueles que temem as mercadorias. Sem exceção, temem o capitalismo, sem entender que, com a eliminação dos capitalistas, pode-se expandir vastamente a produção de mercadorias. Ainda estamos atrasados na produção de mercadorias, atrás do Brasil e da Índia.

A produção de mercadorias não é algo isolado. Olhem o contexto: capitalismo ou socialismo. Num contexto capitalista, é uma produção capitalista de mercadorias. Num contexto socialista, é uma produção socialista de mercadorias. A produção de mercadorias existiu desde os tempos antigos. Comprar e vender começou no que a história chama de dinastia Chang (“comércio”). O último rei da dinastia Chang, Chou, era competente em questões civis e militares, mas foi transformado num vilão, junto com o primeiro imperador dos Ch’in<sup>5</sup> e Ts’ao Ts’ao.<sup>6</sup> Isso é errado. “É melhor não ter livros que neles ter fé total.”<sup>7</sup>

Na sociedade capitalista não existem instituições socialistas consideradas instituições sociais, mas a classe trabalhadora e a ideologia socialista existem na sociedade capitalista. O que determina a produção de mercadorias são as condições econômicas circundantes. A questão é: pode a produção de mercadorias ser considerada instrumento útil para promover a produção socialista? Penso que a produção de mercadorias servirá ao socialismo bem docilmente. Isso pode ser discutido entre os quadros.

## 21.

Diz-se que, desde que o domínio da propriedade social dos meios de produção foi estabelecido em nosso país, e o sistema de trabalho assalariado e exploração foi abolido, a produção de mercadorias perdeu todo sentido e, portanto, deveria ser extinguida.

Troquem “nosso país” por “na China”, e [o texto] se torna muito intrigante.

5. Ch’in Shih Huang Ti (Qin Shi Huangdi), o primeiro imperador, era um rei do estado de Ch’in que, entre 230 e 221 a.C., conquistou os estados vizinhos e unificou a China. Sob seu governo, estabeleceu-se um sistema feudal e padronizaram-se pesos, medidas e a cunhagem de moeda. A filosofia legalista foi a base filosófica dos Ch’in. O primeiro imperador é recordado por ter queimado, em 213 a.C., toda a literatura não-utilitária, considerada “subversiva”.

6. Ts’ao Ts’ao (Cao Cao) foi um famoso general e chanceler da última dinastia Han (25 a 220), que desempenhou papel significativo nas guerras que finalmente derrubaram os Han e inauguraram a época do império dividido chamada de Três Reinos.

7. Mêncio. Mao parece dizer: “Não façamos da produção de mercadorias, pedantemente, um vilão estúpido.”

22.

Hoje existem duas formas básicas de produção socialista em nosso país: produção estatal ou de propriedade pública, e produção em fazendas coletivas, que não podem ser chamadas de propriedade pública.

“Hoje” refere-se a 1952, 35 anos depois da revolução deles. A nossa tem nove anos.

Ele se refere a duas formas básicas. Nas comunas, não apenas a terra e a maquinaria, mas o trabalho, as sementes e outros meios de produção também são de propriedade comunal. Conseqüentemente, o resultado também é propriedade comunal. Mas não pensem que os camponeses chineses são tão maravilhosamente avançados. No condado de Hsiuwu, em Honan, o secretário do Partido estava preocupado em saber se o Estado deveria ou não pagar salários, no caso de inundação ou escassez de alimentos, depois que tinham sido declarada a propriedade pública e instituído o sistema de abastecimento livre. Também estava preocupado porque, em tempos de colheitas excepcionalmente grandes, o Estado se apropriaria dos grãos públicos, mas deixaria de pagar salários, fazendo os camponeses sofrerem, quer a colheita fosse boa ou ruim. Isso representa as preocupações dos camponeses.

Os marxistas deveriam preocupar-se com esses problemas. Nossa produção de mercadorias deveria ser desenvolvida ao máximo, mas levará 15 anos ou mais e muita paciência também. Travamos guerra durante décadas. Agora ainda devemos ter paciência para separar a liberação de Taiwan, que a construção do socialismo se encaminha satisfatoriamente. Não esperem vitórias imediatas!

23.

[Como as duas formas básicas de propriedade, em definitivo, se transformarão em uma] é questão especial que requer discussão independente.

Stálin está evitando a questão, tendo falhado em encontrar método ou formulação adequada [sobre a transição da propriedade coletiva para a pública].

24.

Conseqüentemente, nossa produção de mercadorias não é do tipo comum, mas um tipo especial, a produção de mercadorias sem capitalistas, que está preocupada principalmente com os bens de produtores socialistas associados (o Estado, as granjas coletivas, as cooperativas), cuja esfera de ação está confinada aos itens de consumo pessoal, que obviamente não podem se desenvolver numa produção capitalista, e que, junto com sua “economia de dinheiro”, está designada a servir ao desenvolvimento e consolidação da produção socialista.

A “esfera de ação” não está limitada aos itens de consumo individual. Alguns meios de produção devem ser classificados como mercadorias. Se o resultado agrícola consiste de mercadorias, mas o resultado industrial não, então como deverá ser levada a cabo a troca? Se a expressão “nosso país” for trocada por “China”, a leitura do parágrafo torna-se mais interessante. Na China, não só os bens de consumo, mas os meios de produção agrícola também devem ser fornecidos. Stálin nunca vendeu os meios de produção para os camponeses. Khrushchev mudou isso.

[O presidente Mao comentou sobre a página 13 do texto original:] Não confundamos o problema da linha divisória entre socialismo e comunismo com o problema da linha divisória entre propriedade coletiva e pública. O sistema de propriedade coletiva deixa-nos com o problema da produção de mercadorias, cuja meta é consolidar a aliança operário-camponesa e desenvolver a produção. Hoje existem os que dizem que o comunismo dos camponeses é glorioso. Depois de uma viagem às áreas rurais, pensam que os camponeses são simplesmente maravilhosos, que estão a ponto de entrar no paraíso, são melhores que os operários. Esse é o fenômeno na superfície. Devemos ver se os eles têm espírito comunista e, mais que isso, de examinar o sistema de propriedade comunal, incluindo a extensão em que os meios de produção e subsistência pertencem à propriedade coletiva comunal. Como disse o secretário do comitê do Partido do condado de Hsiuwu, em Honan, ainda temos de desenvolver a produção de mercadorias, e não avançar cegamente.

25.

Além disso, penso que também devemos descartar alguns outros conceitos tirados do *Capital*, de Marx – em que Marx estava preocupado com uma aná-

lise do capitalismo – e aplicados artificialmente a nossas relações socialistas... É natural que Marx tenha usado conceitos (categorias) que correspondiam completamente a relações capitalistas. Mas é estranho, para dizer o mínimo, usar esses conceitos agora, quando a classe operária não apenas não está privada do poder e dos meios de produção, mas, pelo contrário, está em posse do poder e controla os meios de produção. Falar sobre a capacidade de trabalho como uma mercadoria e “alugar” os operários soa bastante absurdo agora, sob nosso sistema, como se a classe operária, que possui os meios de produção, se alugasse e vendesse a si mesma sua capacidade de trabalho.

Em particular, os meios de produção no setor industrial.

A produção de mercadorias tem de ser vastamente desenvolvida não para o lucro, mas para os camponeses, para a aliança agrícola-industrial e para o desenvolvimento da produção.

Especialmente depois da retificação. Depois da retificação e das campanhas antidireitistas, a força de trabalho já não era mercadoria. Estava a serviço do povo, não do dólar. A questão da força de trabalho não é resolvida até que ela deixe de ser mercadoria.

26.

Algumas vezes perguntam se a lei do valor existe e opera em nosso país, sob o sistema socialista.

A lei do valor não tem função reguladora. A planificação e a política no comando desempenham esse papel.

27.

Na verdade, a lei do valor não tem função reguladora em nossa produção socialista.

Em nossa sociedade, a lei do valor não tem função reguladora, isto é, não tem função determinativa. A planificação determina a produção; por exemplo, para porcos ou aço, não usamos a lei do valor; baseamo-nos na planificação.

# 10

## Sobre o modo correto de lidar com as contradições em meio ao povo

27 de fevereiro de 1957

*Discurso na XI Sessão (Ampliada) da Suprema Conferência de Estado. O camarada Mao Tsé-Tung revisou o registro palavra por palavra e fez certos acréscimos antes de sua publicação no Diário do Povo, em 19 de junho de 1957.*

Nosso tema geral, aqui, é o correto manejo das contradições em meio ao povo. Por conveniência, vamos discuti-lo em 12 subtítulos. Mesmo que se façam referências a contradições entre nós e o inimigo, essa discussão irá se centrar sobre as contradições em meio ao povo.

### *1. Dois tipos de contradições que diferem pela natureza*

Nunca antes nosso país esteve tão unido como hoje. As vitórias da revolução democrático-burguesa e da revolução socialista, e nossas realizações na construção do socialismo, mudaram rapidamente a face da velha China. Um futuro ainda mais brilhante espera nossa mãe-pátria. Os dias de desunião nacional e caos, que o povo detestou, terminaram

e não voltarão mais. Guiados pela classe trabalhadora e pelo Partido Comunista, 600 milhões de chineses, unidos como um só, estão engajados na grande tarefa de construir o socialismo.

A unificação de nosso país, a unidade de nosso povo e a unidade de nossas várias nacionalidades – essas são as garantias básicas do triunfo assegurado de nossa causa. No entanto, isso não significa que não existam outras contradições em nossa sociedade. Imaginar que não exista nenhuma contradição é idéia ingênua, que não está de acordo com a realidade objetiva. Confrontamo-nos com dois tipos de contradição social – aquelas entre nós e o inimigo e aquelas em meio ao povo – totalmente diferentes em sua natureza.

Para entender corretamente esses dois tipos diferentes de contradição, primeiro precisamos ser claros sobre o que significa “o povo” e o que significa “o inimigo”. O conceito de “povo” varia em conteúdo nos diferentes países e em diferentes períodos da história num dado país. Tomemos nosso próprio país como exemplo. Durante a Guerra de Resistência contra o Japão, todas essas classes, estratos e grupos sociais que se opunham à agressão japonesa encaixaram-se na categoria de povo, enquanto os imperialistas japoneses, seus colaboradores chineses e os elementos pró-japoneses eram todos inimigos do povo.

Durante a Guerra de Libertação, os imperialistas norte-americanos e seus lacaios – os capitalistas burocratas, os proprietários de terra e os reacionários do Kuomintang que representavam essas duas classes – eram o inimigo do povo, enquanto as outras classes, estratos e grupos sociais que se opunham a eles se encaixavam na categoria de povo. No estágio atual, o período de construção do socialismo, classes, estratos e grupos sociais que favorecem, apóiam e trabalham pela causa da construção do socialismo se encaixam na categoria de povo, enquanto as forças e os grupos sociais que resistem à revolução socialista e são hostis ou sabotam a construção do socialismo são inimigos do povo.

As contradições entre nós e o inimigo são antagônicas. Nas fileiras do povo, as contradições em meio ao povo trabalhador não são antagônicas, enquanto aquelas entre as classes exploradas e exploradoras têm um aspecto antagônico e um aspecto não-antagônico. Sempre houve contradições em meio ao povo, mas são diferentes em conteúdo em

cada período da revolução e no período de construção do socialismo. Nas condições prevaletentes na China de hoje, as contradições em meio ao povo incluem as que ocorrem na classe trabalhadora, entre os camponeses, entre os intelectuais, entre a classe trabalhadora e os camponeses, entre os trabalhadores e camponeses por um lado e os intelectuais por outro, entre a classe trabalhadora e outras seções do povo trabalhador por um lado e a burguesia nacional do outro, dentro da burguesia nacional, e assim por diante.

Nosso governo do povo representa genuinamente os interesses do povo; serve ao povo. Não obstante, existem ainda certas contradições entre esse governo e o povo. Isso inclui as contradições entre os interesses do Estado e os interesses do coletivo, por um lado, e os interesses do indivíduo, por outro, entre democracia e centralismo, entre a liderança e os liderados, e as contradições decorrentes do estilo burocrático de trabalho de alguns funcionários do Estado em suas relações com as massas. Todas essas também são contradições em meio ao povo. Falando de forma geral, a identidade fundamental dos interesses do povo está subjacente às contradições em meio ao povo.

Em nosso país, a contradição entre a classe trabalhadora e a burguesia nacional aparece sob a categoria de contradições em meio ao povo. Em geral, a luta de classes entre as duas se desenvolve nas fileiras do povo, porque a burguesia nacional chinesa tem caráter dual. No período da revolução democrático-burguesa, tinha tanto o lado revolucionário como o conciliador em seu caráter. No período da revolução socialista, a exploração da classe trabalhadora pelo lucro constitui um lado do caráter da burguesia nacional, enquanto seu apoio à Constituição e sua disposição de aceitar a transformação socialista constitui o outro.

A burguesia nacional se diferencia dos imperialistas, dos proprietários de terras e dos capitalistas burocratas. A contradição entre a burguesia nacional e a classe trabalhadora é entre explorador e explorado, e é por natureza antagônica. Mas, nas condições concretas da China, essa contradição antagônica entre duas classes, se manejada corretamente, pode ser transformada em contradição não-antagônica e ser resolvida por métodos pacíficos. No entanto, a contradição entre a classe trabalhadora e a burguesia nacional se transformará em contra-

dição entre nós e o inimigo, se não a manejarmos corretamente e não seguirmos a política de a ela nos unir, criticando-a e educando-a, ou se a burguesia nacional não aceitar essa nossa política.

Desde que são diferentes em natureza, as contradições entre nós e o inimigo e aquelas em meio ao povo devem ser resolvidas por métodos diferentes. De modo breve, a primeira requer marcar clara diferença entre nós e o inimigo, e a segunda requer marcar clara diferença entre o certo e o errado. Claro está que a diferença entre nós e o inimigo também é entre o certo e o errado. Por exemplo, a questão de quem está certo, nós ou os reacionários nacionais e estrangeiros, os imperialistas, os feudelistas e os capitalistas burocratas, também é uma diferença entre o certo e o errado, mas está em categoria diferente das questões de certo e errado em meio ao povo.

Nosso Estado é uma ditadura democrática do povo, liderada pela classe trabalhadora e baseada na aliança operário-camponesa. Para que é essa ditadura? Sua primeira função é interna: suprimir as classes e os elementos reacionários e aqueles exploradores que resistem à revolução socialista, suprimir aqueles que tentam destruir nossa construção do socialismo, ou, em outras palavras, resolver as contradições entre nós e o inimigo interno. Por exemplo, prender, julgar e sentenciar certos contra-revolucionários, privar os proprietários de terra e capitalistas burocratas de seu direito de voto e de sua liberdade de expressão durante certo período de tempo – tudo isso é da alçada de nossa ditadura.

Para manter a ordem pública e salvaguardar os interesses do povo, é necessário exercitar a ditadura também contra ladrões, trapaceiros, assassinos, incendiários, gangues criminosas e outros infames que rompem perigosamente a ordem pública. A segunda função dessa ditadura é proteger nosso país da subversão e da possível agressão por inimigos externos. Em tais contingências, é tarefa da ditadura resolver a contradição entre nós e o inimigo externo. O objetivo dessa ditadura é proteger todo nosso povo, para que se possa dedicar ao trabalho pacífico e fazer da China um país socialista, com indústria moderna, agricultura moderna, ciência e cultura modernas.

Quem deve exercer essa ditadura? Naturalmente, a classe trabalhadora e, sob sua liderança, todo o povo. A ditadura não se aplica no

interior das fileiras do povo, o que não pode exercer a ditadura sobre si mesmo, nem deve uma parte dele oprimir a outra. Aqueles que, entre o povo, infringem a lei, serão punidos de acordo com a lei, mas isso é diferente, em princípio, do exercício da ditadura para suprimir os inimigos do povo. O que se aplica ao povo é o centralismo democrático.

Nossa Constituição diz que os cidadãos da República Popular da China têm direito à liberdade de expressão, imprensa, reunião, associação, procissão, demonstração, crença religiosa etc. Nossa Constituição também garante que os órgãos do Estado precisam praticar o centralismo democrático, devem confiar nas massas, e seu pessoal deve servir ao povo. Nossa democracia socialista é o tipo mais amplo de democracia, não encontrável em nenhum Estado burguês. Nossa ditadura é a ditadura democrática do povo liderada pela classe trabalhadora e baseada na aliança operário-camponesa. Isso quer dizer que a democracia opera nas fileiras do povo, enquanto a classe trabalhadora, unindo-se a todas as outras que desfrutam direitos civis, e, em primeiro lugar, aos camponeses, força a ditadura sobre as classes e os elementos reacionários e todos aqueles que resistem à transformação socialista e se opõem à construção do socialismo. Por direitos civis queremos dizer, politicamente, os direitos de liberdade e democracia.

Trata-se, porém, de liberdade com liderança, e democracia sob orientação centralizada, não anarquia. A anarquia não está de acordo com os interesses ou desejos do povo.

Certas pessoas em nosso país se alegraram com o incidente húngaro. Esperavam que algo similar fosse ocorrer na China, que milhares e milhares de pessoas tomariam as ruas para protestar contra o governo do povo. Suas esperanças foram de encontro aos interesses das massas, e, portanto, não poderiam ganhar seu apoio. Enganada por contra-revolucionários nacionais e estrangeiros, uma parte do povo da Hungria cometeu o erro de recorrer à violência contra o governo do povo, tendo como resultado o sofrimento do Estado e do povo. O dano feito à economia do país, em algumas semanas de distúrbios, levará longo tempo para ser reparado.

Em nosso país, outros levantaram a questão do incidente húngaro porque ignoravam a situação real do mundo. Eles pensam que existe

pouca liberdade sob nossa Democracia do Povo e que existe mais liberdade sob a democracia parlamentar ocidental. Pedem um sistema bipartidário, como no Ocidente, com um partido no governo e outro na oposição. Mas o chamado sistema bipartidário nada mais é que artifício para manter a ditadura da burguesia; ele não pode garantir liberdades para o povo trabalhador.

Na verdade, a liberdade e a democracia não existem em abstrato, mas apenas no concreto. Numa sociedade em que existe a luta de classes, se há liberdade para as classes exploradoras explorarem o povo trabalhador, não há liberdade para o povo trabalhador não ser explorado. Se há democracia para a burguesia, não há para o proletariado e outros trabalhadores. A existência legal do Partido Comunista é tolerada em alguns países capitalistas, mas só enquanto não põe em perigo os interesses fundamentais da burguesia; além disso, não é tolerada. Aqueles que exigem liberdade e democracia em abstrato consideram a democracia fim, e não meio. A democracia como tal às vezes parece ser fim, mas de fato é apenas meio.

O marxismo nos ensina que a democracia é parte da superestrutura e pertence ao campo da política. Isso quer dizer que, em última análise, ela serve à base econômica. O mesmo é verdadeiro para a liberdade. Tanto a democracia como a liberdade são relativas, não absolutas, e aparecem e se desenvolvem em condições históricas específicas. Nas fileiras do povo, a democracia é correlativa ao centralismo, e a liberdade, à disciplina. São os dois contrários de entidade única, tão contraditória quanto unida, e não devemos enfatizar unilateralmente um para a exclusão do outro. Nas fileiras do povo, não podemos viver sem liberdade nem sem disciplina; não podemos viver sem democracia nem sem centralismo. Essa unidade da democracia e do centralismo, da liberdade e da disciplina, constitui nosso centralismo democrático. Sob esse sistema, o povo desfruta ampla democracia e liberdade, mas ao mesmo tempo deve manter-se dentro dos limites da disciplina socialista. Tudo isso é bem entendido pelas massas.

Ao defender a liberdade com liderança e a democracia sob orientação centralizada, nós de forma alguma queremos dizer que medidas coercitivas devem ser aplicadas para resolver questões ideológicas ou

questões envolvendo a distinção entre certo e errado em meio ao povo. Todas as tentativas de usar ordens administrativas ou medidas coercitivas para resolver essas questões são não apenas ineficazes, como também prejudiciais. Não podemos abolir a religião por ordem administrativa ou forçar o povo a não acreditar nela. Não podemos compelir o povo a abandonar o idealismo, assim como não podemos forçá-lo a adotar o marxismo. O único caminho para resolver questões de natureza ideológica, ou temas controversos em meio ao povo, é o método democrático, o método da discussão, crítica, persuasão e educação, e não o método da coerção ou repressão.

Para serem capazes de levar adiante com eficiência sua produção e seus estudos, e levarem suas vidas em paz e ordem, as pessoas querem que seu governo e aqueles a cargo da produção e das organizações culturais e educacionais editem regulamentos administrativos apropriados de natureza obrigatória. É senso comum que, sem eles, a manutenção da ordem pública seria impossível. Os regulamentos administrativos e o método da persuasão e educação se complementam ao resolver contradições em meio ao povo. De fato, os regulamentos administrativos para a manutenção da ordem pública devem ser acompanhados pela persuasão e educação, pois, em muitos casos, sozinhos, não darão certo.

Esse método democrático de resolver contradições em meio ao povo foi condensado em 1942 na fórmula “unidade/crítica/unidade”. Para compreender melhor, isso significa começar pelo desejo de unidade, resolvendo contradições pela crítica ou pela luta, e alcançando nova unidade em nova base. Segundo nossa experiência, esse é o método correto de resolver contradições em meio ao povo.

Em 1942 nós o usamos para resolver contradições no interior do Partido Comunista, entre os dogmáticos e a maioria dos membros do Partido, e entre dogmatismo e marxismo. Os dogmáticos “de esquerda” tinham recorrido ao método de “luta implacável e golpes impiedosos” na luta interna do Partido. Era o método errado. Ao criticar o dogmatismo “de esquerda”, não utilizamos esse velho método, mas adotamos um novo, isto é, aquele que começava com o desejo de unidade, distinguindo entre o certo e o errado por meio da crítica ou da

luta, e chegando a nova unidade em nova base. Esse foi o método usado no movimento de retificação de 1942.

Dentro de alguns anos, quando o Partido Comunista Chinês fez seu VII Congresso Nacional, em 1945, a unidade tinha sido alcançada em todo o Partido, como havíamos antecipado, e, conseqüentemente, a Revolução do Povo triunfou. O mais essencial é começar pelo desejo de unidade, sem o qual, a luta, uma vez começada, certamente lançará as coisas em confusão e sairá do controle. Isso não seria o mesmo que “luta implacável e golpes impiedosos”? E que unidade do Partido resultaria disso? Foi precisamente essa experiência que nos levou à fórmula “unidade/crítica/unidade”. Ou, em outras palavras, “aprenda com os erros passados para evitar erros futuros e cure a doença para salvar o paciente”.

Estendemos esse método para além de nosso Partido, aplicando-o com grande sucesso nas áreas de base antijaponesas, ao lidar com as relações entre a liderança e as massas, entre o exército e o povo, entre os oficiais e os soldados, entre as diferentes unidades do exército e entre os diferentes grupos de quadros. O uso desse método pode ser verificado nos primeiros tempos da história de nosso Partido. Desde 1927, quando construímos nossas forças armadas revolucionárias e as áreas de base no sul, esse método foi usado para lidar com as relações entre o Partido e as massas, entre o Exército e o povo, entre oficiais e soldados e em outras relações em meio ao povo. A única diferença é que, durante a Guerra Antijaponesa, empregamos esse método com muito mais consciência. E desde a libertação de todo o país, o temos empregado em nossas relações com os partidos democráticos e com círculos industriais e comerciais. Nossa tarefa agora é continuar a estender e fazer ainda melhor uso desse método nas fileiras do povo; queremos que todas as nossas fábricas, cooperativas, lojas, escolas, escritórios e organizações do povo, numa palavra, que todos os nossos 600 milhões de habitantes o usem para resolver contradições entre eles.

Em circunstâncias ordinárias, as contradições em meio ao povo não são antagônicas; se não forem manejadas corretamente, ou se relaxarmos nossa vigilância e baixarmos nossa guarda, porém, o antagonismo pode aparecer. Num país socialista, um desenvolvimento desse tipo é, com frequência, apenas fenômeno localizado e temporário.

A razão é que o sistema de exploração do homem pelo homem foi abolido, e os interesses do povo são fundamentalmente idênticos.

As ações antagônicas que tiveram lugar em escala bem ampla durante o incidente húngaro foram o resultado de operações de elementos contra-revolucionários, tanto nacionais como estrangeiros. Esse foi um fenômeno particular, assim como temporário. Foi o caso de reacionários, dentro de um país socialista, unidos aos imperialistas, tentando alcançar seus objetivos conspiratórios, obtendo vantagem das contradições em meio ao povo para fomentar a dissensão e criar a desordem. A lição do incidente húngaro merece atenção.

Muitas pessoas parecem pensar que o uso do método democrático para resolver contradições em meio ao povo é algo novo. Na verdade, não é. Os marxistas sempre sustentaram que a causa do proletariado deve depender das massas do povo e que os comunistas devem usar o método democrático de persuasão e educação, quando atuarem entre o povo trabalhador, e não devem, de forma alguma, recorrer ao “comandismo” ou à coerção.

O Partido Comunista Chinês adere fielmente a esse princípio marxista-leninista. Tem sido nossa opinião consistente que, sob a ditadura democrática do povo, dois diferentes métodos, um ditatorial e outro democrático, devem ser usados para resolver os dois tipos de contradição que diferem por natureza – as contradições entre nós e o inimigo e as contradições em meio ao povo. Essa idéia tem sido explicada uma e outra vez em muitos documentos do Partido e em discursos de muitos camaradas líderes de nosso Partido.

Em meu artigo “Sobre a ditadura democrática do povo”, escrito em 1949, eu disse: “A combinação desses dois aspectos, democracia para o povo e ditadura para os reacionários, é a ditadura democrática do povo.” Também apontei que, para resolver problemas nas fileiras do povo, “o método que empregamos é democrático, o método da persuasão, não o da compulsão”. Outra vez, ao falar perante a segunda sessão do I Comitê Nacional da Conferência Consultiva Política, em 2 de junho, eu disse:

A ditadura democrática do povo usa dois métodos. Para o inimigo, o método da ditadura, isto é, pelo período de tempo que for necessário, não o deixa parti-

cipar de atividades políticas e o compele a obedecer à lei do governo do povo, a empenhar-se no trabalho e, com isso, a transformar-se em novo homem. Para o povo usa o método da democracia, não da compulsão, isto é, deve necessariamente deixá-lo participar da atividade política e não o compele a fazer isto ou aquilo; lança mão do método da democracia para educar e persuadir. Tal educação é auto-educação para o povo, e seu método básico é a crítica e a autocrítica.

Assim, em muitas ocasiões discutimos o uso do método democrático para resolver as contradições em meio ao povo; além disso, nós o aplicamos em nosso trabalho, e muitos quadros e inúmeras outras pessoas estão familiarizados com ele na prática. Por que então algumas pessoas agora pensam que é questão nova? Porque, no passado, a luta entre nós e o inimigo, tanto interno como externo, era mais aguda, e as contradições em meio ao povo, portanto, não atraíam a atenção como o fazem hoje.

Bem poucas pessoas falham ao fazer clara distinção entre esses dois tipos diferentes de contradição e tendem a confundir as duas. Devemos admitir que às vezes é bem fácil fazer isso. Tivemos instâncias de muita confusão em nosso trabalho, no passado. No processo de eliminar contra-revolucionários, boas pessoas às vezes eram confundidas com más, e tais coisas ainda acontecem hoje. Somos capazes de manter os erros dentro de limites porque tem sido nossa política traçar uma linha clara entre nós e o inimigo, e retificar os erros sempre que os descobrimos.

A filosofia marxista sustenta que a lei da unidade dos contrários é a lei fundamental do Universo. Ela opera universalmente no mundo natural, na sociedade humana ou no pensamento do homem. Entre os contrários, numa contradição, existem ao mesmo tempo unidade e luta, e é isso que impele as coisas a mover-se e transformar-se. As contradições existem em toda parte, mas sua natureza difere de acordo com a natureza diferente de coisas diferentes. Em qualquer coisa dada, a unidade dos contrários é condicional, temporária e transitória, e por isso relativa, enquanto a luta dos contrários é absoluta. Lênin fez uma exposição muito clara dessa lei. Ela chegou a ser entendida por um crescente número de pessoas em nosso país.

Mas, para muitas pessoas, uma coisa é aceitar essa lei e outra bem diferente aplicá-la ao examinar e tratar problemas. Muitos não ousam admitir, abertamente, que as contradições ainda existem em meio ao povo de nosso país, e, no entanto, são precisamente essas contradições que empurram nossa sociedade para diante. Muitos não admitem que as contradições ainda existam numa sociedade socialista, e o resultado é que eles se tornam irresolutos e passivos quando confrontados com contradições sociais; não entendem que a sociedade socialista cresce mais unida e consolidada pelo incessante processo de manejar e resolver corretamente as contradições. Por essa razão, precisamos explicar coisas a nosso povo e a nossos quadros em primeiro lugar, para ajudá-los a compreender as contradições na sociedade socialista e aprender a usar os métodos corretos para manejá-las.

As contradições na sociedade socialista são fundamentalmente diferentes daquelas nas velhas sociedades, tais como a capitalista. Nesta última, as contradições encontram expressão em antagonismos e conflitos agudos, em crucial luta de classes; não podem ser resolvidas pelo próprio sistema capitalista, mas só pela revolução socialista. O caso é bem diferente na sociedade socialista, cujas contradições não são antagonônicas e podem ser incessantemente resolvidas pelo próprio sistema socialista.

Na sociedade socialista, as contradições básicas ainda são aquelas entre as relações de produção e as forças produtivas, e entre a superestrutura e a base econômica. No entanto, elas são fundamentalmente diferentes em caráter e têm diferentes características das contradições entre as relações de produção e as forças produtivas, e entre a superestrutura e a base econômica nas velhas sociedades. O atual sistema social de nosso país é muito superior àquele do passado. Se não fosse assim, o velho sistema não teria sido derrubado, e o novo sistema não se poderia ter estabelecido. Ao afirmar que as relações socialistas de produção correspondem melhor ao caráter das forças produtivas do que o fizeram as velhas relações de produção, queremos dizer que elas permitem que as forças produtivas se desenvolvam em velocidade inalcançável na velha sociedade, de modo que a produção pode expandir-se firmemente e cada vez mais satisfazer às necessidades constantemente crescentes do povo.



Sob o domínio do imperialismo, feudalismo e capitalismo burocrata, as forças produtivas da velha China cresciam muito devagar. Por mais de cinquenta anos antes da libertação, a China produzia apenas algumas dezenas de milhares de toneladas de aço por ano, sem contar a produção das províncias do nordeste. Se essas províncias fossem incluídas, o pico anual de produção de aço pouco passava de 900 mil toneladas. Em 1949, a produção nacional de aço era um pouco mais de 100 mil toneladas. Mas agora, apenas sete anos depois da liberação de nosso país, a produção de aço já excede quatro milhões de toneladas. Na velha China, dificilmente haveria indústria de bens de capital, automobilística e aérea; agora temos as três.

Quando o povo derrubou o domínio do imperialismo, feudalismo e capitalismo burocrata, muitos não tinham clareza quanto a que caminho a China deveria tomar – em direção ao capitalismo ou ao socialismo. Os fatos atuais fornecem a resposta: só o socialismo pode salvar a China. O sistema socialista promoveu o rápido desenvolvimento das forças produtivas de nosso país, um fato que até nossos inimigos no exterior têm de reconhecer.

Mas nosso sistema socialista acaba de ser montado; não está estabelecido de todo nem completamente consolidado. Nas empresas comerciais e industriais de propriedade conjunta privada e estatal, os capitalistas ainda ganham taxa fixa de juros sobre seu capital, o que significa que a exploração ainda existe. Quanto à propriedade, essas empresas ainda não têm natureza completamente socialista. Muitas de nossas cooperativas agrícolas e de produtores manuais ainda são semi-socialistas, e até mesmo nas cooperativas totalmente socialistas certos problemas específicos de propriedade ainda não foram resolvidos.

As relações entre produção e troca, de acordo com os princípios socialistas, estão sendo gradualmente estabelecidas entre todos os setores de nossa economia, e buscam-se formas cada vez mais apropriadas. O problema da adequada relação da acumulação para o consumo dentro de cada um dos dois setores da economia socialista – aquele em que os meios de produção são propriedade de todo o povo e o outro, em que os meios de produção são propriedade coletiva – e o problema da relação correta da acumulação para o consumo entre esses dois setores

são questões complicadas para as quais não é fácil encontrar solução perfeitamente racional de maneira imediata.

Resumindo, as relações socialistas de produção foram estabelecidas e estão em correspondência com o crescimento das forças produtivas, mas essas relações ainda estão longe da perfeição, e essa imperfeição entra em contradição com o crescimento das forças produtivas. Além da correspondência, assim como da contradição, entre as relações de produção e o crescimento das forças produtivas, existe correspondência, assim como contradição, entre a superestrutura e a base econômica. A superestrutura, compreendendo o sistema e as leis de Estado da ditadura democrática do povo e a ideologia socialista guiada pelo marxismo-leninismo, desempenha papel positivo em facilitar a vitória da transformação socialista e do modo socialista de organizar o trabalho; está em correspondência com a base econômica socialista, isto é, com as relações de produção socialistas.

Mas a existência da ideologia burguesa, de certo estilo burocrático de trabalho em nossos órgãos de Estado e de defeitos em algumas das conexões em nossas instituições estatais estão em contradição com a base econômica socialista. Devemos continuar a resolver todas essas contradições à luz de nossas condições específicas. É claro que novos problemas surgirão à medida que essas contradições forem resolvidas. E serão necessários esforços adicionais para resolver as novas contradições. Por exemplo, cabe haver um constante processo de reajuste por meio da planificação estatal para lidar com a contradição entre a produção e as necessidades da sociedade, que permanecerá por muito tempo realidade objetiva.

Todo ano nosso país projeta um plano econômico para estabelecer a razão adequada entre acumulação e consumo e alcançar o equilíbrio entre produção e necessidades. O equilíbrio nada mais é que uma unidade relativa e temporária dos contrários. No final de cada ano, esse equilíbrio, considerado como um todo, é perturbado pela luta dos contrários; a unidade sofre transformação, o equilíbrio torna-se desequilíbrio, a unidade torna-se desunião, e outra vez é necessário encontrar equilíbrio e unidade para o próximo ano. Aqui repousa a superioridade de nossa economia planificada. Na verdade, esse equilíbrio

e essa unidade são parcialmente perturbados a cada mês ou mesmo quinzenalmente, e reajustes parciais são necessários. Algumas vezes, as contradições surgem, e o equilíbrio é perturbado porque nossos arranjos subjetivos não se adaptam à realidade objetiva; isso é o que chamamos cometer um erro. O incessante surgimento e a incessante resolução das contradições constituem a lei dialética do desenvolvimento das coisas.

Hoje, assim estão as coisas: as lutas de classes das massas, turbulentas e em grande escala, características dos tempos da revolução, em sua maioria chegaram ao fim, mas a luta de classes de modo algum está inteiramente terminada. Ainda que dando as boas-vindas ao novo sistema, as massas não se acostumaram com ele. Os funcionários do governo não têm suficiente experiência e precisam empreender estudos e investigações adicionais sobre políticas específicas. Em outras palavras, precisa-se de tempo para que nosso sistema socialista se estabeleça e consolide, para que as massas a ele se acostumem, e para que os funcionários do governo aprendam e adquiram experiência.

É portanto imperativo para nós, nessa conjuntura, levantar a questão de distinguir as contradições em meio ao povo daquelas entre nós e o inimigo, assim como a questão do correto manejo das contradições em meio ao povo, para unir o povo de todas as nacionalidades em nosso país para a nova batalha, a batalha contra a natureza, para desenvolver nossa economia e cultura, ajudar toda a nação a atravessar esse período de transição de forma relativamente suave, consolidar nosso novo sistema e construir nosso novo Estado.

## 2. A questão de eliminar contra-revolucionários

A eliminação de contra-revolucionários é luta de contrários entre nós e o inimigo. Em meio ao povo, existem alguns que vêem essa questão sob luz de certa forma diferente. Dois tipos de pessoa sustentam posições diferentes da nossa. Aqueles com desvio de direita em seu pensamento não fazem distinção entre nós e o inimigo, e tomam o inimigo por nosso próprio povo. Eles consideram amigas as mesmas pessoas

que as massas consideram inimigas. Aqueles com um desvio de “esquerda” em seu pensamento exageram a tal ponto as contradições entre nós e o inimigo, que tomam certas contradições em meio ao povo por contradições com o inimigo e consideram contra-revolucionárias pessoas que na verdade não o são. Ambas essas posições estão erradas. Nenhuma permite o correto manejo do problema de eliminar contra-revolucionários ou a correta avaliação desse trabalho.

Para formar correta avaliação de nosso trabalho de eliminar contra-revolucionários, vejamos que repercussões o incidente húngaro teve na China. Depois de ocorrido, houve alguma agitação entre um setor de nossos intelectuais, mas não houve gritos. Por quê? Uma razão, é preciso dizer, foi nosso sucesso em eliminar contra-revolucionários com eficiência.

Claro que a consolidação de nosso Estado não se deve primariamente à eliminação de contra-revolucionários, mas sim ao fato de termos um Partido Comunista e um Exército de Libertação forjados em décadas de lutas revolucionárias, e um povo trabalhador também curtido. Nosso Partido e nossas forças armadas estão enraizados nas massas, foram organizados nas chamadas de uma revolução continuada e têm capacidade de lutar. Nossa República do Povo não foi construída da noite para o dia, mas desenvolveu-se passo a passo a partir das áreas de base revolucionárias.

Muitos personagens democráticos também se forjaram na luta em vários graus, e atravessaram tempos difíceis junto conosco. Alguns intelectuais foram modelados nas lutas contra o imperialismo e a reação; desde a libertação, muitos atravessaram processo de remodelagem ideológica, orientado no sentido de capacitá-los a distinguir claramente entre nós e o inimigo. Além disso, a consolidação de nosso Estado se deve ao fato de que nossas medidas econômicas são basicamente sadias, de que a vida do povo está melhorando de forma segura e constante, de que nossas políticas para a burguesia nacional e outras classes estão corretas etc. Contudo, nosso sucesso em eliminar contra-revolucionários é, sem dúvida, importante razão para a consolidação de nosso Estado. Por todas essas razões, com poucas exceções, nossos estudantes universitários são patriotas e apóiam o socialismo, e não de-

ram lugar a agitações durante o incidente húngaro, ainda que muitos deles venham de famílias que não são do povo trabalhador. O mesmo é válido para a burguesia nacional, para não falar das massas básicas – operários e camponeses.

Depois da libertação, extirpamos alguns contra-revolucionários. Alguns deles foram sentenciados à morte por crimes maiores. Isso foi absolutamente necessário, era a exigência das massas, e foi feito para livrá-las de longos anos de opressão pelos contra-revolucionários e todo tipo de tiranos locais; em outras palavras, para libertar as forças produtivas. Se não tivéssemos feito isso, as massas não teriam sido capazes de levantar a cabeça. Desde 1956, no entanto, houve mudança radical na situação. No país como um todo, a maior parte dos contra-revolucionários foi eliminada. Nossa tarefa básica mudou: de tirar os grilhões das forças produtivas, passamos a protegê-las e expandi-las no contexto das novas relações de produção. Algumas pessoas, porque não entendem que nossa política vigente se enquadra na situação atual e que nossa política anterior se enquadrava na situação passada, querem fazer uso da política vigente para reverter decisões passadas e negar o tremendo sucesso que alcançamos ao eliminar contra-revolucionários. Isso é completamente errado, e as massas não o permitirão.

Em nosso trabalho de eliminar os contra-revolucionários, o aspecto principal foi o dos sucessos; mas também houve erros. Em alguns casos houve excessos, e em outros os contra-revolucionários escaparam de nossa rede. Nossa política é: “Os contra-revolucionários devem ser eliminados onde forem achados, os erros devem ser corrigidos quando descobertos.” Nossa linha na tarefa de eliminar os contra-revolucionários é a linha de massas. É claro, mesmo com a linha de massas, erros ainda podem ocorrer, mas serão em menor número e mais fáceis de corrigir. As massas ganham experiência pela luta. Com as coisas feitas de maneira correta, elas adquirem experiência de como as coisas são feitas de modo certo. Com os erros cometidos, elas ganham a experiência de como os enganos são praticados.

Onde foram descobertos erros no trabalho de eliminar contra-revolucionários, passos foram ou estão sendo dados para corrigi-los. Aqueles ainda não descobertos serão corrigidos assim que vierem à

luz. Deve-se fazer conhecer a exoneração ou a reabilitação tão amplamente como o foram as decisões erradas originais. Proponho que uma revisão compreensiva do trabalho de eliminar contra-revolucionários seja feita, este ano ou no próximo, para ganhar experiência, promover a justiça e evitar ataques infundados. Nacionalmente, essa revisão deve estar a cargo dos comitês estáveis do Congresso Nacional do Povo e do Comitê Nacional da Conferência Consultiva Política; e, localmente, a cargo dos conselhos do povo e dos comitês da Conferência Consultiva Política nas províncias e nos municípios.

Nessa revisão, devemos ajudar o grande número de quadros e ativas envolvidos no trabalho, e não lhes jogar água fria. Não seria correto desanimar seus espíritos. Apesar disso, os erros devem ser reparados, quando encontrados. Esta deve ser a atitude de todos os órgãos de segurança pública, escritórios de procuradores, departamentos judiciais, prisões e agências encarregadas da reforma dos criminosos por meio do trabalho. Esperamos que, sempre que possível, membros do Comitê Estável do Congresso Nacional do Povo, membros do Comitê Nacional da Conferência Consultiva Política e representantes do povo participem dessa revisão. Isso ajudará a aperfeiçoar nosso sistema legal e a lidar corretamente com os contra-revolucionários e outros criminosos.

A situação atual com respeito aos contra-revolucionários pode ser assim descrita: ainda existem contra-revolucionários, mas não muitos. Em primeiro lugar, ainda existem contra-revolucionários. Algumas pessoas dizem que não sobrou nenhum, que tudo está bem e que podemos apoiar nossas cabeças no travesseiro e dormir. Mas não é assim que as coisas são. Fato é que ainda existem contra-revolucionários (claro, isso não quer dizer que os encontraremos em toda parte e em toda organização), e devemos continuar a lutar contra eles. Deve ser entendido que os contra-revolucionários escondidos, ainda à solta, nada farão abertamente, mas com certeza aproveitarão cada oportunidade para criar problemas.

Os imperialistas norte-americanos e a gangue de Chiang Kai-shek constantemente enviam agentes secretos para levar a cabo atividades desagregadoras. Mesmo depois que todos os contra-revolucionários tenham sido eliminados, é provável que apareçam novos. Se baixarmos

a guarda, seremos enganados e sofreremos severamente. Os contra-revolucionários devem ser extirpados com mão firme, onde quer que estejam criando problemas. Mas, considerando o país como um todo, certamente não existem muitos contra-revolucionários. Seria errado dizer que ainda existe um grande número deles na China. A aceitação de tal visão também resultaria em confusão.

### 3. *A questão da transformação cooperativa da agricultura*

Temos uma população rural de mais de 500 milhões de pessoas, e, assim, a forma como vivem nossos camponeses tem a máxima importância, na condição indicador do rumo para o desenvolvimento de nossa economia e a consolidação do poder do nosso Estado. Em minha opinião, a situação é basicamente boa. A transformação cooperativa da agricultura foi realizada com sucesso, e isso resolveu a grande contradição em nosso país entre a industrialização socialista e a economia camponesa individual. Como a transformação cooperativa da agricultura foi completada tão rapidamente, algumas pessoas ficaram preocupadas e imaginaram se alguma coisa adversa poderia ocorrer. Existem realmente algumas falhas, mas, afortunadamente, elas não são sérias, e em seu conjunto o movimento é sadio. Os camponeses estão trabalhando com vontade, e no ano passado houve aumento na produção de grãos no país, apesar das piores inundações, secas e furacões dos últimos anos. Existem pessoas que estão criando um pequeno tufão, dizendo que o cooperativismo não é bom, que nele nada há de superior.

O cooperativismo é superior ou não? Entre os documentos distribuídos na reunião de hoje existe um sobre a Cooperativa Wang Kuo-fan, no condado de Tsunhua, na província de Hopei, que sugiro que leiam. Essa cooperativa está situada numa região de colinas que era muito pobre no passado e durante muitos anos dependeu da ajuda em grãos do governo do povo. Quando foi criada, em 1953, as pessoas a chamavam de “cooperativa dos pobres”. Mas ela melhorou a cada ano, e agora, depois de quatro anos de árdua luta, a maioria de suas casas tem reservas de grãos. O que foi possível para essa cooperativa deveria

ser possível também para outras, em condições normais, no mesmo período de tempo ou um pouco mais. Claramente, não existe base para dizer que o cooperativismo agrícola não funcionou.

Também é claro que criar cooperativas é uma luta espinhosa. As coisas novas sempre têm de experimentar dificuldades e retrocessos enquanto crescem. É mera fantasia imaginar que a causa do socialismo é navegação sem obstáculos e que o sucesso chega facilmente, sem dificuldades e retrocessos, ou sem despender tremendos esforços.

Quem são os defensores ativos das cooperativas? A esmagadora maioria dos camponeses pobres e médios, que constitui mais de 70% da população rural. A maioria dos demais camponeses também coloca suas esperanças nas cooperativas. Apenas uma minoria muito pequena está realmente insatisfeita. Muitas pessoas fracassaram ao analisar essa situação e fazer um exame geral das realizações e falhas das cooperativas, bem como das causas dessas falhas; em vez disso, elas tomaram parcela do quadro geral ou um lado da matéria pelo todo, e conseqüentemente um tufão em miniatura foi lançado entre algumas pessoas, que estão dizendo que as cooperativas não são superiores.

Quanto tempo levará para as cooperativas se consolidarem e para que essa conversa sobre elas não serem superiores acabe? A julgar pela experiência do crescimento de muitas cooperativas, levará provavelmente cinco anos ou um pouco mais. Como a maioria de nossas cooperativas tem apenas pouco mais de um ano, não seria razoável pedir demasiado a elas. Em minha opinião, estaremos suficientemente bem se as cooperativas se puderem consolidar durante o Segundo Plano Quinquenal, depois de terem sido estabelecidas no Primeiro.

As cooperativas estão agora no processo de consolidação gradual. Existem certas contradições que ainda devem ser resolvidas, tais como aquelas entre o Estado e as cooperativas, aquelas nas próprias cooperativas ou entre elas.

Para resolver essas contradições, devemos prestar atenção constante aos problemas de produção e distribuição. Sobre a questão da produção, a economia cooperativa deve ser sujeita à planificação econômica unificada do Estado, enquanto retém certa flexibilidade e independência que não se oponham ao plano unificado do Estado ou

suas políticas, leis e regulamentos. Ao mesmo tempo, cada casa numa cooperativa deve concordar com seu plano geral ou com o da equipe de produção à qual pertence, ainda que possa fazer seus próprios planos adequados em relação à terra alocada para necessidades pessoais e outras atividades econômicas operadas individualmente.

Sobre a questão da distribuição, devemos levar em conta os interesses do Estado, do coletivo e do indivíduo. Devemos manejar adequadamente a relação tripla entre a taxa agrícola do Estado, o fundo de acumulação da cooperativa e a renda pessoal dos camponeses, e tomar cuidado constante em fazer reajustes para resolver as contradições entre eles. A acumulação é essencial tanto para o Estado como para a cooperativa, mas em nenhum caso deve ser excessiva. Devemos fazer todo o possível para possibilitar aos camponeses, em anos normais, o aumento de suas rendas pessoais anualmente através do aumento da produção.

Muitas pessoas dizem que a vida dos camponeses é difícil. Isso é verdade? Num certo sentido, é. Com efeito, o nosso é um país empobrecido, porque o imperialismo e seus agentes nos oprimiram e exploraram por mais de um século, e a qualidade de vida não apenas de nossos camponeses, mas de nossos trabalhadores e intelectuais, ainda é baixa. Precisaremos de várias décadas de esforço extenuante para elevar gradualmente a qualidade de vida do nosso povo como um todo. Nesse contexto, é certo dizer que os camponeses têm “vida dura”. Mas, em outro sentido, isso não é verdade. Nos referimos à alegação de que, nos sete anos desde a libertação, só a vida dos trabalhadores melhorou, e não a dos camponeses. Na verdade, com muito poucas exceções, houve alguma melhoria na vida tanto dos camponeses como dos trabalhadores.

Desde a libertação, os camponeses ficaram livres da exploração dos proprietários de terras, e sua produção aumentou anualmente. Tomemos como exemplo as safras de grãos. Em 1949, a produção do país era de pouco mais de 105 milhões de toneladas. Por volta de 1956, chegara a mais de 180 milhões de toneladas, aumento de quase 75 milhões de toneladas. A taxa agrícola do Estado não é pesada, pouco mais de 15 milhões de toneladas por ano. As compras estatais de grãos aos camponeses, a preços normais, é de apenas pouco mais de 25 milhões de toneladas por ano. Esses dois itens juntos totalizam mais de 40 mi-

lhões de toneladas. Além disso, mais da metade desses grãos é vendida de volta às aldeias e cidades vizinhas.

Obviamente, ninguém pode dizer que não houve melhoria na vida dos camponeses. Para ajudar o desenvolvimento da agricultura e a consolidação das cooperativas, planejamos estabilizar a quantidade anual total da taxa de grãos mais os grãos comprados pelo Estado em algo acima de 40 milhões de toneladas, dentro de poucos anos. Dessa forma, um pequeno número de casas com deficiência de grãos, ainda encontrado no interior, deixará de sofrer essa falta; todas as casas de camponeses terão reservas de grãos ou pelo menos se tornarão auto-suficientes, à exceção de algumas safras industriais que estão surgindo. Não haverá mais camponeses pobres no interior, e a qualidade de vida de todos os camponeses alcançará ou ultrapassará o nível dos camponeses médios.

Não é certo comparar simplesmente a renda média anual de um camponês com a de um operário e chegar à conclusão de que uma é demasiado baixa e a outra, demasiado alta. Já que a produtividade do trabalho dos operários é muito mais alta que a dos camponeses, e o custo de vida destes últimos é muito mais baixo que o dos operários nas cidades, não se pode dizer que os operários recebam favores especiais do Estado. Os salários de um pequeno número de operários e de alguns funcionários do Estado são, de fato, um pouco altos demais; os camponeses têm razão de ficar insatisfeitos com isso, e é necessário fazer certos ajustes apropriados de acordo com circunstâncias específicas.

#### 4. A questão dos industriais e comerciantes

Com respeito à transformação de nosso sistema social, o ano de 1956 assistiu à conversão de empresas industriais e comerciais, de propriedade privada, em empresas de propriedade conjunta do Estado e privadas, assim como a transformação cooperativa da agricultura e do artesanato. A velocidade e suavidade dessa conversão estiveram intimamente ligadas ao fato de tratarmos a contradição entre a classe operária e a burguesia nacional como contradição em meio ao povo. Essa

contradição de classe foi completamente resolvida? Não, ainda não; isso levará considerável período de tempo.

No entanto, algumas pessoas dizem que os capitalistas foram remodelados de tal forma que agora não são muito diferentes dos operários, e que remodelagens ulteriores não são necessárias; outros vão tão longe a ponto de dizer que os capitalistas são ainda melhores que os operários. Outros ainda perguntam: se a remodelagem é necessária, por que ela não é necessária para a classe operária? Essas opiniões são corretas? É claro que não.

Na construção de uma sociedade socialista, todos necessitam remodelar-se – os exploradores e também o povo trabalhador. Quem diz que isso não é necessário para a classe operária? É claro que a remodelagem dos exploradores é essencialmente diferente daquela do povo trabalhador, e as duas não devem ser confundidas. A classe operária remodela toda a sociedade na luta de classes e na luta contra a natureza, e no processo também se remodela. Ela deve aprender incessantemente no transcurso do trabalho a vencer de modo gradual suas falhas e nunca deixar de fazer isso.

Tomemos por exemplo nós mesmos, aqui presentes. Muitos de nós fazemos algum progresso a cada ano, quer dizer, estamos nos remodelando a cada ano. De minha parte, eu costumava ter todo tipo de idéias não-marxistas e foi só mais tarde que adotei o marxismo. Aprendi um pouco de marxismo nos livros e dei os primeiros passos para remodelar minha ideologia, mas foi sobretudo por participar da luta de classes durante anos que cheguei a me remodelar. E se eu quiser fazer novos progressos, devo continuar a aprender; de modo contrário, ficarei para trás. Os capitalistas podem ser tão bons a ponto de não precisar mais se remodelar?

Algumas pessoas argumentam que a burguesia chinesa já não tem dois lados em seu caráter, mas apenas um. Isso é verdade? Não. Apesar de membros da burguesia se terem tornado pessoal administrativo em empresas de capital misto, e estejam sendo transformados de exploradores em povo trabalhador, vivendo de seu próprio trabalho, eles ainda ganham taxa de juros fixa sobre seu capital nas empresas conjuntas, isto é, ainda não se libertaram das raízes da exploração. Entre eles e a

classe operária ainda existe brecha considerável em ideologia, sentimentos e hábitos de vida. Como podemos dizer que eles não têm mais dois lados em seu caráter? Mesmo depois que pararem de receber seus pagamentos de juros fixos e de terem removida a etiqueta de “burguês”, ainda precisarão de remodelação ideológica por bastante tempo. Se, como se alega, a burguesia não tem mais caráter dual, então os capitalistas não terão mais a tarefa de estudar e de remodelar-se.

Devemos dizer que essa opinião não afeta a situação atual de nossos industriais e comerciantes, nem afeta o que a maioria deles quer. Durante os últimos anos, a maior parte deles quis estudar e fez progressos marcantes. Como sua remodelação completa só pode ser alcançada com o trabalho, eles devem empenhar-se em trabalhar junto aos funcionários e aos operários nas empresas, e considerar essas empresas os principais lugares em que se modificarão. Mas também é importante que eles mudem algumas de suas opiniões pelo estudo, que deve ser feito voluntariamente.

Quando voltam às empresas, depois de ter estado em grupos de estudo por algumas semanas, muitos industriais e comerciantes descobrem que possuem linguagem comum com operários e representantes da propriedade estatal, e que, assim, existem melhores possibilidades de trabalharem juntos. Sabem por experiência pessoal que é bom para eles continuar estudando e remodelando-se. A idéia antes mencionada de que o estudo e a remodelação não são necessários não reflete as opiniões da maioria dos industriais e comerciantes, mas apenas de um pequeno número deles.

### 5. A questão dos intelectuais

As contradições nas fileiras do povo em nosso país também encontram expressão entre os intelectuais. Os vários milhões de intelectuais que trabalhavam para a antiga sociedade vêm servir à nova sociedade, e a questão que surge agora é como eles podem adaptar-se às necessidades da nova sociedade e como nós podemos ajudá-los. Essa, também, é uma contradição em meio ao povo.

A maioria dos nossos intelectuais fez marcados progressos durante os últimos sete anos e se mostrou a favor do sistema socialista. Muitos são diligentes estudando o marxismo, e alguns se tornaram comunistas. Estes últimos, apesar de ainda poucos, têm aumentado significativamente. Claro que ainda existem alguns intelectuais céticos sobre o socialismo, ou que não o aprovam, mas são minoria.

A China precisa dos serviços do máximo possível de intelectuais para a tarefa colossal de construir o socialismo. Devemos confiar naqueles que realmente querem servir à causa do socialismo e deveríamos melhorar radicalmente nossas relações com eles e ajudá-los a resolver os problemas que exigem solução, de modo que possam dar rédeas soltas a seus talentos. Muitos de nossos camaradas têm dificuldades em unir-se aos intelectuais. São formais em sua atitude frente a eles, não lhes respeitam o trabalho e interferem em certas matérias científicas e culturais nas quais a interferência não se justifica. Devemos corrigir todas essas falhas.

Apesar de grande número de intelectuais ter feito progressos, eles não devem ser complacentes. Cumpra que continuem a remodelar-se, gradualmente abandonando sua perspectiva burguesa de mundo e adquirindo a perspectiva proletária e comunista, para que possam se enquadrar de todo nas necessidades da nova sociedade e unir-se aos operários e camponeses. A mudança na perspectiva de mundo é fundamental, e até agora a maioria de nossos intelectuais não pode dizer que o conseguiu. Esperamos que eles continuem a fazer progressos e que, no transcurso do trabalho e do estudo, gradualmente adquiram a perspectiva comunista do mundo, entendendo o marxismo-leninismo e tornando-se integrados aos operários e camponeses. Esperamos que não parem na metade do caminho, ou, o que é pior, escorreguem para trás, pois não haverá futuro para eles se retrocederem.

Já que o sistema social de nosso país mudou, e a base econômica da ideologia burguesa foi na maior parte destruída, não só é imperativo, para um grande número de nossos intelectuais, que mudem sua perspectiva de mundo, mas também é possível que o façam. Mudança completa na perspectiva de mundo, porém, leva muito tempo, e não devemos poupar esforços em ajudá-los, nem devemos ser impacientes.

Na verdade, existirão alguns que, ideologicamente, serão sempre relutantes em aceitar o marxismo-leninismo e o comunismo. Não devemos ser demasiado exigentes naquilo que lhes pedimos; enquanto cumprirmos os requisitos demandados pelo Estado e se empenharem em investigações legítimas, devemos deixar que tenham oportunidades de realizar um trabalho adequado.

Entre os estudantes e intelectuais houve recentemente um declínio no trabalho político e ideológico, e apareceram algumas tendências pouco saudáveis. Algumas pessoas parecem pensar que não há mais necessidade alguma de preocupar-se com a política ou com o futuro da mãe-pátria e dos ideais da humanidade. Parece que o marxismo, uma vez no centro de tudo, agora não está mais na moda. Para opormo-nos a essas tendências, devemos fortalecer nosso trabalho político e ideológico. Tanto estudantes como intelectuais devem estudar muito. Além do estudo dos assuntos de sua especialidade, devem fazer progressos políticos e ideológicos, o que significa que precisam estudar marxismo, os eventos atuais e a política. Não ter orientação política correta é como não ter alma.

A remodelação ideológica no passado foi necessária e mostrou resultados positivos. Mas foi feita de certa forma apressada, e os sentimentos de algumas pessoas foram feridos – isso não foi bom. Devemos evitar essas falhas no futuro. Todos os departamentos e organizações deveriam assumir suas responsabilidades no trabalho político e ideológico. Isso se aplica ao Partido Comunista, à Liga da Juventude, aos departamentos do governo a cargo desse trabalho e especialmente aos chefes das instituições educacionais e aos professores. Nossa política educacional deve capacitar qualquer um que receba educação a desenvolver-se moral, intelectual e fisicamente, e tornar-se um trabalhador com consciência e cultura socialistas. Devemos espalhar a idéia de construir nosso país por meio da diligência e da frugalidade. Devemos ajudar todos os nossos jovens a entender que nosso país ainda é muito pobre, que não podemos mudar essa situação radicalmente em curto período de tempo, e que só ao longo de décadas de esforços unidos de nossa geração mais jovem e de todo o nosso povo, trabalhando com suas próprias mãos, poderá a China ficar próspera e forte. O estabe-

lecimento de nosso sistema socialista abriu a estrada que leva à sociedade ideal do futuro, mas, para transformar esse ideal em realidade, é necessário muito trabalho. Alguns de nossos jovens pensam que tudo deveria ser perfeito uma vez que uma sociedade socialista está estabelecida, e que eles deveriam ser capazes de aproveitar uma vida feliz já pronta, sem trabalhar para isso. Isso não é realista.

### 6. A questão das minorias nacionais

As minorias nacionais em nosso país somam mais de 30 milhões de pessoas. Mesmo que constituam apenas 6% da população total, elas habitam regiões extensas que compreendem 50% a 60% da área total da China. É portanto imperativo promover as boas relações entre povo Han e minorias nacionais. A chave para essa questão está em vencer o chauvinismo Han. Ao mesmo tempo, esforços também devem ser feitos para vencer o chauvinismo das nacionalidades locais, onde ele exista entre as minorias nacionais. Tanto chauvinismo Han como chauvinismo das nacionalidades locais são prejudiciais à unidade das nacionalidades; eles representam um tipo de contradição em meio ao povo que deve ser resolvida. Já fizemos alguma coisa para isso.

Na maioria das áreas habitadas pelas minorias nacionais houve considerável melhoria nas relações entre as nacionalidades, mas muitos problemas ainda devem ser resolvidos. Em algumas áreas, tanto o chauvinismo Han como o chauvinismo das nacionalidades locais ainda existem em alto grau, e isso exige completa atenção. Como resultado dos esforços do povo de todas as nacionalidades nos últimos anos, as reformas democráticas e a transformação socialista foram completadas na maioria das áreas de minorias nacionais. As reformas democráticas ainda não foram levadas a cabo no Tibet porque as condições não estão maduras. De acordo com o décimo sétimo artigo do acordo alcançado entre o Governo Central do Povo e o governo local do Tibet, a reforma do sistema social deve ser levada a cabo, mas só pode ser decidida quando a maioria do povo do Tibet e as lideranças públicas locais a considerarem oportuna, e não devemos ser impacientes.

Foi decidido agora não levar a cabo as reformas democráticas no Tibet durante o período do Segundo Plano Quinquenal. Só poderemos decidir se devemos levá-las a cabo no Terceiro Plano Quinquenal à luz da situação naquele período.

### 7. Consideração geral e ajuste adequado

Por consideração geral queremos dizer consideração que alcance os 600 milhões de pessoas de nosso país. Ao fazer planos, manejar negócios ou pensar sobre problemas, devemos partir do fato de que a China tem uma população de 600 milhões, fato que nunca devemos esquecer. Por que fazer disso uma questão? É possível que existam pessoas que ainda não saibam que temos população dessa magnitude? Claro, todos sabem; mas na prática algumas pessoas esquecem tudo sobre isso e atuam como se, quanto menos pessoas, quanto menor o círculo, melhor fosse. Aqueles que têm essa mentalidade de círculo pequeno abominam a idéia de colocar em jogo todos os fatores positivos, de unir-se com todos aqueles com quem nos possamos unir, e de fazer todo o possível para transformar os fatores negativos em positivos para servir à grande causa de construir a sociedade socialista. Espero que essas pessoas tenham visão mais ampla e reconheçam que contamos com população de 600 milhões, que esse é um fato objetivo e um recurso nosso.

Essa grande população é algo bom, mas naturalmente também cria certas dificuldades. A construção avança vigorosamente em todas as frentes e com muito sucesso também, mas, nesse presente período de transição, de mudanças sociais tremendas, ainda existem muitos problemas difíceis. Progresso e ao mesmo tempo dificuldades – essa é uma contradição. No entanto, não só todas essas contradições devem ser resolvidas; elas, definitivamente, podem ser resolvidas. Nosso princípio guia é consideração geral e ajuste adequado.

Qualquer que seja o problema – trate-se de comida, calamidades naturais, emprego, educação, os intelectuais, a frente unida de todas as forças patrióticas, as minorias nacionais ou qualquer outra coisa –, devemos sempre partir do ponto de vista da consideração geral, que



engloba todo o povo, e devemos fazer os ajustes adequados, depois de consultar todos os círculos afetados, à luz do que é viável em tempo e lugar particulares. De forma alguma devemos queixar-nos de que existem pessoas demais, que os outros são atrasados, que as coisas são problemáticas e difíceis de manejar, e fechar a porta para elas. Quero dizer que o governo sozinho deve tomar conta de tudo e de todos? Claro que não. Em muitos casos, eles devem ser deixados aos cuidados diretos das organizações públicas ou das massas – ambas são bem capazes de criar muitas boas formas de manejá-las. Isso também se encaixa no princípio da consideração geral e do ajuste adequado. Devemos orientar a esse respeito as organizações públicas e o povo em toda parte.

#### 8. Sobre “Deixem brotar 100 flores, deixem competir 100 escolas de pensamento” e “Coexistência a longo prazo e supervisão mútua”

“Deixem brotar 100 flores, deixem competir 100 escolas de pensamento” e “Coexistência a longo prazo e supervisão mútua” – como apareceram esses lemas? Eles surgem à luz das condições específicas da China, em reconhecimento da existência continuada de vários tipos de contradição na sociedade socialista e em resposta à necessidade urgente do país de acelerar seu desenvolvimento econômico e cultural. Deixar brotar 100 flores e 100 escolas de pensamento competir é a política de promover o progresso nas artes e nas ciências, e florescente cultura socialista em nossa terra.

Diferentes formas e estilos de arte devem desenvolver-se livremente, e diferentes escolas nas ciências devem competir livremente. Pensamos que é prejudicial para o crescimento da arte e da ciência o fato de medidas administrativas serem usadas para impor um estilo particular de arte ou uma escola de pensamento e banir outra. As questões de certo e errado nas artes e nas ciências devem ser resolvidas por meio da discussão livre em círculos artísticos e científicos e de trabalhos práticos nesses campos. Elas não devem ser solucionadas de maneira simplificada. Um período de experiência é necessário para determinar se algo é certo ou

errado. Ao longo da história, de início as coisas novas e corretas muitas vezes falham em obter o reconhecimento da maioria do povo e têm de se desenvolver por meio de giros e mudanças em meio à luta.

Com frequência, coisas corretas e boas foram vistas primeiramente não como flores fragrantas, mas como ervas venenosas. A teoria do sistema solar de Copérnico e a teoria da evolução de Darwin foram a princípio rejeitadas como errôneas e tiveram de enfrentar uma cruel oposição. A história chinesa oferece muitos exemplos semelhantes. Numa sociedade socialista, as condições para o crescimento do novo são radicalmente diferentes e superiores àquelas da velha sociedade. Mesmo assim, volta e meia forças novas que surgem são refreadas, e boas idéias, sufocadas. Além disso, mesmo na ausência de sua deliberada supressão, o crescimento de coisas novas pode ser retardado simplesmente pela falta de discernimento. Portanto é necessário ser cauteloso sobre as questões de certo e errado nas artes e nas ciências, encorajar a discussão livre e evitar conclusões apressadas. Acreditamos que tal atitude ajudará a assegurar o desenvolvimento relativamente suave das artes e das ciências.

O marxismo também se desenvolveu pela luta. No começo, foi submetido a todo tipo de ataques e considerado erva venenosa, o que, aliás, ainda é o caso em muitas partes do mundo. Nos países socialistas, ele desfruta uma posição diferente, mas, mesmo nesses países, existem ideologias não-marxistas e até antimarxistas. Na China, apesar da transformação socialista ter sido completada em grande parte, no que diz respeito ao sistema de propriedade, e apesar das turbulentas lutas de classe das massas em grande escala, características dos tempos de revolução, terem na maior parte chegado ao fim, ainda existem remanescentes das classes derrubadas dos proprietários de terras e *compradors*, ainda existe burguesia, e a remodelação da pequena burguesia apenas começou.

A luta de classes não terminou de nenhuma forma. A luta de classes entre o proletariado e a burguesia, entre as várias forças políticas, e entre o proletariado e a burguesia no campo ideológico ainda será continuada e tortuosa e em alguns instantes até mesmo muito aguda. O proletariado busca transformar o mundo de acordo com sua própria perspectiva, e assim o faz a burguesia. A esse respeito, a questão de quem vencerá, o socialismo ou o capitalismo, ainda não foi definida.

Os marxistas permanecem minoria em meio a toda a população e aos intelectuais. Assim, o marxismo deve continuar a desenvolver-se pela luta. O marxismo só se pode desenvolver pela luta, e isso não é verdade apenas para o passado e para o presente: é verdade necessária para o futuro também. O que é correto invariavelmente se desenvolve no curso da luta com o que é errado. O verdadeiro, o bom e o lindo sempre existem pelo contraste com o falso, o mau e o feio, e crescem na luta com eles. Assim que uma coisa errônea é rejeitada e uma verdade particular é aceita pela humanidade, novas verdades começam a lutar com novos erros. Tais lutas nunca acabarão. Essa é a lei do desenvolvimento da verdade e, naturalmente, do marxismo.

Levará um bom período de tempo decidir a questão na luta ideológica entre o socialismo e o capitalismo em nosso país. A razão é que a influência da burguesia e dos intelectuais que vêm da velha sociedade, a própria influência que constitui sua ideologia de classe, persistirá em nosso país por longo tempo. Se isso não for entendido ou for insuficientemente entendido, o mais grave dos erros será cometido, e a necessidade de livrar a luta no campo ideológico será ignorada. A luta ideológica difere de outras formas de luta, já que o único método utilizado é o raciocínio diligente, e não a crua coerção.

Hoje, o socialismo está em posição vantajosa na luta ideológica. O poder básico do Estado está nas mãos do povo trabalhador dirigido pelo proletariado. O Partido Comunista é forte, e seu prestígio, alto. Apesar de haver defeitos e erros em nosso trabalho, toda pessoa bem-pensante pode ver que somos leais ao povo, que estamos determinados e somos capazes de construir nossa mãe-pátria junto com eles, e que já alcançamos grandes sucessos e alcançaremos outros, ainda maiores. A maioria da burguesia e dos intelectuais que vieram da velha sociedade é patriota e tem vontade de servir sua florescente mãe-pátria socialista; sabe que não tem para onde retroceder e que seu futuro não pode ser brilhante se abandonar a causa socialista e o povo trabalhador liderado pelo Partido Comunista.

As pessoas podem perguntar: já que o marxismo é aceito como a ideologia guia pela maioria do povo em nosso país, ele pode ser criticado? Certamente que sim. O marxismo é a verdade científica e não teme

a crítica. Se o fizesse, e se pudesse ser derrubado pela crítica, não teria valor. De fato, os idealistas não criticam o marxismo todos os dias e de todas as formas? E aqueles que abrigam idéias burguesas e pequeno-burguesas e não desejam mudar – eles também não estão criticando o marxismo de todas as formas? Os marxistas não devem temer a crítica, venha de onde vier. Pelo contrário, eles precisam moderar-se, desenvolver-se e ganhar novas posições diante da crítica e na tempestade e pressão da luta. Lutar contra idéias erradas é como ser vacinado – um homem desenvolve maior imunidade à doença como resultado da vacinação. É improvável que plantas criadas em estufa sejam resistentes. Levar adiante a política de “deixar brotar 100 flores e 100 escolas de pensamento competir”, isso não enfraquecerá, mas fortalecerá a posição de liderança do marxismo no campo ideológico.

Qual deve ser nossa política em relação às idéias não-marxistas? No que diz respeito aos contra-revolucionários e sabotadores da causa socialista, a questão é simples: privamos eles de sua liberdade de expressão. Mas idéias incorretas em meio ao povo é questão bem diferente. Bastará banir tais idéias e negar-lhes qualquer oportunidade de expressão? Certamente que não. Não é só fútil, mas muito prejudicial, usar métodos brutos ao tratar com questões ideológicas em meio ao povo, com questões sobre o mundo mental do homem. Pode-se banir a expressão das idéias erradas, mas elas continuarão lá. Por outro lado, se as idéias corretas forem mimadas em estufas e nunca expostas aos elementos e imunizadas contra doenças, elas não vencerão as idéias errôneas. Portanto, é apenas empregando o método de discussão, crítica e raciocínio que podemos realmente promover as idéias corretas, vencer as erradas e resolver as questões.

É inevitável que a burguesia e a pequena burguesia dêem expressão a suas próprias ideologias. É inevitável que elas teimosamente insistam em questões políticas e ideológicas por todos os meios possíveis. Não se pode esperar que façam outra coisa. Não devemos utilizar o método da supressão e impedi-las de expressar-se, devemos permitir-lhes que o façam e ao mesmo tempo discutir com elas e dirigir crítica apropriada contra elas. Sem dúvida, devemos criticar as idéias errôneas de qualquer tipo. Certamente não seria correto refrear a crítica, apenas

olhar enquanto as idéias erradas se espalham sem controle e permitirem que dominem o campo. Os erros devem ser criticados, e as ervas venenosas, combatidas onde quer que cresçam. No entanto, tal crítica não pode ser dogmática, e não se deve usar o método metafísico, mas, em vez disso, cabe fazer o esforço de empregar o método dialético. São necessários análise científica e argumentos convincentes. A crítica dogmática nada resolve. Somos contra as ervas venenosas de qualquer tipo, mas devemos distinguir cuidadosamente entre o que é de fato erva venenosa e o que é flor fragrante. Junto com as massas do povo, devemos aprender a diferenciar cuidadosamente entre as duas e usar métodos corretos para lutar contra as ervas venenosas.

Ao mesmo tempo que criticamos o dogmatismo, devemos dirigir nossa atenção à crítica do revisionismo, ou oportunismo de direita, tendência burguesa de pensamento ainda mais perigosa que o dogmatismo. Os revisionistas, os oportunistas de direita, defendem o marxismo; eles também atacam o “dogmatismo”. Mas o que eles estão realmente atacando é a quinta-essência do marxismo. Eles se opõem ou distorcem o materialismo e a dialética, se opõem ou tentam enfraquecer a ditadura democrática do povo e o papel de liderança do Partido Comunista, e se opõem ou tentam debilitar a transformação e a construção socialista. Mesmo depois da vitória básica de nossa revolução socialista, ainda haverá pessoas em nossa sociedade que terão vãs esperanças de restaurar o sistema capitalista e que estarão convencidas de combater a classe operária em cada front, incluído o ideológico. E seus homens de confiança nessa luta são os revisionistas.

Literalmente, os dois lemas – deixem brotar 100 flores, deixem competir 100 escolas de pensamento – não têm caráter de classe; o proletariado pode levá-los em conta, assim como a burguesia e outras classes. Diferentes classes, estratos e grupos sociais têm, cada um, sua própria visão sobre o que são flores fragrantas e ervas venenosas. Então, do ponto de vista das massas, qual deveria ser hoje o critério para as distinguir? Em suas atividades políticas, como deveria nosso povo julgar se as palavras e os atos de uma pessoa são certos ou errados? Baseados nos princípios de nossa Constituição, na vontade da maioria avassaladora de nosso povo e nas posições políticas comuns que têm

sido proclamadas, em várias ocasiões, por nossos partidos políticos, consideramos que, falando amplamente, o critério deveria ser o seguinte:

1. As palavras e os fatos deveriam ajudar a unir, e não a separar o povo de todas nossas nacionalidades.
2. Deveriam ser benéficos – e não prejudiciais – à transformação e à construção socialista.
3. Deveriam ajudar a consolidar – e não a minar ou enfraquecer – a ditadura democrática do povo.
4. Deveriam ajudar a consolidar – e não a minar ou enfraquecer – o centralismo democrático.
5. Deveriam ajudar a fortalecer – e não a abalar ou enfraquecer – a liderança do Partido Comunista.
6. Deveriam ser benéficos – e não prejudiciais – à unidade socialista internacional e à unidade dos povos amantes da paz do mundo.

Desses seis critérios, os mais importantes são os dois sobre a passagem socialista e a liderança do Partido, desenvolvidos não para retardar, mas para acelerar a discussão livre de questões em meio ao povo. Aqueles que desaprovam esses critérios ainda podem declarar suas próprias opiniões e defender seu caso. No entanto, enquanto a maioria do povo tiver critérios definidos a seguir, a crítica e a autocritica podem ser conduzidas por meio de linhas adequadas, e esses critérios devem ser aplicados às palavras e atos do povo para determinar se estão certos ou errados, se são flores fragrantas ou ervas venenosas. Esses são critérios políticos. Naturalmente, para julgar a validade de teorias científicas ou o valor estético de obras de arte, outros critérios relevantes são necessários. Esses seis critérios políticos, porém, são aplicáveis a todas as atividades nas artes e nas ciências. Num país socialista como o nosso pode haver alguma atividade útil, científica ou artística que vá ao encontro desses critérios políticos?

As visões expostas acima estão baseadas nas condições históricas específicas da China. As condições variam em diferentes países socialistas e com diferentes Partidos Comunistas. Sendo assim, não afirmamos que eles devam ou tenham de adotar o caminho chinês.

O lema “coexistência a longo prazo e supervisão mútua” também é produto das condições históricas específicas da China. Não foi desen-

volvido de repente, mas esteve em formação durante vários anos. A idéia da coexistência a longo prazo estava presente durante longo tempo. Quando o sistema socialista na maior parte se estabeleceu no ano passado, o lema foi formulado em termos explícitos. Por que se deveria permitir que os partidos da burguesia e da pequena burguesia existam lado a lado com o partido da classe operária por um longo período de tempo? Porque não temos razão alguma para não adotar a política de coexistência a longo prazo com todos aqueles partidos políticos que estão verdadeiramente devotados à tarefa de unir o povo para a causa do socialismo e que desfrutam a confiança do povo. Já em junho de 1950, na segunda sessão do Primeiro Comitê Nacional, da Conferência Consultiva Política, coloquei o assunto desta maneira:

O povo e seu governo não têm razão alguma para rejeitar ninguém ou negar-lhe a oportunidade de ganhar a vida e prestar serviço ao país, desde que esteja realmente desejando servir ao povo e desde que realmente tenha ajudado e feito uma boa mudança quando o povo enfrentou dificuldades, e continue a fazê-lo sem desistir na metade do caminho.

O que eu discutia então era a base política para a coexistência a longo prazo dos vários partidos. É desejo e também política do Partido Comunista existir lado a lado com os partidos democráticos por longo tempo. Se os partidos democráticos poderão permanecer existindo durante longo tempo, porém, é questão que não depende apenas do desejo do Partido Comunista, mas do desempenho desses partidos e de sua capacidade de conquistar a confiança do povo. A supervisão mútua dos vários partidos também é fato estabelecido há muito tempo, no sentido de que eles vêm, há muito, aconselhando e criticando uns aos outros. A supervisão mútua, obviamente, não é algo unilateral; significa que o Partido Comunista pode exercer supervisão sobre os partidos democráticos e vice-versa. Por que devemos permitir que os partidos democráticos exerçam supervisão sobre o Partido Comunista? Porque um partido, tanto quanto um indivíduo, tem grande necessidade de ouvir opiniões diferentes das suas.

Todos sabemos que a supervisão sobre o Partido Comunista é feita sobretudo pelo povo trabalhador e pelos membros do Partido. Mas

ter também a supervisão dos partidos democráticos aumenta nossos benefícios. Claro que o conselho e a crítica trocados pelo Partido Comunista e pelos partidos democráticos só desempenharão papel supervisor positivo quando se adaptarem aos seis critérios políticos mencionados acima. Assim, esperamos que, para se adaptarem às necessidades da nova sociedade, todos os partidos democráticos prestem atenção à remodelação ideológica e lutem pela coexistência a longo prazo com o Partido Comunista e pela supervisão mútua.

### *9. Sobre a questão dos distúrbios criados por um pequeno número de pessoas*

Em 1956, um pequeno número de trabalhadores e estudantes, em alguns lugares, entrou em greve. A causa imediata desses distúrbios foi o fracasso de satisfazer algumas de suas demandas por benefícios materiais, que alguns deveriam e poderiam ter alcançado, enquanto outros, deslocados ou excessivos, não poderiam alcançar por enquanto. Causa mais importante, porém, foi a burocracia de parte das lideranças. Em alguns casos, a responsabilidade por tais erros burocráticos caiu sobre a autoridade mais alta, os níveis inferiores não foram culpados. Outra causa para esses distúrbios foi a falta de educação política e ideológica entre operários e estudantes. No mesmo ano, também ocorreram distúrbios em algumas cooperativas agrícolas, criados por alguns de seus membros, e aqui também as causas principais foram a burocracia de parte da liderança e falta de trabalho educacional em meio às massas.

Devemos admitir que, em meio às massas, alguns tendem a prestar atenção a interesses imediatos, parciais e pessoais, e não entendem, ou não entendem de modo suficiente, os interesses de longo alcance, nacionais e coletivos. Por falta de experiência social e política, um bom número de jovens não consegue ver o contraste entre a velha China e a nova, e não é fácil para eles compreender totalmente as vicissitudes que nosso povo enfrentou na luta para libertar-se da opressão dos reacionários imperialistas e do Kuomintang, ou os longos anos de árduo

trabalho necessários antes que uma boa sociedade socialista possa ser estabelecida. Por isso, devemos constantemente levar a cabo a educação política efetiva e vigorosa em meio às massas, devemos sempre dizer-lhes a verdade sobre as dificuldades que apareçam e discutir com elas como vencer essas dificuldades.

Não aprovamos os distúrbios, porque as contradições em meio ao povo podem ser resolvidas pelo método “unidade/crítica/unidade”, enquanto distúrbios tendem a causar algumas perdas e não conduzem ao avanço do socialismo. Acreditamos que as massas do povo apoiam o socialismo, de forma consciente mantêm a disciplina e são razoáveis, e certamente não participarão de distúrbios sem razão. Isso não significa, porém, que a possibilidade de distúrbios pelas massas não exista mais em nosso país. Sobre essa questão, devemos prestar atenção ao seguinte: 1) Para erradicar as causas dos distúrbios, devemos vencer resolutamente a burocracia, melhorar a educação política e ideológica e lidar com todas as contradições de maneira adequada. Se isso for feito, falando de modo geral, não haverá distúrbios. 2) Quando ocorrerem distúrbios, como resultado do trabalho malfeito de nossa parte, então devemos guiar aqueles envolvidos para o caminho correto, usar os distúrbios como meios especiais para melhorar nosso trabalho, educar os quadros e as massas e encontrar soluções para aqueles problemas que previamente tinham ficado sem resolver. Ao manejar qualquer distúrbio, devemos esforçar-nos e não usar métodos simplistas, nem declarar que o assunto está encerrado. Os líderes dos distúrbios não devem ser sumariamente expulsos, com exceção daqueles que tenham cometido atos criminosos ou sejam ativos contra-revolucionários e tenham de ser punidos pela lei. Num país grande como o nosso, não há por que se alarmar se um pequeno número de pessoas causa distúrbio que, pelo contrário, nos ajudarão a livrar-nos da burocracia.

Também existe um pequeno número de indivíduos em nossa sociedade que, desprezando o interesse público, de modo consciente violam a lei e cometem crimes. São capazes de tirar vantagem de nossas políticas e distorcê-las, e deliberadamente fazem pedidos desmedidos

para incitar as massas ou espalham rumores para criar problemas e romper a ordem pública. Não propomos deixar que esses indivíduos possam atuar. Pelo contrário, ações legais apropriadas devem ser tomadas contra eles. Puni-los é a exigência das massas, e iríamos de encontro à vontade popular se não os puníssemos.

### *10. Pode o que é ruim ser transformado em bom?*

Em nossa sociedade, como eu disse, os distúrbios cometidos pelas massas são ruins, e não os aprovamos. Quando, porém, eles ocorrem, nos permitem aprender lições, vencer a burocracia e educar os quadros e as massas. Nesse sentido, coisas ruins podem ser transformadas em coisas boas. Os distúrbios, portanto, têm caráter dual. Todo distúrbio pode ser visto dessa maneira.

Todos sabem que o incidente húngaro não foi algo bom. Mas também tinha caráter dual. Em virtude de nossos camaradas húngaros terem tomado a ação adequada no curso do incidente, o que era algo ruim eventualmente transformou-se em bom. A Hungria agora está mais consolidada que nunca, e todos os demais países no campo socialista também aprenderam a lição.

De forma similar, a campanha mundial contra o comunismo e o povo que ocorreu na segunda metade de 1956, foi algo ruim. Serviu, porém, para educar e modelar os Partidos Comunistas e as classes trabalhadoras de todos os países, e assim se transformou em algo bom. Na tensão e na tempestade desse período, pessoas em muitos países se retiraram do Partido Comunista. A saída do Partido reduz seus membros e, claro, é algo ruim, mas nele existe o lado bom, também. Elementos vacilantes, que não têm vontade de continuar, se retiraram, e a maioria, de membros firmes do Partido, pôde unir-se melhor para a luta. Isso não é uma coisa boa?

Resumindo, devemos aprender a olhar os problemas de todos lados, procurando a frente e o verso das coisas. Em dadas condições, algo ruim pode levar a bons resultados e algo bom, a resultados ruins. Há mais de dois mil anos, Lao Tzu disse: “A boa sorte está dentro da

má, a má sorte espreita dentro da boa.”<sup>1</sup> Quando os japoneses invadiram a China, eles chamaram isso de vitória. Grande parte do território chinês foi tomada, e os chineses chamaram isso de derrota. Mas a vitória estava escondida na derrota da China, enquanto a derrota estava escondida na vitória japonesa. A história não provou que isso é verdade?

As pessoas em todo o mundo discutem agora se haverá uma terceira guerra mundial. Sobre essa questão também devemos estar mentalmente preparados e fazer algumas análises. Nós nos colocamos firmemente pela paz e contra a guerra, mas, se os imperialistas insistirem em desatar outra guerra, não a devemos temer. Nossa atitude nessa questão equivale à que temos frente a qualquer distúrbio: primeiro, somos contra ele; segundo, não o tememos. À Primeira Guerra Mundial seguiu-se o nascimento da União Soviética, com população de 200 milhões. À Segunda Guerra Mundial, a aparição do campo socialista com população combinada de 900 milhões. Se os imperialistas insistirem em desatar uma terceira guerra mundial, é certo que várias centenas de milhões mais se inclinarão para o socialismo, e então não haverá na Terra muito lugar sobrando para os imperialistas. Também é provável que toda a estrutura do imperialismo colapse completamente.

Em dadas condições, cada um dos aspectos contrários de uma contradição invariavelmente se transforma em seu contrário como resultado da luta entre eles. Aqui, o essencial são as condições. Sem as condições dadas, nenhum dos dois aspectos contraditórios pode transformar-se em

seu contrário. De todas as classes no mundo, o proletariado é a mais ansiosa por mudar de posição, seguido pelo semiproletariado, pois o primeiro nada possui, enquanto o último dificilmente está um pouco melhor. Os Estados Unidos agora controlam a maioria nas Nações Unidas e dominam muitas partes do mundo – esse estado de coisas é temporário e um dia mudará. A posição da China como país pobre com os direitos negados nas questões internacionais também mudará – o país pobre se transformará em rico, o país com direitos negados, em país que os desfruta – uma transformação das coisas em seus opostos. Aqui, as condições decisivas são o sistema socialista e os esforços concertados de um povo unido.

### *11. Sobre economizar*

Aqui quero falar brevemente sobre economizar. Queremos levar a cabo construções em grande escala, mas nosso país ainda é muito pobre – nisso existe contradição. Uma forma de resolvê-la está no esforço continuado para fazer economia estrita em cada campo.

Durante o movimento contra “os três males”, em 1952, lutamos com a corrupção, o desperdício e a burocracia, com ênfase no combate à corrupção. Em 1955, apoiamos a prática de economizar com grande sucesso; nossa ênfase naquela época era o combate aos padrões indevidamente altos para projetos não-produtivos na construção primária e economizar matérias-primas na produção industrial. Naquele tempo, entretanto, o espírito de poupar ainda não estava seriamente aplicado como princípio orientador em todos os ramos da economia nacional, ou nos escritórios governamentais, unidades do exército, escolas e organizações do povo em geral. Este ano, pedimos economia e eliminação do desperdício em todas as esferas, ao longo do país inteiro. Ainda não temos experiência no trabalho de construção. Durante os últimos anos, grandes sucessos foram alcançados, mas também houve desperdício. Devemos construir empresas modernas em grande escala, passo a passo, para criar a base de nossa indústria, sem o que não seremos capazes de transformar a China

1. Lao Tzu, cap.LVIII.

num poderoso e moderno país industrial nas próximas décadas. Mas a maioria de nossas empresas não deve ser construída nessa escala; devemos criar mais empresas pequenas e médias, e fazer uso da base industrial herdada da velha sociedade, para economizar mais e fazer mais com menos dinheiro.

Bons resultados começaram a aparecer nos poucos meses desde que o princípio de praticar uma economia estrita e combater o desperdício foi implementado, em termos mais enfáticos que antes, pela segunda sessão plenária do Oitavo Comitê Central do Partido Comunista da China, em novembro de 1956. A atual campanha pela economia deve ser conduzida de forma completa e sustentada. Como a crítica de qualquer outra falha ou erro, a luta contra o desperdício pode ser comparada a lavar o próprio rosto. As pessoas não lavam o rosto todos os dias? O Partido Comunista Chinês, os partidos democráticos, os democratas sem filiação partidária, os intelectuais, os industriais e comerciantes, os operários, camponeses e artesãos – resumindo, todos nossos 600 milhões de habitantes – devem lutar pelo aumento da produção e pela economia, e contra a extravagância e o desperdício. Isso é de primordial importância não apenas econômica, mas política também.

Uma tendência perigosa tem aparecido entre muitos de nossos funcionários – a falta de vontade de compartilhar a prosperidade e a miséria com as massas, a preocupação com fama e ganhos pessoais. Isso é muito ruim. Uma das maneiras de vencê-la é tornar nossas organizações mais eficientes, no curso de nossa campanha para aumentar a produção e praticar a economia, e transferir quadros para níveis mais baixos, de modo que um número considerável retornará ao trabalho produtivo. Devemos cuidar para que todos os nossos quadros e nosso povo tenham sempre em mente que o nosso é um país socialista grande, mas pobre e economicamente atrasado, e essa é uma contradição muito grande. Para fazer da China um país forte e próspero, necessitamos várias décadas de luta difícil, o que significa, entre outras coisas, seguir a política de construir nosso país com diligência e frugalidade, isto é, praticando estrita economia e lutando contra o desperdício.

## 12. *A passagem da China para a industrialização*

Ao discutir nosso caminho para a industrialização, estamos preocupados sobretudo com a relação entre o crescimento da indústria pesada, da indústria leve e da agricultura. Devemos afirmar que a indústria pesada é o núcleo da construção econômica da China. Ao mesmo tempo, deve-se dar atenção total ao desenvolvimento da agricultura e da indústria leve.

Como a China é um grande país agrícola, com mais de 80% de sua população em áreas rurais, a agricultura deve desenvolver-se com a indústria, pois só assim a indústria terá matérias-primas e mercado, e somente assim é possível acumular novos recursos para construir poderosa indústria pesada. Todos sabem que a indústria leve é muito ligada à agricultura. Sem agricultura não pode haver indústria leve. Mas ainda não se entendeu claramente que a agricultura fornece mercado importante à indústria pesada. Esse fato, no entanto, será mais facilmente apreciado quando processos graduais na modernização e transformação técnica da agricultura demandem mais e mais máquinas, fertilizantes, projetos de conservação de água e de eletrificação, meios de transporte para as fazendas, assim como combustível e materiais de construção para os consumidores rurais.

Durante o período do Segundo e do Terceiro Planos Quinquenais, toda a economia nacional se beneficiará, se pudermos alcançar crescimento ainda maior em nossa agricultura e assim induzir maior desenvolvimento da indústria leve. Quando a agricultura e a indústria leve se desenvolverem, a indústria pesada, segura de seu mercado e fundos, crescerá mais rapidamente. Por isso, o que poderia parecer ritmo mais lento de industrialização na verdade não será assim, e pode até ser mais rápido.

Em três Planos Quinquenais, ou talvez um pouco mais, a produção anual de aço da China pode ser elevada a 20 milhões de toneladas ou mais, em comparação com a produção pico da pré-liberação, algo em torno de 900 mil toneladas, em 1943. Isso alegrará o povo tanto nas cidades como no campo.

Não proponho estender-nos nas questões econômicas hoje. Com apenas sete anos de construção econômica atrás de nós, ainda não temos experiência e precisamos acumulá-la. Tampouco tínhamos qualquer experiência em revolução quando começamos, e foi só depois de tomar alguns tombos e adquirir experiência que alcançamos a vitória em toda a nação. O que devemos exigir de nós mesmos, agora, é ganhar experiência na construção econômica em período de tempo menor do que precisamos para ganhar experiência na revolução e não pagar preço tão alto por isso. Algum preço teremos que pagar, mas esperamos que não seja tão alto como aquele pago durante o período da revolução.

Devemos entender que existe uma contradição aqui – a contradição entre leis objetivas do desenvolvimento econômico de uma sociedade socialista e nossa cognição subjetiva delas – que deve ser resolvida no transcurso da prática. Ela também se manifesta como contradição entre pessoas diferentes, isto é, entre aqueles em que o reflexo dessas leis objetivas é relativamente exato e aqueles em que o reflexo é relativamente inexato; isso, também, é contradição em meio ao povo. Toda contradição é uma realidade objetiva, e é nossa tarefa refletir sobre ela e resolvê-la da maneira mais correta que possamos.

Para transformar a China num país industrial, precisamos aprender conscientemente com a experiência avançada da União Soviética, que vem construindo o socialismo há quarenta anos, e cuja experiência é muito valiosa para nós. Deixe-nos perguntar: quem projetou e equipou tantas fábricas importantes para nós? Foram os Estados Unidos? A Inglaterra? Não, nem um, nem outra. Só a União Soviética tinha vontade de fazê-lo, porque é um país socialista e nossa aliada. Além da União Soviética, os países irmãos do Leste europeu também nos deram alguma ajuda.

É verdade que devemos aprender com as boas experiências de todos os países, socialistas ou capitalistas; isso não se discute. Mas o principal ainda é aprender com a União Soviética. Existem duas atitudes diferentes com respeito a aprender com os outros. Uma é a atitude dogmática de transplantar tudo, seja ou não adaptável a nossas condições. Isso não é bom. A outra atitude é usar nossas cabeças e apren-

der aquelas coisas que se adaptem a nossas condições, isto é, absorver qualquer experiência que nos seja útil. Essa é a atitude que devemos adotar.

Fortalecer nossa solidariedade com a União Soviética, fortalecer nossa solidariedade com todos os países socialistas – essa é nossa política fundamental; aí estão nossos interesses básicos. Seguem-se os países asiáticos e africanos, e todos os países e povos amantes da paz – devemos fortalecer e desenvolver nossa solidariedade com eles. Unidos a essas duas forças, não ficaremos sozinhos. Quanto aos países imperialistas, nos uniremos com seus povos e lutaremos para coexistir pacificamente e negociar com eles, e prevenir uma possível guerra, mas sob nenhuma circunstância abrigaremos noções irrealistas a seu respeito.



## 11



## De onde vêm as idéias corretas?

Maio de 1963

Este trecho foi tirado da “Minuta da decisão do Comitê Central do Partido Comunista Chinês sobre certos problemas em nosso atual trabalho rural”, delineada sob a direção do camarada Mao Tsé-Tung. A passagem foi escrita pelo próprio camarada Mao Tsé-Tung.

De onde vêm as idéias corretas? Caem do céu? Não. São inatas à mente? Não. Elas vêm da prática social e dela exclusivamente; de três tipos, aliás, de prática social: a luta pela produção, a luta de classes e a experimentação científica. É o ser social do homem que determina seu pensamento. Uma vez compreendidas pelas massas, as idéias corretas, características da classe avançada, se transformam em força material que altera a sociedade e o mundo.

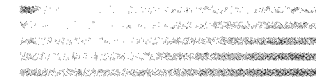
Em sua prática social, os homens se empenham em vários tipos de luta e ganham rica experiência, tanto de seus sucessos como de seus fracassos. Inumeráveis fenômenos do mundo objetivo externo são refletidos no cérebro de um homem através de seus cinco órgãos de sentido – os órgãos da visão, audição, olfato, paladar e tato.

A princípio, o conhecimento é perceptivo. O salto para o conhecimento conceitual, isto é, as idéias, ocorre quando suficiente conhecimento perceptivo é acumulado. Esse é um dos processos da cognição. É o primeiro estágio em todo o processo de cognição, o que leva da matéria objetiva à consciência subjetiva, da existência às idéias. Se a consciência e as idéias de alguém (incluindo teorias, políticas, planos ou medidas) refletem corretamente as leis do mundo objetivo externo, ainda não está provado nesse estágio, no qual ainda não é possível asseverar se elas são corretas ou não. No segundo estágio do processo de cognição, que leva da consciência de volta à matéria, das idéias de volta à existência, o conhecimento adquirido no primeiro estágio é aplicado na prática social, para asseverar se teorias, políticas, planos ou medidas alcançam o sucesso antecipado. Falando de modo geral, aqueles bem-sucedidos são corretos e os que falham são incorretos, e isso é especialmente verdadeiro com respeito à luta do homem com a natureza.

Na luta social, as forças que representam a classe avançada algumas vezes sofrem derrotas não porque suas idéias sejam incorretas, mas porque, por enquanto, no balanço das forças empenhadas na luta, elas não são tão poderosas quanto as forças da reação; elas são, portanto, temporariamente derrotadas, mas estão destinadas ao triunfo mais cedo ou mais tarde. O conhecimento do homem dá novo salto por meio do teste da prática. Esse salto é mais importante que o anterior, pois só ele pode provar a correção ou incorreção do primeiro salto na cognição, isto é, o de idéias, teorias, políticas, planos ou medidas, formulados no processo de refletir o mundo objetivo externo. Não existe outra maneira de testar a verdade. Além disso, o único propósito do proletariado em conhecer o mundo é transformá-lo. Frequentemente, o conhecimento correto só pode ser alcançado depois de muitas repetições do processo que leva da matéria à consciência e depois de volta à matéria, isto é, levando da prática ao conhecimento e depois de volta à prática. Essa é a teoria marxista do conhecimento, a teoria materialista dialética do conhecimento.

Entre nossos camaradas existem muitos que ainda não a entendem. Quando perguntados sobre a origem de suas idéias, opiniões, políticas, métodos, planos e conclusões, discursos eloqüentes e longos artigos, consideram a pergunta estranha e não podem respondê-la. Tampouco podem compreender que a matéria pode ser transformada em consciência e a consciência em matéria, mesmo que tais saltos sejam fenômenos cotidianos. Portanto, é necessário educar nossos camaradas na teoria materialista dialética do conhecimento, para que possam orientar seu pensamento de modo correto, tornar-se bons na investigação e no estudo, em acumular experiência, vencer as dificuldades, cometer menos erros, fazer melhor seu trabalho, lutar para fazer da China um grande e poderoso país socialista e ajudar as amplas massas dos explorados e oprimidos em todo o mundo, no cumprimento de nosso grande dever internacionalista.

12



## Conversa sobre questões de filosofia

18 de agosto de 1964

1. Em outras palavras: 1) a filosofia marxista, isto é, o materialismo dialético e o materialismo histórico, que lida com a lei geral do desenvolvimento das contradições existentes na natureza, na sociedade humana e no pensamento do homem; 2) a economia política marxista, que elucida a lei que governa o desenvolvimento da economia da sociedade e expõe como a classe capitalista explora a classe operária (a teoria da mais-valia); e 3) o socialismo científico que mostra que a sociedade capitalista está destinada a transformar-se em estágio mais alto da sociedade e que o proletariado é o coveiro do sistema capitalista. (Para mais detalhes, ver "The Three Sources and the Three Components Parts of Marxism", de Lênin.)

Só pode haver filosofia quando existe luta de classes. É perda de tempo discutir epistemologia separada da prática. Os camaradas que estudam filosofia deveriam deixar a universidade nas férias e ir para o interior. Deveriam ir neste inverno, ou na próxima primavera, participar da luta de classes. Aqueles cuja saúde não é boa também deveriam ir. Ir para o interior não vai matar as pessoas. Tudo que pode acontecer é pegar um resfriado, e, se colocarem algumas camadas extras de roupa, dará tudo certo.

A maneira como eles se conduzem nas universidades hoje não é boa, indo de livro em livro, de conceito em conceito. Como pode a filosofia surgir dos livros? Os três componentes básicos do marxismo são o socialismo científico, a filosofia e a economia política.<sup>1</sup> O fundamento é a ciência social, a luta de classes. Existe uma

luta entre o proletariado e a burguesia. Marx e os outros viram isso. Os socialistas utópicos estão sempre tentando convencer a burguesia a ser caridosa. Isso não funcionará; é necessário confiar na luta de classes do proletariado. Naquele tempo, muitas greves já haviam ocorrido. A pesquisa do Parlamento inglês reconheceu que a jornada de trabalho de 12 horas era menos favorável aos interesses dos capitalistas que a de oito horas. É a partir desse ponto de vista que o marxismo aparece. O fundamento é a luta de classes. O estudo da filosofia só pode vir depois.

Filosofia de quem? Burguesa ou proletária? A proletária é a filosofia marxista. Também existe a economia proletária, que transformou a economia clássica. Aqueles que se dedicam à filosofia acreditam que ela vem primeiro. Os opressores dominam os oprimidos, enquanto os oprimidos precisam reagir e procurar uma saída antes de buscar a filosofia. Só quando as pessoas tomaram isso como ponto de partida é que surgiu o marxismo-leninismo, e que elas descobriram a filosofia. Todos passamos por isso. Outros quiseram matar-me; Chiang Kai-shek quis matar-me. Assim chegamos a nos empenhar na luta de classes, a nos empenhar em filosofar.

Os estudantes universitários deveriam começar a ir para o interior neste inverno – refiro-me aos estudantes de ciências humanas. Os estudantes de ciências naturais não devem ser deslocados agora, embora pudéssemos transferi-los por um período ou dois. Aqueles que estudam ciências humanas – história, economia política, literatura, lei –, todos devem ir. Professores, professores assistentes, trabalhadores administrativos e estudantes, todos deveriam ir para o interior por um período limitado de cinco meses. Se forem para o campo ou para as fábricas durante cinco meses, eles irão adquirir algum conhecimento perceptual.

Cavalos, vacas, ovelhas, galinhas, cachorros, porcos, arroz, sorgo, feijão, trigo, variedades de milhetes – eles podem dar uma olhada em todas essas coisas. Se forem no inverno, não verão a colheita, mas, ao menos, poderão ver a terra e o povo. Ter alguma experiência da luta de classes – é o que eu chamo de universidade. Discute-se qual uni-

versidade é melhor, a Universidade de Pequim ou a Universidade do Povo.<sup>2</sup>

Por minha parte, sou graduado pela universidade das florestas, onde aprendi bastante. No passado estudei Confúcio e gastei seis anos nos Quatro Livros e nos Cinco Clássicos.<sup>3</sup> Aprendi a recitá-los de memória, mas não os compreendi. Naquela época, eu acreditava profundamente em Confúcio, e até escrevi ensaios [expondo suas idéias]. Depois freqüentei uma escola burguesa durante sete anos. Sete mais seis somam 13 anos. Estudei todas as matérias burguesas de praxe – ciências naturais e ciências sociais. Também me ensinaram alguma coisa de pedagogia. Isso inclui cinco anos de escola comum, dois anos de ensino médio e também o tempo que passei na biblioteca.<sup>4</sup>

Naquela época eu acreditava no dualismo de Kant, sobretudo em seu idealismo. Originariamente eu era feudalista e advogado da democracia burguesa. A sociedade me impeliu a participar da revolução. Passei alguns anos como professor de escola primária e diretor de uma escola para alunos de quatro anos. Também ensinei história e língua chinesa numa escola para seis anos, e lecionei por curto período numa escola de ensino médio, mas não entendi nada. Quando me filiei ao Partido Comunista eu sabia que deveríamos fazer a revolução, mas contra o quê? E como? É claro que tínhamos de fazer a revolução contra o imperialismo e a velha sociedade. Eu não entendia bem que tipo de coisa era o imperialismo, e menos ainda como poderíamos fazer uma revolução contra ele. Nenhuma das coisas que eu aprendera em 13 anos servia para fazer a revolução. Usei apenas o instrumento – a linguagem.

2. A Universidade de Pequim, descendente, da velha Universidade de Pequim que lançou o Movimento de 4 de maio, em 1919, e da Universidade Yenching, financiada pelos norte-americanos, continuou, desde 1949, a desfrutar o mais alto prestígio na China pela excelência intelectual. A Universidade do Povo (*Jen-min ta-hsüeh*), também localizada em Pequim, foi estabelecida especialmente para oferecer cursos mais acessíveis a estudantes de origem operária e camponesa.

3. Entre os clássicos de Confúcio, os Quatro Livros representam o núcleo estudado pelos principiantes, e os Cinco Clássicos, o corpo maior da obra.

4. Entre suas variadas experiências educacionais, Mao Tsé-Tung há muito assinalou os seis meses que passou lendo na Biblioteca Provincial de Hunan, no inverno de 1912-13, como uma das mais valiosas.

Escrever ensaios é um instrumento. Quanto ao conteúdo de meus estudos, nada usei.

Confúcio disse: “A benevolência é o elemento característico da humanidade.” “O homem benevolente ama os outros.”<sup>5</sup> Quem ele amava? Todos os homens? Nada disso. Ele amava os exploradores? Não era exatamente isso, tampouco. Ele amava apenas uma parte dos exploradores. Caso contrário, por que Confúcio não foi capaz de se tornar alto funcionário? O povo não o queria. Ele os amava e queria que se unissem. Mas quando se tratava da fome, e [do preceito] “O homem superior pode suportar a pobreza”, ele quase perdeu a vida, o povo de K’uang queria matá-lo.<sup>6</sup> Houve aqueles que o criticaram por não ter visitado Ch’in durante sua viagem ao oeste.

Na realidade, o poema “No sétimo mês a estrela de fogo passa o meridiano”, no *Livro das odes*, se refere a eventos em Shensi. E “O pássaro amarelo” fala do caso dos três altos funcionários do duque Mu, de Ch’in, que foram mortos e enterrados com o duque quando ele morreu.<sup>7</sup> Ssu-ma Ch’ien<sup>8</sup> tem opinião muito boa sobre o *Livro das odes*. Ele disse que os 300 poemas ali contidos foram todos escritos por sábios e sumidades dos tempos antigos, quando estavam inspirados. Grande parte dos poemas no *Livro das odes* foi feita segundo a tradição dos vários estados, são as canções folclóricas das pessoas comuns, os sábios e sumidades nada mais são que pessoas comuns. “Escritos quando eles estavam inspirados” significa que, quando o coração de um homem estava cheio de raiva, ele escrevia um poema!

Você não planta nem colhe;  
Como você consegue arroz para 300 potes?

5. A primeira frase é da *Doutrina dos infames*; a segunda, de *Mên-cio*, livro IV.

6. A citação é dos *Analectos* (aforismos) de Confúcio. O incidente no qual o povo de K’uang aprisiona Confúcio e quer matá-lo é mencionado nesse livro.

7. O raciocínio de Mao é, aparentemente: tenha ou não estado lá, Confúcio nada tinha contra Ch’in (um estado que existia no primeiro milênio a.C., na Shensi de hoje, cujo governante finalmente conquistou toda a China e fundou a dinastia Ch’in em 221 a.C.), já que incluiu no *Livro das odes*, que supostamente editou, vários poemas daquela área, até os dois mencionados por Mao.

8. Primeiro grande historiador da China (145-90 a.C.), compilou os *shih-chi* (arquivos históricos) relatando a história da China desde as origens até sua época.

Você não persegue a caça;  
Como vemos faisões dourados pendurados em seu pátio?  
Ó, aquele homem superior!  
Ele não comeria o pão da preguiça.<sup>9</sup>

A expressão “negligenciar os deveres do cargo embora recebendo o pagamento” vem daí. Esse é um poema que acusa os céus e se opõe aos governantes. Confúcio, também, era bastante democrático; ele incluiu (no *Livro das odes*) poemas sobre o amor entre homens e mulheres. Em seus comentários, Chu Hsi os caracterizou como poemas sobre casos de amor clandestinos.<sup>10</sup> Na realidade, alguns deles são, outros não; os últimos tomam emprestadas as imagens de homem e mulher para escrever sobre as relações entre o príncipe e o súdito. Em Shu (atual Szechwan), no tempo das Cinco Dinastias e dos Dez Condados, havia um poema intitulado “A esposa de Ch’in lamenta o inverno”, de Wei Chuang.<sup>11</sup> Ele o escreveu na juventude, sobre sua saudade do príncipe.

Para voltar ao assunto de ir para o interior, as pessoas deveriam ir, a partir deste inverno e desta primavera, em grupos e em sistema de rodízio, para participar da luta de classes. Só dessa maneira poderão aprender alguma coisa, aprender sobre a revolução. Vocês, intelectuais, se sentam todos os dias em seus escritórios governamentais, comem bem, vestem-se bem e não fazem nem uma caminhada. Por isso vocês adoecem. A vestimenta, a comida, a moradia e o exercício são os quatro grandes fatores que causam as doenças. Se, de desfrutar boas condições de vida, vocês mudarem para condições de certa forma piores,

9. A tradução do poema e dos títulos dos outros dois mencionados foi tirada do *Livro das odes*.

10. Os poemas de amor têm sido interpretados tradicionalmente, pelos críticos chineses, como alegoria para as relações entre um funcionário e seu príncipe; Chu Hsi (ver nota 41) argumentava que eles deveriam ser considerados pelo valor externo. Mao adota a visão de senso comum, de que às vezes devem ser lidos literalmente, às vezes não.

11. Eminentemente poeta (c. 858-910) do final da dinastia T’ang (618-906) e do começo das Cinco Dinastias (907-960). Mao defende que os mesmos princípios de interpretação devem ser aplicados ao *Livro das odes* e a toda poesia clássica.

se vocês forem para o interior, a fim de participar da luta de classes, se forem para o meio das “quatro limpezas” e dos “cinco anti”,<sup>12</sup> e passarem por um período de endurecimento, então vocês, intelectuais, terão nova visão sobre si mesmos.

Se não se empenham na luta de classes, então o que é essa filosofia na qual estão engajados?

Por que não ir para o interior e tentar? Se sua doença se agravar, sempre pode voltar – você deve estabelecer o limite no risco de morte. Quando estiver tão doente que se sinta à beira da morte, você deve voltar. Assim que for para o interior, você terá algum ânimo. (*K'ang Sheng exclama: “Os institutos de pesquisa nos departamentos de filosofia e ciências sociais da Academia de Ciências deveriam todos ir para o interior também. Na atualidade, eles estão a ponto de transformar-se em institutos para o estudo de antiguidades, de transformar-se num país de fadas que se alimenta inalando oferendas de incenso. Nenhuma das pessoas no Instituto de Filosofia lê o Kuang-ming jih-pao.”*) Eu li apenas o *Kuang-ming jih-pao* e o *Wen-hui pao*,<sup>13</sup> não li o *Diário do Povo* porque ele não publica artigos teóricos; depois que adotamos uma resolução, eles a publicam. O *Diário do Exército de Liberação* é vigoroso, é legível.

(*Camarada K'ang Sheng: “O Instituto de Literatura não presta atenção em Chou Ku-ch'eng,<sup>14</sup> e o Instituto de Economia não presta atenção em Sun Yeh-fang<sup>15</sup> e em sua defesa do libermanismo, do capitalismo.”*)

Deixemos que defendam o capitalismo. A sociedade é muito complexa. Se só defendêssemos o socialismo, e não o capitalismo, isso não seria demasiado simples? Não faltaria a unidade dos

12. O Movimento de Educação Socialista lançado pelo camarada Mao depois do X Plenário, no outono de 1962, ficou conhecido como “as quatro limpezas” no campo e como “as cinco anti” (*wu-fan*) nas cidades. As quatro limpezas eram: retificação socialista nos campos da política, ideologia, organização e economia.

13. Órgão da Liga Democrática da China, tomou a liderança nas críticas ao Partido em abril de 1957, quando a palavra de ordem “florescer e lutar” estava no auge. O *Wen-hui pao*, publicado em Xangai, era um órgão não-partidário que fora criticado por Mao, em 1957, em razão das tendências burguesas. Em novembro de 1965, serviu de canal para a deflagração da Revolução Cultural.

14. Autor de numerosos trabalhos sobre história chinesa e mundial. Desde 1950 era professor da Universidade Fudan, em Xangai. Em 1962 publicou um artigo sobre história e arte no qual expressava idéias sobre o *Zeitgeist* considerado manifestação, no reino da estética, das teorias filosóficas de Yang Hsien-chen (ver nota 19).

15. Na época, diretor do Instituto de Economia da Academia de Ciências, foi demitido em 1966. Como indica a observação de K'ang Sheng, adotou as idéias de alguns economistas soviéticos e do Leste europeu, com quem entrara em contato profissional, sobre o papel da motivação pelo lucro na economia socialista.

16. No verão de 1955, pouco antes que o discurso de Mao, de 31 de julho, desse novo ímpeto à formação de cooperativas de produtores agrícolas, o Departamento de Trabalho Rural do Partido (por instigação de Liu Shao-ch'i) dissolvera várias cooperativas cuja criação considerava prematura e apressada.

17. Teng Tzu-hui (1895-1972) fora diretor do Departamento de Trabalho Rural desde 1952, apesar de sua influência ter declinado desde o final dos anos 1950, por sua parcela de responsabilidade na dissolução das cooperativas em 1955. Parecia, no entanto, que ele ainda possuía status suficiente para opor energeticamente suas opiniões às de Mao, quando, no começo dos anos 1960, as políticas aqui enumeradas por Mao eram motivo de disputas dentro do Partido. Tanto o Departamento de Trabalho Rural como Teng Tzu-hui foram severamente criticados pelo camarada Mao durante um debate sobre transformação cooperativa. (Para detalhes, ver *Selected Works*, vol.V, p.224-5). A expressão “quatro grandes liberdades” é menos comum, em documentos publicados desde o início da Revolução Cultural, que *Sanzi yibao* (“três liberdades e uma fixa, ou garantida”), como símbolo para cobrir esse amplo espectro de políticas, enfatizando o papel dos incentivos materiais, canteiros privados, etc. Sobre esse conceito, que, supõe-se, resume a linha reacionária de Liu Shao-ch'i e seus simpatizantes no campo, ver o artigo “Struggle between Two Roads in China's Countryside”, *Peking Review*, n.49 (1967), p.11-19.

18. Visão oportunista de direita defendida por Liu Shao-ch'i e

contrários, não seríamos apenas unilaterais? Deixemos que o façam. Deixemos que nos ataquem loucamente, que façam demonstrações nas ruas, tomem armas para rebelar-se – eu aprovo todas essas coisas. A sociedade é muito complexa, não existe uma comuna, uma *hsien*, um departamento do Comitê Central que não possamos dividir em dois. O Departamento de Trabalho Rural não foi dissolvido?<sup>16</sup> Ele se dedicou exclusivamente à contabilidade baseada nas casas individuais e a propagar as “quatro grandes liberdades” – liberdade de emprestar dinheiro, de comerciar, de contratar força de trabalho e de comprar e vender terras. No passado, eles fizeram uma proclamação [para esse efeito]. Teng Tzu-hui teve uma disputa comigo. Numa reunião do Comitê Central, ele apresentou a idéia de implementar as quatro grandes liberdades.<sup>17</sup>

Consolidar a Nova Democracia, e continuar consolidando-a para sempre, é comprometer-se com o capitalismo.<sup>18</sup> A Nova Democracia é uma revolução democrático-burguesa sob a liderança do proletariado. Ela só atinge os proprietários de terras e a burguesia *comprador*; não afeta de modo algum a burguesia nacional. Dividir a terra e dá-la aos camponeses é transformar a propriedade dos proprietários de terras feudais na propriedade individual dos camponeses, e isso ainda permanece dentro dos limites da revolução burguesa. Dividir a terra não é nada extraordinário – MacArthur o fez no Japão. Napoleão também dividiu a terra. A reforma agrária não pode abolir o capitalismo nem conduzir ao socialismo.

Em nosso Estado, presentemente, cerca de um terço do poder está nas mãos do inimigo

ou de simpatizantes do inimigo. Estamos nisso há 15 anos e agora controlamos dois terços do reino. Atualmente, pode-se comprar um secretário seccional [do Partido] por alguns maços de cigarros ou casando uma filha com ele. Existem algumas localidades em que a reforma agrária foi feita pacificamente, e as equipes de reforma agrária eram muito fracas; agora podemos ver muitos problemas ali.

Recebi os materiais sobre filosofia. (*Isso se refere aos materiais sobre o problema das contradições – nota do estenógrafo.*) Dei uma olhada no rascunho. (*Isto se refere ao rascunho de um artigo criticando “dois se combinam em um”<sup>19</sup> – nota do estenógrafo.*) Não fui capaz de ler o resto. Também olhei os materiais sobre análise e síntese.

É uma boa coisa recolher materiais como esse sobre a lei da unidade dos contrários, o que a burguesia fala a respeito, o que Marx, Engels, Lênin e Stálin, e o que os revisionistas falam sobre isso. Quanto à burguesia, Yang Hsien-chen fala a respeito, e Hegel há muito falava também. Tais pessoas viviam nos velhos tempos. Agora são ainda piores. Também Bogdanov e Lunachárski, que costumavam falar sobre deísmo. Li os escritos econômicos de Bogdanov. Lênin os leu e parece que aprovou a parte da acumulação primitiva. (*K'ang Sheng: “As doutrinas econômicas de Bogdanov eram talvez, de algum modo, mais iluminadas que aquelas do revisionismo moderno. As doutrinas econômicas de Kautski eram, de certo modo, mais iluminadas que aquelas de Khruchev, e a Iugoslávia é, de certo modo, mais iluminada do que a União Soviética. Afinal, Djilas disse algumas coisas boas sobre Stálin, ele disse que Stálin fez autocrítica sobre os problemas chineses.”*)

outros. Com relação a isso, ver o discurso do camarada Mao na reunião do Bureau Político do Comitê Central do CPC “Refute the Right Deviationist Views that Depart from General Line”, *Selected Works*, vol.V, p.93-4.

19. A idéia de que “dois se combinam em um” foi lançada no começo dos anos 1960 por Yang Hsien-chen, que, desde 1955, era presidente da Escola Superior do Partido. Essa formulação foi violentamente atacada pela imprensa, a partir de julho de 1964. Alegava-se que ela minimizava a importância da luta e da contradição, opondo-se à idéia de Mao de que “um se divide em dois”, isto é, que a luta, e em particular a luta de classes, constantemente volta a emergir, mesmo quando as contradições particulares são resolvidas. O “esboço de um artigo” mencionado na nota do estenógrafo era presumivelmente o sumário de um dos próximos ataques a Yang, submetido primeiramente ao presidente, para sua aprovação.

Stálin achou que tinha cometido erros ao tratar dos problemas chineses, e não foram erros pequenos. Somos um grande país, com várias centenas de milhões de pessoas, e ele se opôs a nossa revolução, a nossa tomada do poder. Nós nos preparamos por muitos anos para a tomada do poder em todo o país; toda a guerra antijaponesa constituiu uma preparação.

Isso é bem claro se olharmos os documentos do Comitê Central daquele período, incluindo “Sobre a Nova Democracia”. Isso quer dizer que não se pode estabelecer uma ditadura burguesa; que só é possível estabelecer Nova Democracia sob a liderança do proletariado, só é possível estabelecer uma ditadura democrática do povo dirigida pelo proletariado. Durante oito anos, em nosso país, todas as revoluções democráticas dirigidas pela burguesia falharam. A revolução democrática dirigida por nós certamente será vitoriosa. Só existe esse caminho, não existe outro. Esse é o primeiro passo. O segundo passo será construir o socialismo. Portanto, “Sobre a Nova Democracia” foi um programa completo. Ele discutia política, economia e cultura também; falhou apenas ao não discutir as questões militares.

(*Camarada K'ang Sheng: “Sobre a Nova Democracia’ tem grande significação para o movimento comunista mundial. Perguntei a camaradas espanhóis, e eles disseram que o problema para eles foi estabelecer a democracia burguesa e não a Nova Democracia. No país deles, não se preocuparam com os três pontos: exército, campo, poder político. Eles se subordinaram totalmente às exigências da política exterior soviética e nada conseguiram.”*)

Essa é a política de Ch'en Tu-hsiu!

(*Camarada K'ang Sheng: “Eles dizem que o Partido Comunista organizou um exército e depois o entregou a outros.”*)

Isso é inútil.

(*Camarada K'ang Sheng: “Eles também não queriam o poder político nem mobilizaram os camponeses. Naquela época, a União Soviética disse a eles que, se impusessem a liderança do proletariado, a Inglaterra e a França poderiam opor-se, e isso não seria do interesse da União Soviética.”*)

E com respeito a Cuba? Em Cuba eles se preocuparam precisamente em estabelecer o poder político e um exército, e também mobi-

lizaram os camponeses como [nós o fizemos] no passado; e, por conseguinte, tiveram sucesso.

(*Camarada K'ang Sheng: "Além disso, quando eles [os espanhóis] combateram, promoveram uma guerra regular, à maneira da burguesia, defenderam Madri até o final.<sup>20</sup> Eles se subordinaram em tudo à política exterior soviética."*)

Mesmo antes da dissolução da Terceira Internacional, não obedecíamos a suas ordens. Não o fizemos na Conferência de Tsunyi, e depois, pelo período de dez anos, incluindo a campanha de Retificação e até o VII Congresso, quando finalmente adotamos uma resolução ["Resolução sobre Certas Questões na História de nosso Partido"]<sup>21</sup> e corrigimos (os erros do) o "esquerdismo", não as obedecemos de forma alguma. Aqueles dogmáticos falharam completamente ao não estudar as peculiaridades da China; uns dez anos depois de terem ido para o interior, eles falharam completamente ao não estudar a terra, a propriedade e as relações de classe no campo. Não se pode compreender o campo apenas indo lá; é preciso estudar as relações locais entre todas as classes e estratos.

Eu devotei mais de dez anos a esses problemas antes de finalmente os esclarecer para mim. Deve-se ter contato com todos os tipos de pessoa, em casas de chá e antros de jogo, e investigá-los. Em 1925 eu estava no Instituto de Treinamento do Movimento Camponês<sup>22</sup> e levava a cabo inspeções rurais. Em minha aldeia nativa, procurei camponeses pobres para perguntar-lhes sobre como viviam. Suas vidas eram miseráveis, nada tinham para comer. Havia um camponês que procurei para jogar dominó com ele (do tipo

20. A defesa de Madri, que começou em outubro de 1936, durou dois anos e cinco meses. Em 1936, a Alemanha e a Itália fascistas utilizaram o general Franco para lançar uma guerra de agressão contra a Espanha. O povo espanhol, liderado pelo governo da Frente Popular, defendeu heroicamente a democracia contra a agressão. A batalha de Madri foi a mais amarga de toda a guerra. A cidade caiu em março de 1939 porque Inglaterra, França e outros países imperialistas deram apoio aos agressores com sua hipócrita política de "não-intervenção" e porque surgiram divisões na Frente Popular. O alvo dessa crítica, obviamente, não é o fato de que os republicanos espanhóis lutaram até o fim, mas sim que falharam em entender o axioma de que pontos territoriais fortificados não são em si mesmos decisivos.

21. Ver "Resolution on Certain Questions in the History of our Party", adotada em 20 de abril de 1945, *Selected Works*, vol.III, p.177-225.

22. Mao começou sua atividade nesse instituto em 1925, mas foi em 1926 que atuou realmente como diretor e deu sua contribuição principal.

que tem céu, terra, homem, harmonia, Mei Ch'ien, Ch'ang Sang e o banco) e depois convidá-lo a comer comigo. Antes, durante e depois da comida eu falei com ele, e cheguei a compreender por que a luta de classes no campo era tão aguda. As razões pelas quais ele tinha vontade de falar comigo eram: primeiro, eu o considerava um ser humano; segundo, eu o convidara para uma refeição; e, terceiro, ele poderia ganhar algum dinheiro. Eu me mantive perdendo: perdi um ou dois dólares de prata, e ele ficou muito satisfeito.

Tenho um amigo que veio ver-me duas vezes antes da Liberação. Uma vez, nos dias anteriores à Liberação, ele estava realmente numa situação ruim, e veio ver-me para pedir emprestado um dólar. Dei-lhe três, como ajuda sem devolução. Naqueles dias, tal ajuda sem devolução era difícil de conseguir. Meu pai pensava que se um homem não cuidasse de si mesmo, o céu e a terra o puniriam. Minha mãe era contra isso. Quando meu pai morreu, poucas pessoas acompanharam o funeral. Quando minha mãe morreu, muitas pessoas acompanharam a procissão. Uma vez os Ko Lao Hui roubaram nossa família. Eu disse que eles estavam certos, pois não tinham nada. Nem mesmo minha mãe pôde aceitar isso.

Uma vez ocorreram em Changsa distúrbios por arroz, nos quais o governador provincial foi surrado. Havia alguns vendedores de rua de Hsiang Hsiang que tinham vendido todos os seus feijões e estavam voltando para casa. Eu parei-os e perguntei sobre a situação. As gangues Vermelha e Verde também faziam reuniões no campo e aproveitavam-se das grandes famílias. Isso foi noticiado nos jornais de Xangai, e os distúrbios só foram sufocados quando foram enviadas tropas de Changsha. Elas não mantinham uma boa disciplina, tiravam o arroz dos camponeses médios, e assim se isolaram. Um de seus líderes se escondeu aqui e ali, finalmente se refugiando nas montanhas, mas foi capturado ali e executado. Depois, a nobreza da aldeia se reuniu e matou mais alguns camponeses pobres. Naquela época, não havia ainda um Partido Comunista; essas eram lutas de classes espontâneas.

A sociedade nos empurra para o palco político. Quem pensava em marxismo antes? Eu nem tinha ouvido falar nele. O que eu tinha ouvido e lido era Confúcio, Napoleão, Washington, Pedro, o Grande, a Res-

tauração Meiji, os três italianos distinguidos [patriotas] – em outras palavras, todos esses [heróis] do capitalismo. Também tinha lido uma biografia de Franklin. Ele veio de uma família pobre; depois, tornou-se escritor e também fez experiências com eletricidade. (*Ch'en Pó-ta: "Franklin foi o primeiro a fazer a proposição de que o homem é um animal que faz ferramentas."*)

Ele falou sobre o homem ser um animal que faz ferramentas. Antes, costumavam dizer que o homem era um animal pensante, "o órgão do coração pode pensar";<sup>23</sup> diziam que o homem era a alma de toda a criação. Quem fez uma reunião e o elegeu (para essa posição)? Ele conferiu essa dignidade a si mesmo. Essa proposição existia na era feudal. Depois, Marx apresentou a visão de que o homem é um construtor de ferramentas e um animal social. Na realidade, só depois de passar por um milhão de anos [de evolução] o homem desenvolveu um cérebro grande e um par de mãos. No futuro, os animais continuarão a desenvolver-se. Não acredito que apenas os homens sejam capazes de ter duas mãos. Cavalos, vacas e ovelhas não podem evoluir? Só os macacos podem? E pode ser que, de todas as espécies de macacos, apenas uma possa evoluir, e todas as outras sejam incapazes de fazê-lo? Em um milhão de anos, em dez milhões de anos, cavalos, vacas e ovelhas ainda serão como hoje? Penso que eles continuarão a mudar. Cavalos, vacas, ovelhas e insetos, todos evoluirão. Os animais evoluíram das plantas, evoluíram das algas. Chang T'ai-yen sabia tudo isso.

No livro no qual discute sobre a revolução com K'ang Yu-wei, ele expõe esses princípios.<sup>24</sup>

23. A citação é de *Mêncio*, livro VI, parte A, Cap.15.

24. Trata-se, presumivelmente, de referência ao celebrado artigo de Chang Ping-lin, publicado em 1903 e intitulado "Uma refutação à carta sobre a revolução de K'ang Yu-wei". Chang atacava severamente K'ang, não apenas sobre a questão da revolução *versus* reforma gradual, mas também sobre a importância das diferenças raciais entre chineses e manchus, que K'ang tendia a minimizar. Chang argumentava que os manchus pertenciam a raça estrangeira e decadente, inadequada para governar a China. Foi nesse contexto que discutiu a evolução, indicando que as diferenças raciais eram produto da história.

25. Aparentemente, um cientista chinês ainda vivo em 1964, pois Mao declara querer procurá-lo.

26. Presidente da Universidade de Pequim na época; foi demitido e "combatido" em junho de 1966.

27. Vice-presidente da Escola Superior do Partido. Um dos principais porta-vozes filosóficos do Partido, traduzira do russo trabalhos sobre materialismo dialético e escrevera muitos livros e artigos que buscavam tornar o marxismo acessível às massas. Em 1º de novembro de 1964, publicou um artigo no *Diário do Povo* atacando Yang Hsien-chen, o filósofo "burguês" a quem Mao se refere anteriormente nessa conversa, em referência ao princípio de "dois se combinam em um".

A terra originalmente estava morta, não havia plantas, nem água, nem ar. Só depois de não sei quantas dezenas de milhões de anos formou-se a água; o hidrogênio e o oxigênio não se transformam imediatamente em água. A água também tem sua história. Mais cedo ainda, nem mesmo o hidrogênio e o oxigênio existiam. Só depois que o hidrogênio e o oxigênio foram produzidos houve a possibilidade de que esses dois elementos pudessem combinar-se para criar água.

Devemos estudar a história das ciências naturais; não será bom negligenciar esse assunto. Devemos ler alguns livros. Existe uma grande diferença entre ler pelas necessidades de nossas lutas atuais e ler sem objetivo. Fu Ying<sup>25</sup> diz que o hidrogênio e o oxigênio só formam água depois de se juntar centenas e milhares de vezes; não é um simples caso de dois se combinarem em um. Ele estava certo sobre isso também; quero procurá-lo e ter uma conversa. (*Falando com Lu P'ing:*<sup>26</sup>) Vocês não devem se opor a absolutamente tudo que foi dito por Fu Ying.

Até agora, a análise e a síntese não foram claramente definidas. A análise é mais clara, mas pouco foi dito sobre a síntese. Tive uma conversa com Ai Ssu-ch'i.<sup>27</sup> Ele disse que hoje eles só falam sobre síntese e análise conceituais, e não falam sobre síntese e análise práticas objetivas. Como analisamos e sintetizamos o Partido Comunista e o Kuomintang, o proletariado e a burguesia, os proprietários de terras e os camponeses, os chineses e os imperialistas? Como fazemos isso, por exemplo, no caso do Partido Comunista e do Kuomintang?

A análise é simplesmente uma questão de quão fortes estamos, quanto território temos,



quantos membros, quantas tropas, quantas bases tais como a de Yen-an, quais são nossas fraquezas? Não dominamos nenhuma cidade grande, nosso exército é de apenas 1 milhão e 200 mil soldados, não temos ajuda externa, enquanto o Kuomintang tem grande ajuda externa. Se compararmos Yen-an com Xangai, Yen-an tem população de apenas sete mil pessoas; somando a isso as pessoas dos órgãos (do Partido e do governo) e as tropas (estacionadas em Yen-an), o total chega a 20 mil. Só existe artesanato e agricultura. Como pode ser comparada a uma cidade grande?

Nosso ponto forte é que temos o apoio do povo, enquanto o Kuomintang está divorciado do povo. Eles têm mais território, mais tropas e mais armas, porém seus soldados foram conseguidos por convocação forçada, e existe oposição entre oficiais e soldados. Naturalmente existe uma parte bem grande de seus exércitos com considerável capacidade de luta, e não entrarão em colapso com um único golpe. Seu ponto fraco está aqui, a chave é seu divórcio do povo. Nós nos unimos com as massas populares, de quem eles estão divorciados.

Dizem em sua propaganda que o Partido Comunista estabelece a comunidade da propriedade e das esposas, e propagam essas idéias até nas escolas primárias. Compuseram uma canção: “Quando Chu Te e Mao Tsé-Tung aparecerem, matando, queimando e fazendo todo tipo de coisas, o que você fará?” Ensinarão os alunos da escola primária a cantá-la, e assim que a cantam, os alunos vão perguntar a seus pais e suas mães, irmãos e irmãs, produzindo assim o efeito contrário de propaganda para nós. Uma criança pequena ouviu [a música] e perguntou a seu pai sobre ela. Seu pai respondeu: “Você não deve perguntar; depois de crescer, você verá por si mesmo e vai compreender.” Ele era um indeciso. Então a criança perguntou ao tio, que a repreendeu, respondendo: “O que é isso de matar e queimar? Se perguntar outra vez, eu bato em você.” Seu tio tinha sido membro da Liga da Juventude Comunista.

Todos os jornais e estações de rádio nos atacavam. Havia muitos jornais, várias dezenas em cada cidade, cada facção mantinha um, e todos eles, sem exceção, eram anticomunistas. As pessoas comuns prestavam atenção a eles? Nada disso! Temos alguma experiência das

questões chinesas. A China é um “pardal”.<sup>28</sup> Nos países estrangeiros, também, não é nada mais que ricos e pobres, contra-revolução e revolução, marxismo-leninismo e revisionismo. Vocês não deveriam acreditar que todos serão levados pela propaganda anticomunista a unir-se na oposição ao comunismo. Nós não liamos os jornais naquele tempo? E não fomos influenciados por eles.

Eu li o *Sonho do quarto vermelho* cinco vezes, e não fui influenciado por ele. Eu o li como história, e depois como documento histórico. Quando as pessoas lêem o *Sonho do quarto vermelho*, não lêem com atenção o quarto capítulo, mas na verdade ele contém a essência do livro. Também li Leng Tzu-hsing, que descreve a mansão Jung-kuo e compõe canções e notas. O quarto capítulo, “O monge da cabaça”, decide a questão da cabaça e fala sobre o “Talismã para funcionários”. Ele apresenta as quatro grandes famílias:

#### GRITEM HIP HURRA

Para os chia de Nanquim!  
Eles pesam seu ouro  
Em jarros.  
O palácio Ah-pang  
Arranha o céu,  
Mas não pode hospedar  
Os Shih de Nanquim.  
O Rei do Oceano,  
Quando precisa camas de ouro,  
Vai  
Aos Wang de Nanquim.  
Os Huseh de Nanquim  
São tão ricos  
Que contra seu dinheiro  
Levaria o dia inteiro...<sup>29</sup>

28. A metáfora de “dissecar um pardal” é teoria aplicada e método de trabalho para adquirir conhecimento e ganhar experiência. Em vez de tentar generalizar sobre um vasto número de repetições de um fenômeno, esse método de trabalho defende a análise em profundidade, o estudo metódico, a investigação de um protótipo e uma experiência de recapitulação pela análise. O slogan é derivado do ditado popular: “apesar de o pardal ser pequeno, ele contém todos os órgãos vitais.” Mao aqui afirma que, no contexto internacional mais amplo, a China como um todo é um microcosmo dos problemas da revolução no mundo.

29. Leng Tzu-hsing discursa na mansão do duque de Jung-kuo no Capítulo 2 de *The Story of the Stone*. O “Talismã para funcionários” era uma lista das famílias ricas e influentes da região; o noviço do templo da Cabaça dizia que todo funcionário deveria levá-la consigo para evitar ofender as famílias e arruinar sua carreira.

O *Sonho do quarto vermelho* descreve cada uma das quatro grandes famílias. Trata de uma feroz luta de classes, envolvendo a sorte de muitas dezenas de pessoas, apesar de apenas 20 ou 30 dessas pessoas pertencerem à classe dominante. (Foi calculado que existem 33 [nessa categoria].) Os outros são todos escravos, mais de 300 deles, tais como Yueh Yang, Ssu-ch'i, Segunda Irmã Yu, Terceira Irmã Yu etc. Ao estudar história, a não ser que tenhamos uma visão de luta de classes como ponto de partida, nos confundiremos. As coisas só podem ser analisadas claramente pelo uso da análise de classe.

Passaram-se mais de 200 anos desde que o *Sonho do quarto vermelho* foi escrito, e pesquisas sobre o livro ainda não esclarecem as questões, até o dia de hoje. Isso nos permite ver a dificuldade do problema. A Yu P'ing-po e Wang K'un-lun, ambos especialistas.<sup>30</sup> Ho Ch'i-fang<sup>31</sup> também escreveu um prefácio. Um indivíduo chamado Wu Shih-ch'ang igualmente apareceu em cena. Tudo isso se refere a pesquisas recentes sobre o *Sonho do quarto vermelho*; nem mesmo vou enumerar os estudos antigos. A visão de Ts'ai Yuan-p'ei sobre o *Sonho do quarto vermelho* era incorreta; a de Hu Shih, de certa forma, era mais correta.<sup>32</sup>

O que é a síntese? Todos vocês presenciaram como os dois contrários, o Kuomintang e o Partido Comunista, foram sintetizados no campo. A síntese ocorreu assim: os exércitos deles vieram, e nós os devoramos, pedaço a pedaço. Não foi o caso de dois se combinando em um, como exposto por Yang Hsien-chen, não foi a síntese de dois contrários coexistindo pacificamente. Eles não queriam coexistir pacificamente, eles queriam devorar-nos.

30. Para as críticas do camarada Mao sobre esse assunto, ver "Letter concerning the *Dream of the Red Chamber*" (*Selected Works*, vol.V, p.150-1), "On Criticising Longloumeng yuanjia" (*Selected Works*, vol.V, p.293-4). Para a crítica de Mao a Yu P'ing-po, ver "Carta sobre o *Sonho do quarto vermelho*", 16 de outubro de 1954, *Selected Works*, vol.V. Wang K'un-lun era vice-prefeito de Pequim nos anos 1950.

31. Poeta lírico (1911) e figura poderosa no mundo literário, defendeu Yu P'ing-po até certo ponto, na época da campanha que contra este se fez, em 1954, argumentando que Yu estava errado em sua interpretação do *Sonho do quarto vermelho*, mas que era politicamente leal. Ele mesmo sofreu ataques na época do Grande Salto Adiante.

32. Aqui a declaração de Mao concorda com as visões de Lu Hsun.

33. Os números que Mao fornece aqui, quando volta para o presente e lembra a luta final contra o Kuomintang, se referem mais àqueles do princípio da guerra antijaponesa, e não aos do começo da renovada guerra civil, em 1946, quando o Exército de Libertação do Povo tinha crescido até pelo menos meio milhão de homens.

34. Em janeiro de 1949, o general Fu Tso-i, que comandava a guarnição nacionalista em Peiping (como Pequim era chamada então), entregou a cidade sem luta, para evitar a destruição inútil. Depois tornou-se ministro de Conservação da Água no governo de Pequim.

Se não, por que teriam atacado Yenan? Seu exército penetrou todo o norte de Shensi, com exceção de três *hsien* nas três divisas.

Vocês têm a sua liberdade, e nós temos a nossa. Existem 250 mil de vocês, e 25 mil de nós.<sup>33</sup> Algumas brigadas, pouco mais de 20 mil homens. Tendo analisado, como sintetizamos? Se você quiser ir a algum lugar, deve ir para a frente; nós engoliremos seu exército pedaço a pedaço. Se podíamos lutar vitoriosamente, nós lutávamos; se não podíamos ganhar, nos retirávamos. De março de 1947 a março de 1948, um exército inteiro [do inimigo] desapareceu na paisagem, pois aniquilamos várias dezenas de milhares de suas tropas. Quando cercamos I-ch'uan, e Liu K'an veio ajudar a cidade, o comandante-em-chefe Liu K'an foi morto, dois de seus três comandantes de divisão foram mortos, e o outro feito prisioneiro, e o exército inteiro deixou de existir. Isso foi a síntese. Todas as suas armas e sua artilharia foram sintetizados para o nosso lado, e os soldados também foram sintetizados. Aqueles que quiseram ficar conosco puderam ficar, e àqueles que não quiseram demos dinheiro para seus gastos de viagem.

Depois de aniquilarmos K'an, a brigada estacionada em I-ch'uan rendeu-se sem lutar. Nas três grandes campanhas – Liao-Shen, Huai-hai e Pequim-Tientsin – qual foi o nosso método de síntese? Fu Tso-i foi sintetizado para o nosso lado com seu exército de 400 mil homens, sem lutar, e eles entregaram todos os seus rifles.<sup>34</sup> Uma coisa comendo a outra, o peixe grande comendo o peixe pequeno, isso é síntese.

Nunca foi colocado assim em livros. Eu também nunca o expliquei assim em meus livros.

Por sua parte, Yang Hsien acredita que dois se combinam em um, e que a síntese é o laço indissolúvel entre dois contrários. Que laços indissolúveis existem nesse mundo? As coisas podem estar ligadas, mas no final elas devem ser cortadas. Não existe nada que não possa ser cortado.

Nos mais de 20 anos de nossa luta, muitos de nós também foram devorados pelo inimigo. Quando o Exército Vermelho de 300 mil homens alcançou a área de Shen-Kan-Ning sobravam 25 mil. Dos outros, alguns foram devorados, alguns dispersados, alguns mortos ou feridos.

Devemos tomar a vida como nosso ponto de partida ao discutir a unidade dos contrários. (*Camarada K'ang Sheng: "Não serve falar apenas sobre os conceitos."*)

Enquanto a análise está em andamento, também existe a síntese, e enquanto a síntese está em andamento, também existe a análise.

Quando as pessoas comem animais e plantas, elas também começam com a análise. Por que não comemos areia? Quando há areia no arroz, não é bom para comer. Por que não comemos grama, como os cavalos, vacas e ovelhas, mas apenas coisas como repolho? Devemos analisar tudo. Shen Nung provou as 100 ervas<sup>35</sup> e estabeleceu sua utilização para a medicina. Depois de muitas dezenas de milhares de anos, a análise afinal revelou claramente o que se podia comer ou não. Gafanhotos, cobras e tartarugas podem ser comidos. Caranguejos, cachorros e criaturas aquáticas podem ser comidos. Existem alguns estrangeiros que não os comem. No norte de Shensi eles não comem criaturas aquáticas, não comem peixe. Tampouco comem gatos. Num ano houve grande

35. Diz-se que o lendário imperador Shen Nung ensinou a arte da agricultura no terceiro milênio antes de Cristo; teria descoberto as propriedades medicinais das plantas.

inundação do rio Amarelo, que amontoou nas margens dezenas de toneladas de peixe, que eles usaram como fertilizante.

Eu sou filósofo nativo, vocês são filósofos estrangeiros.

(*Camarada Sheng: "Poderia o presidente dizer alguma coisa sobre o problema das três categorias?"*)

Engels falou sobre as três categorias, mas eu não acredito em duas delas. (A unidade dos contrários é a lei mais básica, a transformação mútua de qualidade e quantidade é a unidade dos contrários qualidade e quantidade, e a negação da negação não existe.) A justaposição, no mesmo nível, da transformação da qualidade e quantidade uma na outra, da negação da negação, e a lei da unidade dos contrários é "triplismo", não monismo. A coisa mais básica é a unidade dos contrários. A transformação de qualidade e quantidade uma na outra é a unidade dos contrários qualidade e quantidade.

Não existe a negação da negação. Afirmção, negação, afirmação, negação... No desenvolvimento das coisas, cada elo na cadeia de eventos é ao mesmo tempo afirmação e negação. A sociedade escravista negava a sociedade primitiva, mas com referência à sociedade feudal ela constituía, por sua vez, a afirmação. A sociedade feudal constituía a negação em relação à sociedade escravista, mas era por sua vez a afirmação com referência à sociedade capitalista. A sociedade capitalista era a negação em relação à sociedade feudal, mas é, por sua vez, a afirmação em relação à sociedade socialista.

Qual é o método da síntese? É possível que a sociedade primitiva possa existir lado a lado com a sociedade escravista? Elas podem existir lado a lado, mas isso é apenas uma pequena parte do todo. O quadro total é que a sociedade primitiva vai ser eliminada. O desenvolvimento da sociedade, além disso, se dá por etapas; a sociedade primitiva também está dividida em muitas etapas. Naquele tempo, ainda não havia a prática de enterrar as mulheres com seus maridos mortos, mas elas estavam obrigadas a sujeitar-se aos homens. Primeiro os homens eram sujeitados às mulheres, e depois as coisas se transformaram em seus contrários, e as mulheres foram sujeitadas aos homens. Essa etapa da história ainda não foi esclarecida, apesar de vir acontecendo por um milhão de anos ou mais.

A sociedade de classes ainda não tem cinco mil anos. Culturas como as de Lung Shan e Yang Shao,<sup>36</sup> no final da era primitiva, já tinham cerâmica pintada. Numa palavra, uma devora a outra, uma derruba a outra, uma classe é eliminada, outra surge, uma sociedade é eliminada, outra aparece. Naturalmente, no processo de desenvolvimento nada é tão puro. Quando se chega à sociedade feudal, ainda resta alguma coisa do sistema escravista, ainda que a maior parte do edifício social seja caracterizada pelo sistema feudal. Ainda existem alguns servos, e também alguns trabalhadores sem salário, tais como os artesãos.

A sociedade capitalista tampouco é tão pura, e mesmo nas mais avançadas sociedades capitalistas também existe uma parte atrasada. Por exemplo, havia o sistema escravista no sul dos Estados Unidos. Lincoln aboliu o sistema escravista, mas ainda existem escravos negros hoje; sua luta é muito feroz. Mais de 20 milhões de pessoas dela estão participando, e isso é muito.

Uma coisa destrói a outra, coisas aparecem, se desenvolvem e são destruídas, tudo é assim. Se as coisas não são destruídas por outras, então elas mesmas se destroem. Por que as pessoas devem morrer? A aristocracia também morre? Essa é uma lei natural. As florestas vivem mais que os seres humanos, e no entanto elas duram apenas alguns milhares de anos. Se não houvesse a morte, seria insuportável. Se ainda pudéssemos ver Confúcio vivo hoje, a Terra não conseguiria abrigar tanta gente.

Eu aprovo o enfoque de Chuang-tzu.<sup>37</sup> Quando sua esposa morreu, ele bateu numa panela e cantou. Quando as pessoas morrem deveria haver

36. As culturas Lung Shan e Yang Shao, localizadas, respectivamente, no nordeste e no noroeste, da China, foram as mais notáveis do período neolítico. Como indica Mao, são particularmente conhecidas pela cerâmica.

37. O livro intitulado *Chuang-tzu*, provavelmente escrito só em parte pelo homem de mesmo nome, que viveu na segunda metade do século IV a.C., não só é um dos textos clássicos do taoísmo (com o *Lao-tzu* e o *Livro das mudanças*), mas também uma das maiores obras-primas literárias da história da China.

festas para celebrar a vitória da dialética, a destruição do velho. O socialismo também será eliminado, não serviria se não o fosse, pois então não haveria o comunismo. O comunismo durará por milhares e milhares de anos. Não acredito que não haverá mudanças qualitativas sob o comunismo, que ele não será dividido em etapas pelas mudanças qualitativas. Eu não acredito! A quantidade se transforma em qualidade, e a qualidade, em quantidade. Não acredito que possa permanecer qualitativamente o mesmo, imutável por milhões de anos! Isso é impensável à luz da dialética.

E também há o princípio: “De cada qual segundo sua capacidade, a cada qual segundo sua necessidade.” Vocês acreditam que é possível levar isso adiante por um milhão de anos com a mesma economia? Pensaram sobre isso? Se fosse assim, não necessitaríamos economistas, ou nos bastaria apenas um livro didático, e a dialética estaria morta.

A vida da dialética é o movimento contínuo em direção aos contrários. A humanidade também encontrará, finalmente, sua destruição. Quando os teólogos falam sobre o dia do Juízo Final, eles são pessimistas e aterrorizam o povo. Nós dizemos que o fim da humanidade é algo que produzirá algo mais avançado que a humanidade. A humanidade ainda está em sua infância. Engels falou de mover-se do reino da necessidade para o reino da liberdade, e disse que a liberdade é a compreensão da necessidade. Essa frase não está completa, só diz a metade e deixa o resto sem ser dito. Só compreender nos faz livres? A liberdade é a compreensão da necessidade e a transformação da necessidade – também temos algum trabalho a fazer. Se apenas comeremos, sem ter nenhum trabalho a fazer, se apenas compreendermos, isso será suficiente?

Quando descobrimos uma lei, devemos ser capazes de aplicá-la, devemos criar o mundo de novo, quebrar o solo e construir edifícios, cavar minas, industrializar. No futuro haverá mais pessoas, e não haverá grãos suficientes, e os homens deverão obter alimento dos minerais. Por isso a liberdade só pode ser obtida pela transformação. Será possível no futuro sermos tão livres? Lênin disse que no futuro os aeroplanos serão tão numerosos nos céus quanto as moscas, correndo daqui para ali. Eles colidirão em todas as partes, e o que faremos a esse

respeito? Como os manobramos? E se o fizermos, as coisas serão assim tão livres?

Em Pequim atualmente há dez mil ônibus; em Tóquio há 100 mil [veículos] (ou são 800 mil?), portanto há mais acidentes de automóveis. Temos menos carros, e também educamos os motoristas e o povo, assim há menos acidentes. O que farão em Pequim daqui a dez mil anos? Ainda haverá dez mil ônibus? Eles poderão inventar alguma coisa nova, de modo que possam dispensar esses meios de transporte, que o homem possa voar, usando algum aparelho mecânico simples, e voar diretamente a qualquer lugar, e pousar no solo onde quiser. Não basta apenas entender a necessidade, também temos que transformar as coisas.

Não acredito que o comunismo não vá se dividir em etapas, e que não haverá mudanças qualitativas. Lênin disse que todas as coisas podem ser divididas. Deu como exemplo o átomo, dizendo que não só o átomo podia ser dividido, como também o elétron. Anteriormente, porém, sustentava-se que o átomo não poderia ser dividido; o ramo da ciência dedicado a dividir o núcleo do átomo ainda é muito novo, conta apenas 20 ou 30 anos. Nas décadas recentes, os cientistas descobriram os constituintes do núcleo do átomo, tais como prótons, antiprótons, nêutrons, antinêutrons, mésons e antimésons. Esses são os pesados; também existem os leves.

Em sua maioria, essas descobertas só se puseram em marcha durante e depois da Segunda Guerra Mundial. Quanto ao fato de que se podem separar os elétrons do núcleo do átomo, isso foi descoberto há algum tempo. Um fio elétrico utiliza elétrons dissociados da camada externa do cobre e do alumínio. Nos 150 quilômetros da atmosfera da Terra, também se descobriu que existem camadas de elétrons dissociados. Lá, também, os elétrons e o núcleo atômico estão separados. Até agora, o elétron não foi dividido, mas, algum dia, certamente serão capazes de fazê-lo.

Chuang-tzu disse: “A distância de 30 centímetros, dividida pela metade a cada dia, jamais será reduzida a zero” (Chuang-tzu, Cap. 33 G, “Sobre as Várias Escolas”, citando Kung-sun Lung). Essa é a verdade. Se não acreditam, considerem: se pudesse ser reduzida a zero, não ha-

38. Sakata Shiyouchi, físico japonês da Universidade de Nagóia, sustenta que “as partículas elementares são categoria única, material, diferenciada e ilimitada que compõe a ordem natural”. Artigo seu expondo essas visões foi publicado em *Bandeira Vermelha*, em junho de 1965.

39. Mao aparentemente se refere a uma coletânea de ensaios publicados por Jen Chi-yü em 1963 e reeditados em 1973, *Ensaio coligidos sobre o pensamento budista nas dinastias Han e Tang*. Nesses estudos, o autor cita Lênin, ao falar sobre dialética.

40. T'ang Yung-t'ung (1892-1964), que Jen Chi-yü reconhece como seu professor, foi o principal historiador do budismo; escreveu sobre o budismo chinês nas dinastias Han, Wei, Chin, do norte e do sul, e sobre a história do pensamento indiano. Foi decano de ciências humanas na Universidade de Pequim, de 1948 até adoeecer, em 1954.

41. Sob a influência do budismo de Ch'an (mais conhecido pelo seu nome japonês Zen), os filósofos chineses das dinastias Sung e Ming, dos quais o mais famoso é Chu Hsi (1130-1200), desenvolveram uma síntese entre o confucionismo e o budismo – em geral conhecida como neoconfucionismo – na qual o papel central é desempenhado pelo conceito *li* (princípio ou razão). Para uma visão chinesa das relações entre essas escolas basicamente similares à de Mao, ver Hou Wai-lu, *A Short Story of Chinese Philosophy*, Pequim, Foreign Languages Press, 1959, p.33-51. Para interpretação de um especialista ocidental, ver

veria ciência. As miríades de coisas se desenvolvem constante e ilimitadamente, e são infinitas. O tempo e o espaço são infinitos. Olhando o espaço tanto macro como microscopicamente, ele é infinito, pode ser dividido interminavelmente. Assim, mesmo depois de um milhão de anos os cientistas ainda terão trabalho a fazer. Gostei muito do artigo de Sakata<sup>38</sup> sobre partículas básicas no *Boletim de Ciências Naturais*. Nunca tinha visto esse tipo de artigo antes. Isso é o materialismo dialético. Ele cita Lênin.

A debilidade da filosofia é que ela não produziu filosofia prática, mas apenas filosofia livresca.

Deveríamos estar sempre produzindo novas coisas. Se não, para que estamos aqui? Para que queremos descendentes? As coisas novas devem ser encontradas na realidade, devemos entender a realidade. Em última análise, Jen Chi-yü<sup>39</sup> é ou não é marxista? Gostei muito de seus artigos sobre budismo. Existe trabalho de pesquisa (por trás deles); trata-se de um estudante de T'ang Yung-t'ung.<sup>40</sup> Ele discute apenas o budismo da dinastia Tang e não aborda diretamente o budismo dos últimos tempos. A metafísica de Sung e Ming se desenvolveu a partir da Escola Ch'an da dinastia Tang, e é um movimento do idealismo subjetivo para o idealismo objetivo.<sup>41</sup> Existe o budismo e o taoísmo, e é errado não distinguir entre eles. Como pode ser correto não prestar atenção a eles?

Han Yu dizia coisas sem sentido. Seu slogan era: “Aprenda a partir das idéias deles, mas não a partir de seu modo de expressão.” Suas idéias eram inteiramente copiadas dos outros, ele mudava a forma, o modo de composição dos ensaios.

Ele dizia coisas sem sentido, e nas poucas vezes que tinham sentido eram basicamente coisas tiradas dos antigos. Há pouco de novo em escritos como o “Discurso sobre os professores”. Liu Tzu-hou era diferente: conhecia as peculiaridades do materialismo budista e taoísta.<sup>42</sup> E mesmo assim seu “O céu responde” é demasiado pequeno, só um mínimo pedaço; é um produto de “O céu pergunta”,<sup>43</sup> de Ch’u Yuan. Em vários milhares de anos, apenas esse homem escreveu uma obra como “O céu responde”. Sobre o que tratam “O céu pergunta” e “O céu responde”? Se não houver notas para explicá-lo, não se pode entender; podemos apenas ter uma idéia geral. “O céu pergunta” é realmente fantástico: milhares de anos atrás, levantou todo tipo de questões relativas ao Universo, à natureza e à história.

(No tocante à discussão sobre o problema de dois se combinando em um:) Deixem que Hung Ch’i reedite alguns bons itens e escreva um relatório.

H.G. Creel, *Chinese Thoughts from Confucius to Mao Tsé-Tung*, Chicago/Londres, University of Chicago Press/Eyre & Spottiswoode, 1953, Cap.10.

42. Han Yu desejava recriar a simplicidade do período clássico, evitando excessivo arcaísmo. O slogan “aprender com as idéias deles”, citado por Mao, se refere a esse intuito de procurar inspiração nos antigos sábios confucionistas, evitando formas de expressão fora de moda. Ele adotou atitude crítica em relação ao budismo, do qual, contudo, adotou algumas idéias. Liu Tsung-yuan, que Mao chama aqui pelo nome literário, Liu Tzu-hou, era amigo íntimo de Han Yu.

43. O ensaio de Liu Tsung-yüan, “O céu responde”, dedica-se a responder às perguntas sobre a origem e a natureza do Universo levantadas por Ch’u Yuan no poema “O céu pergunta”. Como observa Mao, o ensaio é sugestivo, mas obscuro.

## Notas da Introdução

1. Seguindo essas linhas, alguns marxistas ocidentais atribuíram o stalinismo à influência do “modo de produção asiático” na Rússia, vendo-o como uma nova forma de “despotismo oriental” – a ironia sendo que, para os russos tradicionais, o oposto exato-se mantém: “Sempre foi uma fantasia ocidental ver Lênin e Stálin como déspotas orientais. Os grandes tiranos russos nos séculos XVIII e XX eram ocidentalistas” (Chamberlain, Lesley, *The Philosophy Steamer*, Londres, Atlantic Books, 2006, p.270).
2. Lévinas, Emmanuel, *Les Imprévus de l’histoire*, Montpellier, Fata Morgana, 1994, p.172.
3. Heidegger, Martin, *Schelling’s Treatise on Human Freedom*, Athens, Ohio, Ohio University Press, 1985, p.146.
4. Hegel, G.W.F., *Phenomenology of Spirit*, Oxford, Oxford University Press, 1977, p.288.
5. Schelling, F.W.J., *Die Weltalter. Fragmente. In den Urfassungen von 1811 und 1813*, Manfred Schroeter (org.), Munique, Biederstein, 1979, p.13.
6. Derluguian, Georgi M., *Bourdieu’s Secret Admirer in the Caucasus*, Chicago, The University of Chicago Press, 2005.
7. Ver p. 146.
8. Boltanski, Luc e Eve Chiapello, *The New Spirit of Capitalism*, Londres, Verso, 2005, p.ix.
9. *Ibid.*, p.xvii.
10. Ver p.107-8.
11. Ver p.114.
12. Ver p.146-7.
13. Badiou, Alain, “Prefazione all’edizione italiana”, in *Metapolitica*, Nápoles, Cronopio, 2002, p.14.
14. Ver Hardt, Michael e Negri, Antonio, *Empire*, Cambridge MA, Harvard University Press, 2000, e *Multitude*, Londres, Hamish Hamilton, 2005.
15. Ver p.162, 168-9.
16. Ver p.227-8.
17. Ver p.226-30.
18. Ver p.217-8.
19. Ver p.131-2.
20. Chang, Jung e Halliday, Jon, *Mao: The Unknown Story*, Nova York, Knopf, 2005. No entanto, nem tudo neste mundo deve ser tomado por seu valor externo;

ver a crítica de Nathan, Andrew in “Jade and Plastic”, *London Review of Books*, 17 de novembro de 2005.

21. Heidegger também está errado em sua carta para Marcuse quando compara o Holocausto com a deportação de alemães da Europa Oriental em 1946-47. Herbert Marcuse estava certo em sua resposta: a diferença entre o destino dos judeus e dos alemães da Europa Oriental era, naquele momento, a fina linha que separa a barbárie da civilização.

22. Ver p.224-5.

23. Ver p.221-2.

24. Beckett, Samuel, *Trilogy*, Londres, Calder, 2003, p.418.

25. Ver Zizek, Slavoj, *Iraq: The Borrowed Kettle*, Londres, Verso, 2005.

26. Ver <http://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1938/09.htm>.

27. Conquest, Robert. *The Harvest of Sorrow*, Nova York, Oxford University Press, 1986, p.119.

28. *Ibid.*, p.120.

29. *Ibid.*

30. Não é de admirar que, quando descreve o “método democrático de resolver as contradições em meio ao povo”, Mao *tem* que evocar, precisamente, sua própria versão da “negação da negação”, sob o disfarce da fórmula “unidade crítica unidade”: “começando pelo desejo de unidade, resolvendo as contradições através da crítica e da luta, e chegando a nova unidade em nova base. Em nossa experiência, esse é o método correto de resolver as contradições em meio ao povo.” Ver p.167-8.

31. Ver p.211-14.

32. Spence, Jonathan, *Mao*, Londres, Weindeneld & Nicholson, 1999, p.xii-xiv.

33. Por limitações de espaço, escolhemos terminar essa seleção de textos logo antes da Revolução Cultural. Um segundo volume, de seleções deste último período, poderá aparecer depois.

34. Badiou, Alain, *Logiques des mondes*, Paris, Éditions du Seuil, 2006, p.62-70.

35. *Ibid.*, p.543-44.

36. *Ibid.*

37. Hegel, G.W.F., *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften*, Hamburgo, Franz Meiner Verlag, 1959, p.436.

38. Jameson, Fredric, *The Seeds of Time*, Nova York, Columbia University Press, 1994, p.89.

39. *Ibid.*, p.90.

40. O afastamento de Che Guevara de todas as funções oficiais, até mesmo a renúncia da cidadania cubana, em 1965, para dedicar-se à revolução mundial – esse gesto suicida de cortar os vínculos com o universo institucional – foi realmente um ato? Ou foi uma fuga da impossível tarefa da construção positiva do socialismo, de permanecer fiel às conseqüências da revolução, a saber, uma implícita admissão de fracasso?

41. Massumi, Brian, “Navigating Movements”, in *Hope*, ed. Mary Zournazi, Nova York, Routledge, 2002, p.224.

42. Weizman, Eyal, “Israeli Military Using Post-Structuralism as ‘Operational Theory’”, disponível online em [www.frieze.com](http://www.frieze.com)

43. Ver p.197-8.

## Fontes utilizadas

As edições dos escritos de Mao aqui são aquelas disponíveis no Arquivo Marxista da Internet, [www.marxists.org](http://www.marxists.org). Escolhemos manter as notas editoriais chinesas originais e a transliteração por suas qualidades evocativas. Muitos agradecimentos ao Projeto de Documentação Maoísta (MIA) e às equipes do MIA, por seu árduo trabalho de digitalizar e fazer provas desse material, e pelas notas adicionais.

Capítulo 1, *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Foreign Languages Press, Pequim, 1967 (primeira edição 1965, segunda impressão 1967), volume I.

Capítulo 2, *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Kranti Publications, Secunderabad, 1990, volume VI.

Capítulo 3, *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Foreign Languages Press, Pequim, 1967 (primeira edição 1965, segunda impressão 1967), volume I.

Capítulo 4, *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Foreign Languages Press, Pequim, 1967 (primeira edição 1965, segunda impressão 1967), volume I.

Capítulo 5, *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Foreign Languages Press, Pequim, 1967 (primeira edição 1965, segunda impressão 1967), volume II.

Capítulo 6, *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Foreign Languages Press, Pequim, 1967 (primeira edição 1965, segunda impressão 1967), volume V.

Capítulo 7, *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Foreign Languages Press, Pequim, 1967 (primeira edição 1965, segunda impressão 1967), volume V.

Capítulo 8, *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Kranti Publications, Secunderabad, 1990, volume VIII.

Capítulo 9, *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Kranti Publications, Secunderabad, 1990, volume VIII.

Capítulo 10, *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Foreign Languages Press, Pequim, 1967 (primeira edição 1965, segunda impressão 1967), volume V.

Capítulo 11, *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Kranti Publications, Secunderabad, 1990, volume IX.

Capítulo 12, *Selected Works of Mao Tse-Tung*, Kranti Publications, Secunderabad, 1990, volume IX.

## Sugestões de leitura

### OBRAS DE MAO TSÉ-TUNG

Schram, Stuart R. (org.). *Mao's Road to Power: Revolutionary Writings, 1912-1949*, Nova York: Armonk/M.E. Sharpe:

*Volume I: The Pre-Marxist Period, 1912-1920* (1992);

*Volume II: National Revolution and Social Revolution, December 1920-June 1927* (1995);

*Volume III: From the Jinggangshan to the Establishment of the Jiangxi Soviets, July 1927-December 1930* (1995);

*Volume IV: The Rise and Fall of the Chinese Soviet Republic, 1931-1934* (1997);

*Volume V: Toward the Second United Front, January 1935-July 1937* (1999);

*Volume VI: The New Stage, August 1937-1938* (2004);

*Volume VII: New Democracy, 1939-1941* (2005);

Knight, Nick (org.). *Mao Zedong on Dialectical Materialism: Writings on Philosophy, 1937*, Nova York: Armonk/M.E. Sharpe, 1990.

### COMENTARISTAS

Dirlik, Arif, Paul Michael Healy e Nick Knight (orgs.). *Critical Perspectives on Mao Zedong's Thought*, Nova Jersey: Atlantic Highlands/Humanity Books, 1997.

Knight, Nick. *Marxist Philosophy in China: from Qu Qiubai to Mao Zedong, 1923-1945*, Nova York: Springer, 2005.

Meisner, Maurice e Gareth Schott. *Mao Zedong: A Political and Intellectual Portrait*, Cambridge: Polity Press, 2006.

Schram, Stuart. *The Thought of Mao Tse-Tung*, Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

Spence, Jonathan. *Mao Zedong*, Londres: Penguin, 2006.



Este livro foi composto em Minion e Frutiger  
e impresso pela Geográfica Editora em abril de 2008.

cada de 1920 e lutou ao lado das forças nacionalistas para derrotar os chefes provinciais e promover a unificação da China. Mais tarde, vitorioso na guerra civil, foi aclamado presidente da República Popular. Em 1958, aplicou a política do Grande Salto Adiante, na tentativa de substituir o Estado burocrático por um sistema de comunas locais autônomas. Mobilizou a juventude, em 1966, durante a Revolução Cultural, como forma de atacar a classe dirigente comunista.

SLAVOJ ŽIŽEK nasceu em Liubiana, capital da Eslovênia, onde se formou em sociologia e doutorou-se em filosofia. Estudou psicanálise na Universidade de Paris e atualmente leciona no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubiana e na European Graduate School. É professor visitante de diversas universidades norte-americanas, e tornou-se conhecido internacionalmente pela radicalidade de suas análises sobre a cultura e a política no mundo contemporâneo.

A série Revoluções traz textos clássicos escritos por personagens que estiveram no centro dos acontecimentos durante um período de insurreição, apresentados por um conhecido escritor radical contemporâneo.